

DIEGO ANDRES SALCEDO

Espelhos de papel: pelo estatuto do selo postal



RECIFE
2013

DIEGO ANDRES SALCEDO

Espelhos de papel: pelo estatuto do selo postal

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor na área de concentração Comunicação.

ORIENTADORA: Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes.

RECIFE
2013

Catálogo na Fonte
Andréa Marinho, CRB4-1667, CAC/UFPE

SALCEDO, Diego Andres.

Espelhos de papel: pelo estatuto do selo postal / Diego Andres Salcedo. – Recife: o autor, 2013.
127 f.: il.; color.

Orientadora: Isaltina M^a de A. Mello Gomes.
Tese (Doutorado) – UFPE / Programa de Pós-Graduação em

Comunicação, CAC, 2013.

Bibliografia: f. 229-246.

1. Comunicação. 2. Filatelia. 3. Selo Postal. I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor do Trabalho: Diego Andres Salcedo

Título: "Espelhos de papel: pelo estatuto do selo postal"

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes.

Banca Examinadora:

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes

Paulo Cameiro da Cunha Filho

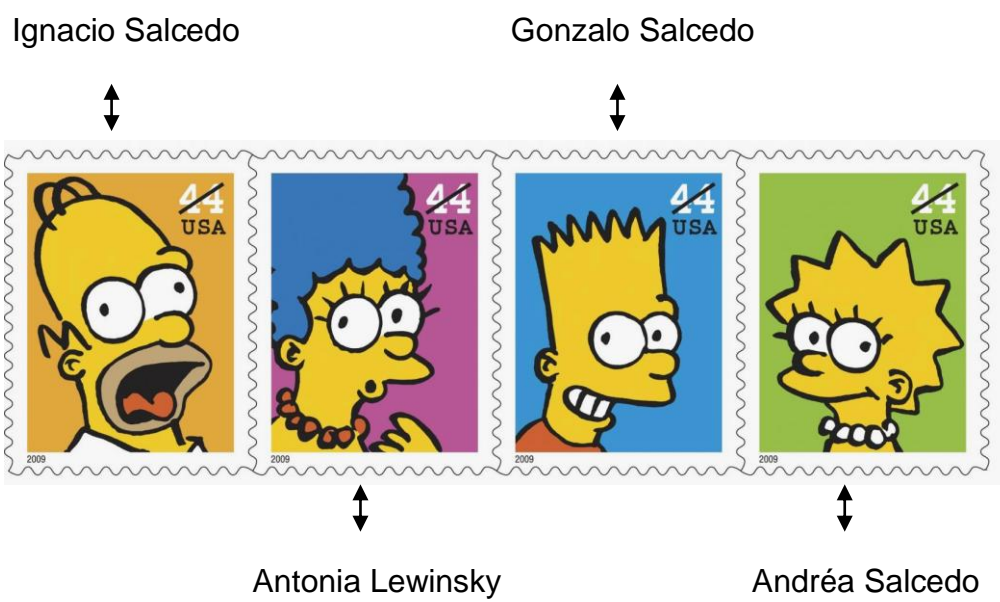
Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronshtein

Marcos Galindo Lima

Lourival Pereira Pinto

Recife, 07 de agosto de 2013

Dedico este trabalho aos meus pais, irmão e irmã



e, também, àqueles e àquelas que arriscam *ver* e, assim, *vi(ver)*.



Tive o privilégio de surfar mais uma onda, a construção de uma Tese de Doutorado. Nela, tempo e espaço, aqui e acolá, proximidade e distância, visão e cegueira, visível e invisível, dito e não-dito, material e imaterial, intelecto e sensação, análise e saudade, razão e emoção estiveram emaranhados. A escolha de surfá-la foi solitária. O surf foi coletivo. Portanto, tenho uma dívida que não pode ser paga, mas humildemente assumida.

Obrigado aos meus pais, irmão e irmã pelo amor, afeto, paciência e atitudes positivas: mais uma onda foi surfada com vossa ajuda. Este surf não teria sido tão fluido sem a visão e leituras feitas pela minha orientadora, Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes. Sua orientação foi seu selo. O aperfeiçoamento do traçado desse surf não seria possível sem as críticas propositivas dos membros das bancas da qualificação e da defesa.

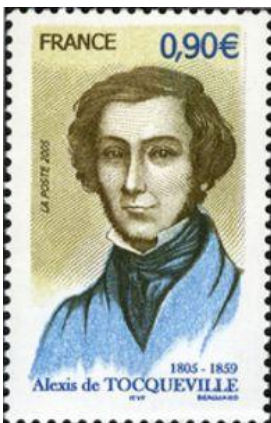
Obrigado ao amigo Fábio Pedrosa: você sabe surfar, não eu. Também à Tatiana Toraci Góis pela ternura, compreensão, paciência e cumplicidade. Aos companheiros da banda Four Pigs (Henrique Vilela, Renato Vilela e Marcelo Demo), por mais de vinte anos de poesia, prazer, “roqueirrou” e amizade. Aos colegas e conhecidos(as) que, por vezes, virtualmente ou não, surfaram comigo. Ainda, pelo apoio e atenção de algumas pessoas que fazem o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), e o Departamento de Ciência da Informação (DCI), ambos na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por fim, mas não menos importante, ao parceiro de tantas outras ondas, Bernardo Mora Trespalácios, pelo seu tempo, atenção, profissionalismo e, particularmente, por fazer-me a seguinte pergunta: *“E por que não?”*

If I am looking at an inanimate object, it has a certain presence – it looks back.
(ELKINS, 1997, p. 70).



Minha impressão visual alterou-se; como era antes, como é agora?
(WITTGENSTEIN, 2000, p. 181).

Quando o número de perguntas e sua radicalidade atropelam evidentemente a fragilidade temerosa das respostas disponíveis, talvez seja hora de recorrer à Filosofia. Não tanto por afã dogmático de remediar prontamente o desconcerto, mas para utilizá-la 'em favor' do pensamento: tornar-nos intelectualmente dignos de nossas perplexidades.
(SAVATER, 2005, p. 18).



Não há nada mais fecundo em maravilhas do que a arte de ser livre; mas não há nada mais difícil do que o aprendizado da liberdade.
(TOCQUEVILLE, 2005, p. 280).

At the root of every presentation of fact is a particularly way of looking.
(PAUWELS, 2006, p. 3).

São as sociedades que têm maior apreço pela história, pelos registros e arquivos, pela memória de suas comunidades, que estão mais preparadas para identificar os padrões de choques enquanto ocorrem.
(KLEIN, 2008, p. 14).

Se da una nueva lectura al compromiso social asumido por um coleccionista em su apoyo afectivo a la vanguardia.
(ARTUNDO, 2008, p. 18).

O tempo urge, mas ele anda devagar.
(DAMÁSIO, 2009, p. 19).

RESUMO

Corroborar, por meio de uma investigação exploratória e teórica, para o estatuto social do selo postal. Situa e destaca o seu lugar enquanto objeto de pesquisa no campo da Comunicação. Utiliza pressupostos teóricos, oriundos de estudos sobre a Linguagem, o Discurso e a Imagem, com o intuito de identificar e analisar o que permite caracterizá-lo um tipo de mídia ou objeto imagético-mediático. Reconhece elementos que constituem os seus antecedentes históricos, desde os sistemas de comunicação à distância pré-postal até o seu advento, na Inglaterra do século XIX. Aponta, por meio de revisão bibliográfica e análise documental, as características de sua composição material e das técnicas de mecanização utilizadas em sua produção. Propõe uma teoria, por meio de funções, que explica os seus regimes de produção, circulação e consumo. Considera, ainda, características de convergência que constituem o campo da Filatelia Digital na contemporaneidade. Por fim, possibilita um olhar autocrítico sobre o que salta aos olhos do observador, a saber: o selo postal (objeto), o sê-lo (*Self*) e o selo (encerramento). Tudo, para revelar o que somos: *imago*.

Palavras-chave: Comunicação. Discurso. Imagem. Linguagem. Selo Postal.

ABSTRACT

Corroborates, through an exploratory and theoretical research, for the social statute of the postage stamp. Situates and highlights its place as a research object in the field of Communication. Uses theoretical assumptions, derived from studies about Language, Discourse and Image in order to identify and analyze some characteristics that allows it to be recognized as a type of media or an imagetic-media object. Recognizes elements that constitute its historical antecedents, since the pre-postal systems of distance communication until its advent in nineteenth century England. Points, through literature review and documental analysis, the characteristics of its material composition and mechanization techniques used to produce it. Proposes a theory, through functions, that explains its regimes of production, circulation and consumption. Considers, thus, convergence characteristics that constitutes the contemporary Digital Philately. Finally, it allows a self-critical look about what catches the eye of the beholder, namely: the postage stamp (itself), 'sê-lo' (Self), seal (closure). All, to reveal what we are: *imago*.

Keywords: Communication. Discourse. Image. Language. Postage Stamp.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Selo de José Saramago	22
Figura 2 – Surfista prateado	
Figura 3 – Selo de Surf	30
Figura 4 – Mundo privado do colecionador	38
Figura 5 – Espaço público de exposição: São Paulo, Brasil	
Figura 6 – Espaço público de exposição: Londres, Inglaterra	
Figura 7 – Selo do quadro “As meninas”	42
Figura 8 – Frase-Motivo (legenda), e Imagem-Motivo (vinheta)	44
Figura 9 – HQ’s ou tiras em selo postal	
Figura 10 – Tutelamento	45
Figura 11 – Opressão	
Figura 12 – Educação	
Figura 13 – Protesto	
Figura 14 – Celebração Figura	
Figura 15 – Narciso e seu reflexo na água	46
Figura 16 – Gastón Bachelard	
Figura 17 – Interação e Comunicação	48
Figura 18 – Foto em selo	49
Figura 19 – Pintura em selo	
Figura 20 – Memória em selo	
Figura 21 – Patrimônio	
Figura 22 – Intertextualidade: selos, carimbos e cartão-postal	50
Figura 23 – Valor de Moeda	
Figura 24 – Pedagogia em selo	
Figura 25 – Imagem em sala de aula	
Figura 26 – Selo postal, pixels e Datamatrix	
Figura 27 – Filatelia Digital: convergências	51
Figura 28 – Primeiro selo das Nações Unidas	52
Figura 29 – Islas Malvinas	
Figura 30 – Falkland Islands	
Figura 31 – Fragmento de mapa do Danúbio e elementos verbovisuais de conflito	53
Figura 32 – Registro em selo de citação de Kahlil Gibrean	57
Figura 33 – Caixa coletora dos Correios da ECT	

Figura 34 – Político	59
Figura 35 – Científico	
Figura 36 – Racista	
Figura 37 – Sexista	
Figura 38 – Liberdade ideológica	
Figura 39 – Situação e contexto comunicacional dos sujeitos e do selo postal	61
Figura 40 – Karl Marx, Teoria Marxista e Comunismo	63
Figura 41 – Interlocução entre indivíduos	64
Figura 42 – Identificação pela efígie da Rainha Vitória	65
Figura 43 – Nome por extenso de ex-colônia britânica, com efígie	
Figura 44 – Pouco informativo	71
Figura 45 – Muito informativo	
Figura 46 – Criatividade no uso do selo postal. Irlanda	82
Figura 47 – Primeira página do Jornal “Brazil Philatélico”, janeiro de 1882	84
Figura 48 – Homenagem à Imprensa Brasileira	86
Figura 49 – Centenário do nascimento de Lindolfo Leopoldo Boekel Collor	
Figura 50 – “Aprendendo nunca termina”	87
Figura 51 – Édipo Acorrentado	90
Figura 52 – Tabuleta antiga	95
Figura 53 – Tabuleta contemporânea	
Figura 54 – O “mito” do progresso na educação	96
Figura 55 – Caminhos possíveis	97
Figura 56 – Sistemas de Comunicação: tambor, celular e na “nuvem”	101
Figura 57 – Mercúrio e Hermes	103
Figura 58 – Mensagens e mensageiros	104
Figura 59 – Escrita antiga	
Figura 60 – Artefato pesada	106
Figura 61 – Artefatos leves	
Figura 62 – Escravo livre	107
Figura 63 – Tatuagens comunicam	
Figura 64 – Mensagem “Wipa” antiga	110
Figura 65 – Fragmento de mensagem	
Figura 66 – Troca de mensagens	113
Figura 67 – Mensagem e formas de transporte	
Figura 68 – Pombo correio	114

Figura 69 – Andorinha correio	
Figura 70 – “Palenque”, cidade Maia	
Figura 71 – Machu Picchu, cidade andina	
Figura 72 – Mensageiro com sinos no pescoço	116
Figura 73 – Adereços do mensageiro	
Figura 74 – Correio terrestre: mensageiros e cavalos	117
Figura 75 – Soldado romano	120
Figura 76 – Esfinge	121
Figura 77 – Efégie de Augustus	
Figura 78 – Alexandre, “O grande”	
Figura 79 – Estradas na Grã-Bretanha Romana	
Figura 80 – Carroças do correio romano	122
Figura 81 – Selo, carimbos e moedas: simbolismo rico, harmônico e intertextual	123
Figura 82 – Marco Polo	
Figura 83 – Mapa das rotas de Marco Polo	124
Figura 84 – Bloco que celebra os 350 anos da Sociedade Real Britânica	127
Figura 85 – Fransisco de Tasso ou Franz Von Taxis	
Figura 86 – Correio Thurn and Taxis	128
Figura 87 – Mensageiro na Europa do início do século XIX	
Figura 88 – Sistema de Comunicação Postal da “Thurn and Taxis” na Europa do século XVI	
Figura 89 – Congresso de Viena após derrota das tropas napoleônicas	130
Figura 90 – Pintura do “Congresso de Viena” por Jean-Baptiste Isabey, em 1819.	
Figura 91 – Selo Postal Thurn and Taxis: norte	131
Figura 92 – Selo Postal Thurn and Taxis: sul	
Figura 93 – Rei francês Luís XI	132
Figura 94 – Intertextualidade, selo e moeda: Inácio de Loyola	
Figura 95 – Reforma Protestante	
Figura 96 – Sobrecarta de Lisboa para Évora em 12 de março de 1562	135
Figura 97 – “Cavallini” da Sardenha	136
Figura 98 – Carta pré-filatélica com carimbo do cavalo de Sardenha	
Figura 99 – Exemplar de Carta do Corso	138
Figura 100 – Primeiro exemplar de Inteiro Postal	139
Figura 101 – Primeiro exemplar de Inteiro Postal brasileiro	
Figura 102 – Primeiro exemplar de Cartão Postal Norte-Americano	140
Figura 103 – Troca de cavalos da carroça do correio britânico. Bedford, ao leste de Londres	145

Figura 104 – Travessia por tempestuosos caminhos. Newmarket Heath, Suffolk, ao Norte de Londres	
Figura 105 – Correio ferroviário e Pony Express	146
Figura 106 – Mapa reproduzindo a rota geral do Pony Express nos EUA	
Figura 107 – “Nós possuímos um vasto Império, como jamais existiu”	147
Figura 108 – Desenho, caricatura e fotografia do Sir Rowland Hill	152
Figura 109 – Propaganda explicando a necessidade da reforma postal	153
Figura 110 – Manuscrito de Sir Rowland Hill, 1839	154
Figura 111 – Medalha de Wyon e o 1º selo postal adesivo: “Penny Black”, Inglaterra, 1840	157
Figura 112 – Penny Black com um carimbo preto do tipo Cruz de Malta	161
Figura 113 – Segundo selo postal. “Penny Red”, Inglaterra	
Figura 114 – Emblema da UPU, ao centro, em selo postal emitido pela Romênia	162
Figura 115 – Emissões de 4 e 6 rappen do cantão de Zurique em 1.03.1843	163
Figura 116 – Emissões de 30, 60 e 90 réis brasileiros em 1.08.1843	
Figura 117 – Cantão de Genebra, 5c meio porte	164
Figura 118 – Cantão de Genebra, 10c, porte inteiro	
Figura 119 – “Pomba da Basileia”	165
Figura 120 – “Vauds” da Suíça	
Figura 121 – Observador do selo postal	168
Figura 122 – T’sai Lun e o processo de fabricação de papel na China do século II	173
Figura 123 – Do pergaminho chinês até o livro	174
Figura 124 – Arte chinesa que ilustra a batalha de Talas	176
Figura 125 – Animais utilizados pelos chineses e árabes na batalha terrestre de Talas	
Figura 126 – Muhammad al-Khwārizmī, cientista no Califado Abássida e da Batalha de Talas	177
Figura 127 – Moinhos de martelo movidos à força hidráulica para fabricação de papel	180
Figura 128 – Elementos verbovisuais com relação ao papel e sua fabricação	181
Figura 129 – Primeiro selo postal da Letônia (Latvia), em 18.12.1918, num papel-mapa	182
Figura 130 – Selo postal, sem picotes: Estados Romanos ou Pontifícios, em 1867	183
Figura 131 – Selo brasileiro “Cabeça do Imperador”, com goma “Azul”	186
Figura 132 – Detalhe de inscrição em lápis no verso do selo brasileiro republicano “Comércio”	188
Figura 133 – Os três primeiros selos do mundo emitidos na cor preta	189
Figura 134 – Os três primeiros selos do mundo emitidos em tons vermelhos	190
Figura 135 – De Johann Gutenberg à Internet	191
Figura 136 – Selo postal adesivo COM picote	195
Figura 137 – Selo postal adesivo SEM picote	
Figura 138 – Folha completa SEM PICOTAGEM: <i>Olho de Boi</i> brasileiro - Valor Facial: 60 Réis	

Figura 139 – Folha completa COM PICOTE: <i>Ícaro Estilizado</i> brasileiro - Valor Facial: 50 Réis	196
Figura 140 – Exemplo de filigrana M, Cruz de Cristo, em selo postal brasileiro	198
Figura 141 – Filigranoscópio e Filigranoscópio Eletrônico (Signoscope T2)	199
Figura 142 – Filigranoscópio e um frasco de Benzina Retificada	
Figura 143 – Edital filatélico brasileiro	205
Figura 144 – Emblema da UPAEP em selo brasileiro de 2011	
Figura 145 – Valor Facial por extenso	206
Figura 146 – Valor Facial numérico	
Figura 147 – Regimes de Produção, circulação e Consumo	211
Figura 148 – World Numbering System	217
Figura 149 - Blog dos Correios do Brasil	218
Figura 150 – Filatelia num iPod Touch	219
Figura 151 - Primeiro selo personalizado do mundo	
Figura 152 – Primeiro selo personalizado brasileiro, 2000	220
Figura 153 – Doodle Filatélico: o selo postal no século XXI	222

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Autores e aparatos teórico-metodológicos para análise de imagens	75
Quadro 2 – Cidades e tempo de viagem das rotas do correio dos Tasso	128
Quadro 3 – Esquematização da existência do Cartão Postal	141
Quadro 4 – O sistema postal europeu antes e depois da Reforma Postal	152
Quadro 5 – Esquemas pictóricos dos selos postais emitidos no século XIX	154
Quadro 6 – Alguns elementos verbovisuais (esquemas pictóricos) dos primeiros selos postais	160
Quadro 7 – Papéis utilizados para emissão de selos postais	183
Quadro 8 – As cores dos primeiros selos postais emitidos no mundo	189
Quadro 9 – Classificação e descrição das filigranas nos selos postais brasileiros	198
Quadro 10 – Cronograma de encontros que resultaram na criação da UPAEP	206
Quadro 11 – Relação de algumas tecnologias e plataformas digitais atuais	216

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Variação financeira de selos postais portugueses 209

Tabela 2 - Variação financeira de selos postais brasileiros em quinze anos

LISTA DE ABREVIATURAS

ABN - American Bank Note Company

ABRAJOF - Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos

ABCF - Associação Brasileira de Comerciantes Filatélicos

AIJP - Association Internationale de Journalistes Philatélique

ALCAR - Rede Alfredo de Carvalho

ARG - Argentina

ASCAT - International Association of Publishers of Stamp Catalogues, Albums, and Philatelic Magazines

BP - Bilhetes Postais

CBU - Controle Bibliográfico Universal

CFN - Comissão Filatélica Nacional

CMB - Casa da Moeda do Brasil

CP - Comunicação Postal

CPP - Comunicação Pré-postal

DCI - Departamento de Ciência da Informação

DFIP - Departamento de Filatelia e Produtos

DJ - Diário da Justiça

ECT - Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EUA - Estados Unidos da América

FEBRAF - Federação Brasileira de Filatelia

FEFIESP - Federação das Entidades Filatélicas do Estado de São Paulo

FIPP - Fédération Internationale de la Presse Philatélique

HQ's - História em Quadrinhos

IAP - Institute for Analytical Philately

IFLA - International Federation of Library Associations

IN - Imprensa Nacional

IPRI - Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

ISBN - International Standard Book Number

ISSN - International Standard Serial Number

MC - Ministério das Comunicações

MLA - Museums, Libraries and Archives Council

O.H.M.S. - On His Majesty's Service

ONU - Organização das Nações Unidas

PF - Período Filatélico

PPF - Período Pré-Filatélico

PPGCOM - Programa de Pós-Graduação em Comunicação

PR - Presidência da República

PVC - Policloreto de Polivinila

SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

TICS - Tecnologias de Informação e da Comunicação

TOC - Transtorno Obsessivo-Compulsivo

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNPA - United Nations Postal Administration

UPAEP - União Postal das Américas, Espanha e Portugal

UPU - União Postal Universal

WADP - World Association for the Development of Philately

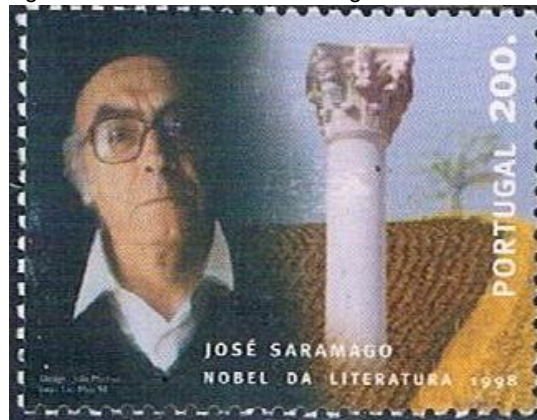
WNS - World Numbering System

SUMÁRIO

CONFISSÕES	18
1 ESCOLHAS	30
2 SELO POSTAL É MEIO DE COMUNICAÇÃO	42
2.1 Mídia: linguagem, discurso e imagem	55
3 RECONHECENDO ANTECEDENTES	87
3.1 Dos Correios da Antiguidade até o século XIX	90
3.2 Correios na Europa de 1840: o advento do selo postal adesivo	144
4 UM OLHAR NO E SOBRE O SELO POSTAL	168
4.1 O que o faz: composição material e técnicas de mecanização	170
4.2 Onde é: regimes de produção, circulação e consumo	200
4.3 O que o transforma: da Filatelia Digital	214
5 REFLEXÃO A PARTIR DO REFLEXO	223
REFERÊNCIAS	229
ANEXOS	247
APÊNDICES	251

CONFISSÕES

Figura 1 – Selo de José Saramago



Fonte: da coleção do autor¹

“...penso que estamos cegos, cegos que vêm, cegos que, vendo, não vêm” (SARAMAGO, 1995, p. 310).

Na longa madrugada do dia 22 de janeiro de 2010 escrevi, numa seção intitulada “O Descanso”, as últimas linhas da Dissertação de Mestrado em Comunicação², a última onda surfada naquele ano. Desse traçado na onda aspectos da minha vida foram ressignificados.

Uma tripla ação - a intenção do sujeito-leitor, o questionamento do pesquisador e a ousadia do surfista - resultou na articulação daquilo que é íntimo, de foro privado, com o que é da ordem da intelectualidade, da cientificidade, da arguição e da incerteza das respostas.

¹ Todas as figuras que são selos postais, incluindo as que estão nos elementos pré-textuais (e que não receberam numeração), exceto quando mencionada a fonte, constituem o acervo particular do autor e foram digitalizadas para efeito de composição deste escrito. Dessa forma, com o objetivo de oferecer menos poluição visual, todas as figuras que são selos postais, do autor, não terão a fonte citada no texto. Assim, o leitor deverá considerar que essas figuras seguem o padrão citado na fonte da Figura 1, a saber: “da coleção do autor”. Ainda, no início de cada seção, um selo postal e uma citação foram posicionados para que seja estabelecida uma relação de revezamento (*relais*), no sentido sugerido por Barthes (1990). Logo, fica para o leitor a tarefa de interpretar quais elementos icônicos e verbais podem ser considerados complementares. A utilização das ilustrações ultrapassa questões de relevância estética, assim como não caracteriza uma análise de corpus, ou seja, não houve um procedimento metodológico de identificação, análise e interpretação. Destarte, as figuras devem ser entendidas como vetores que permitem uma articulação com o texto escrito. Mas, também, cada figura pode evocar uma leitura criativa do leitor, o que permitirá revelá-la ou não, criar os sentidos que façam sentido para o leitor. É, portanto, um esforço didático de ilustrar a potencialidade do selo postal, no que lhe compete revelar de descoberta, recordação, ilusão, reação, tradução e, se for o caso, interpretação. Tudo isso, parece estar ao alcance do leitor criativo.

² Desse estudo, orientado pela Profa. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes, resultou a publicação do livro: “*A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000*”, publicado pela Editora da UFPE, em 2010. A *thematata* versou sobre o discurso científico e o papel do selo postal como mídia de divulgação científica, no Brasil. O termo *thematata*, nesta Tese, tem o sentido de certos temas recorrentes que podem ser identificados e analisados por meio dos selos postais.

Surfar essa onda possibilitou a condição de diálogo e conflito entre duas culturas, dois caminhos distintos, aparentemente teórica e tecnicamente incomunicáveis, academicamente distantes: o colecionismo de documentos filatélicos e os estudos sobre Comunicação³ e Divulgação Científica.

Além disso, criou as condições para que as três ações fossem conscientemente reveladas e articuladas. Um movimento fluido na onda, uma escrita contrária a inércia, a condição de expressão de existência, o entremeio do fim e do início.

No entanto e, de fato, o referido “descanso” nunca existiu. Mal houve tempo para regozijar a última onda, para respirar fundo e agradecer a oportunidade e o privilégio da experiência vivida, quando, ao fundo, no projetado e inalcançável horizonte, no entanto à vista, uma onda rainha⁴ varria, velozmente, a superfície aquática de um agitado e misterioso oceano.

As últimas obrigações normativas do Mestrado ainda seriam cumpridas, ao mesmo tempo em que alguns compromissos com o Doutorado, também na área de Comunicação, já estavam em andamento. Configurava-se diante do meu olhar o entremeio, um limiar, o instante de tempo em que o final e o início se tocam. Eu via a onda, ainda com a imagem da onda surfada anteriormente, e, portanto, não conseguia apreender o porvir da onda rainha.

Mal sabia eu que essa nova onda seria longa, perturbadora e desafiadora. A única certeza, depois de recuperar o fôlego e remar ao seu encontro, era de que mais uma oportunidade de surfar era patente. Mais uma vez, a adrenalina tomava conta diante da possibilidade de encarar a imensidão do desconhecido. Uma remada em direção à arrebentação, um corpo enquanto linguagem, a indicação do símbolo da intenção do sujeito. Em verdade, uma possibilidade de reconfigurar e ressignificar a pesquisa.

Assim, nesse problemático contexto de continuidade, amadurecimento intelectual e sofrimento afetivo surgiram algumas questões que, por sua vez, tornar-se-iam questões de pesquisa, posto que a proposta de pesquisa para iniciar o Doutorado era, em certa medida, semelhante com a pesquisa feita no Mestrado.

³ O termo será utilizado com letra inicial maiúscula quando designar o campo científico de pesquisa, ou seja, a disciplina. Ainda, servirá para distingui-lo de outros sentidos possíveis que serão utilizados com a letra inicial minúscula.

⁴ A maior onda de uma série de ondas ou a maior onda surfada num dia inteiro. O porvir máximo para um surfista. O objeto não-atual, àquele que é potencial, que vale o esforço e o investimento de esperar.

Como percorrer e construir novos traçados numa onda que tanto tinha de similar à anterior, ou seja, como re(ver) o selo postal? Até que ponto serviria a experiência adquirida diante de um novo desconhecido que parecia tão íntimo? Como olhar duas ondas tão parecidas (Mestrado e Doutorado) e permitir que, em vez das semelhanças, emergissem as diferenças? Como, apesar das semelhanças e repetições, criar uma oportunidade para que novos conhecimentos encontrassem seu lugar de aplicação?

De forma mais específica, como indicar que o selo postal tem seu lugar enquanto objeto de pesquisa em Comunicação e, assim, estabelecê-lo? Até que ponto olhar e pensar sobre o que está sendo olhado, ou seja, explorar e refletir teoricamente sobre o próprio objeto explicaria ou revelaria o seu estatuto e responderia à pergunta anterior?

De fato, parecer não é Ser. Essas perguntas indicam uma complexidade que iria ser experimentada mais no entremeio da consciência e inconsciência, ou melhor, na angústia de saber que havia um objeto, mas que ainda não o havia identificado claramente, do que numa prática científica estruturada e sistematizada. Na consciência uma intenção: ler, identificar, analisar e interpretar. Na inconsciência um desejo: colecionar e imortalizar. Assim, consciência e inconsciência, pesquisador e colecionador, corpo uno.

Além disso, outros elementos da problemática surgiam, a saber: como continuar, avançar, progredir com os estudos entre aquelas duas distintas culturas, sem permanecer na linha⁵ cômoda e tranquila da onda? Como não incorrer na inadequabilidade de um modo de ver que costuma ser aquele em que, usualmente, as pessoas são ludibriadas nos sentidos do olhar? Como saber se o trabalho feito, até então, permitiria um *continuum* nutrido mais como um panorama sugestivo do que uma proposição da certeza?

Hoje, posso afirmar que fui guiado mais pelo acaso, pela coincidência do encontro com alguns dos referenciais, com a surpresa ao olhar de outra forma o objeto do qual partiram as minhas indagações, do que pelo planejamento *a priori* de algum tipo de meticulosa estratégia de pesquisa consciente.

⁵ Linha da onda é o lugar de acomodamento do surfista. Traçado perfeito, posicionamento adequado e que minimiza as possibilidades de queda.

Eis, assim, um estudo propositivo, mais interpretativo e ensaístico⁶ do que analítico e redutoramente metodológico. Neste escrito não existe um corpus que foi identificado, analisado e interpretado. Aqui, o leitor encontrará fragmentos de exploração, explicação e, por vezes, descrição, mas não um estudo de caso ou uma análise textual ou discursiva.

Este estudo é uma tentativa de articular experiência e estrutura, não no sentido de uma fórmula definitiva, de um dito com características totalizantes que tentam, em vão, abarcar e sistematizar os estudos em Comunicação, mas, sobretudo, interrogar o próprio objeto a partir de um eixo conceitual constituído de três elementos fundamentais que, de fato, funcionam em qualquer estudo na área de Comunicação: linguagem, discurso e imagem⁷.

Assim, remar, dropar⁸ e surfar essa nova onda disseram respeito à criação das condições de possibilidades de um exercício que permitiu fazer uma nova leitura de possíveis traçados. Um (re)ver de experiências diante de tantas possíveis interpretações, superar o desafio de um novo escrito que re(tratou), de fato, àquele que o escreveu.

Foi a possibilidade de que, por inúmeras vezes e em repetidas oportunidades, o objeto fosse olhado e escrutinado. Escolher com atenção, responsabilidade, respeito e ética, sobretudo, olhar para um horizonte não

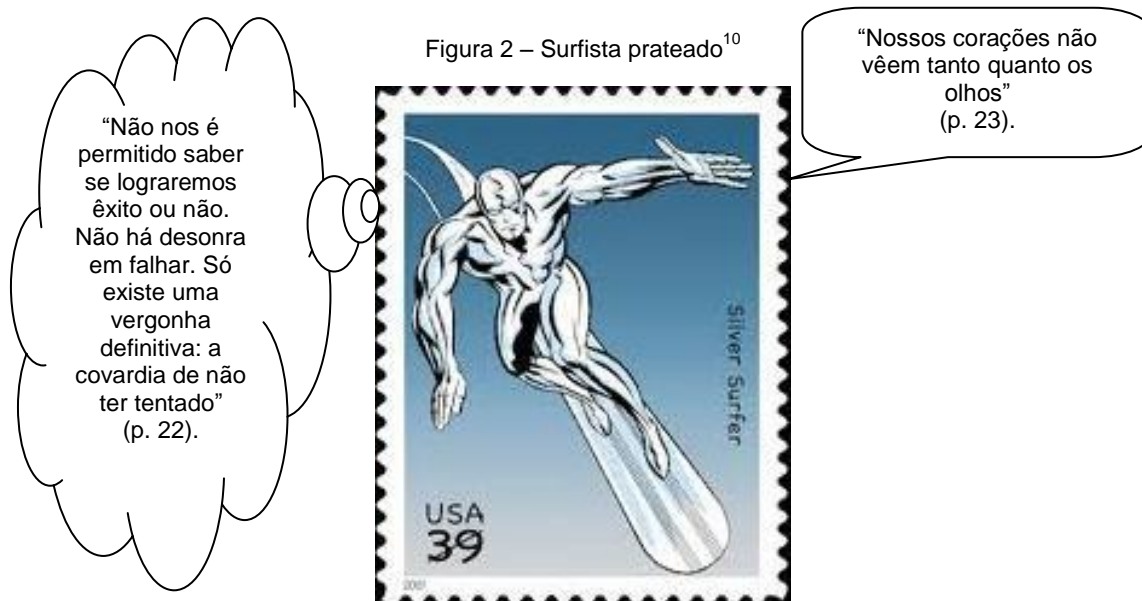
⁶ Ensaístico porque se admite fragmentário, posto que o próprio objeto é um fragmento. É uma tentativa ensaística, pois enaltece o transitório, o limiar entre o *a posteriori* e o *a priori*. Demanda um pensamento profundo sobre o objeto, mais do que o reduz a outra coisa, aquilo que a objetividade e o determinismo científico tanto defendem. Talvez, a melhor forma, ou a maneira mais sincera, de exprimir o que, neste trabalho, caracterize o ensaio é citar Montaigne (2000, p. 266-267): “Se não entendo de algum tema, recorro a ele e o ponho à prova, com ele sondando o vau. E se verifico ser este demasiado profundo, fico na margem. E o reconhecimento de que não posso ir além é a um dos serviços que me presta e de que mais se orgulha. Por vezes, quando o assunto é fútil procuro ver a que ponto lhe dará consistência, apoio e alicerce. E se ventilo coisa importante e já batida, ele me ajuda a descobrir o melhor desses caminhos, tão freqüentados que não há como o evitar. E entre mil veredas diferentes indica a que devo seguir. Ao acaso escolho um assunto, pois todos me são igualmente bons e não pretendo esgotar nenhum, porquanto de nenhum chego a ver o fundo. E os que nos prometem mostrá-lo não cumprem suas promessas. Entre cem aspectos da mesma coisa, tomo um. E ora o debico apenas, ora o mordisco, ora vou até o osso. Escruto-o, não em larga superfície, mas tão profundamente quanto mo permite o meu saber, e as mais das vezes me comprazo em o encarar por um ângulo diferente do habitual. Gostaria de tratar a fundo um tema qualquer, mas me conheço demais para me iludir acerca de minha incapacidade. Agindo como ajo, arriscando uma palavra aqui, outra acolá, amostras tiradas do todo, isoladas, sem intenção preestabelecida, e nada prometendo, não tenho por obrigação realizar uma obra de real valor, nem sequer me acho comprometido em relação a mim mesmo e conservo a liberdade de variar, quanto me apeteça, os assuntos de que trato e a maneira de fazê-lo, sem que me retenham dúvidas ou incertezas ou (o que acima de tudo me domina) a ignorância. Qualquer ato nosso revela o que somos. As coisas em si mesmas podem ter peso, medida, condições intrínsecas; dentro de nós, a alma as transforma como entende.”

⁷ Não é por acaso que esses três termos-conceitos foram utilizados na Tese, em particular, na segunda seção. Não poderia abordar o selo postal sem articular esse três conceitos, posto que o selo postal é um meio de comunicação porque utiliza linguagens, materializa discursos e configura imagens, mas, também, é um objeto de pesquisa que, por meio dos estudos teóricos sobre a Linguagem, o Discurso e a Imagem constituem o campo da Comunicação e áreas correlatas.

⁸ O momento de ficar em pé na prancha e descer a onda, o gozo sublime.

imediatista, não veloz, não superficial. Parar, olhar, observar, ouvir e sentir, em necessários intervalos de tempo, sem, no entanto, parar de respirar.

Logo, em vez de assegurar certa comodidade a partir das semelhanças e repetições, daquilo que foi a *themata* explorada na pesquisa do Mestrado em Comunicação, escolhi trazer à tona o próprio objeto, o selo postal adesivo propriamente dito, e aquilo que chamarei de seu estatuto: selo (objeto de pesquisa), sê-lo (*Self*)⁹ e selo (selar, perder, morrer). Eis o porquê de ser um tipo de pesquisa com fragmentos de exploração e explicação, mais do que descrição.



Essa tríade de acepções do fonema “selo”, unicamente possível na língua portuguesa, faz parte das descobertas que resultam no aprimoramento do olhar, no amadurecimento dos questionamentos, num crescimento, sofrimento e envelhecimento enquanto pesquisador, colecionador e humano. Destarte, uma articulação ininterrupta, dialética que existe apenas em movimento, na relação entre o sujeito (*Self*) e o objeto (selo), algo que, talvez, se aproxime mais a fenomenologia husserliana, do que ao pensamento cartesiano.

⁹ O termo “*Self*” será utilizado e mantido na língua inglesa, no decorrer da Tese, visto que não há tradução exata ou fiel na língua portuguesa.

¹⁰ A filosofia do Surfista Prateado enriquece o sentido de surfar esta onda, o Doutorado. Cada balão contém um fala/pensamento do personagem, retirados de Lee e Moebius (1988, p. 22-23). Incluir os balões indica que quem está falando/pensando é o personagem. A relevância dos balões nas Histórias em Quadrinhos é explorada em vasta literatura. Ver, por exemplo: Rama e Vergueiro (2006) e Ramos (2010).

Olhares e aprimoramentos pautados numa contínua prática, não apenas, de apreensão do sensível, mas, também, a partir de uma importante responsabilidade intelectual, sob a qual a narrativa, o ensaio, a literatura, o registro do pensamento humano confronta, num certo tipo de resistência, aos códigos culturais vigentes, à violenta e instantânea imagem contemporânea.

Prática essa que teve origem na minha infância ao descobrir, em casa, um acervo de documentos divididos em caixas de distintos tamanhos e formatos. Algumas dessas, inclusive, de sapatos mocassins de meu pai ou dos *scarpins* da minha mãe.

O acervo, diante das rotinas de meus pais, estava escanteado, esquecido em vossa memória, guardado dentro de um armário, empacotado junto aos outros objetos que, por sua vez, ajudavam a mumificar os conteúdos daqueles documentos, mas, indicavam quem eles eram.¹¹

Nesse armário, local muitas vezes proibido, pois se situava na sua suíte, um pretérito não foi perdido, estava apenas silenciado, por vezes esquecido. Desafiar a ordem paterna e materna de não tocar nas caixas e, muito menos, manusear os documentos era uma aventura atraente. Nesse período eu residia no Brasil e tinha, mais ou menos, nove anos de idade.

Da mesma forma que fora prazeroso para Benjamin (1995, p. 122), “mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível”, em seu armário, para mim era uma quase brincadeira, tanto desafiar a ordem do “não” quanto alcançar, tocar e trazer à luz aqueles documentos, em sua maioria, cartas recebidas de amigos e familiares.

De fato, voltei inúmeras vezes para brincar novamente. Destarte, um comportamento que remete às reflexões de Benjamin (1984, p. 74) sobre o ato de repetir das crianças: “sabemos que para a criança, ela [a repetição] é a alma do jogo, que nada a alegra mais do que ‘mais uma vez’”. Um dia, desafiando meus medos e os fantasmas adormecidos nos documentos, levei as caixas para meu quarto de onde nunca mais saíram.

Sem entender o que significaria aquela onda, abri as caixas, mexi nos envelopes, observei as cores, senti os odores, lembrei-me do que havia

¹¹ Um excelente livro sobre nossas relações com os objetos foi escrito por Sherry Turcile (2011).

esquecido, dos lugares ultramar de minha infância.¹² No entanto, em vez de exercitar o “óbvio”, ou seja, ler o conteúdo das missivas ou olhar para algumas fotografias, a maioria em preto e branco, como num ato desvario, um algo a mais saltou aos meus olhos, um mundo miniaturizado evocou espanto e curiosidade, fez emergir um sentido “obtuso”:¹³ um selo postal carimbado, colado no canto superior direito de um dos envelopes, havendo nele a inscrição “Deutsche Bundespost - RFA”.¹⁴

Assim, teve início a minha coleção de selos postais, documentos filatéticos diversos e literatura filatélica. Desse momento em diante outra identidade emergia, a do colecionador: máxima representação de uma dialética entre organização e desorganização, “ordem e desordem” (BENJAMIN, 1995, p. 228). Não existia, sem sombra de dúvida, possibilidade alguma de saber que trinta anos depois o selo postal, em particular, e os documentos filatéticos, em geral, tornar-se-iam objetos de pesquisa. Um olhar, um selo postal e uma carreira profissional.

De fato, por incontáveis vezes desorganizei e reorganizei a coleção. Era um exercício infanto-juvenil de “arranjar, classificar e manipular” como sugere Baudrillard (2008, p. 95). Um repertório documental que destacava, como se fossem minúsculas fugas inconscientes, a lembrança de uma lembrança esquecida.

O que são os objetos, ainda mais os de coleção, se não um espelho do Ser, um reflexo do estado da perda, que lembra daquilo que esqueceu? O que é colecionar, se não admitir que algo já foi perdido? O objeto de coleção é a possibilidade de externar e projetar desejos.

Não tinha ideia que, durante todo esse tempo e processo, não apenas estava intuitiva e aleatoriamente criando um tipo de taxonomia própria, de modelo, mas, também, estava evidenciando certa insensatez e ineficácia daquilo que existe em toda tentativa de classificação das coisas do mundo, para, hoje, entender que isso fez parte de descobrir quem sou eu (*Self*). Talvez,

¹² Um dos sentimentos que alimentam o colecionismo é a nostalgia. Uma forma de saudade de um momento no tempo que não retornará ou que, talvez, nem existiu (BOYM, 2001).

¹³ Segundo Barthes (1990, p. 47, grifos do autor), “óbvio quer dizer: *que vem à frente*, e é exatamente o caso desse sentido, que vem ao meu encontro. Quanto ao outro sentido, que se apresenta como um suplemento que minha inteligência não consegue absorver bem [...], proponho chamá-lo de *sentido obtuso*.”

¹⁴ Correio da República Federativa Alemã, antes da unificação da Alemanha Ocidental. Muitas correspondências tinham esses selos, posto que parte da família de minha genitora é alemã.

uma análise que apenas outro colecionador compreenda, ainda, um tipo de trajetória que apenas pode ser interrompida pela morte (*selo*).

Pois que, analisar o colecionador, questionar os objetos de coleção, na verdade objetos comuns às cotidianas rotinas e, por fim, admitir uma incansável busca de eternidade diante do necessário fim é trazer à luz aquilo que, por um lado agrada aos olhos e aos desejos no que preenche um doloroso vazio e, pelo outro, projeta um desejo de imortalidade e eternidade sobre os próprios objetos, posto que ficam os objetos, vão-se os corpos.

Assim, olhar os selos (existe, enfim, um objeto que é realmente de alguém? De onde vem essa qualidade de pertencimento?) é uma atividade paradoxal, dicotômica, pois encerra na prática a serenidade e a violência, ambas, presentes na relação desse olhar para o selo, igualmente, um olhar para si.

Quero dizer, olhar para o selo postal tem algo de familiaridade, da ordem identitária do “isso”, ao mesmo tempo em que tem algo que me consome, da ordem da alteridade do “foi”. Ao olhar para trás, percebo que passava pelo processo de ser reorganizado, reestruturado e identificado na relação com os meus objetos de coleção, com os selos postais, com os documentos filatélicos.

Dessa forma, e a partir de diálogos com meus pais, que viam nessa relação um momento de concentração, atenção, classificação e serenidade, percebi a oportunidade de estudar o selo postal no curso de Biblioteconomia. Essa foi, resumidamente, a conjuntura que deu início à caminhada que perdura até hoje: uma relação colecionador-pesquisador e pesquisador-colecionador, um olhar crítico sobre o eu-objeto e o objeto-eu.

Perceber isso não significa que eu esteja mais próximo de algum tipo de síntese, mas, decerto, pôs e põe em cheque o meu próprio olhar, meus modos de ver, enaltece a minha paixão, o meu afeto na relação com a minha coleção, com esse objeto que, por tanto tempo, esteve excluído das pesquisas na área de Comunicação e, também em áreas afins.

Olhar as imagens de selos postais é deixar ser evocado por um pretérito evolutivo e que pode ser ressignificado. O que está no núcleo da relação? Poder? De quem sobre quem? Faço muitas perguntas, pois admito minhas incertezas e meu caráter investigativo. No entanto, tenho duas certezas: chegará, inevitavelmente, o momento de meu selamento, mas, até lá, tenho

perguntas que serão postas ao público, aquelas dos conflitos inevitáveis, dos contrastes das subjetividades, do exercício de uma apologia ao dialogismo.

Logo, essa nova onda - o Doutorado em Comunicação -, ao ser surfada, permitiu a construção deste escrito e estudo que pretende ser um tipo de proposição que possa resultar em benefício às futuras gerações, aquelas que no futuro, em seu devido tempo, serão leitoras de um pretérito imortal.

Igualmente, estabeleceu as amarras que articulam o Colecionismo¹⁵ e a Comunicação, enalteceu um conflito entre algumas dimensões do tempo presente e aquilo que pode ser revelado num objeto que, dentre algumas de suas funções sócio-institucionais, rememora o incômodo pretérito, reaviva lembranças esquecidas, ou melhor, recalçadas na memória social.

Pois que, o objeto é o que é, unicamente, por que é o social em movimento, em transação, transfiguração e transformação. Deixa, assim, espaço para que o discurso científico e filatélico, para que a pesquisa em Comunicação e objetos colecionáveis coexistam, estabeleçam a sua interdiscursividade, revelem sua heterogeneidade discursiva, sejam irrenunciavelmente conflituosos.

Não obstante, parece oportuno esclarecer o meu ponto de vista sobre o Colecionismo. Não pretendo realizar uma revisão bibliográfica, pois algumas dimensões teóricas concernentes aos estudos sobre essa categoria, já foram analisadas e debatidas em vasta literatura internacional¹⁶.

Por sua vez, é a partir dessa literatura que ocorrem os escassos e incipientes debates, no Brasil, sobre o Colecionismo, os objetos de coleção e os protagonistas envolvidos, num sistema que entendo ser um complexo laboratório de saberes do corpo social.

¹⁵ O termo "Colecionismo" será utilizado, com a letra inicial maiúscula, quando designar uma disciplina ou uma área de estudo científico que, usualmente, está atrelado a áreas como Psicologia, Sociologia, Museologia e Antropologia. O que, de forma alguma, significa que não possa ser estudada em outras áreas, como por exemplo, Comunicação e Ciência da Informação.

¹⁶ A pequena lista a seguir, ordenada alfabeticamente pelos sobrenomes dos autores e que não tem a pretensão de ser exaustiva, mostra aquilo que o discurso científico chama de *Estado da Arte*, e que, aqui, representa uma parcela dos estudos sobre o Colecionismo na Europa e nas Américas: Alsop, 1982; Artundo e Frid, 2008; Baldasarre 2006; Baudrillard, 2008; Belk, 1982, 1988, 1988a, 1995; Benjamin, 1995; Bernstein, 1998; Blom 2003; Bourdieu e Darbel, 2003; Brown, 1995; Cabanne, 1963; Codet, 1921; Cooper, 1963; Costa, 2007; Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton, 1981; Dittmar, 1992; Elsner e Cardinal, 1994; Herrmann, 1999; Lipman, 1970; Menegat 2005, 2005a; McIntosh e Schmeichel 2004; Muensterberger, 1994; Pearce, 1993, 1995 e 1998; Poirier, 2006; Pomian, 1984 e 1990; Rheims, 1961; Sánchez, 1999; Seldis, 1970; Stewart, 1993; Taylor, 1960 e Wheelock Jr., 1998. Vale ressaltar que existe a intenção de aprofundar os debates sobre o Colecionismo, no Brasil, considerando a possibilidade de aproximar distintas áreas de conhecimento, visto que o entendemos como um fenômeno social constituído do discurso da memória (mnemônico ou memorial).

Tratar um objeto de coleção a partir do lugar de fala da ciência, do posicionamento discursivo acadêmico, não pode perder de vista, não pode praticar certa imparcialidade ou distanciamento, muito comum em práxis convencionais de certos veículos midiáticos, com relação à essencialidade de uma imanente ordem do afeto, do sensível, da experiência, daquilo que é imanente nas interações sociais do colecionismo.

De fato, penso que o enquadramento desses debates permanece limitado à algumas áreas, como a Museologia e a Antropologia e, talvez, mais recentemente a Psicologia¹⁷, o que acarreta a dominação de doutrinas isolantes e reduzem, sobremaneira, as possibilidades de ampliação dos enfoques e dos sentidos inerentes a esse campo de reflexão e atuação.

Haveria, assim, e já não é sem tempo, elementos de valor que podem ultrapassar alguns olhares ancorados numa ordem pragmática, aquela que apenas vê e lê o valor taxativo do selo postal, ou ainda, que o denomina enquanto uma mera fonte auxiliar da História. Falta, pois, estudar e debater o conceito selo.

Elementos esses que, nesta Tese, dizem respeito à superfície visual, ao corpo, à ordem do estético, do sublime, da relevância sócio-histórica, do mnemônico, do respeito ao tempo que cabe a cada um de olhar e ser olhado, mas, também, de uma atemporalidade, de uma não nostalgia, de um não fetiche.

Elementos de valor que devem enfrentar os olhares dissipados, superficiais, instantâneos e velozes dos tempos atuais. Que, apesar de aceitar o interesse e a necessidade de que certo grau de subjetividade tenha que estar adequada às manifestações de seu tempo, não pode ser dominado pelo padrão imagético-mediático vigente, pelo ritmo apressado, pela percepção efêmera e violência imagético-antropofágica, pelo consumo desmedido, enfim, pelo gesto comunicativo mediado de uma co-presença ilusória.

Feita essa humilde digressão, surfar a nova onda foi uma tentativa de, enquanto era surfada, estabelecer o traçado aventureiro, observar as nuances, os silêncios, o invisível, buscar auxílio em fontes que nada pareciam oferecer,

¹⁷ Muito enfoque tem sido dado ao Colecionismo, nos estudos na área da Psicologia, enquanto um transtorno obsessivo compulsivo (TOC), com relação às práticas dos denominados ajuntadores. Sobre os ajuntadores filatéticos ver nota de rodapé 41.

perguntar ao objeto, estabelecer a relação entre o dito e o visível, desorganizar e reorganizar, fazer escolhas, enfim exercer certo grau de liberdade.

Mas, também, exercitar a proposição teórica de Esquirol (2008, p. 138): “...não é só que o ver bem deva preceder a toda decisão, e sim que já é, em si mesmo, uma decisão”. Assim, deslocar meu olhar para o inusitado, ressignificar o estável, o estabelecido, indicar um porvir, não como futuro certo, mas como possibilidade do possível. Essa foi a luz no final do tubo¹⁸, a resposta ao problema mencionado no início.

Percebi, então, que questionar o trabalho já feito, as suas sutilezas, os seus direcionamentos, os meus olhares sobre a *themata*, as lacunas, seria o recomeço da nova onda, de um novo surf, de mais uma experiência e, sob uma visão psicanalítica, de um doloroso crescimento. Crescer é difícil, escrever crescendo também.

Em certo momento, dar atenção ao objeto, ao texto, aos significados e aos sentidos. Em outro, ser presente no olhar, ser um *Self* olhando o Outro e a si próprio, por meio do objeto olhado, do texto escrutinado, dos significados interpretados e dos sentidos revelados: um observador sobre os objetos imagéticos, mas, também, um “agente potencial” (DAMÁSIO, 2009, p. 26), sobre eles.

Seria, pois, num processo inacabável de procura do entendimento propor uma visão que refuta a questão da verdade em detrimento daquilo que pode ser significativo, ou seja, que essa visão veja objetos concernentes ao objeto questionado.

Por exemplo: que o selo postal é um objeto impresso imagético (“testemunho figurativo”, na concepção de GINZBURG, 2011, p. 42), que não passa de uma tipologia das múltiplas reutilizações, no pretérito humano, de que são objeto as imagens impressas. Jamais busquei alguma verdade olhando os selos postais, mas, talvez, seja verdade que ao olhá-los, por muito tempo, não os via.

Logo, e por defender que é necessário algo mais do que um selo para ver o que o constitui, esta Tese não poderia ter sido construída de outra forma

¹⁸ O tubo é considerado a manobra perfeita no surf. É o ápice, a plenitude, o gozo do surfista. Por outro lado, o tubo é um dos momentos que requer mais atenção do surfista, pelo perigo que oferece. No tubo, o surfista está dentro da onda. Humano e natureza enquanto um. É o instante em que o dito “a luz no final do túnel”, faz emergir infundáveis sentidos e significações.

que por meio da reconstituição e re-elaboração dessas minhas maneiras de olhar, modos profanos de ver.

Este escrito é, portanto, um movimento de revelação do selo postal enquanto objeto de pesquisa em Comunicação, assim como de estabelecimento do meu lugar de fala, enquanto pesquisador, deixando, assim, tudo isso à mercê e generosidade do potencial leitor.

Por fim, assumindo as minhas conscientes carências e dificuldades, assim como um discurso que, em forma de uma narrativa ensaística, é um tipo de engajamento político com relação a tensão dialética que reina no colecionador, tentei encontrar aquilo que julguei ser, enquanto liberdade de escolha, a linguagem propícia para manifestar, por meio de palavras escritas e objetos pictóricos, a questão que foi causa primeira de minha pesquisa, a saber: o olhar *no* e *sobre* o selo postal.

1 ESCOLHAS

Figura 3 – Selo de Surf



“A escolha de surfá-la foi solitária. O surf foi coletivo” (o autor, 2012).

Eis que surge a onda rainha no horizonte, eis que tem início a trabalhosa e, por que não, a prazerosa remada. Não apenas para conseguir um posicionamento adequado para surfá-la, mas, principalmente, para conseguir passar através de todas as outras ondas menores (as incertezas) que estabelecem um limite chamado arrebentação¹⁹. Transpô-la é o primeiro passo possível.

Passar pelas ondas menores e, assim, ultrapassar a arrebentação é o traçado introdutório, espaço em que as escolhas feitas são indicadas. Neste momento, é sensato admitir que não exista uma fórmula que permita ao pesquisador escapar do risco dos ditos simplificadores, que tentam, em vão, tudo dizer.

Não é possível eliminar as contingências que operam as escolhas de sistematização e as exclusões. O que aqui será escrito e defendido está regulado e guiado por certas regras discursivas. Regras que constituem um espaço acadêmico e científico. Local em que limites são estabelecidos e posições assumidas.

Lugar de identificação, análise e interpretação, onde o locutor dialoga com seus interlocutores. Processo dialógico em que, seja por meio de afirmações ou de negações, de concordâncias ou discordâncias, o autor

¹⁹ Local em que as ondas quebram ou rompem numa linha imaginária. Ultrapassar a arrebentação é, ao mesmo tempo, o pesadelo e o trunfo do surfista. Se não conseguir passá-la, ou no pior dos casos, ficar nela, não haverá possibilidade de surfar. Passá-la é um dos esforços, um dos investimentos necessários para que o gozo seja alcançado: surfar.

conduzirá seus interlocutores por um traçado que exigirá olhares respeitosos, éticos e, por vezes, desconstruidores, e, também, que as necessárias simplificações possam ser aceitas.

Vale ressaltar, então, o caráter e a especificidade dessa desconstrução por meio das palavras de Solis (2010, p. 72):

[...] desconstrução é diferente de destruição ou demolição. A desconstrução é afirmativa e é um acontecimento que desloca certezas, desloca o logocentrismo, desloca o fundamento, sempre presentes na tradição do pensamento ocidental, desloca em direção a algo que ainda não é decisório e não se coloca como dado, pronto e acabado.

Assim, ao ler o texto e olhar as imagens, o leitor considere se estiver disposto a fazer uma leitura proveitosa, alguns elementos que o interpelarão por meio daquilo que é experiência da leitura e do olhar, propriamente dito. Um texto que desde o início demanda um autodiálogo, um exercício em que linguagem, discurso e imagem estão emanharados.

Portanto, a principal proposta deste escrito é desconstruir os modos de ver atuais, diante do que urge em transformar um observador crítico num aparato, em “funcionários” (FLUSSER, 2002, p. 24-25)²⁰, sobre o selo postal. É o “*ver em*”, ou seja, um exercício crítico, mas didático, de tentar configurar um aparato teórico, de tal maneira, que enalteça esse objeto que passa, em grande medida, despercebido do olhar dos outros.

Para isso, um primeiro aspecto desse exercício de ver deve considerar uma característica elementar do selo postal: ele é, sobretudo, uma “imagem tradicional”, nos termos sugeridos por Flusser (1998, p. 33), ou, semelhantemente, uma “máquina de imagem”, no sentido dado por Dubois (2011, p. 33), enfim, um objeto de comunicação visual.

Um artefato que é verdadeiro, real e visível. Certidão visual humano-institucional que demanda indagações e contextualizações críticas. Esse que contribui para um mosaico de fragmentadas biografias, de silenciadas

²⁰ Na obra de Flusser (2002) “Da Religiosidade: a literatura e o senso de realidade”, o conceito de “funcionário”, diz respeito a como o autor vê e lê a questão da liberdade do homem dentro de um processo sistêmico controlado e vigiado por aparelhos, metaforicamente, denominados “Caixas-Pretas”. Particularmente, no capítulo oito, dessa obra, intitulado “Do Funcionário”, Flusser (p. 84) diz que: “um novo tipo de situação está se tornando mais freqüente [...], o centro é ocupado pelo aparelho e o horizonte é constituído de funcionários que funcionam em função do aparelho”. Assim, a movimentação do homem nesse sistema é, em efeito, de cegueira enquanto vê, ela ocorre em função do(s) aparelho(s), não permitindo que ele supere o mecanismo de dominação fechado sobre si mesmo.

efemérides, de manifestos testemunhos mnemônicos solicita, também, um respeitoso deslocamento da práxis do colecionismo ao eloquente ambiente acadêmico.

Por vezes um documento (“escolha do historiador”), por outras um monumento (“herança do passado”) (Le GOFF, 2006, p. 526) e, assim, um patrimônio material constituído de patrimônios imateriais, posto que a materialidade do objeto encerra a imaterialidade do acontecimento pretérito. O fato que está aqui, diante dos olhos, em verdade, não está mais. O que está é, apenas, a rememoração de uma lembrança esquecida, um exercício em movimento, jamais estático, mas dinâmico e transmutável.

Por sua vez, um documento filatélico²¹ é qualquer e todo suporte ou tecnologia de informação que constitua o campo da Filatelia. O documento filatélico, no sentido sugerido por Buckland (1991, p. 351): “information-as-thing” (em português: “informação-como-coisa”) e defendido por Gleick (2011), é aquele em que a informação é materializada por meio de processos de produção institucionalizados, burocráticos e normativos.

Conforme Moreiro González (2005, p. 46) é no documento, em sua materialidade, no seu caráter físico, que a informação está registrada. Assim, tradicionalmente, todo e qualquer sistema de informação considera essa assertiva, a saber: “os arquivos e seus manuscritos, as bibliotecas e seus livros, os computadores e seus bits, os museus e seus objetos variados”.

Logo, é possível situar os documentos filatélicos como parte constituinte de um sistema de informação postal o que, em certa medida, também constitui o estatuto do selo postal, objeto de um “mundo de papel”, que reverbera aos tempos de “Krul em 1644” (OLSON, 1997, p. 210). Mas, também, situá-los como possibilidades de, “em meio as azáfamas do presente e as incertezas do futuro” (KAHLMAYER-MERTENS, 2013, p. 32), reencontrar aquilo que é do mundo humano, testemunhos figurativos de referenciais do passado.

No caso deste estudo, as administrações postais são as produtoras do documento filatélico. São, ainda, legitimadas pelas suas respectivas unidades políticas. Estas últimas, controlam, determinam e influenciam o regime de

²¹ Uma lista de documentos filatélicos e suas definições podem ser encontradas em obras de referência impressas (dicionários especializados), e em compilações de termos em páginas eletrônicas. Ainda não existe, em Português, uma obra específica, comentada e detalhada sobre as diversas e distintas tipologias documentais filatélicas, trabalho que merece publicação e divulgação ampla e irrestrita.

informação, propriamente dito, em que circulam e são consumidos esses documentos.

Pois bem, o documento filatélico, desde a sua gênese, emerge como resultado de relações e jogos de poder que, no decorrer do exercício de suas práticas, definem, nomeiam, mas, também, silenciam as possibilidades de “acontecimentos discursivos” (FOUCAULT, 2004, p. 58-59), nesse campo específico, ou seja, o postal ou, num campo mais abrangente, o da comunicação humana a distância.

É necessário que, nesta Tese, fique claro o posicionamento sobre a extensão e dimensão do conceito “documento”. Assim, de forma ampla, pensar um selo postal enquanto documento é entendê-lo como objeto de pesquisa ou estudo no campo das Ciências Sociais e Humanas naquilo que ele possui de “intrinsecamente humano e social” (SILVA, 2006, p. 51), produzido, circulante e consumido por meio de sua materialidade.

De maneira particular é lê-lo, não apenas como um signo semiótico (SCOTT, 1995; CHILD, 2008, GOLDEN 2012). Mas, como uma tipologia documental que, além de taxar, evidenciar, registrar, rememorar, celebrar, informar e comunicar constitui um conjunto maior de testemunhos figurativos.

Configura, pois, um acervo e registro memorial material e imaterial, uma documentalidade em devir, mas, também, um porvir de deslocamento de sentidos. Posto que, foi, é e continuará sendo o humano, unicamente ele, quem racionaliza sua forma de viver e, por conseguinte, cria as condições de que existam histórias, *locus* de registro e manipulação das memórias individuais e coletivas.

Constitui um circuito em fluxo constante de deslocamento de sentidos, em que pesem, por um lado, os momentos históricos, as pessoas, as instituições, as disputas e as forças dos acontecimentos, dos fatos, dos ditos e dos silenciamentos. Por outro, as propriedades que constituem uma dimensão conceitual do documento conforme sugere Frohmann (2004, p. 396-397), a saber: “materiality, institutionality, social discipline, and historicity”.²²

Esses conceitos dizem respeito às características ontológicas de documentos, que permitem reconhecer pistas, por eles, deixadas, ranhuras histórico-ideológicas. Logo, o selo postal é um documento que desempenha

²² Tradução nossa: “Materialidade, institucionalidade, disciplina social e historicidade”.

seu papel social, faz existir os circuitos por onde circula e tem o poder de manter tudo isso existindo.

Ora, este escrito não é nada mais do que a externalização da hipótese de que o selo postal é um objeto de comunicação visual, dentre tantos outros testemunhos figurativos, capaz de apresentar, (re)apresentar, representar e espelhar mundos, ao mesmo tempo em que atesta suas ausências.

Assim, o selo postal não é apenas mais uma técnica de armazenagem, arquivamento, aquisição, acumulação e difusão, mas, singularmente, uma técnica que assegura e assevera uma perda. Não seria assim com todo e qualquer documento?

Ao contrário do *status quo* que rege esta época, nos seus modos de ver, o pequeno pedaço de papel adesivo, nascido e imbricado em políticas e economias do visual no século XIX, apesar de atestar, indicar e inscrever o passado pode, por meio de um olhar crítico, servir como um mapa para o futuro.

Além disso, e no sentido de aproximar o objeto aos estudos na área de Comunicação, o selo postal é tanto uma taxa que legitima uma forma de comunicação, em que pessoas ou instituições estão distantes uma das outras, quanto um tipo de enunciado estatal e discurso político que é produzido, transformado, manipulado e consumido.

De fato, o selo postal é uma mídia de “conteúdo cultural” (BORGES, 2011, p. 16), que evoca mais interpretações do que concebe dados brutos de um acontecimento real. É, sem dúvida, um (contr)ato de comunicação situacional, textual, contextual e discursivo. Objeto partícipe e constituinte da Humanidade.

Por isso, não basta olhar um selo postal a partir de sua data de emissão ou da sua unidade política emissora, o que reduziria o olhar sobre alguns dos dados descritivos de sua superfície textual. Pois a materialidade do enunciado deve ser suscetível de repetições, reutilizações e ressignificações.

Essa materialidade deve obedecer a condições particulares, a regras discursivas, o que faz com que ele tenha, então, certo estatuto. Esse que lhe permita circular e servir, que lhe possibilite ser transformado, ser objeto de disputa, tema a ser investido, enfim, produzir ou não efeitos de sentidos.

Outro aspecto relevante do estudo do selo postal diz respeito ao uso da terminologia “unidade política emissora”, em detrimento de “país emissor” ou “nação emissora”,²³ visto que a unidade política é a responsável, inclusive sob uma visão jurídico-normativa, pela sua produção, emissão e distribuição.

Assim, todo e qualquer selo postal é emitido por uma unidade política, geopoliticamente definida, que inscreve elementos verbovisuais na superfície material do objeto para que possa ser identificada nacional e internacionalmente.

Vale salientar que durante algum tempo, principalmente entre 1840 e 1890, algumas unidades políticas emitiram selos postais sem inscrever seus nomes por extenso, mas, apenas, elementos pictóricos. No século XX, algumas instituições, que não podem ser consideradas unidades políticas, também emitiram selos postais.

Desde a sua gênese, em 1840, até os dias atuais, o selo postal é determinado, não apenas por intenções, desejos e padrões, mas por um repertório simbólico, por esquemas, por similitudes, por códigos social e historicamente construídos.

Um terceiro aspecto diz respeito ao conjunto de conceitos que lhe podem ser atribuídos, a saber: imagético-mediático²⁴, “texto”,²⁵ e “contexto”.²⁶ Assim, por meio dos olhares dos outros, que sejam fontes ou referências e, ainda, que explorem outras testemunhas figurativas, o olhar *no* e *sobre* o selo postal demanda certo tipo de relação e interação de desconfiança com aquilo

²³ Não existe uma nação ou um país que emite selos postais, mas uma unidade política, reconhecida geopoliticamente, participe de uma ordem internacional normativa e jurídica e que tem uma instituição específica e regulamentada para esse fim. Ainda, não seria totalmente inadequado falar de um país que emite selos postais, e assim o fazem os colecionadores, mas utilizar a terminologia “unidade política” elimina possíveis debates que escapariam aos interesses deste estudo.

²⁴ Para efeitos desta Tese e de estudos posteriores, a terminologia demandada e que parece adequada é “mídia”, na língua portuguesa ou seu equivalente “medium”, na língua inglesa. Considerar o selo postal um objeto de estudo de características imagético-mediáticas é, não apenas defender um posicionamento científico, mas colocá-las à prova. A terminologia foi apropriada das propostas teóricas de Luhmann (2005, p. 9) ao afirmar que a “comunicação é isso que viabiliza e que dá suporte, que permite a produção de conteúdos (formas). Ela é *medium* [meio], e os diversos suportes comunicacionais, são os *media* [meios]”. De Ranciére (2012, p. 80-81) que sugere o *medium* (em francês) como a possibilidade de “articular duas operações identitárias e contraditórias”, a partir de um fato pictorial. De Parry (2012, p. 7), que propõe aos estudos em Comunicação e Mídia a utilização do termo “mídia enquanto um substantivo que designa o veículo por meio do qual as palavras, imagens, informações e ideias são distribuídas”. E, de Baitello Júnior (2010, p. 104), que propõe, a partir de concepções que giram em torno de estudos como Aby Warburg, Harry Pross, Vilém Flusser, Dietmar Kamper e Hans Belting, que os objetos imagéticos urgem por uma teoria imagético-mediática com o intuito de explicar e situar o seu papel mediador, histórico, social e cultural. Cabe dizer, que fiquei feliz ao descobrir que num recente Projeto de Pesquisa (2012), o autor considera o selo postal enquanto objeto que cabe nessas reflexões.

²⁵ Mitchell, 1987; Barthes, 1987, 1990, 2010; Eco, 1984, 1987, 2005; Fontanille, 2005; Santaella e Noth, 2005; Santaella, 2005; Braith, 2012.

²⁶ Bakhtin, 2003; Charaudeau, 2009; Van Dijk, 2012.

que está diante da visão do observador: um olhar do tipo contemporâneo que demanda pressa, superficialidade e definição acrítica. Logo, um olhar ético *no* e *sobre* o selo postal demanda menos velocidade, instantaneidade e superficialidade e mais paciência, atenção, profundidade e afeto.

Expostas algumas escolhas que nortearão o escrito, em que pese a intenção primeira desta Tese mencionada na seção anterior, o seu objetivo é explorar o selo postal por meio de olhares, leituras e reflexões profundas, articulando com alguns apontamentos que derivem dos estudos teóricos sobre a Linguagem, o Discurso e a Imagem (seção 2), considerando, ainda, aquilo que reconhecidamente o antecede (seção 3), com um olhar *no* e *sobre* o objeto (seção 4), para, por fim, realizar uma autoreflexão com relação ao surf da onda, propriamente dita.

De certa maneira, existe uma intenção, mesmo que mínima, de aproximação e contribuição com a proposta de uma Teoria Imagético-mediática, sugerida por Baitello Júnior²⁷ (2010, p. 11), na qual uma “tentativa de leitura em profundidade, muito além das superfícies e muito além do imediatismo apressado” deve ser uma prática constante do pesquisador que lida com objetos visuais, no sentido mais amplo possível.

Desde essa proposta teórica, com contínuas reflexões sobre o selo postal e outros objetos imagético-visuais, talvez, seja possível, contribuir à solidificação de uma base teórica que comporte a questão sobre o que são as imagens, o que significa denominá-las mediáticas, quais transformações contemporâneas elas estão sofrendo e, por outro lado, como participam e contribuem para transformar o próprio lugar que ocupam.

Um agir humano de interação contextualizada que revivifica, em cada momento interpretativo, de acordo com as possíveis clarezas e ambiguidades, a problemática do próprio texto, do selo postal, mas, também, do sê-lo. *Ver em* é uma prática e um fenômeno que possibilita a materialização do Discurso Filatélico, o contexto que há em cada texto, o sê-lo que há em cada selo postal interpretado, ou seja, um exercício do olhar que alude a uma “ética do ver”

²⁷ Particularmente, estudar e refletir sobre imagens versa menos sobre uma conceitualidade que as explique e mais sobre responder a uma pergunta: por que a imagem é uma questão? Um Projeto desafiador que, ao contrário do que tem sido prática nas pesquisas com objetos visuais, no sentido de tentar resolver as perguntas com conceitos que não chegam, comportam ou constituem os objetos estudados, pode olhar os objetos visuais de outra forma: experienciada.

(SONTAG, 2004, p. 13). O exercício visual *no e sobre* o selo postal é problemático e exige esforço.

Assim, existe o momento da concepção do selo postal. Instante em que cada peça emitida é um objeto único resultante de sua matriz figurativa. Nesse momento, tem uma aura, no sentido de tornar-se visível, pois está fundamentalmente relacionada com transformações artísticas e enquanto categoria estética. É, antes, objeto raro e singular para, depois, em outro momento, inevitavelmente, ser transformado produto de receita para alguns e de consumo para outros.

De fato, essa taxa, um suporte documental que tem um valor de moeda, contribui para um mercado postal e filatélico que atinge a cifra de bilhões de dólares anuais, seja para os cofres das unidades políticas emissoras, seja para os leiloeiros e comerciantes filatélicos, todos usufruindo, então, do que hoje Meira (2012, informação eletrônica) denomina “mercado digital”.

Mas, antes, possibilita que o objeto artístico, no sentido hubermaniano, seja certo distanciamento e, ao mesmo tempo, invasão, entre aquele que olha e aquilo que é olhado, enquanto forma presente que precisa de um espaçamento vazio entre o olho e o selo.

O selo postal interage de forma “transtextual” (GENETTE, 1985, *apud*, SARFATI, 2010, p. 62), com outros artefatos culturais²⁸, participa na constituição de acervos públicos e de foro íntimo, mantendo os traços daquilo que, neste estudo, é considerado um tipo de fragmento-imagem²⁹ de um vasto *continuum* cultural humano.

Em certa medida, uma das características do selo postal é poder pertencer, contribuir e ser relacionado, tanto a uma cultura material (demais artefatos culturais), quanto a outros selos postais e documentos filatélicos constituindo, dessa maneira, um acervo postal, quer seja no mundo privado de

²⁸ O conceito de cultura é apropriado da Antropologia Cultural (Sociocultural como é conhecida hoje), no sentido sugerido por Barrio (2005, p. 21) em que há uma preocupação no estudo das “obras materiais e sociais que o homem criou através de sua história e que lhe permitiram fazer frente a seu meio ambiente e relacionar-se com seus congêneres”, ou como propõe a interpretação de Santaella (2004, p. 43) em que “a cultura está relacionada com ações, ideias e artefatos que os indivíduos numa dada tradição aprendem, compartilham e avaliam”, ou, por fim, num sentido em que situa esse conceito enquanto prática humana de intervenção e interferência sobre um objeto ou dado natural qualquer, modificado com o intuito de participar numa relação social qualquer.

²⁹ A ideia de “fragmento” pode ser confrontada com a ideia de “detalhe”. A dialética possível entre esses termos foi estudada por LISSOVSKY (1995), ao aprofundar suas leituras sobre alguns textos de Walter Benjamin que, por sua vez, foi influenciado pelo texto *Princípios de Filosofia ou Monadologia* de Wilhelm Leibniz (1987), no qual essas duas ideias são exploradas e explicadas de forma aprofundada.

um colecionador, quer seja no espaço público de uma exposição museológica ou filatélica.

Figura 4 – Mundo privado do colecionador



Figura 5 – Espaço público de exposição: São Paulo, Brasil



Fonte: Nono Encontro Paulistano de Filatelia (CORREIOS, 2010)³⁰

Figura 6 – Espaço público de exposição: Londres, Inglaterra



Fonte: Stampex (PHILAFRENZY, 2011)

³⁰ Página eletrônica da ECT: <www.correios.com.br>.

Observar alguns desses problemas é condição essencial para que seja possível um *ver em*, que possibilite compor contextos a partir de certas pistas, trazendo à tona a intertextualidade inerente ao processo de relacionamento e deslocamento que ocorre com esse objeto desde meados do século XIX.

Seja na constituição de um acervo, de uma coleção. Esteja ele com ou sem carimbo³¹, sobretaxado³², sobrecarregado³³, colado ou não em algum envelope³⁴. Seja ele utilizado para enviar missivas, para adornar a parede de uma sala de estar, esteja ele emoldurado num quadro, seja ele propaganda numa vitrine de loja de um centro comercial, por fim, constitua um Doodle.³⁵

Tudo isso, e muito mais, importa. No entanto, é mais desafiador ver esse objeto como marca, não no sentido da Publicidade ou do Marketing, mesmo que caiba alguma relação, mas como indício de registro de acontecimento,

³¹ “Peça metálica, de madeira, borracha ou cortiça, com gravação, utilizada com a finalidade precípua de tornar o selo impróprio para novo uso. Os carimbos ditos de expedição costumam trazer indicativos do nome da localidade, data e, em certos países, até a hora da postagem da correspondência. ‘O carimbo é o aliado do selo e, com ele, documenta a história, as comemorações, os fatos importantes de um país e anda situa no tempo e no espaço a emissão do selo’” (QUEIROZ, 1988, p. 60; MACHADO; QUEIROZ, 1994, p.36). Além de ser um objeto, uma tecnologia de informação, o carimbo é um tipo de marca postal. Queiroz (1988, p. 189) e Machado e Queiroz (1994, p. 121) atestam que a “marca postal é utilizada pelos Correios para assinalar uma operação postal. Muito antes do aparecimento do selo, já eram usadas as chamadas marcas postais, que não tinham, é bem verdade, a finalidade de obliterar e anular o que quer que fosse, mas funcionavam como sinais indicativos quando aplicadas na correspondência”. Sobre a classificação das marcas postais, Meyer (2013, p. 15) sugere: “POSTAIS – quando uma instituição realiza o serviço: missivas reais ou regenciais (antes e depois do Correio-Mor), marcas de isenção de porte e marcas pré-filatélicas; NÃO POSTAIS – quando o serviço é realizado por pessoas destacadas ou em ocasiões especiais: missivas enviadas durante conflitos, revoluções, por escravos e em situações de calamidades públicas”. Carimbar um selo postal é o mesmo que cancelar, obliterar, anular ou inutilizar a sua função social primeira: taxar um serviço de correspondência. Assim, o selo postal sem carimbo é considerado “novo”. O selo postal carimbado é considerado “usado”. Apenas a administração postal pode carimbar um selo postal no sentido de inutilizá-lo. Para muitos colecionadores, o selo postal usado, aquele que recebeu um carimbo, é uma peça com atributos que demanda e evoca um olhar mais atento, possibilitando a emergência de interessantes estudos num campo denominado *Carimbologia* (estudo de carimbos postais) e *Marcofilia* (estudo das marcas postais). Distintos e diversos são os tipos de carimbos utilizados pelas administrações postais, a saber: “comemorativo, censura, controle, cortiça, expedição, de favor, de primeiro dia, propaganda, recepção, falante, marítimo, militar, mudo, numeral, de serviço, do império, especiais, literais, franquidores, numéricos etc.” (QUEIROZ, 1988, p. 60-63; MACHADO; QUEIROZ, 1994, p.36-38). Cabe resgatar, ainda, o trabalho de Miller (2008) em que defende que o carimbo pode ser estudado sob os conceitos da Arqueologia. Mais ainda, cita o autor: “cito o carimbo postal como exemplo de patrimônio histórico totalmente negligenciado. Precisamos de sua ajuda para conservar o seu patrimônio histórico e memorial”. Isso, de certo, se aplica ao selo postal e outros documentos filatélicos.

³² “Valor suplementar, impresso sobre o valor normal de um selo, podendo ser aplicado para modificar o valor instituído, em acréscimo, com a finalidade de obter fundo extra, por vezes beneficente” (QUEIROZ, 1988, p. 274; MACHADO; QUEIROZ, 1994, p. 177).

³³ “É um texto ou palavra posteriormente aplicado sobre determinado selo, podendo servir para assinalar um acontecimento, reabilitá-lo para novo uso ou função, enfim mudar a finalidade a que estava destinado” (QUEIROZ, 1988, p. 273; MACHADO; QUEIROZ, 1994, p. 177). Por sua vez, uma “sobrecarga invertida”, aquela aplicada em posição inversa a do selo postal, que num primeiro momento pode parecer um erro de impressão, uma peça defeituosa, é valorizada pelos colecionadores.

³⁴ No campo do colecionismo, estudo, mercado e exposição filatélica, os termos “sobrescrito”, “sobrecarta” e “invólucro”, também podem ser utilizados como sinônimos do termo envelope.

³⁵ O “Doodle” consiste em modificações que são feitas no logotipo do Google. São utilizadas tanto para celebrar feriados, aniversários e as vidas de cientistas e artistas famosos, como objetos virtuais de coleção. Ver a quarta seção.

não, apenas, materialmente histórico, mas discursivo, mnemônico que revive e ressignifica certo *habitus* no deslocamento cotidiano. Antes de ser um objeto de consumo, desperta a curiosidade, interpela o olhar, rememora a lembrança do esquecido.

Esse objeto, ao ser olhado respeitosamente, mais do que ser um mero artefato de ordem lúdica ou uma simples taxa a ser paga aos Correios, permite o reflexo de uma identificação, de elaboração de uma autoimagem (*self* = sê-lo), seja do indivíduo, de um grupo de indivíduos, de uma comunidade, de um Estado ou de uma instituição. Pois que, está depositado, em si, o *Self* de cada agente social que o pensou, criou, produziu e consumiu.

Feita certa adaptação e apropriação, a assertiva de Mauad (2002, p. 7, grifo nosso) corrobora e dá suporte ao que foi exposto anteriormente:

materiais da memória coletiva, [os selos postais] são monumentos, na medida em que, para além da simples descrição, traduzem valores, ideias, tradições e comportamentos que permitem tanto recuperar formas de ser e de agir dos diferentes grupos sociais [das pessoas e das instituições], em diversas épocas históricas, como também, operar sobre as representações que deles, ainda hoje, perduram a atuam como elemento de coesão social para seus descendentes.

Do que foi posto até agora e admitindo que certas escolhas tiveram que ser feitas, dois aspectos fundamentais não podem escapar ao olhar escrutinador e ético, em que pese certa dose de atenção: a primeira postula que o objeto selo postal é uma representação estática, figurativa e que remete ao passado. A segunda diz respeito ao fato de que o objeto selo postal é, sobretudo, uma imagem, um objeto de comunicação visual, uma imagem-mediática.

As escolhas apresentadas nesta seção têm duplo sentido. Foram necessárias para guiar o leitor no caminho que foi traçado pelo escritor, mesmo que exista sempre a liberdade de desvios do leitor, enquanto lê. Foram, ainda, circunstâncias, visto que existiu um contexto no decorrer da caminhada - da onda surfada. Escolhas que mudaram os modos de ver o mundo, as coisas, os objetos e o *Self*.

Por fim, as inúmeras possibilidades de abordagens teóricas, assaz tentadoras, não foram negligenciadas, mas, apenas, não seguidas. Talvez, seja uma maneira de estudar e pesquisar que aproxima aquilo que já era, segundo Masip (2001, p. 30), o problema da *aporía* de Zenão: “uma situação sem

saída”. Ou seja, o *ver em, no e sobre* um selo postal, é um modelo fechado e, ao mesmo tempo, aberto. Destarte, houve um esforço para que os conceitos e as fontes, aqui utilizadas, numa medida coerente, dessem conta de surfar esta onda de forma adequada, satisfatória e, sobretudo, prazerosa.

2 SELO POSTAL É MEIO DE COMUNICAÇÃO

Figura 7 – Selo do quadro “As meninas”



A informação que nos chega do mundo visível é tão complexa que nenhuma figuração jamais poderá verte-la integralmente. Isso não se deve à subjetividade da visão, mas à sua riqueza. O que nos interessa não é o registro fiel de uma experiência visual, mas a construção fiel e um modelo relacional (GOMBRICH, 2007, p. 78).³⁶

E, no entanto, como poderíamos deixar de ver essa invisibilidade, que está aí sob nossos olhos, já que ela tem no próprio quadro seu sensível equivalente, sua figura **selada** (FOUCAULT, 2002, p. 4, grifo nosso)?

Explicadas as escolhas que nortearam o surfar da onda é salutar recuperar as duas principais questões da pesquisa. Como indicar que o selo postal tem seu lugar enquanto objeto de pesquisa em Comunicação e, assim, propor esse *locus*? Até que ponto olhar, pensar e explorar o selo postal, propriamente dito, permitiria explicar ou revelar o seu estatuto, contribuindo, assim, para responder a pergunta anterior?

De fato, foram essas indagações que geraram a motivação para surfar mais esta onda, ou seja, nortearam um traçado possível que tomou forma, a partir desta seção, com o intuito de indicar um aparato teórico que contemplasse e, ao mesmo tempo, constituísse o estatuto do selo postal adesivo e seu lugar de pesquisa em Comunicação.

A opaca visão de alguns, talvez em expressivo número no campo acadêmico, não invalida, nem mesmo cientificamente, que os olhares contemporâneos possam ser ajustados rumo às liberdades e imaginações

³⁶ Ver, analogamente, o elogio que Ginzburg faz às proposições de Gombrich, em: GINZBURG (2011, p. 84).

criativas em que seja atestado o estatuto desse secular e sofisticado objeto tecnológico humano.

Não menos relevante e essencial seria considerar que o selo postal é, sob uma visão sócio-cultural, um recurso imagético-mediático, uma tecnologia de informação, uma mídia, um documento/monumento (LE GOFF, 2006), registro mnemônico e, sob uma visão política³⁷, um aparato ou ferramenta institucional, ideológico e instrumental de posicionamento discursivo e difusão imagética das unidades políticas emissoras.

Desde 1840 até hoje, o selo postal foi e é utilizado como representação dos feitos humanos, para o bem e para o mal, serve aos propósitos econômicos dos sistemas de comunicação postal, atende às necessidades de agentes sociais dos mais diversos, participa e contribui, na contemporaneidade, ao que este estudo indicará como o advento da Filatelia Digital³⁸, assunto que será explorado na quarta seção.

Um artefato que demanda, de forma parcimoniosa e cortês de seu “observador” (CRARY, 2012), deixar transparecer os inevitáveis e necessários conflitos da ordem dos violentos fenômenos da visualidade e visibilidade contemporâneos regidos por uma iconofágica natureza da imagem (BAITELLO JR., 2005). Sim, o selo postal é, sobretudo, comunicação visual, ótica silenciada do imaginário coletivo, justificadamente herança e acervo documental de significativa valia do passado que pertence ao presente.

O selo postal é um objeto de estudo que demanda olhares críticos e questionadores na área de Comunicação e em outras áreas como História, Geografia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Estatística, Física, Museologia, Arquivologia, Biblioteconomia, Filologia, Arqueologia, Paleografia, Design, Artes Plásticas, Cultura Visual, Estudos Culturais, Pedagogia, Direito e Computação.

³⁷ As obras de Dennis Altman (1991), e Jack Child (2008) exploram essa dimensão. Estes dois escritos foram um dos poucos publicados, internacionalmente, em que dois professores e pesquisadores olharam criticamente o selo postal e sua importância imagético-mediática, contribuindo sobremaneira às reflexões incipientes com relação a esse documento.

³⁸ O que é entendido por Filatelia Digital, assunto que será explorado na quarta seção, não poderia faltar. Pois, trata, justamente, do deslocamento de sentidos e das regras de produção, circulação e consumo do selo postal, enquanto taxa postal, para o campo do digital. Por um lado, as informações essenciais de um selo postal passam a ser reconfiguradas por softwares, resultando, assim, na forma de códigos binários denominados “Datamatrix”, eliminando a possibilidade de visualização de elementos verbosuais, particularmente nos selos postais do tipo comemorativo. Pelo outro, indica uma nova prática de personalização de selos postais, por meio de uma articulação com técnicas fotográficas, em que a administração postal oferece um produto personalizado ao cliente. Uma convergência, ainda, inexplorada.

Ver o selo postal de maneira respeitosa e ética, enquanto objeto de pesquisa imagético-mediática, requer não apenas uma atitude escrutinadora sobre os elementos pertinentes que constituem a sua imanência textual, por exemplo: identificar, descrever e analisar a frase-motivo e a imagem-motivo.³⁹

Mas, principalmente, uma postura imaginativa e criativa que recupere aquilo que o objeto evoca, um olhar mobilizado pela sua natureza própria, ainda, pistas e traços que façam emergir, dessa naturalidade, as ranhuras por onde tece sua história.

Observá-lo enquanto conjunto a partir das chamadas tiras ou blocos comemorativos, que podem demandar uma aproximação aos estudos das histórias em quadrinhos (HQ's), tiras e cartilhas. Considerar as múltiplas e distintas recorrências temáticas que podem ser identificadas, analisadas e interpretadas, talvez e de forma bem próxima, sob a visão das Culturas Visuais.

Figura 8 – Frase-Motivo (legenda), e Imagem-Motivo (vinheta)



Figura 9 – HQ's ou tiras em selo postal⁴⁰



³⁹ A *frase-motivo* pode ser entendida como um tipo de 'legenda'. Em certa medida, a *frase-motivo* tem o papel de direcionar a leitura. Por vezes como explicação ou comentário, ou ainda como título. Se o leitor utilizar unicamente a *frase-motivo* como indicação temática de um selo, o seu olhar poderá ser bastante reduzido, não deixando emergir outras 'verdades' que constituem a *imagem-motivo*. Por sua vez, a *imagem-motivo* pode ser compreendida como um tipo de 'ilustração'. É nela que está a maior parte do 'poder comunicativo'. O que primeiro salta aos olhos é ela. Depois vem a *frase-motivo*. A própria limitação linguística da *frase-motivo*, que apenas pode ser escrita em uma única língua, passa, automaticamente, todo o poder de comunicação à *imagem-motivo*, em que pese a relação entre os elementos lineares e pictóricos".

⁴⁰ É relevante lembrar que esta série de selos postais constitui um gênero filatélico que está muito próximo do gênero denominado, por Ramos (2010, p. 21), de "quadrinhos (cartuns, charges, tiras seriadas)", mas, também dos gêneros mangá, gibi, cartaz, cartilha, carimbo, fotojornalismo seriado, cartão postal, bilhete, postal e inteiro postal.

Olhar a possibilidade de estudá-lo sob aquilo que guia o seu leitor no que diz respeito à prática cívico-jurídica, enquanto um “instrumento de tutelamento” (GOMES, 2003, p. 157), de “opressão” (FREIRE, 1987, p. 58), ou, ainda, de “educação” (COSTA, 2005, p. 21, ROSSI, 2006, p. 30; HERNANDEZ, 2007, p. 10).

Figura 10 – Tutelamento



Figura 11 – Opressão



Figura 12 – Educação



Os selos postais preservam e difundem, transmitem e armazenam um repertório de temas e “esquemas” (GOMBRICH, 2007, p. 263), que aí estão, desde 1840, para ser profundamente explorado ou, ainda, como uma útil maneira de “celebrar ou protestar” (RAENTO; BRUNN, 2005, p. 145, tradução nossa).⁴¹

Figura 13 – Protesto



Figura 14 – Celebração



Enquanto discurso, o selo postal é, antes de tudo, um enunciado constitutivo de dois pólos, o “dado” e o “criado”. Aqui, e nesse sentido, o conceito de “esquema” gombrichiano encontra os conceitos de “dado” e “criado” bakhtiniano, posto que, seja num objeto artístico ou num selo postal, seja na

⁴¹ Texto original: "they are useful to celebrate or protest".

fala, seja em qualquer gênero textual enfim “num todo de sentidos”, “alguma coisa criada sempre é criada a partir de algo dado” (BRAIT, 2012, p. 16).

Mesmo que apenas esbocem pistas e indiquem caminhos. Selos postais, assim como as missivas postais, os carimbos ou os objetos estudados no campo da Numismática e Heráldica podem ser veículos de legitimação de poder e, ao mesmo tempo, de resistência ao poder. Então, olhar o selo postal demanda, também, olhar o que não está ou é, observar o que pode estar além e silenciado, considerar o que é íntimo, mas não salta aos olhos. Por fim, olhar-se.

Figura 15 – Narciso e seu reflexo na água



Dito isso, duas posturas do pesquisador merecem atenção. A primeira seria considerar o selo postal num sentido postulado por Martino (2003, p. 86), em que o selo postal não deve ser visto, apenas, “como coisa, empírico em si”, ou como sugere Aguiar (2010, p. 185), como objeto “transparente, em si e por si mesmo, unívoco e linear”, mas porque diz respeito a uma atitude não naturalizada por parte do pesquisador. Essa atitude ou posicionamento do pesquisador alude, em certa medida, à epistemologia bachelardiana.

Figura 16 – Gastón Bachelard



Nela, o pensamento científico teria a capacidade de criticar as ideias ou visões ingênuas, naturalizadas, com vistas ao avanço do conhecimento científico, propriamente dito. Assim, “na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. Para o espírito científico [...] nada é evidente [...], nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p. 18).

Então, ao considerar o selo postal um objeto de estudo, em particular, na área de Comunicação, o pesquisador pode, *a priori*, ultrapassar a visão ingênua, naturalizada, simplista, aquela de uma experiência primeira e mundana, cotidiana e ordinária como acontece com grande parte da população.

Pode assumir, em certa medida, que ver é também incluir o que falta, pois o fazer científico é o conjunto dos dados, das observações, das experiências, mas, também, dos dados que faltam, das observações que não foram feitas e das experiências que não foram experimentadas.

Trata-se, justamente, do empreendimento de “um novo espírito científico”, a partir do qual novas visões são construídas, novos objetos de estudo são trazidos à tona, questionados, retirados de sua aparente obsolescência, postos à prova nos espaços dos discursos científicos. Destarte é o caso do selo postal, em particular, e do Discurso Filatélico⁴², em geral.

A segunda postura seria a de pensar o selo postal enquanto uma mídia que demanda identificar múltiplos e distintos níveis de comunicação, de relação, de interação. Nesse sentido, algumas propostas teóricas podem ser úteis.

A de Thompson (2011, p. 12, grifo nosso), ao afirmar que são “os meios de comunicação [mídias] que estão inextricavelmente ligados às formas de ação e interação que os indivíduos criam e das quais participam ao usar esses meios”. Também, a de Fairclough (2008, p. 66), em que o discurso contribui para todas as instâncias, esferas e “estruturas sociais”, transformando e ressignificando relações entre objetos e indivíduos.

E, por fim, mas não apenas, a proposta de Gómez (2022, p. 34), em que

uma formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus

⁴² Assunto que é superficialmente mencionado neste estudo, mas que merecerá, em outro momento, uma atenção aprofundada e debatida no cerne acadêmico.

dispositivos de preservação e distribuição. [...]. Um ‘regime de informação’ constituiria, logo, um conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos.

O próprio ato comunicativo não deve ser isolado de sua experimentação, de seu regime informacional. O selo postal é uma mídia produzida, distribuída e comercializada pelo Estado, por meio de regras oficiais e institucionalizadas, de forma normatizada e padronizada.

Cabe, então, nos estudos em Comunicação posicionar o selo postal na “inter-relação entre emissor-receptor” como sugere Baccega (2007, p. 79), ou ainda, entre “sujeitos falantes (locutor e interlocutor)”, conforme aponta Charaudeau (2009, p. 67), e em tudo que implique esses tipos de relação e interação.

No entanto, também extrapolar esse esquema inter-relacional para tentar olhar, como sugere Machado (2006, p. 74), sobre uma “orientação cultural que vai do texto ao texto, do discurso ao discurso”, tema que ainda merece reflexões. Olhar, tudo que está inscrito nessa relação enquanto função comunicativa baseada na linguagem que, por sua vez, é a mediadora cultural em excelência, lócus em que são criadas as condições de possibilidade das interações.

Figura 17 – Interação e Comunicação.



Assim, como foi mencionado nas sessões anteriores, três elementos são essenciais e não podem escapar ao olhar *no* e *sobre* o selo postal, a saber: linguagem, discurso e imagem. Sob essa visão, o selo postal não apenas cabe ou pode ser estudado no campo da Comunicação, mas, em certa medida, deve ser incluído enquanto objeto de disciplinas específicas.

Por exemplo, relações entre selo postal e fotografia. Ou, talvez, entre selo postal e os estudos imagéticos relacionados à História das Artes, Memória e Patrimônio.

Figura 18 – Foto em selo



Figura 19 – Pintura em selo



Figura 20 – Memória em selo



Figura 21 – Patrimônio



A inter-relação entre selo postal e cartões-postais; selo postal e Numismática⁴³; selo postal e Pedagogia, em que demande a utilização de mídias imagéticas no ensino sobre as mais variadas culturas humanas, e, assim, fazê-lo objeto de estudo na recente área das Culturas Visuais e proporcionar novos modos críticos de ver às novas gerações.

⁴³ A relação entre o selo postal e a Numismática vai além da representação de moedas e cédulas em selo ou da emissão de selos postais, cédulas e moedas com a mesma *themata*. O que será explorado e indicado, mais adiante, é o fato de que o selo postal é mais um gênero que tem aproximação com os papéis moeda, do que um gênero epistolar, propriamente dito.

Figura 22 – Intertextualidade: selos, carimbos e cartão-postal



Fonte: Silva (2009)

Figura 23 – Valor de Moeda



Figura 24 – Pedagogia em selo



Figura 25 – Imagem em sala de aula



Pensar o objeto como sendo estético, estésico e imagético, semiológico e semiótico. Situa-lo, atualmente, no plano da convergência, admitindo a presença de uma cultura filatélica digital, dentre outras tantas culturas do visível que, diária e rotineiramente, desafiam em profusão a sua leitura e, ao mesmo tempo, adquirem em escala exponencial especificidades e densidades em diversos e distintos espaços de produção e consumo de conhecimentos.

Figura 26 – Selo postal, pixels e Datamatrix



Figura 27 – Filatelia Digital: convergências⁴⁴

Destarte, algumas análises são possíveis. Uma delas poderá considerar, por exemplo, o estudo da relação entre uma unidade política emissora (que, também, pode ser uma instituição como a Organização das Nações Unidas (ONU)⁴⁵, e os diversos e distintos agentes sociais, quais sejam: usuários dos serviços postais dos correios; os próprios funcionários dos Correios e de instituições correlatas como a Casa da Moeda e o Ministério das Comunicações; ajuntadores, colecionadores e filatelistas;⁴⁶ jornalistas filatélicos; comerciantes filatélicos; estudantes, professores e pesquisadores; artistas plásticos, expositores, designers etc.

⁴⁴ Ver tópico 4.3 para um debate do selo postal no século XXI.

⁴⁵ A Organização das Nações Unidas (United Nations, em Inglês) tem o privilégio de emitir os seus próprios selos postais desde 1951, quando o colecionador e embaixador argentino e, então, Presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, José Arce apresentou um Projeto de Resolução à Assembléia Geral do dia 28 de agosto de 1947, que resultou posteriormente na assinatura de um acordo entre o Departamento Postal dos Estados Unidos da América e a ONU, em 28 de março de 1951. Desde então, toda correspondência remetida da ONU para qualquer destino não utilizaria selos postais dos Estados Unidos, mas aqueles emitidos por ela própria. O acordo incluiu a criação da Administração Postal das Nações Unidas (em inglês: United Nations Postal Administration - UNPA), que emitiu seu primeiro selo em 1951, como mostra a figura 29, a partir de uma norma de padronização que perdura até os dias atuais, a saber: os selos da ONU são desenhados “por artistas escolhidos entre 800 profissionais de mais de 30 países, que participam de um concurso mundial para cada emissão” (ADMINISTRAÇÃO POSTAL...1976, p. 16). Ainda, cada e todo selo deve ter escrito o nome da ONU em cinco idiomas, como indicam as cinco setas vermelhas: Inglês, Francês, Russo, Chinês e Espanhol. Os selos emitidos na sede da ONU, em Nova York, têm valores em dólares americanos. Os emitidos na Suíça têm os valores em francos suíços e em Viena, Áustria, tem valores em Xelim. A coleção completa das emissões de documentos filatélicos das Nações Unidas é cobiça dos mais ricos colecionadores do planeta, um movimento que teve início no final do século XXI, por volta de 1980, quando a instituição já havia emitido cerca de “400 documentos” (CIVITA, 1988, p. 332). Página eletrônica da ONU: www.un.org e da UNPA: <http://unstamps.un.org/unpa/index.html>.

⁴⁶ Considerando o caráter didático deste estudo, cada um desses termos tem uma acepção distinta. O “ajuntador” coleta, junta e guarda sem estabelecer padrões de organização e tratamento, no entanto esses objetos são potenciais objetos de coleção. O “coleccionador” faz o mesmo que um ajuntador, mas já tem bem definido uma gestão de tratamento, organização, preservação e temática da coleção. Neste caso, surge o elemento afetivo com relação ao objeto da coleção. O “filatelista” é especialista em colecionar selos postais e outros documentos filatélicos, além de estudar seus mínimos detalhes, atuar como expositor, jornalista filatélico, jurado em exposições filatélicas, avaliador de coleções e, por vezes, torna-se um comerciante filatélico devido ao seu vasto conhecimento teórico e prático nesse campo.

Figura 28 – Primeiro selo das Nações Unidas⁴⁷

Outro nível de análise poderá considerar a emissão do selo postal que dirá respeito ao ato comunicativo político-ideológico que acontece entre duas unidades políticas emissoras. Por exemplo, as emissões da Argentina e da Inglaterra, em que a soberania sobre um mesmo território é posta em voga, no caso as Ilhas Malvinas ou Falkland Islands (CHILD, 2008). Emitir esses selos postais, antes e depois dos conflitos, tem sentidos e significados, e são narrativas imagéticas que merecem um olhar crítico dos estudos em Comunicação e áreas afins.

Figura 29 - Islas Malvinas



Figura 30 - Falkland Islands

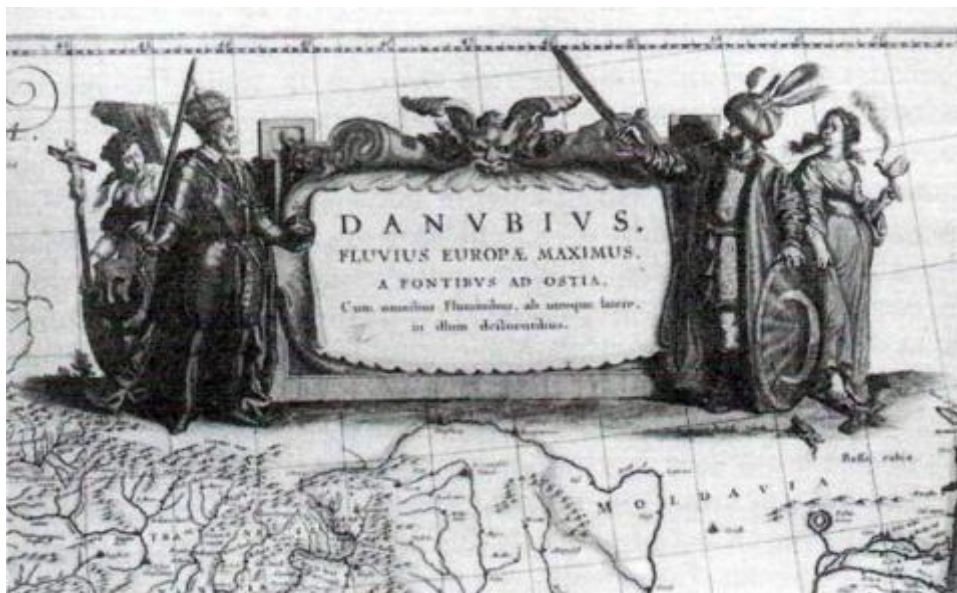


Neste caso, outro elemento caracteriza uma intertextualidade que pode enriquecer o estudo do documento postal: o próprio mapa. Assim como na arte de um selo postal, durante séculos foram feitas distorções intencionais de conteúdo dos mapas. Os cartógrafos, de igual modo os gravadores, desenhistas, artistas e designers de selos postais, não detinham total liberdade de expressão artística.

⁴⁷ Primeiro selo postal emitido pelas Nações Unidas, no dia 24 de outubro de 1951, baseado na pintura do britânico Olive C. Meronti, intitulado “Peoples of the World” (em Português, “Pessoas do Mundo”). “O tema sugerido ilustra cinco pessoas rendidas, representando as raças humanas, guiadas pela libertação iluminada do emblema das Nações Unidas, sobre uma próspera e pacífica cidade” (THE PRINTING...2010, tradução nossa).

Ambos, mapas e selos postais silenciam⁴⁸, pois, discursivamente, as relações de poder que determinam as respectivas especificações técnico-artísticas. As regras que estabelecem essas relações podem ser manipuladas por um soberano, uma pessoa com influência político-econômica, pela burocracia de alguma unidade política e, por sua vez, no caso do selo postal, pela administração postal responsável, também, pelo próprio poder de especulação do mercado, adaptando as projeções e escalas, modificando sinais, a topografia, as cores etc.

Figura 31 – Fragmento de mapa do Danúbio e elementos verbovisuais de conflito⁴⁹



Fonte: Harley (1988, p. 298)

Assim como um mapa, o selo postal constitui e configura uma característica de situacionalidade. Assim, esse documento situa e permite que seja localizada a unidade política emissora e a sua respectiva administração postal numa disputa geopolítica.

Mais ainda, esse pequeno pedaço de papel diz respeito, em certa medida, a um tipo de influência sobre as “modalidades e percepção que

⁴⁸ O sentido do silêncio que pode interessar ao estudo seria aquele proposto por Orlandi (2007, p. 23), em que o silêncio significa, posto que é “o não-dito visto do interior da linguagem”, sendo o caso das relações de poder na elaboração artística de selos postais e mapas, por exemplo.

⁴⁹ Segundo Harley (1988, p. 298, tradução nossa), “O conflito está resumido na moldura que acompanha o mapa do Danúbio em *Mayor o Geographia Blaviana, Vol.3: Alemania* (Amsterdam, 1662). O Santo Imperador Romano-Germânico (à esquerda), revestido de emblemas do poder e da fé cristã, enfrenta o Sultão infiel, inimigo da Cristandade e profanador da cruz”. Sobre a “Representação do mundo em mapas”, ver Olson (1997, p. 211).

intervêm na abordagem e na exploração desse mundo de papel” (OLSON, 1997, p. 10), que é, por excelência, o mundo da escrita e de seu registro.

Muitos outros níveis são inerentes ao estatuto do selo postal enquanto objeto de pesquisa: ver, ler e entender as linguagens verbovisuais que compõem os sentidos de expressão e conteúdo; identificar, analisar e interpretar discursos “unifocais e plurifocais” (MAINGUENEAU, 2008, p. 20), entendendo que existe uma finalidade fundamental na emissão de um selo postal, a divulgação de um ou vários conteúdos por meio enunciativo. Olhar respeitosamente o objeto para estabelecer as relações e interações imagéticas, em cada peça, num conjunto de peças e na interação com o leitor.

Essa finalidade tem algo de segredo, um dito invisível, uma visualidade inalcançável. O selo postal é um objeto de comunicação visual que encerrado num enquadramento que remete, não apenas aos possíveis e identificáveis padrões de intenção (BAXANDALL, 2006) ou esquemas (GOMBRICH, 2007), mas, certamente, remontam a uma realidade complexa não experimentável diretamente.

Nesse sentido, formula Wunenburger (2007, p. 23), “apreender o sentido da imagem implica, por conseguinte, para além do sentido imediato, um desvelamento do sentido indireto e oculto do qual só uma parte superficial está presente”. De certa maneira, a intenção e o testemunho registrado em cada peça são inseparáveis, componentes de um binômio indivisível, mais um registro do visível do que um raio-X do factual (KOSSOY, 2003; 2009).

Logo, será que é possível pensar o selo postal, e outros testemunhos figurativos, todos constituintes e produtos de culturas visuais humanas, como maneiras de sintetizar o mundo por meio de práticas históricas que buscam materializar o poder e hierarquizar essa mesma materialidade?

É, pois, sobre a inseparabilidade, na verdade, articulação de elementos e componentes teóricos que servem ao estudo em testemunhos figurativos, neste caso o selo postal, que irá tratar a próxima seção.

2.1 Linguagem, Discurso e Imagem

Assim, se linguagem, tomada como um dos pressupostos para este estudo é uma das condições necessárias e suficientes à ação da comunicação humana, então devemos considerar que, esse mesmo ser humano não mais contempla, apenas, um conjunto de sensações, mas, também, um universo de designações e de idéias, ou seja, um mundo de sentidos. Portanto, a reflexão sobre a linguagem deve localizar-se a partir da realidade humana, propriamente dita.

Pelo menos no âmbito acadêmico, já é lugar comum repetir que o mundo é oferecido ao humano como um conjunto de significações, cuja revelação apenas ocorre por meio da linguagem. Nesse sentido, disse Gusdorf (1970, p. 69) "o problema não é problema da linguagem em si, mas problema do homem que fala". O homem que fala, mas, também, olha.

Uma síntese que, segundo Ricoeur (2008, p. 9), pode ser investida numa "filosofia do discurso, mas que só se aplica à ordem das coisas", como também sugere Charaudeau (2008, p.11):

falar da comunicação humana é, antes de tudo, falar do problema da *identidade* do sujeito falante, enquanto ser comunicante, e, portanto, de seu direito de comunicar. Pra todo sujeito que quer falar se coloca a questão de saber se ele está legitimado para fazê-lo, sem o que ele não existiria enquanto *sujeito falante*.

A ação da linguagem parece ser uma aventura infundável. Um encontro ou confronto do Ser com a sua faceta relacional. É, *ipso facto*, a ação da afirmação do sujeito e a busca pelo Outro. Assim, nos provoca Doblin (*apud*, MANGUEL, 2008, p. 17) ao afirmar que "a linguagem representa o nosso passado, força a realidade a se manifestar, traz à tona as situações fundamentais da condição humana".

Nesse sentido existe um confronto entre dizer que sem linguagem não há acesso à realidade e sem linguagem não há pensamento e dizer que não pode existir pensamento sem linguagem. Esta observação de Manguel (2008, p. 17-18) esquenta a discussão:

quando surgiu em nossa pré-história remota, há cerca de 50 mil anos, a linguagem era um método de comunicação concebido como um instrumento baseado numa representação convencional do mundo capaz de garantir a um grupo de homens e mulheres a convicção, por incerta que fosse, de que seus pontos de referências eram os mesmos e de que suas expressões traduziam uma realidade percebida de modo semelhante.

Então, a linguagem não se limitaria a dar nomes às coisas, mas, mais além, prossegue o autor, “confere existência à realidade”. Apesar de ser um debate instigante, não interessa participar dessa seara que põe em confronto os estudiosos da Linguística, da Comunicação, da Psicologia e das Neurociências. No entanto, essa colocação foi pertinente, pois trata sobre a questão de que é por meio da linguagem que existe um *continuum* de construções sociais (VIZER, 2011), prática e atividade em que os significados são atribuídos às relações e inter-relações humanas, aos relacionamentos, às experiências e aos mundos.

Nesse sentido, quando é sugerido interpretar o selo postal, seus elementos verbovisuais, sua composição material e técnica, seus antecedentes históricos, sua relação com os objetos imagético-mediáticos contemporâneos⁵⁰, foi feita a escolha de considerar conceitos e significados que se aproximam mais dos estudos da Comunicação, em detrimento de outras áreas de conhecimento, as quais podem oferecer, decerto, relevantes contribuições.

Pois bem, se foi dito que por meio da linguagem sentidos podem ser estabelecidos, ainda que, ela mesma seja uma construção social, considerar-se-á que numa concepção do ato comunicativo, o sentido resultará, não da própria linguagem ou do ato em si, visto como categorias conceituais, mas dos agentes sociais que praticam esse ato por meio da linguagem.

Produzir, circular, consumir, colecionar e estudar o selo postal são práticas socialmente estabelecidas, partícipes e constitutivas de um sistema de comunicação humano. Este, por meio da linguagem, permite tecer as particularidades do sistema, propriamente dito, atribuir-lhe sentidos e significações.

Assim, para efeito deste estudo, Charaudeau (2009, p. 8) sintetiza o que parece contribuir de forma satisfatória e adequada: “a linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes”. Cada componente, por sua vez, demanda

⁵⁰ Vale lembrar que Agamben (2009) questiona “o que é o contemporâneo”? Coloca em cheque a forma em que o termo é utilizado nos dias atuais para qualificar questões estético-culturais, particularmente, ao ser feita uma relação com objetos imagético-mediáticos, assim, o selo postal um deles. Logo, o selo postal estaria ligado mais a um anacronismo ou inatualidade temporal, posto que traz o pretérito em sua imanência. Se posto dessa forma, então, até que ponto o selo postal, assim como qualquer e todo objeto imagético-mediático, seja de imagem estática, seja dinâmica, permite que tenhamos um olhar crítico sobre aquilo que é possível identificar e analisar enquanto uma característica anacrônica de nossa atualidade? Se toda imagem é o “foi”, pois enquanto imagem já aconteceu em sua imanência, sobre o que, de fato, investe o olhar humano? Certamente, outras ondas surgem no horizonte.

“competências situacionais” dos “locutores e interlocutores” envolvidos no “ato de linguagem”, em que pese, conforme o autor, que “não há ato de linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação”.

Figura 32 – Registro em selo de citação de Kahlil Gibran



Sobre os agentes é possível considerar que são sujeitos de fala. São parceiros que participam de atos e interações comunicativos. Atos esses, que são estabelecidos por trocas de informações baseadas, segundo Charaudeau (2008, p.12), “num certo número de condições que são satisfeitas”, justamente, para “legitimar a palavra, nessa situação particular”. São os modos de organização das linguagens e dos discursos.

A que se refere isso que foi dito? Nos limites e nas escolhas feitas, os sujeitos de fala são as pessoas e as instituições. O selo postal, articulado com outros gêneros discursivos, constitui-se a materialidade que vai circular entre esses sujeitos, cada qual com o seu lugar legítimo de fala, a saber: a unidade política emissora (Estado ou Instituição, no caso da ONU); no caso do Brasil, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), os colecionadores, os comerciantes filatéticos e o público em geral.

Figura 33 – Caixa coletora dos Correios da ECT



Toda esta rede discursiva está esquematizada num contexto de circulação social do selo postal, em práticas sociais no sentido de interação nos distintos níveis de organização de uma sociedade (FAIRCLOUGH, 2008), ou seja, num regime de informação específico, esse que permite identificar o complexo e dinâmico estatuto desse objeto.

Pois bem, feitas algumas colocações com relação a linguagem, explorar-se-á a ideia de discurso. Este não pode ser atribuído a uma única teoria, teórico ou escola de pensamento. Aliás, nenhum conceito pode ser algo, apenas, em si próprio. Todo conceito é uma multiplicidade, uma questão de articulação e, talvez por isso, deva ser tratado sob a condição de que se realiza no ato linguístico que, por sua vez, lhe confere uma realidade, uma história.

Nesse sentido Deleuze e Guattari (2005, p. 31-32) propõem um caminho teórico para tratar desse tema.

Em primeiro lugar, cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos. Em segundo lugar, é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis *nele*. É que cada componente distinto apresenta um limite de indiscernibilidade com um outro. São estas zonas, limites, devires que definem a consistência interior do conceito. Em terceiro lugar, cada conceito será, pois, considerado o ponto de acumulação de seus componentes [...]. O conceito é, ao mesmo tempo, absoluto e relativo. [...]. O conceito não é discursivo, porque não encadeia proposições.

Posto isso, o que Charaudeau (2008, p. 16) entende por discurso permitirá discorrer sobre um dos aportes teóricos possíveis que é útil ao trabalho empreendido. Esse autor propõe uma discussão em três momentos com relação à sua “teoria dos sujeitos da linguagem”.

No primeiro, ele aborda os princípios de base do ato de linguagem, estipulados a partir da existência de quatro princípios: interação, pertinência, influência e regulação. São esses princípios que possibilitam o que ele (2008, p. 16) chama de “contrato de comunicação”, regras que permitem a construção dos sentidos e da legitimação dos sujeitos falantes.

No segundo momento do debate, o autor explica o que entende por discurso, com o objetivo de delimitar o território no qual ele pode se situar. É esse momento, em particular, que interessa. No terceiro, ele (2008, p. 16) trata especificamente sobre “a proposição de uma teoria dos sujeitos”, compatível com o conceito de discurso.

Sendo assim, Charaudeau (2008, p. 17) vai propor, no segundo momento, que o discurso não deve ser assimilado à expressão verbal unicamente, pois seria “reduzir toda a encenação do ato de linguagem a um único código semiológico”. Ele deve ser entendido, por sua vez, como o “lugar de encenação da significação”, onde os códigos semiológicos são ultrapassados, “podendo utilizar, conforme seus fins, um ou vários códigos semiológicos”.

Ao propor essa abordagem ele oferece margem para designar o selo postal um conjunto textual estruturado em que, na interface de cada texto, está registrado um número x de códigos semiológicos “icônicos” (as frases-imagens-motivo, os elementos verbovisuais, aquilo que é da ordem da expressão e do conteúdo).

No entanto, segundo Charaudeau (2008, p. 17), não é inteligente confundir texto e discurso. “O texto [...] é o resultado singular de um processo que depende de um sujeito falante particular e de circunstâncias de produção particulares”. Ou, como afirma Maingueneau (2005, p. 85), “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Assim, pensar em discurso e texto permite considerar que o selo postal é, também, um texto por onde podem, em condições adequadas, perpassar diversos discursos (político, científico, racista, sexista, ideológico...).

Figura 34 - Político



Figura 35 – Científico



Figura 36 – Racista



Figura 37 – Sexista



Figura 38 – Liberdade ideológica



Além disso, o selo postal não deve ser analisado em si mesmo, como já foi dito. Dessa forma, existirá uma aproximação das práticas de análises do discurso.

[o texto] não é uma unidade fechada nela mesma, ele abre-se enquanto objeto simbólico [...] para a multiplicidade de leituras e passa a ter uma materialidade [...]. A textualidade, enquanto matéria discursiva dá ensejo a várias possibilidades de leituras. Há um espaço simbólico aberto [...] que joga no modo como a discursividade se textualiza [...] a leitura trabalha, realiza esse espaço, esse jogo do sentido (memória) sobre sentido (texto, formulações), conformando essas relações (ORLANDI, 2001, p. 64-65).

Também interessa a noção de cenas de enunciação de Maingueneau (2008, p. 53-54). Para cada texto existem três momentos ou cenas de enunciação (enunciativas). A *englobante*, que trata sobre a classificação pragmática dos discursos, por exemplo, o científico. A *genérica*, que diz respeito aos gêneros discursivos, neste caso o selo postal pode ser considerado mais um gênero de discurso científico e, por fim, a *cenografia*, que versa sobre os elementos do texto que permitem construir uma cena específica e legitimadora.

Segundo esse autor, a enunciação englobante e a genérica permitem a definição de 'um quadro cênico do texto', enquanto que na cenografia são manifestados os processos de legitimação do que é dito, ao que pode ser acrescentado que ali, também, encontra espaço o não-dito.

Para emitir o selo postal comemorativo com elementos verbovisuais que caracterizem um discurso constituinte qualquer, a unidade política emissora necessita do Outro, do seu interlocutor. Essa relação não é, apenas, uma ação de comunicação entre os sujeitos falantes ou uma simples produção de uma mensagem de um emissor para um interlocutor.

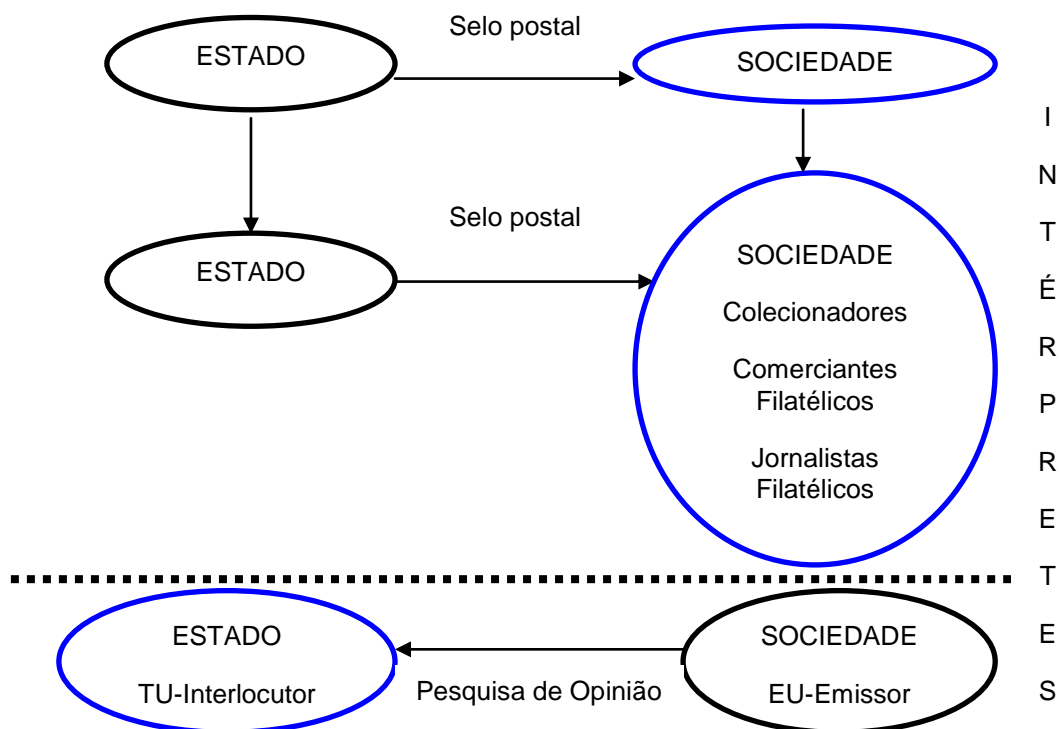
Mas, antes, um "encontro dialético" (CHARAUDEAU, 2009, p. 44) pautado em três processos: 1) o da produção, em que o "EU – Emissor" se dirige a um "TU – Interlocutor" (Estado se dirige à Sociedade: colecionadores, comerciantes filatélicos, jornalistas filatélicos...); 2) o da circulação, em que, por meio do Correio, ocorre o ato comunicativo e 3) o processo de interpretação/consumo, em que o TU – Interpretante" constrói uma imagem do "EU – Emissor".

Além disso, em certos casos, esse processo de interpretação é legitimado pela própria necessidade que tem o “EU – Emissor” (unidade política emissora - Estado) em saber se sua fala foi aceita. Por exemplo, uma prática muito comum no Brasil, assim como em outras unidades políticas emissoras, versa sobre perguntar publicamente, por meio de concursos, prêmios e ampla divulgação, quais foram os selos mais bonitos emitidos no ano anterior.

Assim, nesses casos específicos, os sujeitos de fala trocam de posição e o Estado passa a ser o “TU – Interpretante” que recebe a mensagem dos cidadãos, o “EU – Emissor”. Vale ressaltar que esse é o único momento, excluindo aquele em que existe uma seleção pública para escolher os motivos das emissões anuais de selos postais comemorativos, em que o cidadão comum estabelece um ato comunicativo com o Estado.

A figura 39, a seguir, ilustra e esquematiza o que foi explicado.

Figura 39 – Situação e contexto comunicacional dos sujeitos e do selo postal



Fonte: o autor

A unidade discursiva é o somatório das condições de possibilidade de participação no ato comunicativo, tanto dos sujeitos falantes, quanto da própria

disposição e articulação dos elementos verbovisuais que constituem a materialidade dos selos postais. Cada selo postal implica um determinado divulgador, assim como um público-alvo e uma imagem de um discurso constituinte característico.

Diante de tal situação, é preciso pensar o selo postal abrindo-o para distintas formas de interpretação. Entender que a relação texto/discurso está em constante construção, de forma dinâmica e contínua, pode ser uma delas (BRAIT, 2012). Assim, é possível perceber como o “EU – Emissor”, ou o sujeito falante se ancora em um discurso e não em outro, por meio da textualização ou da materialização no texto.

Logo, cabe lembrar o que diz Orlandi (2001, p. 67):

O texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando, breve, “falando”.

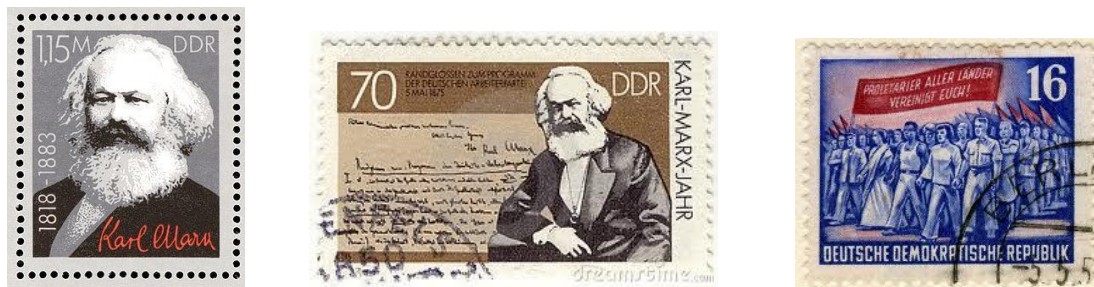
No escopo do olhar sobre o selo postal, uma colocação de Pêcheux é relevante: “...esses enunciados remetem ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações”. O que quero dizer?

Os selos postais abaixo, todos emitidos pela mesma unidade política, ilustram a celebração de um discurso marxista com evidências figurativas distintas. Em um selo vê-se uma efígie (*imagem-motivo*), além dos elementos que são obrigatórios em selos postais comemorativos, incluindo as *frases-motivo*.

No entanto, nos outros selos, que não precisam ser da mesma série⁵¹, é possível ver outras evidências figurativas. É muito importante considerar que as outras imagens participam na criação de outros sentidos quando comparados com o selo à esquerda.

⁵¹ Série de selos postais alude ao desejo de completude de uma coleção, conceito que surge na Filatelia, juntamente, com a emissão dos dois primeiros selos postais no mundo: o “Penny Black” (de um penny) e o “Penny Red” (de dois pence), britânicos, em 1840. Segundo Queiroz (1988, p. 269) e Machado e Queiroz (1994, p. 174), uma série trata de um “conjunto de dois ou mais selos postais, emitidos de uma só vez ou em etapas sucessivas, com temas idênticos ou variados, com diferentes valores faciais. Por exemplo, no Brasil, as séries dos selos postais, de tipo regular (ordinário), têm recebido várias intitulações: vovó, netinha, vultos célebres, profissões nacionais etc”.

Figura 40 – Karl Marx, Teoria Marxista e Comunismo



Se anteriormente Charaudeau auxiliou na explicação sobre porque considerar o selo postal um texto, outro importante estudioso do sujeito, da linguagem e das relações sociais demanda atenção: Mikhail Bakhtin. Mas, por quê? Antes de responder a essa pergunta, algumas reflexões serão explanadas, o que acarreta um sucinto recuo no tempo.

O entremeio do século XIX com o século XX parece ter sido, dentre outros acontecimentos, o momento histórico em que a linguagem passou a ganhar um estatuto de problema epistemológico ocidental, um lugar de análise da linguagem, propriamente dita, num momento que contrariou a razão kantiana e as idéias racionalista-empiristas do século anterior.

Assim, surgem subsídios para o fortalecimento de uma Filosofia da Linguagem, em que, conforme Costa (2003, p. 7) “filósofos como Frege, Russell e Wittgenstein, desenvolveram reflexões importantes relacionadas à linguagem”. Nesse período ocorre, também, a denominada ‘virada linguística’. Não pode causar surpresa que os trabalhos desenvolvidos perpassaram e ainda o fazem, por distintas escolas de pensamento, autores e perspectivas.

Nesse sentido, Araújo (2004, p. 12) afirma que esse contexto configurou um “novo panorama para a filosofia da linguagem e para a linguística. Nasce, nesse ambiente renovado, a crítica literária, a filologia, as análises do discurso, a linguística do signo de Saussure, o estruturalismo e a semiótica de Peirce”. Ali, foram criadas às oportunidades para que novas teorias emergissem, a partir das visões do Círculo de Bakhtin, nos campos supracitados.

Por sua vez, Fiorin (2006, p. 7) introduz os conceitos de Bakhtin, “dialogismo, gêneros do discurso, polifonia e carnavalização”, por meio da análise de variados textos dos mais variados gêneros, permitindo o entendimento que entender alguns conceitos de Bakhtin facilita a compreensão

sobre as inter-relações com a multiplicidade de textos nos dias atuais. Além desses trabalhos, os estudos de Brait (2005, 2012) e Ponzio (2008) são reveladores e relevantes.

Ainda mais, segundo Brait (1997, p. 92)

se levarmos em conta o fato de Bakhtin ter diante de mundo e particularmente diante da linguagem uma postura que articula estética, ética, diferentes pressupostos filosóficos, não permitindo que suas reflexões sobre o sentido sejam sistematizadas unicamente sob uma perspectiva linguística. O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca pelas formas de construção e instauração de sentido, resvala [...] por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas.

Para Bakhtin, precursor na introdução da ideologia nos estudos da linguagem, a língua precisa dar conta das relações sociais e interindividuais. Esta posição foi de encontro à escola de pensamento de Saussure, que defendia o trabalho da língua por um viés sistêmico em que o sujeito era excluído.

A visão de Bakhtin convocava as relações entre sujeitos, que eram estabelecidas pela língua, a interlocução entre indivíduos mobilizados em esferas sociais específicas.

Figura 41 - Interlocução entre indivíduos



Um dos objetos de Bakhtin exigia que as diferentes vozes sociais que o autor mobiliza em seus textos fossem consideradas. Assim, ele possibilitou a introdução de termos como *polifonia* e *dialogia*, no campo de suas reflexões teóricas. Se para Saussure, o valor linguístico do signo mobiliza relações, apenas como parte interna do sistema, para Bakhtin, tudo que é externo, tal como o locutor, o interlocutor, o contexto, participa das relações das quais decorre o valor linguístico.

Em oposição a Saussure, para Bakhtin (2002, p. 31), o signo é “tudo que é ideológico”, ou seja, “possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. Mais adiante ele (1982, p. 32) sugere o que nos parece fluir para o conceito de texto que atribuímos ao selo postal.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade: ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel ou apreende-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica [...]. Todo signo tem uma encarnação material. Nesse sentido, a realidade do signo é objetivo, e passível de estudo.

Para Bakhtin, a língua é constituída de signos que significam o mundo para os indivíduos que dela se utilizam em sua comunicação. Essa assertiva cabe ao estudo do selo postal no sentido de que, por exemplo, o fato de não aparecer o nome da Inglaterra nos selos postais emitido por esse Estado, não impede de que seus selos postais sejam internacionalmente reconhecidos, visto que, no lugar do nome por extenso uma pequena efígie da Rainha Vitória é ilustrada.

Figura 42 - Identificação pela efígie da Rainha Vitória



Figura 43 – Nome por extenso de ex-colônia britânica, com efígie



Ou seja, esse signo cria sentidos com relação à Inglaterra, à Monarquia, à tradição e ordem européia etc., tanto nos indivíduos que nasceram e ali

residem, quanto naqueles que vivem além das fronteiras britânicas. O selo difunde, por meio de distintos e diversos signos, múltiplas recorrências temáticas e discursos constituintes diversos.

Bakhtin (1997, p. 123) concebe a comunicação como um processo interativo, muito mais amplo do que a mera transmissão de informações. Para ele a linguagem é interação social. O sujeito falante, a unidade emissora, deixa em seu texto, o selo postal, registro de sua presença, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ler, tendo em vista também seu contexto social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A noção de interação por meio do discurso é gerada pelo efeito de sentidos originado pela seqüência dos atos de fala, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção, pelas funções e materialidade dos textos e, também, pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Ou seja, além dos elementos verbovisuais, as condições de produção do discurso são fundamentais.

Nessa dimensão social, o discurso é marcado pelo dialogismo, pela troca entre o EU e o TU, “Emissor” e “Interlocutor”. Dialógico, porque se concebe num espaço de interação com o outro e se constrói por meio dessa mesma interação de acordo com os interesses dos sujeitos falantes.

O conjunto dos diferentes e distintos *media* constitui diferentes gêneros em relação a um sistema cultural maior, que é a comunicação humana. Para Bakhtin (2002, p. 112), "qualquer enunciação é produto de uma interação entre dois indivíduos socialmente organizados". Dessa forma, a estrutura da enunciação é determinada pelo meio social mais amplo e/ou pela situação social mais imediata, que obriga o discurso interno a realizar-se numa expressão exterior definida.

De acordo com essa perspectiva, ao produzir uma enunciação, um sujeito invoca um discurso peculiar a certo estrato social ou grupo particular de atores sociais do qual, conforme Bakhtin (2002, p. 126), apropria-se de certo

repertório de "fórmulas correntes estereotipadas que se adaptam ao canal de interação social que lhe é reservado". Esse aporte teórico serve para explicar a relação ou correlação entre os sujeitos falantes que estabelecem atos comunicativos por meio dos selos postais.

É por meio da materialidade do selo postal, dentre outros fatores socialmente estabelecidos, que o Estado interage com o seu interlocutor. O selo postal, enquanto texto pode ser situado no domínio discursivo publicitário, cotidiano ou escolar, com códigos semiológicos específicos e um rico manancial de veiculações discursivas político-ideológicas. Além disso, ainda, a seguinte questão será considerada.

Falar em texto, sob um prisma bakhtiniano, demanda perpassar pelo conceito de gênero discursivo, que segundo Fechine (2001, p. 14), é "um conceito chave para a compreensão dos textos". Lembrando que gênero, aqui, não busca substituir os conceitos de texto e discurso, mas constitui a própria teoria dialógica do discurso.

Assim como os outros autores citados anteriormente, Machado (*apud*, FECHINE, 2001, p. 15), ancorada na teoria bakhtiniana de gênero, vai sugerir que

o gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada *linguagem*, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa *cultura*, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junta às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as *tendências expressivas* mais estáveis e organizadas na evolução de um meio, *acumuladas ao longo de várias gerações* de enunciadores.

Corroborando com Fechine, o selo postal pode ser analisado por duas dimensões: uma trataria o selo postal enquanto estrutura semiótica, estésico-estético, e a outra como aparato histórico-social, por conseguinte cultural. Essa dupla natureza do gênero selo postal - tanto uma configuração textual como um fenômeno sociocultural - acarretaria distintos meios de análise, por exemplo, traçar um percurso que revelasse como um ou vários gêneros, situados num contexto pretérito, contribuíram na configuração de um gênero atual (BAZERMAN, 2005).

Afirma Fechine (2001, p. 18), que

quando colocados em relação, tais critérios nos ajudam a compreender melhor como, a partir de recursos técnico-expressivos de um dado meio e de uma determinada linguagem, toda uma tradição de gêneros é *regenerada* em um modo e organização própria daquela mídia.

Pode-se identificar a configuração sintático-semântica (esfera de conteúdos e estilos), da natureza textual do selo postal, assim como a suas esferas de usabilidade, ou seja, o nível das matrizes culturais em torno das quais já se produziu toda uma tradição de emissões postais e, por conseguinte, de gêneros.

Por exemplo, do ponto de vista do gênero, qual ou o que configuraria as características de relação e interação entre as missivas (cartas ou correspondências), selos postais, cartões postais, cédulas, moedas, mas, também, as cartilhas (educativas ou jurídicas), o artigo científico, a patente e o relatório técnico (seja de acadêmicos, seja de acionistas)? Talvez, assim, seja possível afirmar que todo e qualquer gênero tem na sua constituição imanente um *locus social*.

Existe uma relação direta entre as propriedades verbovisuais dos selos postais comemorativos e as propriedades discursivas da instituição que os produzem, ou seja, o Estado, por meio dos Correios e da Comissão Filatélica Nacional, que tem como uma de suas funções, produzir e gerenciar certos tipos de textos, sendo um deles o selo postal.

Ao considerar o selo postal um gênero do discurso⁵², é possível perceber os modos de dizer da instituição. Por um lado, o discurso tem como objetivo intervir em uma determinada realidade social e, por outro, os membros que constituem essas instituições têm o privilégio de estarem, ano após ano, por meio das emissões de selos postais, legitimando o lugar que ocupam ou querem ocupar.

Assim, a questão dos gêneros solicita vários fatores includentes. A função social, a natureza em que o discurso está imerso, os aspectos formais e de composição. Como proposta, os dois primeiros aspectos, a função social e a natureza em que o discurso está inserido estabelecem ou determinam os dois últimos, formais e de composição.

⁵² Esta Tese sugere, então, que o selo postal integre, por exemplo, o Dicionário de Gêneros Textuais, visto que na época de sua publicação “alguns gêneros careciam de pesquisas”, conforme Costa (2008, p. 12).

Pois bem, o selo postal, enquanto um gênero, encontra apoio na concepção teórica bakhtiniana pensado, conforme Motta-Roth (1998, p. 127), enquanto “um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais, é mediada pela linguagem”. Ou seja, o gênero selo postal encerra constantes inscritas, registradas, em sua superfície material, que representam um evento do tipo comunicativo. Isto caracteriza, assim, uma dos possíveis interesses em estudar o gênero selo postal como fonte de análise imagético-mediático.

Para Bakhtin (2003, p. 261), três elementos configuram um gênero discursivo: “conteúdo temático, estilo e construção composicional”. O *conteúdo temático* diz respeito à abordagem dos objetos, “temas”, que passam pelo “processo de valoração de uma determinada esfera em determinado tempo e contexto”; *estilo* está relacionado à “seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais utilizados para compor o gênero”; *construção composicional* concerne às “formas de composição e acabamento dos enunciados”, ou seja, ao arranjo esquemático em que o conteúdo temático se assenta e aos modos discursivos de organização textual.

De acordo com Bakhtin, os gêneros podem ser divididos em dois grandes conjuntos: os primários, oriundos de circunstâncias de comunicação espontânea que se constituem em situações discursivas construídas em instâncias privadas, ou seja, em esferas cujas atividades estão vinculadas às experiências cotidianas e/ou íntimas: missivas pessoais. E os secundários, que provêm de circunstâncias de comunicação cultural e que figuram em situações discursivas construídas em instâncias públicas, ou seja, em esferas cujas atividades sócio-culturais têm um caráter relativamente mais formal, como é o caso dos selos postais.

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies. (...) Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (Bakhtin, 2003, p. 263-264).

Sugere Bakhtin (1997, p. 106) que um gênero “sempre é novo e velho ao mesmo tempo”, seja numa obra literária, selo postal ou email. E ocorre no aqui-e-agora, alimentado pelas práticas sociais presentes, mas, sempre articulado

com o passado que lhe pertence: “é representante da memória criativa e, por isso, tem a capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento.”

Como lembra Maingueneau (2007, p. 141), é habitual conferir ao gênero “um estatuto essencialmente formal, o de um conjunto de propriedades estilísticas, ao passo que o gênero define também as condições de utilização dos textos que pertencem a ele”. Os gêneros discursivos, como unidades comunicativas, manifestam diferentes intenções do autor, procuram informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir estados de ânimo, etc. É possível categorizar os gêneros discursivos, levando em conta a função comunicativa que neles predomina.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável. Cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros que se vai diferenciando e ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa, mesmo que para alguns estudiosos estudar objetos imagético-mediáticos, como o selo postal, seja uma prática anacrônica.

Para os estudos propostos numa Teoria da Imagem Mediática os pressupostos bakhtinianos expostos parecem oportunos e convenientes. A fluidez de sua teoria permite adequadas transposições de suas alegações sobre o selo postal, outros documentos filatélicos, mas, também sobre objetos imagético-mediáticos contemporâneos.

O colecionador ou comerciante filatélico, por exemplo, sujeitos falantes do ato comunicativo, podem até ignorar a existência teórica sobre discurso e gêneros, mas, na prática de colecionar e se comunicar socialmente, os utiliza com segurança e destreza. Assim, também, agem as instituições e as unidades políticas que emitem os selos postais e os demais documentos filatélicos, sob dada ordem discursiva.

O selo postal é gênero, mas, também discurso, pois tem uma realidade material verbovisual. Cada empresa partícipe do sistema de comunicação, de cada unidade política emissora de selos postais, produz discursos de forma “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 2004, p. 9).

Cabe chamar a atenção para uma característica importante do selo

postal que foi mencionado no parágrafo anterior: a partir de sua primeira emissão, em 1840, na Inglaterra, os elementos verbovisuais já devem ser considerados parte integrante de sua textualidade e materialidade. Nesse sentido, uma tentativa de análise foi proposta, anteriormente, fundamentada em Brait (2005, p, 97) e Barthes (2007, p. 5).

Dito isso, parece pertinente dar um próximo passo e sugerir que essa característica do selo postal, a sua especificidade verbovisual ou o conjunto de elementos verbovisuais que o constituem, permite que o leitor ou pesquisador construa os sentidos a partir de sua leitura e reconheça o seu gênero. Mais ainda, em que pese uma trajetória de estudo nesse sentido, existe um determinado arranjo textual (verbovisual) e tipográfico que permite identificar indícios que contribuam para o processo de sua leitura.

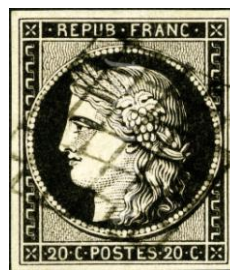
Assim, cabe trazer à tona uma proposta sutil, porém válida, de Bernhardt (2004) ao sugerir um *continuum* dos textos, em que suas extremidades seriam formadas, a título de identificação e leitura, por elementos verbovisuais “pouco informativos” e, no outro extremo, por elementos verbovisuais “muito informativos”.

Apesar de ser uma sugestão pautada em qualidades adverbiais que podem provocar algumas complicações de leitura e interpretação, ela pode servir para que o leitor, por exemplo, entenda a diferença entre muita e pouca informação verbovisual no selo postal, não por meio de elementos quantitativos, mas qualitativos. As duas figuras a seguir ilustram esta afirmação.

Figura 44 - Pouco informativo



Figura 45 – Muito informativo



O selo postal da esquerda, o primeiro emitido pelo governo imperial brasileiro, em 1843, ilustra uma cifra com alguns elementos tipográficos. Não é fato de serem poucos elementos que o torna um texto visualmente pouco informativo, mas, sobretudo, porque não oferecem condições de múltiplas

interpretações que remetam ou rememorem aquilo que é da qualidade da lembrança, da memória.

Por outro lado, o selo postal ao lado direito, o primeiro emitido pelo governo republicano francês, em 1849, também apresenta uma ilustração central e alguns elementos tipográficos, o que caracterizaria um texto visualmente pouco informativo, sob uma visão quantitativa.

No entanto, é justamente pela qualidade mnemônica depositada e revelada pela ilustração central (“Cérès”, Deusa da Agricultura, na mitologia romana, e Símbolo da República), que este selo postal pode ser qualificado com texto visualmente muito informativo (SCOTT, 1992, 2002).

Os selos postais fazem parte de um conjunto de técnicas de ampliação da capacidade de comunicação humana. São técnicas que permitem a transmissão de códigos e atuam como uma fonte de interação entre um locutor (unidade política emissora - Estado) e muitos interlocutores (instituições, colecionadores, comerciantes, não-colecionadores, não-comerciantes, jornalistas filatélicos, etc.).

Esse discurso é praticado e pautado na meta-articulação entre o verbal e o visual. Por um lado interfere nos sistemas sociais, na medida em que os ratifica ou modifica. Pelo outro, mostra como a ação desses sistemas sociais interpela a forma de pensamento humano.

Não se trata de olhar para o objeto e ver, apenas, a rememoração de um ato comemorativo ou identificar uma atitude consciente da construção e manutenção da memória social, mas ver a produção de sentido por meio de um discurso pautado na ‘verdade’, institucionalizada, em que o selo postal, dialogicamente, alicerça a criação de um estereótipo social e de sistemas sociais sedimentados.

Nas palavras de Pinheiro (2002, p. 287),

a noção de gênero associada à ideia de que os produtos midiáticos são uma forma de manifestação das visões de mundo, determinadas pelo ponto de vista de onde ocorrem, é fundamental para que não se perca de vista a noção de que um enunciado ou um texto está sempre se utilizando de um gênero discursivo, de uma forma padrão, relativamente estável de estruturação de um todo, marcada pelas mudanças na sociedade.

Assim, quatro pressupostos são indicados como aqueles que possibilitaram traçar a trajetória até este ponto, em que a linguagem e o discurso foram explorados, mesmo que de forma sucinta:

- 1) A linguagem é um sistema tanto sócio-interativo (práticas sociais de relação e de interação), quanto de símbolos que são elaborados num contexto.
- 2) O texto é entendido enquanto produto resultante dessa sócio-interacionalidade, também objeto contextualizado.
- 3) O selo postal, enquanto objeto de linguagem e materialidade do discurso pode ser estudado a partir de sua condição multimodal em contínua transformação dialógica.
- 4) o selo postal é gênero textual constituído de uma dimensão textual que está subordinada ao selo postal enquanto gênero discursivo, considerando os interesses situados e as condições contextualizadas de produção, circulação e consumo.

Por fim, o que já foi explorado sobre linguagem e discurso permite, agora, discorrer sobre o selo postal enquanto objeto imagético-mediático na área de Comunicação, com a devida apropriação de conceitos de áreas afins.

O mundo interpretativo concernente aos objetos imagéticos, de qualquer ordem, é complexo e duvidoso quando tratado no campo de algumas áreas de conhecimento. Assim, partamos do pressuposto que identificar, analisar e interpretar imagens é interagir com aquilo que é exterior e interior ao corpo, a partir do que lhe imanente.

De fato, a questão do ver e do olhar, que subjazem à questão da imagem, enquanto objeto de pesquisa, é complexa e demanda certa constatação: ver e olhar são uma ação do corpo, é da ordem da experiência fenomenológica do tátil. Essa é uma das teses centrais da fenomenologia da percepção. Daí que, neste escrito, ver e olhar *no* e *sobre* o selo postal é um autodiálogo, um ação do *Self* para o *Self*.

Nos termos daquele que propôs a tese dessa fenomenologia, Merleau-Ponty (1999, p. 131) sugere que

precisamos nos habituar a pensar que todo o visível é talhado no tangível, todo ser tátil prometido de certo modo à visibilidade, e que há invasão, encavalamento, não apenas entre o tocado e quem

toca, mas também entre o tangível e o visível que está incrustado nele. Toda visão efetua-se algures no espaço tátil.

Como isso se adéqua ao propósito deste estudo? Basta considerar que o selo postal, assim como outros testemunhos figurativos, constitui aquilo que Rancière (2012, p. 12) chama de “regime de imagéité”, uma articulação entre o dizível e o visível.

O selo postal tem em sua constituição imanente uma “picturalidade” (RANCIÈRE, 2012, p. 21), que, ao mesmo tempo, diz algo que pode ser visto (elementos verbovisuais), e algo que é dado a ver o que não pertence ao visível, fazendo com que o observador experimente a contenção de um sentimento.

Pois bem, assumida essa pressuposição é salutar recordar o que foi dito anteriormente, no sentido de que olhar o selo postal é, também, experimentar o que não é visto, uma alteridade do “foi”, uma perda. O selo postal é aquilo revelado com os olhos, mas que lhes escapa à sua presença, posto que ela é “fantasmagórica”, é uma ausência, algo que se esvai.

Nesse sentido, esclarece Didi-Huberman (2010, p. 34), ao debater sobre a dialética da presença e ausência a partir de figuralizações nas artes e na literatura:

tal seria portanto a modalidade do visível quando sua instância se faz inelutável: um trabalho do sintoma no qual o que vemos é suportado por (e remetido a) uma obra de perda [...]. Abramos os olhos para experimentar o que não vemos, o que não mais veremos – ou melhor, para experimentar que o que não vemos com toda a evidência (a evidência visível) não obstante nos olha como uma obra (uma obra visual) de perda.

É estabelecer uma relação do dito e do dizível (elementos verbovisuais) com o visível (objeto). É perceber, nos termos de Rancière (2012, p. 13), um complexo conjunto de “operações que vinculam e desvinculam o visível e sua significação, ou a palavra e seu efeito, que produzem e frustram expectativas”.

Antes de prosseguir com a exploração sobre o que alguns estudiosos, de algumas áreas, afirmam sobre as imagens, suas especificidades, suas histórias e as possibilidades de seu estudo, uma tentativa de sintetização didática ilustra, no Quadro 1, períodos históricos, algumas fontes interessantes e as ações ou linha de atuação escolhidas por elas, lembrando que esse

instrumento de visibilidade da informação científica, de forma alguma, pretende ser exaustiva.⁵³

Quadro 1 - Autores e aparatos teórico-metodológicos para análise de imagens

Autor/Período	Tendências
Panofsky (1939)	Método Iconológico: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e iconologia.
Eco (1968)	Sistema de códigos visuais: verbal e visual (icônico)
Barthes (1970)	Abordagem Semiológica: denotação, conotação, ancoragem, revezamento. Retórica da Imagem.
Floch (1981)	Semiótica Estrutural. Teoria Gerativa de Sentido.
Joly (1994)	Descrição da Imagem. Reprodução do Texto. Separação e Análise da Imagem (plástica, icônica e linguística)
Prosser (1998)	Antropologia e Sociologia Visual. Etnografia. Evidência fotográfica. Iconografia e Iconologia, Mitologias. Análise de gênero e técnica, forma, estilo e semiótica. Estruturalismo, reconstrução, contexto físico. Hermenêutica.
Emmison e Smith (2000)	Análise de Evidência em duas dimensões: quantitativa e qualitativa
Leeuwen e Jewitt (2001)	Análise do conteúdo. Estudos Culturais. Semiótica. Iconografia. Perspectiva terapêutica. Sociosemiótica. Etnometodologias.
Rose (2001)	Interpretação Compositiva. Análise de Conteúdo. Semiologia, Psicanálise, Análise do Discurso.
Emery (2002)	Abordagem de 7 marcos interpretativos: formalista, desconstrucionista, gênero, cultural, semiótico, psicanalítico e social realista.
Walker e Champlin (2002)	Forma e conteúdo. Análise do Conteúdo. Iconografia e Iconologia, Mitologias. Análise de gênero e técnica, forma, estilo e semiótica. Estruturalismo, reconstrução, contexto físico. Hermenêutica.
Jay, Mitchell, Pollock, Cartwright, Dikovitskaya, Jencks, Mirzoeff, Morgan, Promey, Hamburger e Plate (final do século XX e século XXI)	Estudos que ampliam o conceito de imagem e a entendem e inserem num campo de estudo recente denominado Estudos de Cultura Visual (Visual Culture Studies). A combinação é feita por meio de conceitos de diversas áreas, como História das Artes, Teorias Críticas, Estudos Culturais, Filosofia e Antropologia, para citar algumas. Todas elas com o enfoque naquilo que caracteriza a visão, visibilidade e a visualidade.

Fonte: adaptado e atualizado a partir de Hernández (2007, p. 49-50)

Para Rose (2001, p. 26, *apud*, Raento; Brunn, 2005, p. 147), “não muito tempo atrás, existia pouco debate na literatura sobre *como* imagens poderiam ser lidas, não obstante a explosiva diversificação e desenvolvimento tecnológico da cultura visual, além da crescente demanda de estudos orientados à visualidade”.

De certa forma, estudiosos de vários países começaram a questionar o sentido do dito popular “uma imagem vale mais do que mil palavras”, no

⁵³ Santaella e Noth (2005) e Joly (2005) elencam uma bibliografia bastante extensa e que contempla o estudo da imagem em múltiplos sentidos.

sentido de que não comporta a necessária reflexão e valor da e sobre a imagem. Assim, para Rancière (2012) trazer à tona um debate sobre imagens, sobretudo no campo das artes, designa duas coisas distintas: uma semelhança com algo original, uma matriz e aquilo que ele chama de artes: jogo de operações que produz uma alteração das semelhanças.

Assim, para esse autor, a imagem sempre será um duplo sentido, uma dessemelhança e um lugar que a imagem não é visível: “há um visível que não produz imagem, há imagens que estão em todas as palavras. De fato, o selo postal tem essa peculiaridade.

Por sua vez, Menezes (2003, p. 11) aponta

insuficiências que a prática atual da História revela, de natureza e alcances diversos: desconhecimento da problemática teórico-conceitual relativa ao fenômeno da representação, em geral, à natureza da imagem visual, em particular e à visualidade, como um todo; utilização preponderante da fonte visual ainda como mero repositório especular de informação empírica, contendo em si sua própria identidade, auto-manifesta, com a conseqüente reificação; dependência de técnicas de leitura derivadas de uma submissão mecânica à Iconografia/Iconologia de Panofsky ou de uma semiótica a-historicizada, que impede estudar sejam os enunciados da imagem, sejam suas trajetórias; ênfase dada à tipologia documental e não aos problemas históricos; teto limitado às questões das mentalidades, do imaginário e da ideologia.

Não interessa, nesta Tese, debater sobre a legitimidade ou veracidade, no sentido de evidência, do uso de um selo postal, mas isso é válido e fundamental aos estudos de análise de imagens ou em pesquisas de cunho histórico. Por outro lado, um selo postal não é apenas o congelamento, a irreversibilidade ali mostrada. Ele faz saber, também, que existiu autoria, técnica e intenção.

Certamente é possível olhar o selo enquanto objeto de estudo histórico ou epistemológico, entendendo que sua leitura é um processo hermenêutico, como propõe Ferro (1984, p. 3-4, *apud*, CUNHA, 2006, p. 222):

...*agentes* da história (na medida em que as imagens protagonizam, por elas mesmas, ações sociais e políticas), como *engrenagens* de um sistema de relações entre representações técnicas e as sociedades que as produzem e consomem e, finalmente, como *sintomas* do próprio movimento da história.

Sob a visão epistemológica, uma sutil digressão é salutar. Existe, em certa medida, um posicionamento epistemológico em que os objetos imagético-mediáticos, mesmo que no âmbito dos Estudos das Culturas Visuais, sejam

olhados não apenas como tecnologias visuais e documentais separadas dos seus respectivos conteúdos.

Do contrário, são objetos de comunicação visual, mídias que oferecem sinais, desde os tempos das monarquias européias, para o que, hoje, Tiburi denomina “imagem como capital” (2012, p. 45), e como “medialidade” (2012, p.24), no sentido de um tempo de império dos meios, o que inclui, decerto, o selo postal e a ordem que estrutura o regime de informação em que está situado. São percursos em que é possível identificar o que Wittgenstein chamou de “language games” (JAY, 1984, p. 504), aquilo que hoje pode ser olhado como uma rede de relações e interações imagético-mediáticas.

Que não sejam olhados, unicamente, como suportes que têm um mecanismo operacional de produção, distribuição e consumo, ou somente como objetos que criam, e que neles são registradas, imagens de tipo específico, mas designá-los como pertencentes a um amálgama social complexo onde, além de existir confluência e produção de saberes, evocam uma relação entre o que Crary (2012) denominou de “sujeito observador” e sua forma de “experienciar o tempo”.

Nesse sentido, a possibilidade de estudo sugerida por Menezes (2003, p. 18) é coerente e amplia o horizonte de estudos *no* e *sobre* o selo postal. Assim três estratégias são indicadas:

1. o visual, que engloba a “iconosfera” e os sistemas de comunicação visual, os ambientes visuais, a produção/circulação/consumo/ação dos recursos e produtos visuais, as instituições visuais, etc.;
2. o visível, que diz respeito à esfera do poder, aos sistemas de controle, à “ditadura do olho”, ao ver/ser visto e ao dar-se/não-se-dar a ver, aos objetos de observação e às prescrições sociais e culturais de ostentação e invisibilidade, etc.;
3. a visão, os instrumentos e técnicas de observação, os papéis do observador, os modelos e modalidades do “olhar”.

Além disso, a produção de imagens está associada ao desenvolvimento tecnológico em dada situação histórica ou nos termos de Dubois (2011, p. 33), “em cada momento histórico surgiram tecnologias de imagens”, em que pese uma “dimensão técnica”. Assim, para Deleuze e Guattari (1992, p. 223) cada

sociedade utiliza, num certo momento histórico, tipos de máquinas (tecnologias), “não porque [...] sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las”.

Sendo assim, é possível afirmar que existiriam três momentos históricos de um lócus imagético. Um tempo-espaço clássico, um moderno e um contemporâneo de visão, da visualidade e das tecnologias visuais. Esses três modelos estariam vinculados a três tipos de sociedades “imagens-máquinas”, de acordo com as classificações de diferentes autores.

Segundo Deleuze (1992, p. 219) haveria três regimes sociais num *continuum* constante e metamórfico. As sociedades da soberania (lugar clássico) que tinha como objetivo “açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida”.

As sociedades disciplinares (lugar moderno) que sucedem as anteriores. Aqui surgem os “grandes espaços de confinamento”. O indivíduo é interpelado a dividir seu cotidiano entre estruturas fechadas e constantemente vigiadas, “...família, escola, caserna, fábrica, hospital e, eventualmente prisão, que é meio de confinamento por excelência”.

Por fim, as sociedades de controle (lugar contemporâneo), que somam às sociedades anteriores, a utilização de “...máquinas de uma terceira espécie, de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus”.

Por sua vez, Guattari (1993, p. 182) propõe três eras de máquinas coletivas de subjetivação. A primeira sendo aquela da “cristandade européia (lugar clássico), que se caracteriza por duas formas de articulação: uma com as entidades territoriais de base autônomas e, a outra, “com a entidade desterritorializada de poder subjetivo de que a Igreja católica era portadora”.

A segunda, a da desterritorialização capitalista dos saberes e das técnicas (lugar moderno), em que, segundo Guattari (1993, p. 186), o homem “perderia aí territorialidades sociais que lhes pareciam até então inamovíveis”. Por fim, a era da informatização planetária (lugar contemporâneo), na qual a “tecnologia ficaria sobre o controle de uma subjetividade maquínica de um novo gênero”.

Para Virilio (1994, p. 91) existiria uma trajetória lógica da imagem referenciada pelo desenvolvimento das tecnologias sócio-visuais que pode ser dividida, também, em três momentos.

Na verdade, a era da lógica formal da imagem [lugar clássico], é a da pintura, da gravura e da arquitetura, que se concluiu com o século XVIII. A era da lógica dialética [lugar moderno], é a da fotografia, da cinematografia ou, se preferir, do fotograma, no século XIX. A era da lógica paradoxal da imagem [lugar contemporâneo], é a que começa com a invenção da videografia, da holografia e da infografia. [...]. Como se neste final de século XX, a própria conclusão da modernidade fosse marcada pelo encerramento de uma lógica da representação pública.

Cabe dizer que, entre 1980 e 1990, diversas e distintas áreas de conhecimento e práticas científicas convergiram para o campo que lhes parecia comum, a visualidade. Os estudiosos dessas áreas entendiam que havia uma relevância patente da dimensão visual na contemporaneidade. Assim, Estudos em Comunicação de Massa e Estudos Culturais, principalmente nos Estados Unidos da América, na Inglaterra e na Alemanha tiveram um papel relevante nesse processo, mesmo que o enfoque não fosse idêntico.

Knauss (2006, 2008, p. 162), de forma precisa, sintetiza as diferenças. “A experiência anglo-saxônica apresenta uma tendência para definir os estudos visuais como disciplina, a imagem como objeto de estudo”, por sua vez, os germânicos vêm a imagem, não como objeto de estudo, ou como “dado de uma disciplina particular”, mas como um conceito que suscita “problemas afirmados social e historicamente, sempre em construção”. Seja de uma ou de outra forma, existe uma complexidade cada vez maior nos estudos imagético-mediáticos.

Do ponto de vista da análise de imagens, os conceitos que permitiriam olhar criticamente esse objeto resultariam de um longo processo histórico-social. Assim, para Joly (2005, p. 13), uma imagem, que aqui está sendo estudada enquanto um objeto imagético-mediático, “indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito que a produz ou reconheça”.

Burke (2004, p. 222), por exemplo, considera três escolas de análise de imagens e como elas estão interconectadas:

...os estruturalistas são criticados por uma falta de interesse em imagens específicas (que eles reduzem a simples padrões), e também por uma falta de preocupação com a mudança. Em reação contra este enfoque desenvolveu-se um movimento conhecido como 'pós-estruturalista'. Se os iconógrafos enfatizam a produção consciente de significado e os estruturalistas, como os freudianos, destacam os significados inconscientes, o foco do pós-estruturalismo recai na indeterminação, na 'polissemia', ou no que Jacques Derrida chamou de 'jogo infinito de significações'. Eles estão preocupados com a instabilidade ou multiplicidade de significados e com as tentativas dos produtores de imagens de controlar esta multiplicidade por meio, por exemplo, de rótulos e outros 'iconotextos'.

Tacca (2005), por sua vez, sugere uma ciência da significação imagética em que três aproximações são possíveis. A “abordagem semiológica”, que utiliza conceitos de Roland Barthes (1990): *denotação, conotação, ancoragem, studium e punctum*. A “abordagem semiótica”, que recorre às idéias de Philippe Dubois (1986): *intenção e referente*.

Por fim, “o ícone como símbolo social construído”, que considera conceitos como *Outro e símbolo*, numa concepção que se aproxima da semiótica de Charles Sanders Peirce, importantes para entendermos criticamente as imagens, por meio de estudos de Goldberg (1991) e do próprio Tacca (1995, 2001).

Esta Tese sugere, assim, que a utilização de um único enfoque metodológico de análise de imagens pode ser redutora à visão. Destarte, a situação experimentada por Barthes (1990) em sua “abordagem semiológica”, parece sedutora.

Por um lado, não cabe estudar apenas o selo postal sob o ponto de vista de um produtor - “*operator*” (unidade política emissora). Também não é recomendado, unicamente, fazer estudos de recepção - “*spectrum*”. Mas, interessa a posição de observador/intérprete - “*spectator*”, ligados afetivamente ao objeto analisado.

Olhar é uma atividade do e no corpo, por isso não há como negar a afetividade. É pautar o olhar do colecionador-pesquisador ou do pesquisador-colecionador na própria experiência, fragilidade e história de vida. Quem melhor para olhar um selo postal enquanto pesquisador do que um colecionador de selos postais? Isto, de forma alguma, anula a possibilidade do seu reverso.

Assim, sob uma visão didática, dar-se-á a apropriação da terminologia barthesiana da seguinte maneira: o *operator* é a unidade política, o Estado ou à administração postal emissora do selo postal, do documento, incluindo o conjunto de pouquíssimas pessoas que possibilitam a emergência de cada peça.

O *spectator* poderá ser, para efeito de pesquisas, um colecionador, um jornalista filatélico, um comerciante, um funcionário do Correio, uma pessoa comum (ajuntador, colecionador ou filatelista), um pesquisador. O *spectrum* é o selo postal, propriamente dito, no entanto, num nível em que mais do que a *frase-motivo* e a *imagem-motivo* sejam postos em evidência, alvo de análise e interpretações. Por fim, o termo *punctum* designa aquilo que salta aos olhos, o que nos selos alcança o observador afetivamente. Esses conceitos barthesianos servem ao estudo do selo postal e já foram tratados em trabalho anterior.⁵⁴

O aparato semiológico barthesiano serve, enfim, como uma tríplice potência, nos termos de Rancière (2012, p. 41), para o estudo e reflexão sobre os selos postais: “a potência da singularidade (o *punctum*) da imagem obtusa; o valor do ensinamento (o *studium*) do documento que traz a marca de uma história; e a capacidade combinatória do signo, capaz de se associar a qualquer elemento de outra série para compor ao infinito novas” frases-imagens-motivo.

Feita a digressão, algumas inter-relações podem ser interessantes aos estudos com o selo postal, sempre recordando dos conceitos que permeiam os estudos sobre linguagem, discurso e imagem, a saber: remetentes e destinatários de correspondências; colecionadores e comerciantes filatélicos; professores e estudantes; unidade política emissora e designers ou artistas plásticos quando chamados para contribuir com o design de uma peça ou de um conjunto de peças, e assim por diante.

Assim, é oportuno propor que o conjunto desses olhares, do pesquisador *no e sobre* o selo postal, sejam as raízes de uma nova disciplina, a Filatelia,⁵⁵

⁵⁴ Ver nota de rodapé 2.

⁵⁵ Existe um consenso internacional, desde meados de 1860, sobre a utilização do termo “Filatelia”. Por algum tempo, também no Brasil, esse termo foi questionado devido a sua origem etimológica, em que pese a utilização do termo “Filotelia”. Por questões de praticidade linguística, adotar-se-á o léxico *Filatelia*. O primeiro registro desse termo (em francês, *Philatélie*) foi veiculado, na França, no período do Imperador Napoleão III, no primeiro jornal filatélico do mundo intitulado “*Le Collectionneur de Timbres-poste*” (ver

entendida aqui de forma mais ampla do que aquela que designa uma práxis filatélica que existe e ocorre, unicamente, no mundo ou no regime de informação do colecionismo.

Também, ultrapassar os interessantes e criativos estudos e trabalhos que utilizam o selo postal, apenas, como âncora para ilustrar e divulgar alguma temática. É neste último sentido que se constitui a práxis filatélica atual: coleção, publicação e exposição. A disciplina teria como foco primeiro inserir e estudar essa práxis, mas ir além dela.

Figura 46 – Criatividade no uso do selo postal. Irlanda



O Brasil, nesse sentido, tem um vasto, diversificado, importante e curioso acervo de documentos filatélicos, emitidos desde 1843, incluindo mais de 5000 peças. A História do Impresso brasileiro é riquíssima, mas do ponto de vista da documentação filatélica, em geral, e do selo postal, em particular, foi pouco explorada, ainda mais em comparação ou considerando aspectos

Anexo C), do editor Arthur Maury (1844-1907), no dia 15 de novembro de 1864, no seu 1º volume, edição nº 5, páginas 20-21, numa matéria escrita pelo comerciante filatélico e colecionador Tobie Gustave Herpin (1820-1900). A sua intenção era substituir outros termos que vinham sendo utilizados na França, desde a invenção do selo postal adesivo na Inglaterra, em 1840, para designar as pessoas que colecionavam selos postais: *Timbrophilie* (em português, *Timbrofilia*). Filatelia deriva de dois termos gregos: *φίλος* (em Português: “amigo”), e *ατελεια* (em Português: “livre de franquia”). Assim o entendimento é que o Filatelista é “amigo do selo”. No Brasil, o debate sobre a terminologia adequada aparece na Revista mensal “Collecionador de Sellos”, editada por Raul Paula Remijio de Bellido, em Sorocaba, São Paulo, no dia 1 de janeiro de 1897, no seu 1º número (BELLIDO, 2004, p. 3). O uso da inicial maiúscula no termo deve-se ao fato de que defendo que a Filatelia é uma atividade que estabelece, historicamente, padrões [modelos] metódicos e sistemáticos, dignos de serem denominados científicos. Ainda, que cabem num campo específico de conhecimento, propriamente dito. Contudo, é preciso considerar que a práxis filatélica teve sua origem no campo do colecionismo dos documentos filatélicos, em particular, dos selos postais adesivos. Logo, neste trabalho, a práxis filatélica, aquilo que a caracteriza e constitui, não será explorada, posto que seria uma pesquisa de tamanha envergadura que escaparia ao que foi pretendido para esta Tese. Por outro lado, isso sugere que há muito trabalho por fazer. Ainda, a Filatelia é constituída de subáreas de estudo, a saber: pré-filatelia, tradicional, temática, juvenil, história postal, inteiros postais, aerofilatelia, astrofilatelia, maximafilia, literatura filatélica, selos fiscais, filatelia analítica, social e financeira. Outras disciplinas como Carimbiologia, Cartofilia, Heráldica, Numismática podem ser consideradas áreas correlatas. Ver apêndice A, para definições das subáreas de estudo na Filatelia.

intertextuais com outros suportes impressos, como cédulas, fotografias, correspondências diversas e distintas, jornais, revistas etc.

Até hoje, não existe uma leitura crítico-científica sobre essas peças⁵⁶, no que, de certo, agendaria debates em torno da contribuição dessa mídia para os estudos da História da Comunicação no Brasil e suas possíveis ramificações. Seguindo essa linha de raciocínio, chama à atenção que entre 2003 e 2011, no decorrer de oito encontros acadêmicos organizados pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede ALCAR⁵⁷), trabalho algum sobre selos postais ou jornalismo filatélico foi apresentado por estudantes ou pesquisadores.

Será que, em sua grande maioria, os estudantes e professores de jornalismo, em particular, e Comunicação, em geral, desconhecem a existência de práticas de um Jornalismo Filatélico institucionalizado, dentro e fora do Brasil, desde o século XIX? Dos estreitos vínculos entre a circulação de impressos periódicos, aqui e alhures, e as taxas cobradas pelos governos para que houvesse essa circulação da informação, por meio de selos postais?⁵⁸

Ou, talvez, ver e entender o selo postal, os documentos filatélicos e o Jornalismo Filatélico como produtos de práticas sociais que contribuem com o relevante papel de formar não, apenas, uma tradição de acumulação documental, mas, também, como representação de vontades e de mundos. Por fim, o desconhecimento chega, também, ao mercado editorial haja vista, até o presente momento, não publicou título algum sobre Jornalismo Filatélico?

A legitimidade e credibilidade dessa atividade jornalística teve sua origem, no Brasil, em 15 de janeiro de 1882, ao ser criada a primeira revista periódica filatélica, “O Brasil Philatélico”, em São Paulo, na antiga Rua da Imperatriz (atual Rua 15 de novembro), no centro da cidade, por Luiz Henrique Levy, que chegou a publicar três números, dos quais o segundo (15.02.1882) e o terceiro (15.03.1882) foram impressos no Rio de Janeiro.

⁵⁶ É importante lembrar o excelente trabalho de pesquisa e consequente publicação do livro *Selos Postais do Brasil*, por dois renomados professores universitários, Cícero Antônio de Almeida e Pedro Karp Vasquez, em 2003. Obviamente, que existe uma ampla e distinta bibliografia filatélica brasileira, no entanto não são usuais ou recorrentes publicações baseadas num olhar acadêmico. Igualmente, muitos estudos publicados por filatelistas têm um grau de profundidade, crítica e detalhamento louváveis.

⁵⁷ Página eletrônica da ALCAR: <www.ufrgs.br/alcar>.

⁵⁸ Por exemplo: O “Duties in American Colonies Act 1765”, também conhecido como “Stamp Act” ou “Lei do Selo”, em que o Parlamento Inglês estabeleceu que todos os documentos impressos circulantes na colônia americana deveriam receber selos provenientes da metrópole. Essa foi mais uma causa direta que culminou na Revolução Americana de 1775.

Figura 47 – Primeira página do Jornal "Brazil Philatélico", janeiro de 1882







BRAZIL PHILATELICO

JORNAL DEDICADO
AOS

Collecionadores e amadores de sellos postaes,
estampilhas, telegraphos, etc.

PUBLICAÇÃO MENSAL

ANNO I	S. PAULO	JANEIRO DE 1882	BRAZIL	N. 1
--------	----------	-----------------	--------	------

O Brazil Philatélico

AOS SEUS LEITORES

Ha muito que o Brazil necessitava de um jornal especial que tratasse unicamente da *Philatelia* isto é para tratar dos interesses postaes e por isso dedicado aos amadores e collecionadores de sellos, estampilhas, sellos de telegrapho, etc.

Quando nas principaes capitães do mundo civilizado como Paris, Londres, Nova-York, Berna, Leipzig, Bruxelias, Vienna, Valparaizo e em muitas outras cidades existem jornaes desta ordem e mesmo *Sociedades Philatelicæ* que dedicam-se unicamente a fazer conhecer o estudo da Philatelia seria desleixo, si nós brazileiros não consagrassemos tambem um para um assumpto pouco conhecido entre nós, porém que mais dia, menos dia se tornará fonte de importante estudo.

Não é sómente uma curiosidade para aquellas pessoas que a esta mania se dedicão como tambem bastante instructivo no ponto de vista geographico etc.

Demais a mais, não é inutil conhecermos os correios estrangeiros, porém, sim uma utilidade para todos em geral, lançamos mão de todos os esforços e não poupamos despezas para poder levar avante esta tentativa para iniciar no nosso vasto imperio uma empreza de cujo resultado não duvidamos.

Como o primeiro neste genero que apparece no Brazil, espera ser digno de merecer a attenção dos seus caros e distinctos collegas e amadores tanto nacionaes como estrangeiros.

Tem portanto a honra de apresentar aos seus caros leitores enviando-lhes desde já os seus sinceres agradecimentos e um affectuoso abraço pela entrada do novo anno.

A REDACÇÃO.

Pianista e comerciante manteve particular interesse pela Filatelia. Nessa atividade tinha a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos culturais, manter seus contatos locais e ultramar, unindo-os com questões de impressão e editoração. Na Bélgica, com o nome de Louis Levy, publicou uma mazurca de salão denominada Timbrée, dedicada ao editor e filatelista Jean Baptiste Philippe Constant Moens (1833-1908)⁵⁹, por ocasião de comemorações do “Journal le Timbre Poste” (1863-1887).

No Brasil, desde 1981, o pioneirismo de Levy é celebrado como o “Dia da Imprensa Filatélica”. A partir de janeiro de 1982, à Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos (ABRAJOF)⁶⁰, com o apoio da Federação Brasileira de Filatelia (FEBRAF)⁶¹ e da Federação das Entidades Filatélicas do Estado de São Paulo (FEFIESP)⁶² tem realizado a “Exposição de Literatura Filatélica” com o intuito de rememorar esse marco que, também, constitui parte da História da Imprensa brasileira.

Reconhecer os antecedentes históricos e sua contextualização, tendo como ponto de partida o selo postal, a documentação filatélica e o jornalismo filatélico pode ser articulado com o “próprio desenvolvimento da sociedade capitalista”, sugerido por Sodré (2004, p. 1), ao tratar da História da Imprensa no Brasil. Em certa medida, no Brasil, a História Postal tem relação direta com a História da Imprensa, desde os tempos coloniais.

Se, ainda, não existem sérios estudos de síntese, os trabalhos de Sotilo (2008) e Souza (2009), que tratam sobre o cartão-postal e a arte postal, respectivamente, e o artigo de Salcedo e Santana (2010), sobre a relação entre o jornalismo brasileiro e sua representação por meio dos selos postais, podem ser considerados um começo.

⁵⁹ Jean-Baptiste Philippe Constant Moens foi um belga que, do neófito colecionador de moedas, passou a ficar conhecido, internacionalmente, como o primeiro comerciante de selos postais do mundo e um dos pioneiros do Jornalismo Filatélico.

⁶⁰ No Brasil existe a Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos (ABRAJOF), fundada em 10 de janeiro de 1971, na cidade de São Paulo. No cenário internacional foi criada no dia 20 de agosto de 1962 à Associação Internacional de Jornalistas Filatélicos (AIJP - Association Internationale de Journalistes Philatélique ou, em inglês, World Association of Philatelic Authors and Journalists), sucessora da Federação Internacional da Imprensa Filatélica (FIPP - Fédération Internationale de la Presse Philatélique), criada na Itália em 1927. Página eletrônica da ABRAJOF: <www.abrajof.com.br> e da AIJP: <<http://www.aijp.org>>.

⁶¹ Página eletrônica da FEBRAF: <www.febraf.org>.

⁶² Página eletrônica da FEBRAF: <www.fefiesp.com.br>.

Figura 48 – Homenagem à Imprensa Brasileira⁶³

Figura 49 – Centenário do nascimento de Lindolfo Leopoldo Boekel Collor



Pertinente, portanto, nos estudos *no* e *sobre* o selo postal, considerado um objeto imagético-mediático, será a construção de uma prática de pesquisa particular ou de um nicho de trabalho investigativo singular, tanto na área da Comunicação, quanto em áreas correlatas, em que seja possível didatizar o objeto, ou seja, admiti-lo, apreendê-lo a partir de um lócus estratégico.

Por fim, a contribuição deste estudo é justamente trazer à vista essa mídia e inseri-la nos debates atuais sobre Mídia, Comunicação, História da Imprensa e áreas de estudo correlatas. Parte desses debates pode admitir, por exemplo, que existam e que precisam ser reconhecidos alguns antecedentes históricos em relação ao objeto, tema da próxima seção.

⁶³ Muitos são os aspectos passíveis de análise dos impressos que circularam num “quadro político institucional do Reino Unido e Portugal, Brasil e Algarves” (BERNARDES, 2010, p. 200). No decorrer da década “de 1820, circularam em todo o país, 53 jornais, aumentando esse número no período regencial brasileiro” (BARBOSA, 2010, p. 49), muitos dos quais com explícita afiliação político-partidária. Nessa década foi criado o “Diário de Pernambuco”, com o primeiro número circulando em 07 de novembro de 1825, assim como chega a “segunda tipografia trazida por Manuel Caetano do Rego Cavalcanti, que em parceria com Felipe Mena Calado da Fonseca e James Pinches, comprou do governo a Tipografia Nacional” (BERNARDES, 2010, p. 200). Uma leitura desse selo, juntamente a outras 31 interpretações de selos postais que rememoram elementos de “pernambucanidades” podem ser vista em Salcedo (2011).

3 RECONHECENDO ANTECEDENTES

Figura 50 – “Aprendendo nunca termina”



“Somos obrigados a levar sempre em conta a história, pois há uma história precedente da questão, uma espécie de sedimentação” (CASTORIADIS, 2007, p. 61).

Feita a necessária explanação teórica sobre a relação da linguagem, do discurso e da imagem neste trabalho é o momento, nesta seção, de admitir e considerar o que, sob um olhar ético, antecede historicamente a reflexão depositada neste escrito.

Despertar aquilo que, vez por outra, está adormecido. Reconstruir na escrita, no código e no texto a rememoração, na contemporaneidade, do que está distante e profundo, dormindo. Olhar nas incertezas historiográficas o que justificará um horizonte em que algo possa ser dito de outra maneira, mesmo que seja um empreendimento pautado numa certa ilusão, da qual emerge o próprio esforço da tentativa.

Assim, a proposta de reconhecer antecedentes é uma maneira mais ampla de entendimento sobre algumas regras que regem a relação entre o ofício do pesquisador com as fontes, sejam elas primárias ou secundárias, empíricas ou oníricas, naturais ou técnicas, impressas ou digitais.

Essa relação com as fontes constitui o ofício de selecionar e, assim, reduzir, os elementos pertinentes aos olhos, à observação, à propriedade individual do pesquisador em seu tempo histórico. Haveria, então, uma preocupação em apontar sintomas, “rastros” (RICOUER, 2007, p. 34), ou seja, “sinais, pistas e indícios” (GINZBURG, 2007), mais do que estabelecer um

diagnóstico seguido de seu prognóstico, algo que esteja aproximado à *representância* ricoueriana⁶⁴.

Pois bem, esta seção do trabalho foi construída de maneira que vai além da utilização científica de fontes ou da utilização de fontes científicas, entendidas, aqui e acolá, enquanto uma simples revisão bibliográfica. Foi pautada numa ininterrupta construção de saberes que tem como característica primeira “a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade não experimentável diretamente” (GINZBURG, 2011, p. 152), por meio da relação direta, do diálogo com as fontes, o objeto e o corpo.

Dessa forma, a relação com as fontes é um exercício de tramas e traumas. Pois, todo artefato cultural tem suas histórias e a de seus “produtores, observadores e consumidores” (GALVÃO, 2010, p.567). Uma relação e uma interação em que tanto olhar o selo postal como fonte, quanto olhar uma fonte como quem olha um selo postal, ajudou a decifrar fragmentos pretéritos por meio de pistas que esse exercício de ver e olhar proporciona.

Algo mais como uma decifração do que uma determinação. Algo para além da crença de que unicamente aquilo que está escrito e registrado é válido, pois que o sonho, o poético e o esquecimento também dizem. Uma interpretação, mais do que um signo.

Logo, com a mente aberta e dando asas à imaginação, esse despretenso e pequeno embaixador de papel serve, de maneira sutil, para permitir e validar a viagem de alguns dos registros humanos nas movimentadas águas de oceanos e rios, nas opacas sombras dos céus, nas demarcadas terras.

O selo postal é, assim, um espelho histórico que oferece o reflexo de comportamentos e pensamentos, individuais e coletivos, de culturas lembradas e esquecidas, mas, também a inviolabilidade de seu maior enigma: o próprio *imago*.

É nesse sentido que esta seção está delineada: utiliza fontes que permitem sinalizar dados considerados reveladores sobre os sistemas de comunicação antigos que, por sua vez, culminam no sistema de correios do

⁶⁴ Para Ricouer (2007, p. 289), esse vocábulo condensa, em si, todas as expectativas, exigências e aporias, ligadas à intencionalidade histórica, ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos.

continente europeu, do século XIX e, por fim, sob o entendimento de que é oportuno, ilustram a posição do Brasil na temática abordada, sempre que for possível.

Assim, esta seção é, de forma propositalmente reduzida, um conjunto de escritos e de imagens que buscam indicar e ilustrar que o mundo de hoje não está desarticulado do mundo do qual se torna visível e nem é simples continuação do mesmo, mas é um neófito mundo discursivo, um neomundo com raízes no antigo.

3.1 Dos Correios da Antiguidade até o século XIX

Figura 51 – Édipo Acorrentado



Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema do alfabeto, e fixei a **memória**, a mãe das ciências, a alma da vida (MELLO E SOUZA, 2005, p. 31-32, grifo nosso).

Antes de iniciar a exploração da temática pretendida, é necessário e oportuno esclarecer dois aspectos: existe a consciência de que manusear fontes, para nelas encontrar pistas, de forma alguma permite afirmar que existe uma linearidade histórica, um traçado absoluto.

Se, em certa medida, inclusive pela disposição dos títulos das sessões, alguma sequência é apresentada dirá respeito a uma preocupação didática depositada no trabalho. Em seguida, há o entendimento de que explorar e identificar elementos que constituam e configurem uma mídia demanda a observação sobre, mas não apenas, os sinais historiográficos.

“O foco no passado é demandado” (GLEICK, 2011, p. 11). Por isso, esta é uma proposta de explorar, por meio das fontes, certo traçado que permita ver o selo postal, hoje, como objeto que é subsidiado pelo que lhe antecede, na sua materialidade e funcionalidade, na sua história e na sua configuração e constituição midiática, ver um sistema comunicativo e discursos em constante transfiguração e transformação.

Incluindo, aqui, a noção de que o que lhe antecede tanto tem rastros que serão explorados nesta seção, como, também, tem rastros naquilo que o constitui enquanto um gênero, ou seja, a sua direta relação com os papéis

moeda, objetos de estudo da Numismática⁶⁵, rastros esses que merecem estudos posteriores.

Uma prática, em certa medida, proposta e exercitada por Paiva (2004, p. 11), de uma fazer histórico “menos esquemático e ideologizado, com linguagem mais acessível e ousada, menos presa aos convencionalismos ditos científicos à moda dos positivistas”. Um exercício em que, hoje, prossegue o autor, (2004, p. 11), “as fronteiras tornaram-se menos rígidas e privilegamos as práticas interdisciplinares, estabelecendo diálogos com outras áreas do conhecimento, e tomando delas o empréstimo de procedimentos, conceitos e experiências”.

É fato que nem tudo que parece do tempo passado, aquilo que algumas pessoas tentam determinar como de domínio exclusivo da chamada ciência histórica, está morto ou em desuso, por exemplo, missivas postais, carimbos e o próprio selo postal.

De fato, diversas e distintas mídias ou tecnologias de informação são utilizadas pelos humanos, desde tempos pré-históricos até hoje, fato este, que os estudos arqueológicos, históricos, antropológicos e paleontológicos têm contribuído sobremaneira.

Segundo Defleur e Ball-Rokeach (1993, p. 22)

é o domínio dos sistemas de comunicação usados para armazenagem, troca e difusão que representa os pontos de mudança críticos da história humana e até da pré-história. Foi a crescente capacidade para comunicar-se cabal e perfeitamente que levou ao desenvolvimento crescente de complexa tecnologia, e a mitos, lendas, explicações, lógica, hábitos, e às regras complexas para o comportamento que possibilitaram a civilização.

⁶⁵ Assim, do ponto de vista do estudo de gênero, o selo postal é, sobretudo e antes de qualquer definição, um texto e um documento que tem um valor de moeda. É uma taxa que tem similitudes e semelhanças com as cédulas. Nesse sentido, este escrito contribui com a indicação da relação primeira entre as cédulas e os selos postais enquanto gêneros que têm um valor monetário (de dinheiro e de moeda). Por sua vez, aquilo que, na Numismática, pode servir nas escolas da Europa, dos Estados Unidos da América, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, do Japão, da Rússia, da China, da Índia e, de desde 2008, da Argentina como instrumento e disciplina que de inegável relevância para os estudos da antiguidade clássica, das civilizações europeias do medievo, da iranística, da islamologia, da indologia e das civilizações do extremo oriente, não é utilizado ou é subutilizado no Brasil (SALGADO, 2009). O mesmo acontece com a Filatelia. A Numismática é considerada, por muitos, uma ciência que estuda as moedas e cédulas, amuletos e medalhas. Na atualidade, esse léxico também é utilizado para expressar a prática do colecionismo de moedas (leia-se, também, cédulas), incluindo o estudo de objetos *monetiformes*, ou seja, parecidos às moedas, como por exemplo: medalhas (que têm função essencialmente comemorativa), os jetons (emitidos por corporações para identificar seus membros), moedas particulares (destinadas a circular em círculos restritos, como uma fazenda ou localidade) e pesos monetários (que serviam para conferir os pesos das moedas em circulação).

Essas mídias permanecem em plena atividade e funcionais, com as devidas transformações e adaptações. Com o passar do tempo é possível observar e identificar mais uma convergência, uma complementação e, decerto, alguma transmutação do que uma anulação, desuso e desfuncionalidade do meio.

Posto isso, traçar um caminho que tem início hoje, ao olhar *no e sobre* o selo postal e, para isso, voltar o olhar para aquilo que lhe antecede, desde os primórdios dos sistemas de comunicação, para então, retornar aos dias atuais e, assumindo as transformações sofridas, demanda que sejam consideradas três situações:

1. Os humanos, no passado e neste momento, numa grande parte do planeta, foram e são condicionadas por “modos de ver” (BERGER, 1999), por um tipo de prática de visibilidade que puseram e põe em cheque os entendimentos sobre o espaço e o tempo;
2. Uma parte considerável desse condicionamento foi e é determinada por meios de comunicação, pelas mídias, por assim dizer, as tecnologias de informação que, identificadas e estabelecidas as suas propriedades sociotécnicas, moldaram e, ainda moldam (mediam) os campos de visão humana. Nesse sentido, Thompson (2011, p. 9) defende que quando um “novo meio de comunicação é desenvolvido e introduzido, mudam as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam uns com os outros e com eles próprios”. Essa é uma das características que pode ser estudada desde as primeiras civilizações⁶⁶ pós-Neolíticas⁶⁷.

⁶⁶ O termo “civilização” é empregado, no presente estudo e para fins didáticos, nas duas acepções sugerida por Jaguaribe (2001, p. 53-54). Uma tem sentido “sócio-antropológico, em que designa o estado de um grupo social que ultrapasse certas condições do período histórico denominado de Neolítico, preenchendo, no mínimo, três dos quatro seguintes requisitos: *urbanização, cultura comum, sistema político e sistema de escrita*”. A segunda tem sentido “sócio-histórico, em que quatro características” são sugeridas como “essenciais: 1) Sistema cultural com continuidade histórica, de uma ou mais civilizações que alcançaram os estágios sócio-antropológicos; 2) Ocupação de forma estável de um território que inclua uma ou mais cidades; 3) Emprego de uma ou mais línguas, com a respectiva escrita [...]; 4) Condições culturais que garantam a sua autonomia.” Assim, estas duas acepções ajudam numa distinção interessante: “civilizações’ não são consideradas ‘sociedades’, mas superestruturas culturais que podem ser associadas a uma ou mais sociedades”. Vale ressaltar que, apesar de servir como recorte didático, um estudo mais aprofundado pode ser dirigido para suprir aquilo que antecede e está no núcleo de qualquer debate que se faça sobre os sistemas de escrita, a saber: o visual.

⁶⁷ Seguindo o mesmo raciocínio da nota anterior, as civilizações que serão lembradas (pós-Neolíticas), neste estudo, são aquelas que, em algum momento, exerceram algum tipo de controle sobre o seu entorno natural. Dito isso, a classificação proposta por Jaguaribe (2001, p. 60) serve aos propósitos deste

3. A forma como as pessoas interagiam e interagem com as tecnologias de informação também contribuiu e contribui ao condicionamento do exercício de ver, como bem lembra Gleick (2011, p. 12): “Cada nova tecnologia de informação, em seu devido tempo, dispara o florescimento em transmissão e armazenamento. [...]. Em longo prazo, história é a narrativa informacional sobre si mesma”.⁶⁸

Mas, condicionados em que sentido? Thompson (2011, p. 10) indica que as tecnologias de informação (mídias, meios) “estão ligadas às formas de ação e interação que os indivíduos criam e das quais participam ao utilizá-las”. Prossegue de forma esclarecedora o autor (2011, p. 11, grifo nosso): “no fluxo normal de nossa vida cotidiana [e, também, dos antepassados], a visibilidade está relacionada com as capacidades físicas de nosso sentido de visão e com as propriedades espaciais e temporais das circunstâncias em que nos encontramos”. Assim, não é inadequado considerar que existem relações essenciais e fundamentais, diretas e indiretas, entre tecnologias de informação, comunicação e visão humana.

Tomaria forma, então, uma arqueologia da transmissão e armazenamento de informação e de conhecimento, em certo sentido como propõe Defleur e Ball-Rokeach (1993, p. 23), separando, didaticamente, distintas etapas da comunicação humana que iria da remota “Era de Símbolos e Sinais”, até a atual “Era dos Computadores”.

Assim como sugere McLuhan (2006, p. 108-109), ao inter-relacionar a velocidade de transmissão de mensagens, o meio utilizado e o seu transporte com a questão “da escrita e das estradas”, tudo isso olhado sob uma óptica de

trabalho, a saber: “1) Civilizações primárias: Mesopotâmicos (acadianos e sumérios), Egípcios, Harappa (Índia) e Shang (China), Maia, Astecas e Incas; 2) Civilizações secundárias de primeiro grau: Hebreu, Hititas, Fenícios e Egeus; 3) Civilizações secundárias de segundo grau: Helênicos e Romanos; 4) Civilizações terciárias: bizantinos e islâmicos”. O enfoque será dado, na medida do possível e não, necessariamente, em todas as civilizações mencionadas, sobre certa regularidade cultural pautada numa relação e interação de comunicação interpessoal a distância (por isso, este estudo não menciona a oralidade). O que interessa é explorar, brevemente, certas pistas sobre as antigas práticas de comunicação a distância em que certa mensagem era registrada, em algum meio, alguma mídia e transportada de um remetente para um ou muitos destinatários. Aquilo que, talvez, seja possível chamar de sistemas de comunicação pré-postal, pois não havia tipo algum de marcação ou identificação na mensagem, para então guiar o olhar sobre o surgimento de marcações, o que configuraria ou definiria um sistema de comunicação postal, chegando até a elaboração do selo postal adesivo, na Europa do século XIX.

⁶⁸ Tradução nossa: “each new information technology, in its own time, set off blooms in storage and transmission [...]. In the long run, history is the story of Information becoming aware of itself.”

“tecnologias enquanto extensões de nosso sistema físico e nervoso tendo em vista o aumento da energia e da velocidade”.

Outro autor atual, Headrick (2009, p. 43, tradução nossa), faz a mesma relação que McLuhan ao afirmar que todos os impérios, “desde os Assirianos até os últimos impérios europeus do século XIX”, necessitavam de um sistema de transporte que lhes desse a condição de gerenciar seus impérios em tão vastas terras.

Nesse sentido, “a construção de estradas era uma atividade essencial tanto para o comércio”, quanto para o movimento dos “exércitos”, mas, mais importante ainda, para permitir uma rápida, eficiente, eficaz e efetiva ordem comunicacional entre o centro do poder, a capital, e outras regiões.

Assim, por exemplo, a civilização Assiriana, que dominou o que hoje é conhecido pelo nome de Oriente Médio, de 1.600 AEC⁶⁹ a 600 AEC, construiu um sistema de estradas ou uma “road network” (HEADRICK, 2009, p. 44), para manter o império unido, logo depois de que aprenderam a utilizar e domesticar cavalos para fazer viagens de longas distâncias.

Por sua vez, a civilização Persa, entre 600 AEC e 400 AEC, também no Oriente Médio, completou o sistema de estradas construído pelos Assirianos, chegando aproximadamente a 2.700 quilômetros, indo desde a cidade de Susa, no sul do atual Iraque, até Epheus, no Mar Egeu. Essas estradas eram, usualmente, controladas e gerenciadas por patrulheiros, soldados e pelo exército. Enquanto mercadores e comerciantes levariam três meses para cobrir certas distâncias, os mensageiros levavam uma semana.

Por fim, cita Headrick (2009, p. 44), na China de Shi Huangdi, estradas foram construídas com necessidades especiais para os mensageiros do império. Os imperadores posteriores, da dinastia Han, melhoraram e aumentaram as estradas e as carruagens. A rota construída por esses visionários ficou mundialmente conhecida como a Rota da Seda, na qual também foram construídos os postos por onde passariam os mensageiros da corte para descansar e alimentar.

Essa relação de exemplos não parece distorcer, ainda, a necessidade de entendimento de que, por exemplo, por volta de 4.000 AEC, pequenos suportes (tabuletas de argila) eram utilizados como registros do cotidiano

⁶⁹ Antes da Era Comum. Semelhante à terminologia “Antes de Cristo”, mas sem o sentido religioso.

comercial e burocrático sumeriano, na cidade de Uruk, mas, ainda, como sugere Gleick (2011, p. 42), que essas tecnologias de informação tornaram “esse cotidiano possível”, por meio de influência da escrita e da transmissão terrestre de seu conteúdo.

De fato, conforme Defleur e Ball-Rokeach (1993, p. 32), o domínio dos antigos hominídeos sobre símbolos e sinais escritos, e sobre certas ferramentas permitiu que eles pudessem “lembrar, transmitir, receber e entender, mensagens bem mais extensas, complexas e sutis”. Assim, uma série de transformações ocorreu situando essas pessoas, não mais unicamente num estilo de vida de caça, coleta e reprodução, mas, também de criação de grupos organizados, as futuras civilizações clássicas.

Ora, desde então havia códigos e seus produtores, mídias e seus conteúdos informacionais e estradas por onde passavam os mensageiros com suas mensagens. Isso, de certo, permite pressupor dada similitude entre os signos e suas configurações e, que a partir deles, conforme Foucault (2002, p. 25), é possível decifrar o “modo como o mundo deve se dobrar sobre si mesmo, se duplicar, se refletir ou se encadear para que as coisas possam assemelhar-se”. Não estranha, então, mais do que algumas diferenças, as semelhanças entre as tabuletas de argila sumerianas e as tabuletas digitais contemporâneas.

Em que pesem essas assertivas, vale a pena lembrar que o que pode ser considerado como avanço das civilizações, no sentido de progresso, como lembra Dupas (2006, p. 13) “um olhar, do século XVI em direção ao passado, deveria permitir concluir como óbvio que os trabalhos desenvolvidos poderiam ser chamados em seu conjunto de progresso”, merece cautela e suscita dúvidas.

Figura 52 - Tabuleta antiga



Figura 53 – Tabuleta contemporânea



Figura 54 – O “mito” do progresso na educação



Assim, parte desta pesquisa assume seu papel, ainda que embrionário, de criar e estabelecer mais um caminho para que seja possível compreender o selo postal como meio, mídia e tecnologia de informação. Mas, também, enquanto um tipo de signo que remete ao que indica, enquanto fragmento que serve à pesquisa histórica e arqueológica interpretativa.

Esta última assertiva encontra suporte teórico na afirmação de Reid (1984, p. 223): “selos são excelentes fontes primárias à leitura de mensagens simbólicas”.⁷⁰ Para tudo isso é preciso olhar os selos postais e sua antecedência atentamente. Esse olhar, em que caiba uma pequena digressão, demanda a possibilidade de um exercício consciente com relação às possíveis aproximações e os necessários distanciamentos.

É um olhar que conecta aos mundos “elaborados e significados” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 55), carregado de uma ética cognoscitiva, de respeito e de moral. O mundo que é visto, respeitado e servido é o mesmo que vê, respeita e serve de volta. Na ordenação das coisas e das palavras, da informação, implica uma ética e uma ordem do olhar.

Essa assertiva, apesar de parecer oriunda de tratados filosóficos, e que não deixa de ser, em verdade, está mais ligada à maneira cotidiana dos mundos serem olhados. É o que Menezes (2005) propõe como uma História Visual em que três categorias são sugeridas: a visão, o visível e o visual. No entanto, falta-lhe ver o que segundo Ricouer (2007, p. 27, grifo nosso) é a “representação presente de uma coisa ausente [...] do *selo* da anterioridade”, o invisível, o distante, o “*eikón* platônico”,

Para isso, Esquirol (2008, p. 54) sugere que para “descobrirmos o que é digno de ser levado em consideração”, é preciso um olhar atento, respeitoso,

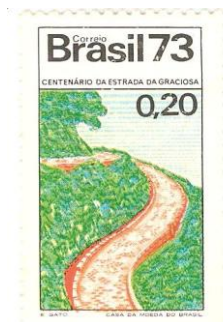
⁷⁰ Tradução nossa: “...stamps are excellent primary sources for the symbolic messages”.

ético, questionador, mas também, "que se olhem inúmeras vezes, em repetidas oportunidades".

Olhar atentamente o selo postal permite a elaboração de múltiplas narrativas históricas, inclusive as de cunho exclusivamente visual. Seja ele partícipe de uma realidade particular ou coletiva, pública ou privada, da ordem do folclórico, do institucionalizado ou do material.

O modo de ver o selo postal assume singularidades no decorrer de um pretérito carregado de saberes inacessíveis, de ditos e silêncios, de fontes orais, escritas e visuais. De fato, e concluindo a digressão, parece possível empreender uma "arqueologia" do selo postal, na concepção em que Kossoy (2003, p. 21) utilizou nos seus estudos sobre a fotografia.

Figura 55 – Caminhos possíveis



Posto isso, por onde e quando começar? Parece fácil, mas não é. Vários e vastos são os caminhos possíveis. Não é suficiente utilizar alguma fonte que determina um tempo e um espaço para o que seria um início ou uma origem da comunicação postal ou dos sistemas de comunicação postal. Mas, parece ser adequado traçar o caminho trazendo à tona aquilo que parece esclarecedor e que configure um recorte.

O enfoque será dado sobre certa regularidade cultural pautada numa relação e interação de comunicação interpessoal a distância em que dada mensagem era registrada em algum meio e transportada, por alguém, de um remetente para um ou muitos destinatários. Diminuir o tempo e a distância foi e, ainda é uma das funções primárias dos sistemas de comunicação a distância, quer seja por meio de um mensagem manuscrita, quer seja por meio de um e-mail.

Até certo período histórico, o sistema de comunicação a distância teve uma característica que será denominada de *pré-postal*. Nesse sistema não havia registro da informação comunicada em algum tipo de suporte, assim como não existia, ainda, tipo algum de marcação ou identificação nas mensagens. A forma de comunicação era feita por meio do som de tambores, pela visibilidade de fogueiras, por gritos, sons feitos a partir de utensílios etc.

Em certo período histórico, o olhar será guiado para o surgimento e a utilização de marcações nos suportes utilizados nos sistemas de comunicação a distância. Este, então, enquanto um segundo momento que constitui o sistema de comunicação a distância humano, pode ser definido a partir dessa característica de marcação intitulada *postal*.

Um terceiro momento pode ser definido como aquele que vai do *postal* até o que será chamado de *pré-filatélico*. No entanto, esse terceiro período faz parte do segundo. Apenas, apresenta como distinta característica a utilização de marcações, nas mensagens ou nos seus suportes, feitas por pessoas investidas de algum tipo de poder político (chefes de tribos ou comunidades social e politicamente organizadas, reinados, impérios).

Outro aspecto marcante do período *pré-filatélico* é a disputa pelo poder entre serviços postais oferecidos pelo Estado e por setores privados. Três elementos essenciais dessa disputa podem ser identificados, a saber: propriedade, controle e financiamento dos serviços postais. Num período que perdura até os dias atuais, a disputa pelo poder sobre os serviços postais foi pautada entre dois agentes.

Por um lado os governos e suas mensagens oficiais que resultavam em receita, mas também demandava altos investimentos. Pelo outro, as instituições não estatais, algumas das quais buscavam lucro nesse tipo de empreendimento: organizações de comerciantes, ordens religiosas, universidades e pequenas empresas privadas.

A institucionalização dos sistemas de comunicação a distância enalteceu dois aspectos previstos, a saber: segurança e privacidade. Considerar que todo ato de linguagem por meio de um sistema de comunicação a distância é um tipo de poder, permite afirmar que houve uma crescente preocupação dos locutores e interlocutores, envolvidos no sistema, com questões de segurança

dos conteúdos informacionais, assim como dos documentos, propriamente ditos, e de privacidade das pessoas.⁷¹

É durante o período *pré-filatélico* que ocorrem reformas postais em algumas regiões do continente europeu, justamente como resultado das disputas supracitadas, acarretando mudanças radicais nos sistemas postais de comunicação a distância. Dessas reformas foi criado o selo postal adesivo, no Império Britânico, em 1840, o que permite distinguir um quarto período que será denominado de *Filatélico*, em que emergirá uma prática de colecionismo inigualável na história humana, conhecida por Filatelia.

Vale lembrar que, em paralelo, durante os séculos XVIII e XIX, ocorreram avanços em estudos e experiências nos campos da física e da matemática resultando em uma série de invenções. Destas, a que marca profundamente uma ruptura nos sistemas de comunicação humana a distância, fazendo surgir a primeira das novas tecnologias de informação e comunicação⁷², é a telegrafia, por meio do aparelho telegráfico.⁷³

Assim, estabelecer um *onde* e um *quando*, do e para os sistemas de comunicação a distância, demanda o esclarecimento de que, no sentido sugerido por Defleur e Ball-Rokeach (1993, p. 102),

enquanto as atividades sociais estavam confinadas a um pequeno bando, que andava junto ou ficava perto de uma aldeia fixa, o alcance da voz humana, ou, no máximo a distância alcançável por um corredor robusto sem descanso, provaram ser suficientes como meios de cuidar de problemas de comunicação. Mas à medida que foram inventadas organizações sócias complexas para finalidade militares, comerciais e governamentais, tais grupos defrontavam-se continuamente com o problema de coordenar suas atividades sem um método realmente fidedigno de transmitir informações prontamente, vencendo longas distâncias.

Na ação da comunicação a distância dois aspectos coexistem e podem ser considerados, independentemente dos períodos anteriormente citados: o primeiro aspecto diz respeito ao tipo de informação comunicado. Esta alude a

⁷¹ Nesse sentido, mais estudos precisam ser feitos para enaltecer essas questões. Questões relativas a segurança e privacidade de documentos e mensagens nos sistemas de comunicação a distância têm uma relação direta com, por exemplo, Leis de Direito de Privacidade, Autorias, de Propriedade Intelectual, Leis Penais etc.

⁷² Essa expressão, abreviada na língua portuguesa como TIC ou TICS, é bem explicada por Pérez Tapias (2006, p. 14) ao referir-se a um “conjunto de tecnologias que abrangem diversos campos: computadores, sistemas de interação de computador e usuários, digitalização da informação, comunicações via satélite, telefonia e redes de comunicação, além do desenvolvimento de tudo o que se refere à fibra ótica”. Acrescenta, ainda, “o que tange aos meios audiovisuais, com os quais os computadores e os meios telemáticos interagem”. Como sinônimo também é usado: Técnicas da Informação e Comunicação.

⁷³ Para mais estudos sobre o telégrafo e assuntos afins ver Gleick (2011, p. 125), Briggs e Burke (2006, p. 137), Headrick (2000, p. 193), Parry (2012, p. 186), McLuhan (2006, p. 276), entre outros.

uma ordem do visual, da visibilidade e da visualização. A comunicação humana, seja feita pelo corpo seja utilizada alguma tecnologia ou algum suporte, é corpórea, sensível, visível. Isso foi, é e continuará sendo uma prática socialmente construída e estabelecida.

O segundo aspecto diz respeito à informação, enquanto conteúdo transformado em código e enviado de um remetente para algum destinatário, como objeto de comunicação mediada. Assim, a produção e utilização de meios, suportes, tecnologias, mídias, por sua vez, também é uma prática cultural socialmente construída e estabelecida.

Assim, o sistema de comunicação a distância postal tem início (quando), então, numa prática cultural e socialmente construída em que certa quantidade de informação era transformada em código, registrada e mediada. É o período em foram descobertas as primeiras marcas postais (desenhos, rubricas, sinetes, carimbos etc). Logo, por um lado, a capacidade de interação do emissor ou remetente com o receptor ou destinatário foi ampliado consideravelmente e, por outro, um número maior de pessoas poderiam ter acesso a uma quantidade maior de informações, utilizando um único meio de comunicação.

Nesse sentido, a simples prática de remeter uma informação, utilizando algum meio ou mídia, para outrem (destinatário) é secular, mas não, necessariamente postal. Por isso, faz sentido nomear e distinguir algumas das características que indicam certa regularidade de comportamento sócio-cultural no que diz respeito aos sistemas de comunicação a distância. Por fim, essa prática pode ser considerada a referência que serviu como modelo estrutural e comportamental, entre humanos, que perdura até as atuais vias de comunicação computacional em rede.

Não surpreende, assim, a afirmação de Wheeler (*apud*, GLEICK, 2011): “o que chamamos de passado é constituído por bits”. Que essa prática seja, então, um caminho não linear que vai dos ancestrais sinais de fumaça (comunicação visual = código visual) ou toques em tambores (comunicação auditivo = código auditivo), um dos tipos de comunicação de códigos a

distância⁷⁴, que antecede a comunicação postal, até as nuvens computacionais do século XXI.

Figura 56 - Sistemas de Comunicação: tambor, celular e na “nuvem”



Assim, estabelecer quando teve início esse modelo de comunicação, apesar de algumas consultas terem sido feitas nas fontes especializadas, não parece tão relevante. Recuperar e registrar esse tipo de informação seria uma mera repetição de estudos anteriores, para citar apenas dois, como os de Briggs e Burke (2006, p. 15), em que é contada “uma história social da mídia”, no “mundo ocidental” (o onde), “a partir do século XV” (quando), e Headrick (2000, p. 8-9), que explora o que ele denominou de “tecnologias de conhecimento no continente europeu” (onde), “entre 1700 e 1850” (quando).

Tentar identificar o lócus geográfico por meio das fontes acessadas, em certa medida, sugeriu mais uma disputa discursiva entre acadêmicos, cada qual defendendo o seu lugar de fala, o seu campo, de que, de fato, determinar em que local a comunicação postal foi iniciada ou teve sua origem.

Posto isso, uma definição é pertinente, ainda mais ao considerar a possibilidade de continuidade dos estudos *no* e *sobre* o selo postal. Estudar a comunicação postal ou os sistemas de comunicação postal não pode perder de vista as características elementares mencionadas: trata de um tipo informação que é registrada, em alguma mídia, transportada por alguém ou por algum meio e que diz respeito, essencialmente a uma cultura material e visual.

É a transformação de ideias, pensamentos, sonhos, conceitos em narrativas visuais, registro de informação visual. Disso se trata a comunicação postal: transferência e armazenamento de informação visual. Para alguns autores isso poder ser explicado da seguinte forma: transformação daquilo que

⁷⁴ Assim como não será dada atenção à oralidade, também não será dada atenção aos distintos tipos de comunicação a distância, apesar de sua relação direta com os sistemas de comunicação pré-postal.

é informação “endógena” (da mente, do consciente e do inconsciente, do corpo, do sensorial, do afetivo) em “exógena” (exterior ao corpo, à mente, aquilo que não pertence mais ao sensorial, aquilo que é do mundo visível) (MANGUEL, 2003, BAITELLO JR., 2005, 2010, 2012; DAMÁSIO, 2009).

Igualmente, lembrando do caráter didático do estudo, é salutar indicar, conforme sugere Gleick (2011, p. 32), que houve um tipo de progressão da “pictografia (escrevendo a imagem), para a ideografia (escrevendo a ideia) até a logografia (escrevendo a palavra)”, desde a Era Paleolítica (30.000 anos AEC), até meados do ano de 4.000 AEC, em distintos territórios, não, necessariamente, com rotas de comunicação entre si. É neste momento que faz sentido relacionar o *onde* e o *quando*, com as classificações civilizatórias já mencionadas.

Por isso, o entendimento de que o local (um onde) em que os sistemas de comunicação postal podem ser identificados é dissociado e distribuído pelos continentes asiático, africano e americano levando em conta as distintas e diversas práticas sócio-culturais de interação humana das civilizações existentes nessas localizações geográficas.

Assim, por volta de 4.000 AEC, em diversas regiões desses três continentes foi identificado um sistema de comunicação, a distância, realizado por pessoas que tinham a função de mensageiro⁷⁵, que percorriam certas distâncias, andando ou com ajuda de animais, e que transportavam informação registrada em distintos meios, quais fossem: tigelas de cerâmica, cascas de madeira, certo tipos de pedra, tabuletas de argila ressecada ao sol e couro de animais, cordões presos ao pescoço etc.

É necessário entender que os suportes utilizados variavam em função da época e do local, mas, também, das condições de desenvolvimento econômico e tecnológico daqueles que deles se serviam. Ou seja, do simples grito humano, ao tocar dos tambores; da fumaça às trombetas; dos cordéis aos

⁷⁵ O termo “mensageiro” é utilizado de uma maneira mais ampla, pois comporta a sua historicidade e funcionalidade independentemente do tempo histórico. Mas, outras nomenclaturas foram utilizadas no sentido de aludir a práticas e costumes específicos, como: “arauto”, um mensageiro oficial vinculado a cortes ou reinado, particularmente no período histórico conhecido como Idade Média; “estafeta”, um mensageiro, usualmente soldado, que transportava as mensagens a pé ou a cavalo; “postilhão”, mensageiro que para entregar as mensagens utilizava cavalos que puxavam carroças ou diligências; “núncio”, mensageiro vinculado à ordem papal e “carteiro”, hoje, no Brasil, aquele que entrega mensagens e é funcionário da ECT. Para efeitos deste trabalho, o termo mensageiro será utilizado na sua acepção mais ampla possível. Segundo Barbedo (1974, p. 15) “Na história do Serviço Postal brasileiro não podemos olvidar uma singular e pitoresca figura humana, profundamente ligada aos primitivos sistemas de transporte e comunicações, desde meados do século XVII até os dias presentes: TROPEIRO”.

corpos dos escravos; do uso de animais ao manuseio de argila, madeira e papiro, tudo foi válido enquanto processo de comunicação humana, mesmo quando o conteúdo não chegava ao seu destino. E isso inclui lembrar as crenças nas figuras mitológicas, romana (Mercúrio) e grega (Hermes), mensageiros dos Deuses.

Figura 57 – Mercúrio e Hermes



Nesse sentido, Fischer (2006, p. 14) comenta que

o homem de Neandertal e os primeiros *homo sapiens sapiens* liam entalhes em osso sinalizando algo que lhes fosse significativo – pontuação de um jogo, marcações de dias ou de ciclos lunares. A arte rupestre também era ‘lida’ como histórias visuais dotadas de informações com significado. Tribos primitivas liam extensas mensagens imagéticas em cascas de árvore ou em couro, ricas em detalhes. Em diversas sociedades antigas, varetas eram lidas para a contagem de quantidades. A sinalização permitia que mensagens simbólicas fossem lidas a distância: bandeiras, fumaça, fogo, reflexos em metais polidos e outros dispositivos. Os Incas liam os nós de quipo codificados por cores para monitorar transações comerciais complexas. Os polinésios antigos liam registros em cordas e entalhes para embalar suas gerações. Todas essas “leituras” envolviam códigos predeterminados. Transmitiam um significado conhecido – uma ação (como na arte rupestre), valores numéricos (com em varetas e nós) ou nome falado (como em entalhes e cordas) – sem cumprir, no entanto, os critérios da escrita completa.

Figura 58 – Mensagens e mensageiros





Nas palavras de (GONTIJO, 2004, p. 103),

os chineses, em 4.000 AEC, possuíam um serviço regular de transporte de notícias, com emissários velozes que percorriam grandes distâncias levando e trazendo informações. A Bíblia cita em vários trechos a troca de correspondência entre reis, como os de Israel e Judá, sete séculos antes de nossa era. Talvez, o mais eficiente sistema de transporte de informação da antiguidade tenha sido a do Império Persa. Heródoto dizia não existir nada mais rápido do que os mensageiros persas.

Figura 59 - Escrita antiga



Apesar da afirmação da autora ser uma informação válida, algumas variáveis precisariam de mais pesquisa, posto que existiram sistemas de comunicação tão eficazes, eficientes e velozes, como no continente asiático, no continente africano e no continente americano, quanto dentro do domínio geopolítico do Império Persa.

Assim, também, afirma Sampaio (1992, p. 15):

desde as mais antigas civilizações, muito antes da nossa era Cristã, assim que surgiu a escrita, existem os correios transportando e entregando mensagens escritas pelo mundo inteiro. Das tablitras e papiros até a nossa atual correspondência o seu transporte e entrega sempre foram serviços de suma importância para as sociedades em geral como para o homem.

Por meio das palavras de Gontijo é possível perceber duas preocupações que perduram até hoje: a velocidade de transmissão e, principalmente, a relevância do conteúdo informacional. Isso remete ao que Baitello Jr. (2010, p. 47), quando afirma que “os meios oferecem as concavidades vazias nas quais esperamos todos matar as nossas saudades, e nelas descobrimos uma nova fonte de mais saudades”. Um tipo de ânsia depositada ou projetada no e sobre os meios de comunicação.

A interação a distância naquele tempo, do tipo “mediada” (Thompson, 2011, p. 9) ocorria por distintas razões e algumas têm direta relação com o enfoque deste trabalho. Havia uma prática comunicacional que pode ser considerada sigilosa, por razões econômicas, políticas, de segurança ou sagradas, por exemplo, entre líderes de uma comunidade ou tribo e seu grupo social; entre distintas comunidades ou grupos; entre comandantes e seus guerreiros; entre mercadores e artesãos; entre sacerdotes e súditos.

Nesse sentido a colocação de McLuhan (2006, p. 115) parece consistente: paradoxalmente, a escrita, a mídia, o transporte e os caminhos “tiveram efeito na organização de novas estruturas do poder, mais centralizadas do que descentralizadas”. Por exemplo, continua o autor “a aceleração das comunicações sempre permite a autoridade central estender suas operações a margens mais distantes”.

Havia outro tipo de comunicação, esta de foro íntimo, particular que tratava de conteúdos informacionais trocados entre familiares e amigos. Neste caso, é possível dizer que as mensagens escritas e dirigidas aos parentes falecidos, muitas vezes depositados em suas tumbas, também podem ser consideradas precursoras da comunicação postal, podem ser consideradas pré-postais.

Enfim, esse modelo de comunicação pode ser denominado, segundo a terminologia proposta por Thompson (2011, p. 9), de “interação mediada”, ou seja, não era “face-a-face”, e, de fato, havia sempre um produtor de informação, um remetente e usuário potencial, um destinatário (muitas vezes, como mencionado, *post mortem*).

Logo, durante certo período e em diversos e distintos lugares no planeta, certas estruturas de comunicação estavam sendo transformadas em

necessidade crescentes. Talvez, por outro lado, algumas necessidades estariam transformando algumas estruturas de comunicação.

O que outrora fora um serviço de transporte e comunicação irregular foi aperfeiçoado. Os serviços ganharam regularidade e novos produtos de informação foram criados. Nesse sentido, Defleur e Ball-Rokeach (1993, p. 36) oferecem uma explicação sucinta e válida:

o mais importante na mudança da pedra pesada para veículos leves e portáteis é ter aberto a possibilidade para uma significativa mudança na organização social e cultural da sociedade. Estruturas institucionais inteiras foram influenciadas. As ideias puderam ser registradas, armazenadas, acumuladas, consultadas e transferidas.

Figura 60 - Artefato pesado



Figura 61 – Artefatos leves



Mas, nem tudo que era escrito foi enviado pelos meios convencionais, até então concebidos. A similitude da mensagem impressa no corpo do mensageiro, mesmo que pareça ser uma lenda, e do significado cultural das tatuagens no corpo humano é notória.

A lenda diz, conforme Silva (1995, p. 17-18, grifos nossos), que

um **rei** mandou que raspassem o cabelo de um **escravo** e no couro cabeludo foi escrita a **mensagem secreta** para um general em posto avançado no campo de batalha. Esperaram que o cabelo crescesse um pouco até que não desse para ser lida a mensagem por onde ele passasse. Depois foi enviado o mensageiro com a **carta** mais estranha que já se ouviu falar. Conta a lenda que foi prometido ao **mensageiro** a liberdade após concluída a missão que seria a mensagem lida em segredo pelo general. O escravo viajou a pé dia e noite, enfrentou toda sorte de riscos e perigos. Finalmente encontrou o **general** e lhe explicou que se lhe raspassem o cabelo ele iria ler as **informações** e **instruções** importantes que resultariam em avanços das tropas e conseqüente **vitória militar**. No final da mensagem, tinham instruções para que **matassem o mensageiro escravo**.

Figura 62 - Escravo livre



Figura 63 – Tatuagens comunicam



Aqui cabe uma observação com relação a citação anterior: interessa perceber, pois que existe uma inter-relação entre alguns termos citados que, aparentemente desconexas, quando relacionadas com os dois selos postais acima (figuras 63 e 64) trazem à tona certas práticas discursivas que demandam um olhar mais atento sobre essa pequena, criativa e singular mídia.

Assim, certamente, em que pese um estudo focado na prática, na formação e na produção de discursos e identidades, por meio dos selos postais, é salutar deixar revelar certas trajetórias, sejam regulares, sejam irregulares, de sentidos materializados nas formas discursivas desse documento. Ainda, lembrando que a partir dele, não significa apenas ele, mas, também, “interdiscursivamente” delinear relações ou interações que ele estabelece com outros textos, “dispositivos”, com outras mídias que circulam em distintos regimes de informação (GREGOLIN, 2007, p. 13).

Feita essa rápida observação, diante da imperiosa premência de comunicação a distância, motivada pelas novas maneiras de organização social do homem, somada à inata vontade de transmitir suas emoções e vivências, mas, também, de conhecer as de outrem, os sistemas de comunicação, logo, poderiam ser denominados de pré-postais e postais, a partir de tudo que já foi explorado.

Sendo assim, conforme Sarmiento (1981, p. 40), “a carta mais antiga de que se tem conhecimento foi escrita na Babilônia”, e complementa Margulies (1971, p. 34) “trata-se de uma tabuleta de argila em letras cuneiformes”. Hoje, arqueólogos sabem e defendem que existiu uma grande quantidade de troca de mensagens entre egípcios, babilônios e persas, visto as inscrições encontradas em documentos/monumentos que pertenceram aos reis e governantes desses grupos sociais.

As mensagens escritas sobre tabuletas de argila, por volta de 1700 AEC, eram produto intelectual dos escribas, também ávidos leitores, que denotam tanto mundos exóticos e que apenas cabem na lembrança, quanto emoções e fraqueza humanas que até hoje são conhecidas.

Segundo Fischer (2006, p. 20, grifo nosso), uma dessa cartas, que para este estudo é considerada pré-postal, um comerciante remete ao seu sócio que:

Você não cumpriu o que havia prometido. Colocou as barras falsas diante de meu mensageiro e disse: - se quiser levá-las, leve; se não quiser, vá embora! Quem você pensa que eu sou para me tratar dessa maneira? Enviei **mensageiros, homens como nós**, para reivindicar meu dinheiro, mas você me tratou com desprezo mandando-os de volta de mãos vazias diversas vezes [...]. Pois saiba que de agora em diante não aceitarei mais cobre algum de você que não seja de excelente qualidade. Passarei a selecionar as barras uma a uma em meu próprio depósito e exercerei meu direito de recusar, pois você me tratou com desprezo.

Em outra tabuleta de argila, escrita em letras cuneiformes, foi traduzida “a vontade de um escriba do governo faraônico de que seu filho desse importância ao aprendizado da escrita e do futuro brilhante de um escriba em cargos no governo” (THE POSTAL MUSEUM, 2011, informação eletrônica).

O papel dos escribas e a relação de sua função social a partir da leitura e da escrita de mensagens, em que pese a sua aptidão para com o desempenho oral, foram relevantes, por exemplo, à educação das novas gerações considerando que ao manusear os distintos suportes de informação os indivíduos eram obrigados a exercer uma atividade de visualização, complementando, assim, a função social da oralidade.

Outra relevante mensagem encontrada, por volta de 670 AEC, indica o desejo quase agonizante de que tinha o Rei Assurbanipal, da Assíria, de ler e armazenar as mais de 25 mil tabuletas de argila de uma das mais antigas bibliotecas conhecidas⁷⁶.

⁷⁶ Apesar de não ser o foco deste estudo, vale ressaltar que o estudo do selo postal e de outros documentos filatélicos evoca, do pesquisador, um olhar ético sobre as instituições (bibliotecas, arquivos, gabinetes de curiosidades e museus), que historicamente armazenaram as missivas pré-postais, assim como as postais, oferecendo, assim, tantas magníficas oportunidades de acesso aos diálogos interpessoais e interinstitucionais. Pois, vale o comentário de que as bibliotecas da Mesopotâmia chegaram ao apogeu durante o reinado de Assurbanipal II, que governou a Assíria no século VII. Na antiga capital do império, Nínive, ele organizou uma grande e altamente organizada biblioteca, que parecia mais um arquivo, com aspirações universais (BATTLES, 2003, p. 31).

Conforme Fischer (2006, p. 24), sua carta pessoal a um oficial chamado Xadanu é reveladora nesse contexto.

procure e traga-me as preciosas tabuletas das quais não há reprodução na Assíria. Acabo de escrever para o supervisor do templo e o prefeito de Borsipa informando que você, Xadanu, deverá manter as tabuletas sob sua guarda e ninguém deve se recusar a entregá-las a você. Se souber de alguma tabuleta ou texto cerimonial que sejam adequados ao palácio, procure-os, guarde-os e envie-os para cá.

O rei assírio recebia correspondências de todas as partes, de dentro e de fora do território imperial, que antes passavam pela triagem dos escribas. Interessante propor, então, que, guardadas as devidas proporções e diferenças tecnológicas, o escriba foi um precursor do atual carteiro.

Masperó (2009, informação eletrônica, tradução e grifo nosso) afirma que, em antigas tumbas faraônicas foram

descobertas, nos restantes de uma biblioteca regular que, originalmente, continha milhares de tabletas de argila, todos metodologicamente organizados e catalogados, em primeira mão, documentos de um reinado, que incluía **cartas** correspondidas com os administradores provinciais.⁷⁷

Segundo estudos arqueológicos recentes, um grupo de mais de duzentas tabuletas de argila, com escrita cuneiforme, podem ser consideradas as mais antigas. Foram encontradas ao Norte do Egito, na região Tel Al A' marna. Seriam registros de correspondência política transmitida por Aminophis (1364 AEC), da cidade de Tebas, para Akhotaton, em Al A'marna, a nova capital do Egito faraônico.

Os estudos sugerem a troca de mensagens postais entre Aminophis III e IV (1405 – 1352 AEC), e hititas, assírios, babilônios e os reis da Sicília. Em 2010, a descoberta de um fragmento de mensagem, escrito em acadiano, chamada pelos cientistas de “carta endereçada ao faraó Akhenaten, o ‘erético’, pôs em cheque algumas informações que, até então, eram tidas como verdadeiras sobre a comunicação postal no Egito do século XIV AEC.

⁷⁷ Texto original: "have been discovered in the remains of a regular library, which must originally have contained thousands of clay tablets, all methodically arranged and catalogued, at first-hand, which included letters exchanged with provincial governors."

Figura 64 - Mensagem "Wipa" antiga



Figura 65 – Fragmento de mensagem



Sob o prisma da Arqueologia, Rede (2006, p. 130) pondera sobre alguns fatos que explicariam essas tabuletas de argila e algumas de suas características.

Apresentamos as cópias, traduções e comentários filológicos de alguns tabletas inéditos do Museu do Louvre, que completam os arquivos conhecidos da importante família Sanum que viveu em Larsa, durante o período Babilônico Antigo [...]. Quanto à sua tipologia, os textos de Larsa são bastante diversificados. Um primeiro grupo é constituído por cartas reais entre os funcionários da administração palaciana. Muitas delas datam da época de independência do reino de Larsa. No entanto, o lote mais importante vem da época da dominação babilônica da cidade. A distância entre as duas cidades, cerca de 200 km, implicava uma constante comunicação por escrito entre a administração central e seus representantes locais. Muitas das vezes, era o próprio rei que se dirigia a seus servidores. Um segundo grupo, é formado por cartas privadas. No entanto, como estas, ao contrário dos contratos não trazem fórmula de datação ou dados cadastrais, é bastante difícil identificar sua origem apenas a partir dos nomes presentes [...]. As cartas da época babilônica antiga, reais ou privadas, vêm sendo sistematicamente editadas, em transcrição e tradução, na série *Altbabylonische Briefe*, com 14 volumes publicados até o momento.

No Egito, desde 2.500 AEC, no final do Antigo Império, diversos e distintos tipos de documentos foram classificados, dentre eles as cartas. Silva (1995, p. 20-21) argumenta que na décima nona dinastia, os faraós tinham um serviço exclusivo de mensageiros que “lhes traziam mensagens de todo o reino”. As cartas continham mensagens dos faraós aos de sua época, intra e extraterritoriais, que seguiam rígidos protocolos de certa retórica, do que hoje se conhece como diplomática.

Um exemplo de carta encontrada em Al A'marna é lembrada por Fischer (2006, p. 33), ao sugerir que em todos os níveis da sociedade

as cartas, sempre foram um material de leitura de enorme importância. Em cerca de 1.500 a.C., as epístolas internacionais abrangiam tabuletas cuneiformes de argila pequenas o suficiente para ser carregadas em uma das mãos, como convite do Rei Babilônio Kadasman-Enlil a Akhenaton (Amenhotep IV), faraó do Egito: 'farei uma reunião em minha casa. Você será convidado a vir comer e beber comigo. Estarão presentes vinte e cinco mulheres e vinte e cinco homens'.

Segundo Fischer (2006, p. 34)

a maioria das cartas e al Amarna, escritas totalmente no método cuneiforme, era transmitida em babilônio antigo, o idioma da diplomacia e do comércio naquela época. Para responde, porém, o faraó ditava em egípcio a um escriba que escrevia sinais hieráticos com tinta sobre o papiro. O escriba, então, levava esse texto a um tradutor real que criava uma versão em babilônio antigo, por sua vez, inscrevendo isso em método cuneiforme em uma tabuleta de argila a ser enviada pelo mensageiro do palácio. Este apressava-se ao local do destinatário, esperava autorização para entrar, entregava a tabuleta à devida autoridade que, em seguida, levava a tabuleta até o destinatário, juntamente com um tradutor, se necessário, e, enfim, o texto da carta seria lido em voz alta. Uma das mais pungentes cartas do período de amarna foi enviada ao Rei Supiluliumaxe dos Hititas por Ankesenpaton, a jovem viúva e Tutancâmon, pressionada a se casar com Ay, o sucessor designado, trinta anos mais velhos: 'Meu marido morreu e não tenho filhos. Dizem que o senhor possui muitos filhos. Talvez pudesse me conceder um de seus filhos para que se torne meu marido. Não gostaria de me casar com um de meus servos (isto é, Ay). Eu reluto em torná-lo meu marido'. O Rei Hitita consentiu, mas seu jovem filho foi assassinado no caminho para o Egito e, logo, Ankesenpaton, por certo temendo pela própria vida, cedeu e se casou com Ay.

Na Era Ptolomaica egípcia⁷⁸, um sistema de comunicação pré-postal "expresso" foi organizado para servir e suprir às necessidades de comando da corte dos governantes. Assim, uma mensagem de Fayoum levava quatro dias para chegar até Alexandria. Desde tempos remotos os egípcios, não apenas liam, mas escreviam mensagens com a escrita cursiva em notas cotidianas, cartas de julgamentos, e, segundo Fischer, como ferramenta prática para registrar.

O papiro "Hibeh - 110" (cidade egípcia El-Hibeh), em meados de 250 AEC relata a transmissão de cartas e mensagens (conteúdo e suporte), pelo sistema postal egípcio ao longo do rio Nilo. Conforme Apfelbaum (2005) essa correspondência indica como era feito o controle do sistema postal naquele período. A quantidade de cartas carregadas (um tipo de contabilidade), e os

⁷⁸ Segundo Jaguaribe (2001, p. 251), a Era ptolemaica egípcia diz respeito ao período da história do Egito (305 AEC – 30 AEC), em que um dos generais de guerra de Alexandre "O Grande", Ptolemeu I Sóter, se tornou rei do Egito.

nomes das pessoas envolvidas no serviço são mencionadas, como mostra a tradução feita para o Inglês, pelo autor:

on the sixteenth (N.N.) handed to Alexander six letter-packets. One was a letter-packet for King Ptolemy, another was a letter-packet and two letters thereto attached for Apollonius, Minister of Finance; one letter-packet for the Cretan Antiochus; one letter for Menodorus, and one tied up with the others for Chelios. On the seventeenth Alexander made over the post-bag to Nikodemus (signed Nikodemus). In the first hour of dawn, Phoenix the younger, a son of Heracleitus of Macedon, handed one letter-packet to Aminos. He gave the post-fee to Phantias. Aminos handed the letters to Theo-chrestus.

Por sua vez, sob o califado árabe de Muawiya (679 AEC), Egito organizou o seu primeiro sistema formal postal e o chamou de "al-Baryd", com rotas designadas que saíam e retornavam à cidade do Cairo, a então sede política do Egito islâmico. Esse serviço, em oposição ao "expresso", era "regular", ou seja utilizado por pessoas que não faziam parte da corte.

Assim, sobre o sistema de comunicação postal, no Egito antigo, algumas observações podem ser feitas: a) dois sistemas foram desenvolvidos, o primeiro era o "expresso", utilizado por reis, ministros e altos funcionários da corte.

O segundo, "regular", era utilizado por funcionários da corte que ocupavam cargos secundários e terciários, comerciantes, soldados e outras pessoas; b) o sistema "expresso" utilizava cavalos; c) o sistema "regular" utilizava estafetas à pé, animais de carga como camelos e, geralmente, viajavam em comboio.

Na região da Pérsia antiga, por volta do ano 2.000 AEC, conforme Silva (1995, p. 18), o sistema de comunicação pré-postal e transporte incluíam mais de "100 postos de trocas entre a capital Persópolis e o Mar Egeu". Lacombe (*apud*, GONTIJO, 2004, p. 103), por sua vez, sugere que "homens e cavalos ficavam estacionados, a intervalos, nas estradas que ligavam os agrupamentos humanos do Império; um homem e um cavalo para cada jornada de um dia, e tantas vezes quanto fossem necessárias para cumprir suas tarefas".

O historiador grego Heródoto, segundo a Enciclopédia dos Selos e Queiroz (1975, p. 1321; 1980, p. 23) fez grandes elogios ao sistema de comunicação postal do Império Persa que, para alguns colecionadores e historiadores, foi considerado o sistema de comunicação postal fundador do que, hoje, é conhecido como Correios.

Nada há de mais rápido, no mundo, do que a transmissão das mensagens, inventada e praticada pelos persas. Ao longo de todas as estradas estão escalonadas, a distância de um dia de marcha, estações devidamente montadas e aparelhadas, nas quais se dá a troca, a muda dos homens, e nem a chuva, nem a canícula ou as trevas devem impedir que os corretores cumpram o dever, ou que não o façam com a maior rapidez possível. O mensageiro que chega, entrega a mensagem ao que estava à sua espera, este a outro, logo adiante, e assim sucessivamente até que a mensagem alcance o destino próprio.

Figura 66 - Troca de mensagens



Figura 67 – Mensagem e formas de transporte



Em toda região do atual Oriente Médio e do antigo Império Romano outros animais, além dos cavalos e camelos, foram utilizados para remeter mensagens postais, por exemplo, o pombo e a andorinha.⁷⁹ As mensagens eram presas às garras, em pequenas sacolas de tecido animal e marcações eram feitas nos bicos para reconhecimento do rei ou governante remetente.

Conforme Silva (1995, p. 19), “esses mensageiros especiais percorriam milhas e milhas com segurança e rapidez, chegando a percorrer quarenta e oito quilômetros entre os postos de troca”. Segundo Civita (1988, p. 75), “acredita-se que ele foi também utilizado no ano 43 AEC, pelo exército do Imperador Romano Marco Antônio, o que acarretou o seu uso nas campanhas romanas, no atual, Oriente Médio”. Esse revolucionário serviço de comunicação postal, sem dúvida o precursor do serviço postal aéreo⁸⁰ mecanizado, chegou ao fim com a invasão dos tártaros (hunos, mongóis e turcos), em todas as regiões do Oriente Médio.

⁷⁹ A utilização de pombos e andorinhas (de certo, outras espécies de aves também eram utilizadas), no sistema de comunicação aéreo também é conhecida como “correio alado”. Diz-se que a utilização do pombo era muito proveitosa tanto por causa de sua velocidade, quanto pela garantia de seu retorno, isso considerando certo favorecimento concedido pelo aspecto climático.

⁸⁰ A título de curiosidade, vale lembrar que os sistemas de correios terrestres (feito com o auxílio de animais, assim como utilizando diversas e distintas tecnologias de transporte), marítimos (acima e abaixo da superfície), e aéreos (também feito com ajuda de animais e de múltiplas tecnologias de transporte) constituem um dos temas mais empolgantes e caros ao colecionismo filatélico, tanto sob o ponto de vista temático do selo postal, quanto da relevância documental à História Postal. Cabe lembrar citação de Queiroz (1988, p. 91): “se o transporte por diligências não deixou traço na história da Marcofilia nacional, o mesmo não se pode dizer do serviço de ambulantes ferroviários”.

Figura 68 - Pombo correio



Figura 69 – Andorinha correio



Mencionar os romanos remete a um dos mais organizados sistemas de comunicação pré-postal e postal do planeta, considerando que o transporte das missivas dependia de estradas em boas condições, de mensageiros e cavalos treinados e saudáveis, de certo nível de segurança e certa prioridade de passagem. Talvez, no período do Império Romano, o sistema funcionou por conta do respeito e disciplina às hierarquias governamentais e militares.

Porém, antes de prosseguir explorando indícios sobre o sistema de comunicação do Império Romano que, certamente, direcionará o olhar sobre o continente europeu, que seja permitido um desvio do olhar para comentar, de forma breve, sobre os sistemas de comunicação pré-postal e postal de algumas sociedades antigas e idiossincráticas.

Assim, no continente americano em que, segundo Bethell (2008, p. 19), “os primeiros testemunhos de sociedades dotadas de estruturas políticas e religiosas podem ser encontradas”, na antiga Mesoamérica, nos sítios arqueológicos “olmecas, astecas, maias e mixtecas” (atual México), e em toda a região andina”, que vai desde a atual Venezuela até a Patagônia, região de fronteira entre o Chile a Argentina.

Figura 70 - “Palenque”, cidade Maia



Figura 71 – Machu Picchu, cidade andina



É lugar comum, entre estudiosos, que tanto as civilizações mesoamericanas, quanto as andinas desenvolveram, conforme Elliott (2008, p. 171), um sistema “elaborado de comunicação”, com múltiplos sentidos. Do ponto de vista que interessa ao estudo, em ambas as regiões, estradas arquitetonicamente alinhadas, com extensão de até 2.500 quilômetros, conectavam vilarejos e locais dispersos aos locais que serviam como cidades centrais garantindo, assim, um avançado sistema de revezamento entre mensageiros.

Para atravessar trechos perigosos, como os abismos, uma cesta era presa por uma corda e amarrada ao corpo. As rotas eram, usualmente, pelas serras ou pelo litoral, por onde passavam os mensageiros, “*chasqui*”, treinados como velocistas, pois por muito tempo as mensagens eram transmitidas oralmente ao Imperador.

A não transmissão da mensagem resultaria em severa punição do mensageiro, no entanto eles utilizavam uma vestimenta especial (manta), e sinos, colocados ao redor do pescoço (MARGULIES, 1971, p. 34), não apenas para diferenciá-los dos demais cidadãos, mas para avisar de sua chegada, evocando certo respeito que lhes assegurava alguma imunidade, a saber: “a ninguém era permitido bloquear a passagem do ‘correio real’” (ENCICLOPÉDIA, 1970, p. 1259).

Por exemplo, na civilização Inca haviam casas, especialmente construídas ao longo das estradas, por onde passavam os corredores treinados para longas distâncias. Uma mensagem poderia viajar por milhares de quilômetros em uma semana, uma rapidez comparável com as viagens feitas pelos mensageiros persas e romanos a cavalo. Graças aos seus corredores e excelentes estradas, os Incas foram capazes de gerenciar um vasto império, tanto no que diz respeito ao tamanho da população, quanto ao imenso espaço territorial (HEADRICK, 2009, p. 69).

Figura 72 - Mensageiro com sinos no pescoço



Figura 73 – Adereços do mensageiro



Por sua vez, no outro extremo do planeta, o desenvolvimento da escrita na China Antiga não tinha, em princípio, uma função de comunicação interpessoal, era uma exceção à regra, em comparação com as civilizações Maias, Mesopotâmicas e Islâmicas, para citar algumas.

Um tipo de escrita que Barthes (2007, p. 8) chamará de “sistema simbólico inédito, inteiramente desligado do nosso”, o do mundo “Ocidental”. A escrita chinesa seria, então, resultado de uma resposta a uma busca de expressão através dos símbolos.

Alguns registros arqueológicos indicam que durante a dinastia Chou (1.122 AEC até 256 AEC), já existia um sistema de comunicação pré-postal, unicamente, a serviço da corte imperial e dos governantes. Este serviço dispunha de aproximadamente 80 mensageiros. A cada cinco quilômetros havia um revezamento e a cada quinze quilômetros paravam em pequenas casas para descansar e alimentar.

Sob a dinastia Tang (618-905 EC⁸¹), uma carroça puxada por cavalos era utilizada para percorrer grandes distâncias (cento e cinquenta quilômetros diários). No entanto, quando a mensagem era relevante para a corte, um percurso de aproximadamente 250 quilômetros era completado em um dia, com trocas regulares dos cavalos. Foi assim que o sistema de comunicação postal imperial chinês ficou conhecido como “voador”.

⁸¹ Era Comum. Semelhante à terminologia “Depois de Cristo”, mas sem o sentido religioso.

Figura 74 – Correio terrestre: mensageiros e cavalos



Por volta do século VI AEC (551-470), ao Confúcio (mestre K'ong Fuzi) foi atribuída a utilização da escrita para difundir suas aclamadas ideias, as quais alcançaram as circunvizinhanças por meio do sistema de comunicação pré-postal chinês.

Fischer (2006, p. 95) sugere que foi na época da unificação das distintas tribos rivais, sob o poder do imperador Qin Shi Huandgi (221-206 AEC), “o amarelo”, do Reino dos Qin (origem do nome China), que “uma vasta e ampla literatura alimentava centenas de milhares de leitores chineses” por meio de distintas formas de mensagens, em diferentes suportes.

Durante o início da dinastia Han (25-220 EC), boa parte da escrita e das mensagens utilizavam a seda como suporte. Assim como o papiro no mundo “ocidental”, a seda era muito custosa no mundo “oriental”. Assim, em 105 EC, ainda na dinastia Han, foi elaborado o papel e sua invejada técnica.

De certo, a civilização chinesa, do século I, então espalhada pelo vasto território do continente asiático, foi a primeira a utilizar o papel como suporte num sistema de comunicação pré-postal. A manufatura, utilização e difusão do processamento do papel e a relação com o advento do selo postal no continente europeu será explorada mais adiante.⁸²

Feito esse curto desvio para explorar algumas características dos sistemas de comunicação pré-postais, tanto das civilizações do continente

⁸² Durante as consultas às fontes foi verificado que tanto no continente africano e asiático, particularmente nas civilizações mesopotâmicas e na chinesa, assim como nas civilizações do continente americano, cordas adornadas com pequenos objetos serviam tanto para contar, quanto para transmitir mensagens. O interessante ou curioso desse fato é que essas civilizações, até onde é pressuposto, não tiveram contato algum entre si, no entanto utilizavam um mesmo tipo de tecnologia de comunicação. Talvez, no futuro, esse fato pretérito seja esclarecido.

americano, quanto da civilização chinesa, é chegado o momento de retomar alguns aspectos da civilização romana e, em seguida, dos gregos.

Lembrando que duas circunstâncias diferentes, sob o aspecto temporal, territorial e tecnológico estão guiando o olhar até o surgimento do selo postal adesivo na Inglaterra do século XIX. Ambas são válidas e interligadas, no entanto cada qual será sucintamente abordada. Uma diz respeito, justamente, ao que está sendo explorado e explicado nesta seção. Àquela que trata sobre os sistemas de comunicação humanos à distância, considerando as respectivas idiossincrasias dos grupos sociais e das tecnologias de informação utilizadas, em certo escopo temporal. A outra tratará, na seção 4.1, sobre a trajetória do papel, enquanto suporte de informação, da China do século II, até a Espanha e Itália (Europa do século XI), por meio dos árabes e de mercadores e soldados de diversas regiões da Ásia e Norte da África.

Está claro, então, que o papel, a escrita, as rotas marítimas e terrestres, o uso de animais, as tecnologias de informação, o desenvolvimento do registro escrito e dos lugares de armazenagem, as necessidades de comunicação, relação e interação humanas, tudo está interconectado e auxilia na trajetória que explica o surgimento do selo postal adesivo ou, pelo menos, indica pistas, deixa sinais, rememora possíveis caminhos.

Dito isso, existem registros de que na Itália, dos romanos (etruscos), por volta de IV AEC, reis e comerciantes faziam uso recorrente de tabuletas de cera para correspondência e contabilidade. No período de romanização das províncias, por volta dos séculos II e I AEC, a função da escrita e da transmissão de mensagens para os confins do Império foi ampliada, posto as necessidades militares, políticas e econômicas.

Fischer (2006, p. 63), sobre esse ponto comenta que, por um lado, “em todo o Império, da Caledônia (Escócia) à Capadócia (Turquia)” havia, por conta da escrita, “um enorme volume de correspondência pessoal mantendo, assim, os padrões na amplitude do Império” e, pelo outro “que essas correspondências também garantiam os suprimentos militares e sancionavam pedidos, além de transmitir informações secretas” Fischer (2006, p. 65).

Isso, de certa maneira, fornece pistas de que por muito tempo, em distintas civilizações ao redor do planeta, a comunicação mediada a distância, fosse ela pré-postal ou postal (conforme classificação sugerida neste trabalho)

tinha duas características marcantes: foro íntimo e de ordem político-administrativa.

O serviço regular de comunicação postal romano de que se tem alguma comprovação histórica, antes denominada “*vehiculatio*”, depois, “*cursus publicus*” foi estabelecido pelo Imperador Octávio Augusto, no século I AEC. Este mandou construir pequenos espaços de recolhimento e despacho, nas estradas por onde passavam os militares e as comitivas oficiais, denominados “*positas*”, que do Latim vai derivar o termo “*posta*”, atualmente utilizado e traduzido em diversas e distintas línguas.

Por sua vez, Gontijo (2004, p. 104, grifo nosso) sugere que

no período do Imperador César Augusto, havia *estações postais* espalhadas por todo o Império. Os ‘*matutice*’ eram os locais onde os mensageiros paravam para efetuar a troca de cavalos e as ‘*mansione*’ eram as instalações próximas a estes locais, onde os mensageiros se alimentavam e descansavam. Em torno delas, se formaram aglomerados urbanos onde governadores e funcionários das províncias se instalavam e ficavam o mais próximo possível do acesso às informações. Os nobres dispunham de seus próprios mensageiros, o que era um símbolo de *status*.

Vale lembrar a proposta de McLuhan de que estudar os meios de comunicação, neste caso, citando aqueles utilizados no Império Romano, também pode incluir o entendimento sobre a importância da configuração das estradas, pontes, represas, aquedutos e canais sob uma visão de que sem esta estrutura urbana a comunicação seria dificultada. Igualmente, ainda é possível observar os vestígios dessas construções em algumas cidades européias.

Queiroz (1980, p. 24) afirma que a eficiência do sistema público de correios romano foi causada pela aplicação de recursos, até então, desconhecidos à época, como:

utilização corrente da escrita, mediante o emprego de tabuinhas recobertas de cera (*tabulae*), do pergaminho e do papiro, em forma de livros (*libelli*); emprego de carros movidos por tração animal – os de 4 rodas (*rheda*), os de duas, para uma só pessoa (*cisum*) e, os de alto luxo, para uso exclusivo dos nobres (*carpentum*); estabelecimento de jornadas fixas, de quarenta quilômetros, com mudas (*mutationes*) a intervalos de cinco quilômetros, destinadas à substituição das alimárias e, eventualmente, dos condutores. No ponto final de cada jornada situava-se em edifício denominado *statione*, destinado, sobretudo, a servir de abrigo para as pessoas que ficavam à espera da correspondência; o perfeito esquema de fiscalização e controle de serviços, executado por funcionários de diferentes categorias; montagem de um perfeito e descentralizado sistema de apoio que visava, fundamentalmente, à manutenção e

reposição de carros, cuidado com os animais e pronto atendimento ao elemento humano.

Figura 75 – Soldado romano



Um importante capítulo dos antecedentes do selo postal tem uma relação direta com a primeira visita de reconhecimento dos romanos à Grã-Bretanha, por volta do ano 55 AEC. Com eles foram trazidas competências e habilidades para construção, um eficiente sistema postal e à arte do manuscrito epistolar.

Por volta de 20 AEC, Augustus fora nomeado comissário das estradas que ligava Roma ao resto do Império. Ele não só construiu estradas como definiu dois sistemas de comunicação por mensageiros: o mensageiro poderia entregar a mensagem para outro mensageiro, possibilitando uma entrega mais rápida já que o segundo mensageiro e o seu cavalo estariam descansados ou o mensageiro entregaria, ele próprio a mensagem, descansando regularmente nas “positas”.

O próprio Augustus preferia o segundo sistema, pois poderia questionar um único mensageiro sobre qualquer assunto que lhe fosse conveniente. Também foi esse Imperador que, de certa forma, inicia o que para este estudo criará uma ruptura nos sistemas de comunicação pré-postal e postal.

Até onde se sabe, Augustus utilizava alguns tipos de inscrições em cartas pessoais, passaportes e despachos. Segundo Beale (2005, p. 14) num primeiro momento ele utilizou a “esfinge”, num outro momento imagens de “Alexandre, O Grande” e, por fim, “sua própria imagem”. Assim, essa característica permite que seja identificado um sistema de comunicação postal, visto que os remetentes começariam a utilizar certas inscrições e marcações, o que não ocorria anteriormente, nas mensagens para que pudessem ser identificados pelos destinatários.

Figura 76 – Esfinge



Figura 77 – Efégie de Augustus



Figura 78- Alexandre, “O grande”



De certa forma, um ato comunicativo em que um sujeito falante (locutor) identifica-se ao sujeito falante (interlocutor), um modelo que até hoje é seguido e utilizado. Pois bem, durante o avanço das legiões romanas pela Grã-Bretanha um detalhe deve ficar claro: os romanos não tinham interesse em unir as cidades por meio das estradas construídas na ilha, mas suas intenções eram, apenas, o seu uso militar e político.

Figura 79 – Estradas na Grã-Bretanha Romana



Fonte: Margary (1973).

Por sua vez, as *cursus publicus*, num primeiro momento oram construídas para a rápida transmissão de mensagens, mesmo que para os romanos, o que importava era se ela chegava ou não. Com o passar do tempo essas estradas ganharam outras funções.

Assim, os dois sistemas de mensagens criados por Augustos foram reformulados: o correio expresso (*cursus velox*) e o correio lento (*cursus clabularis*). Ambos utilizavam cavalos ou mulas e carroças para carregar duas ou quatro pessoas.

Figura 80 – Carroças do correio romano



Beale (2005, p. 20) sugere que o sistema de comunicação postal romano “não era público” a não ser por ordem do Imperador ou do governador de alguma província. Eles tinham que utilizar mensageiros particulares ou fazer acordos com mercadores. Outro detalhe das mensagens escritas pelos romanos diz respeito ao fato de que eles descreviam no início do texto quem escrevia e para quem estava destinada a carta.

Uma característica que, até hoje, não foi encontrada em outras civilizações do mesmo período ou anteriores. Na Grécia, também é possível identificar um uso de correio regular, principalmente, conforme Silva (1995, p. 22), pelos “relatos nos textos de Platão, Aristóteles, Plutarco, Eurípides e outros”.

Assim, foi por meio do que Landowski (2002, p. 176) vai chamar de “função de signo, mas também valor de ato”, que as correspondências transmitiam ordens dos Reis aos administradores de suas terras, que comerciantes pediam suas mercadorias aos artesãos, que comandantes gerenciavam os combates, os suprimentos e a logística dos exércitos e que

amantes se faziam presentes para o outro, mesmo ausentes pela distância física.

Figura 81 – Selo, carimbos e moedas: simbolismo rico, harmônico e intertextual



A partir da afirmação de Chevalier e Gheerbrant (2006, p. 811, grifo dos autores) é possível identificar além de três aspectos relevantes resultantes da utilização do selo, em tempos pretéritos, um simbolismo rico e harmônico.⁸³

1. O Rei imprime o seu selo sobre os documentos, sendo, portanto, sinal de poder e de autoridade; 2. O selo preserva um documento de uma publicação antecipada (testamento), sendo, portanto, um símbolo de segredo; 3. O selo marca uma pessoa ou um objeto como propriedade indiscutível daquele cuja estampilha traz, sendo, portanto, símbolo de legítima propriedade.

Leonard (1968, p. 63) sugere que a força mais poderosa jamais vista pela Humanidade, os Mongóis de Gengis Khan, não foi capaz de vencer os japoneses. Por volta de 1281, os Mongóis, lutaram contra vários aliados dos japoneses, incluindo "as cartas que o Imperador vigente escreveu às tumbas de seus ancestrais solicitando proteção aos espíritos do planeta".

Por outro lado, Silva (1995, p. 20) sugere que

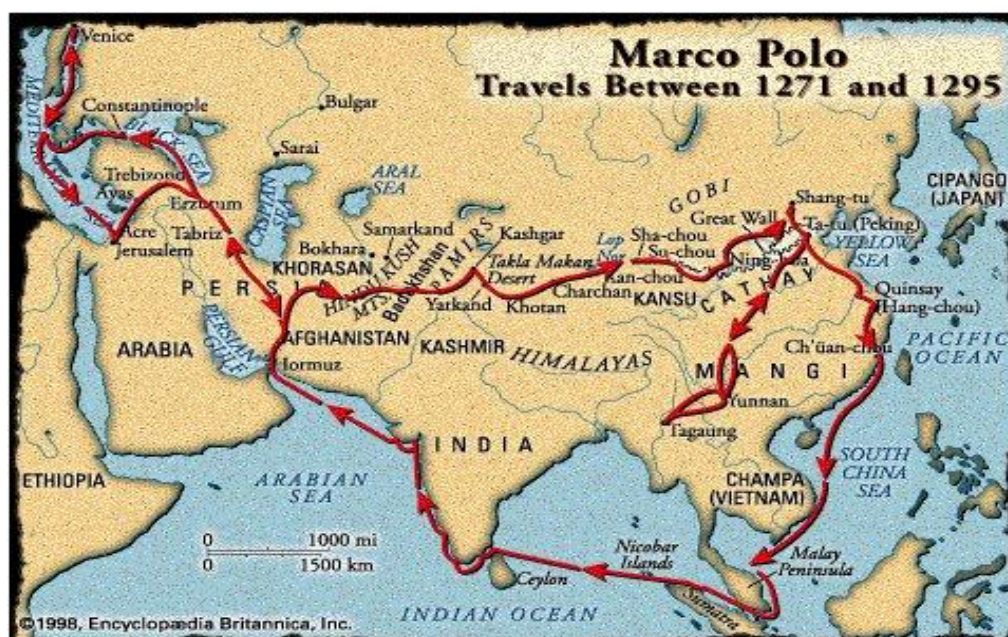
Marco Pólo, no século XIII, falou com entusiasmo do Correio de Cambaluc, e de um sistema de correios especializados na entrega de mensagens para o Gran Kan, com milhares de cavalos e mensageiros para revezamentos contínuos, para maior rapidez na entrega de ordens militares.

Figura 82 - Marco Polo



⁸³ Apesar de fazer parte do simbolismo mencionado, as inúmeras acepções mítico-religiosas com relação ao selo não serão abordadas.

Figura 83 – Mapa das rotas de Marco Polo



Fonte: Kent (2013)

Na Idade Média, principalmente no continente europeu, o sistema de correspondências evoluiu. Margulies (1971, p. 34) cita, por exemplo, que “as ordens monásticas organizaram uma rede de correios entre si”. E completa: “fora da área monástica os reis outorgavam o privilégio exclusivo de exploração do correio a alguns nobres súditos, selecionados segundo a lealdade”. De igual modo, afirmam Davies e Maile (1990, p. 7, grifo nosso) “na Inglaterra de 1635, o Rei Charles I emitiu um decreto autorizando o uso do seu Correio Real pelos seus súditos”.⁸⁴

Parece que, em meados da Idade Média, o sistema de correios mostra que o *cursus publicus* romano, criado pelo Imperador Augusto, e malgrado os esforços empreendidos pelo Imperador Carlos Magno - considerado Patrono dos mensageiros no norte da Europa - sucumbiu à condição anterior de sua práxis: o fato de o sistema de correios voltar a ser um privilégio dos reis e nobres, das primeiras universidades e das comunidades religiosas.

É a partir do século XV, principalmente, na Europa, que vão ocorrer pressões populares para que o sistema de correios volte a ser utilizado por

⁸⁴ Texto original: “It was on 31 July 1635 that King Charles I issued a proclamation allowing his subjects to use his Royal Mail”. Sob a ótica monástica existia um “correio dos monges”, em que selecionados monges mensageiros caminhavam quilômetros, na Europa do século XII, justamente para acompanhar a construção de mosteiros em distintos e diversos lugares do continente europeu. Conforme Queiroz (1988, p. 91), os monges “levavam rolos de pergaminho sobre o qual cada convento anotava as notícias de interesse geral e a data de chegada do mensageiro”.

todos. Como resultado disso, surge os correios de alguns particulares, mesmo quando explorados por ordens militares e religiosas ou pelas corporações civis, denominadas “ligas”: organizações populares, constituídas por cidades, tendo como intuito estabelecer e garantir um sistema de comunicação postal mútuo, a saber: Liga Hanseática, Liga dos Açougueiros⁸⁵ da Alemanha e a Liga Comercial de Veneza.

Esse serviço não chegava à população, pois ficava sob uso dos membros dessas entidades. Ao contrário, o serviço que mais chegava próximo da população e, ao mesmo tempo, mais se tornava popular era o dos correios universitários, principalmente, Paris e Nápoles.

É difícil estabelecer uma data ou período adequado que mostre quais foram as causas das transformações sociais mais agudas. Certo está que o século XV, num contexto que interliga a Europa, a Ásia e outros territórios conquistados e anexados aos reinos, foi o momento histórico em que pode ser identificado um serviço de correios que passou por uma segunda revolução.

Ora, o final da Idade Média ou início da denominada Era Renascentista foi o tempo de surgimento de um novo modelo de comunicação à distância, particularmente, na Europa. Era um sistema de comunicação postal, pré-filatélico, de confiança entre distintas e diversas cortes, principados, ducados, reinos, impérios. Nesse sistema, empregados civis transportavam as missivas, por muitas vezes, não diplomáticas. Mas, também, era o ambiente e a ocasião de comunicação entre pensadores, filósofos, religiosos e cientistas.

As comunidades religiosas foram uma das principais operadoras de sistemas postais na Idade Média. Por exemplo, monges beneditinos, com mais de três mil mosteiros viajavam constantemente, não, apenas, para distribuir as correspondências de seus interesse, mas, também, de particulares, como Reis e nobres.

Infelizmente, muito pouco é conhecido dessa sistemática, pois que ficam algumas incertezas: as taxas a serem pagas pelo serviço seriam estabelecidos como contribuições à Igreja? Havia cronogramas de recebimento, coleta e entrega das cartas? Quem as elaborava e quem as seguia? Ou, talvez, existiria

⁸⁵ “Correio dos Açougueiros”, organização alemã não-governamental que existiu até meados do século XVII, também conhecida por “Metgerposten” (QUEIROZ, 1988, p. 91).

uma negociação pessoal entre as partes interessadas: levar uma carta em troca de comida e descanso, um acordo informal?

Em que pese a contradição entre historiadores com relação aos recortes temporais, o sistema postal nas Universidades e Sociedades Científicas, do período renascentista, também revela características dignas de nota. Período que, entre os séculos XV e XVII, a economia feudal cedeu lugar ao crescimento do comércio, da indústria e das cidades.

Sob a ótica do discurso científico, foi um período em que uma nova imagem de mundo substituiu outra antiga e limitada, em que valiam os preceitos herdados dos gregos. Nesse contexto, tanto as Universidades, quanto as Sociedades Científicas tiveram papéis sociais importantes ao difundirem os novos campos de investigação científica e estabelecê-los como constituintes das culturas humanas.

Come relação as Universidades fundadas na Idade Média (Paris, Oxford, Salamanca, Bolonha, Padua, Cambridge), todas atraíam estudantes de todo o continente europeu, que, por sua vez, tinham necessidade de comunicação à distância com familiares e amigos. Além disso, os estudiosos precisavam manter comunicação com seus pares em distantes centros escolares.

Muitas delas estabeleceram rotas de comunicação e serviços postais custosos. A Sorbonne, de Paris, por exemplo, oferecia um serviço postal ao público em geral o que aumentava a rede comunicacional entre Paris e outras cidades do continente europeu. Sistema que perdurou, aproximadamente, trezentos anos. Foi um negócio e rendia lucros à Universidade.

No caso das Sociedades Científicas, o que chama à atenção trata sobre um sistema postal que cresceu de tal maneira que escapou ao controle dos soberanos e das comunidades religiosas, evoluindo para uma escrita metódica e expressiva, denominada “Republique des Lettres”.⁸⁶ Talvez, a principal característica desse modelo seja o fato de que a escrita por meio de missivas criou as condições para que o discurso científico fosse difundido em múltiplos pontos da Europa.

Um exemplo disso é lembrado por Sababini (2005, p. 49):

⁸⁶ Também denominada “*Respublica litterarum*” ou “Comunidade do Saber” (*Commonwealth of Learning*), como sugere Burke (2011), em interessante artigo dedicado aos estudos sobre “A República das Letras Européia, 1500-2000”.

Um dos resultados mais importantes conseguidos pela correspondência científica entre Paris e Londres, por exemplo, foi o fato de introduzir na França os progressos da ciência inglesa e da filosofia experimental de Bacon e, na Inglaterra, as matemáticas francesas e a filosofia cartesiana. Criava-se assim um certo espírito comunitário dentro do mundo científico.

Figura 84 – Bloco que celebra os 350 anos da Sociedade Real Britânica⁸⁷



Outro caso de serviço postal transformado em negócio lucrativo foi o sistema de comunicação à distância terrestre, por meio de velozes cavalos, criado e monopolizado na Itália, no século XII, pela família lombarda 'Tassis de Cornello'.⁸⁸ O pioneiro desse sistema foi Fransisco de Tasso I (Franz Von Taxis, em Alemão).

Figura 85 – Fransisco de Tasso ou Franz Von Taxis



Nomeado 'Correio-Maior', em 1490, pelo sucessor direto, do então Imperador Romano Frederico III (ou Frederico V de Habsburgo, da Áustria), Maximiliano I de Habsburgo, juntamente com seus irmãos Ruggiero e Janetto,

⁸⁷ Da esquerda à direita: Robert Boyle, Química; Isaac Newton, Ótica; Benjamin Franklin, Eletricidade; Edward Jenner, Vacinação; Charles Babbage, Computação; Alfred Russel Wallace, Evolução; Joseph Lister, Anticépticos Cirúrgicos; Ernest Rutherford, Estrutura Atômica; Dorothy Hodgkin, Cristalografia e Nicholas Shackleton, Ciências da Terra.

⁸⁸ 'Tassis', em Italiano; 'Tasso', em Português ou Espanhol e 'Taxis', em Alemão.

além de seu sobrinho Juan Bautista, reformou o sistema de correios no território de Borgonha e dos Países Baixos.

A eficiência do sistema articulou as comunicações entre cidades da Itália (Tirol), e da Áustria (Insbruck), logo sendo expandido para Viena e Bruxelas. Pouco a pouco, esse sistema passou a dar mais importância às correspondências pessoais, em detrimento das oficiais. Além disso, Francisco de Tasso assegurou uma posição de prestígio junto à corte papal, aproveitando as relações entre o Papa Alexandre VI⁸⁹ e Maximiliano I. Assim, no dia 1 de março de 1501, foi nomeado, pelo filho de Maximiliano I, Felipe I de Habsburgo “o Belo”, Correio-Mor⁹⁰ de Borgonha e dos Países Baixos.

Quadro 2 – Cidades e tempo de viagem das rotas do correio dos Tasso

Rota	Tempo de viagem no Verão	Tempo de Viagem no Inverno
Bruxelas – Insbruck	5 dias y 1/2	6 dias y 1/2
Bruxelas – Paris	44 horas	54 horas
Bruxelas – Blois	2 dias y 1/2	3 dias
Bruxelas – Lyon	4 dias	5 dias
Bruxelas – Granada	15 dias	18 dias
Bruxelas – Toledo	12 dias	14 dias
Bruxelas – Burgos	7 dias	8 dias
Bruxelas – Roma	10 dias y 1/2	12 dias
Bruxelas – Nápoles	14 dias e 1/2	15 dias e 1/2

Fonte: adaptada de Behringer (1990)⁹¹

Figura 86 – Correio Thurn and Taxis



Figura 87 – Mensageiro na Europa do início do século XIX



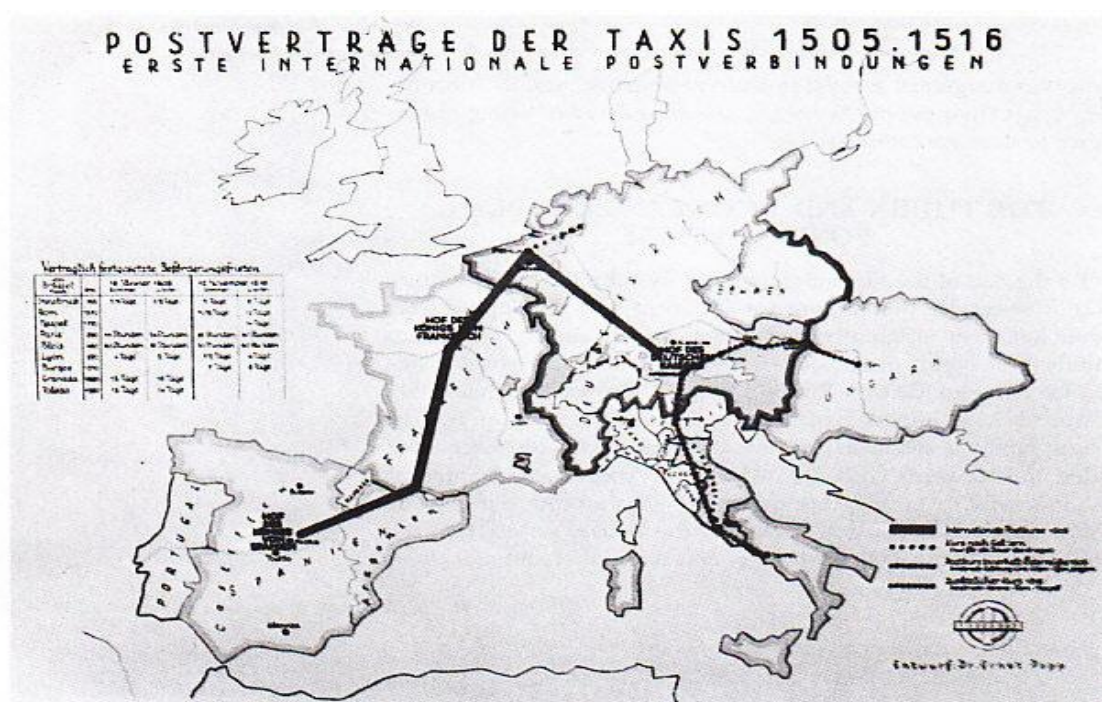
⁸⁹ Nascido Rodrigo de Borja, manteve uma relação amigável com Maximiliano I, tendo em vista a tentativa do Cardeal Della Rovere, juntamente com o Rei Carlos VIII, da França, de destituí-lo.

⁹⁰ ‘Correio-Mor’ e ‘Correio-Mor do Mar’, em Portugal e no Brasil, foram títulos conferidos às pessoas encarregadas de superintender os serviços de recebimento e entrega da correspondência, respectivamente terrestre e marítimo (rios e mares), incluindo seu transporte. (Para mais informações, nota de rodapé 70). Por sua vez, ‘Correio-Maior’ (Correo-Mayor, em Espanhol) foi um cargo estabelecido pelo Rei Felipe I, da Castilha e IV de Borgonha, com a finalidade de organizar, administrar y promover o serviço de correio nos territórios do reino e para além das fronteiras. Este ofício foi exercido entre os séculos XVI y XVII, por doze pessoas, soberanamente nomeadas e institucionalizadas, sendo assim os precursores do serviço postal na Espanha, divididas, apenas, entre duas famílias: os Tassis e os Vélez de Guevara, controladoras e monopolizadoras desse tipo serviço na época.

⁹¹ O título do livro do autor em alemão ‘Thurn und Taxis: Die Geschichte ihrer Post und ihrer Unternehmen’, significa, em Português: “Thurn e Taxis: a história do seu cargo e de sua empresa”. Conforme consta na página eletrônica oficial da família, o nome ‘Thurn and Taxis’ deriva da junção entre o termo “torre” (que virou “Thurn”) e “Tasso” (que significa “Texugo”) que virou “Taxis”. O Brasão de Armas da família tem um texugo e duas torres.

Assim, entre o século XVI e XIX, a família Tasso exerceu o controle, desenvolveu técnicas, legitimou relações político-econômicas, empregaram milhares de pessoas, construíram postos de coleta e distribuição de correspondências e controlaram o sistema de comunicação postal no continente europeu, como a empresa Thurn and Taxis.⁹² O mapa (Figura 88), a seguir, ilustra uma dimensão da amplitude que esse serviço alcançou.

Figura 88 – Sistema de Comunicação Postal da “Thurn and Taxis” na Europa do século XVI



Postal rates of the Taxis Post c. 1500.

Fonte: Lidman e Apfelbaum (2011)

Assim, com a empresa Thurn and Taxis estabelecida na Alemanha e os convênios postais acordados entre os estados independentes, as operações prosseguiram até os conflitos napoleônicos, em que o correio francês foi aperfeiçoado. Após a derrota das tropas napoleônicas e o Congresso de Viena⁹³ a empresa retomou o controle do sistema postal germânico.

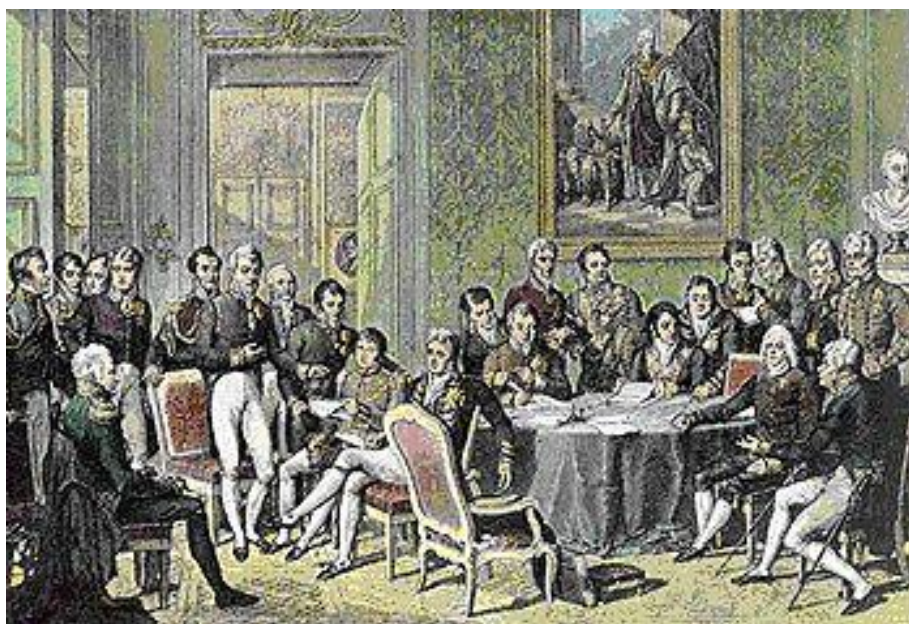
⁹² Um dos únicos livros que explora e explica o papel social dessa família e de seu empreendedorismo no campo dos sistemas postais, com detalhes de uma pesquisa documental e bibliográfica, infelizmente não traduzido ao Português, foi organizado pelo Museu Postal da França (1978).

⁹³ Foi um encontro entre representantes das maiores potências européias, acontecido na Áustria, entre 2 de maio de 1814 e 9 de Junho de 1815. O objetivo era reconfigurar as divisões geopolíticas do continente europeu após a derrota das tropas napoleônicas. Mas, também, restaurar os respectivos tronos às famílias reais derrotadas pelas tropas francesas, incluindo o Brasil e reafirmar a aliança burguesa.

Figura 89– Congresso de Viena após derrota das tropas napoleônicas



Figura 90 – Pintura do “Congresso de Viena” por Jean-Baptiste Isabey, em 1819.



Fonte: BLOY (2002)

Uma das diretrizes, resultante dos acordos feitos durante o Congresso de Viena, afetaria diretamente a empresa postal da família. Tratava da reorganização dos poderes político-econômicos dividindo os territórios reconquistados de alguns países, como, por exemplo, a Confederação Alemã. Esta foi dividida em trinta e nove Estados, tendo como líderes a Prússia e a Áustria, anexando, ainda, territórios como o da Bélgica. De fato, os Estados alemães já haviam sido estabelecidos quando o Império Romano foi formalmente dissolvido, em 6.08.1806.

Assim, em 1849, convocados pela Prússia, os delegados dos Estados Alemães reuniram-se em Erfurt (no atual Estado Livre da Turíngia), com o intuito de modificarem a sua constituição. Como resultado desse encontro foi

Apenas, alguns dias antes da derrota de Napoleão Bonaparte, em Waterloo, no dia 18 de junho de 1815, o Ato Final do Congresso foi assinado.

formada uma união restrita entre os Estados, sem o envolvimento da Áustria, Bavária e Wurttemberg.

Esse processo político acarretou o desenvolvimento e uma articulação de união postal entre a Prússia e a Áustria, no ano de 1850, dez anos após a emissão do primeiro selo postal adesivo, na Inglaterra. Esse foi o início da falência da empresa Thurn and Taxis, que prosseguiu oferecendo o serviço postal e emitindo selos postais aos Estados alemães que ainda não tinham esse serviço próprio.

Assim, conforme Rossiter e Flower (1986, p. 70), por causa das diferenças monetárias entre os Estados alemães, duas emissões de selos foram feitas no mesmo dia, uma para o “Distrito do Norte (*Silbergroschen*⁹⁴ e *Thaler*)”, e outra para o “Distrito do Sul (*Kreuzer* e *Gulden*)”. Por fim, em 28 de janeiro de 1867 o serviço postal *Thurn and Taxis* foi vendido à Administração Postal prussiana. Pela sua valiosa e secular contribuição, as correspondências da família mantiveram certo prestígio com uma marca postal particular, a saber: *franco taxis*, até meados de 1920.

Figura 91 – Selo Postal Thurn and Taxis: norte



Figura 92 – Selo Postal Thurn and Taxis: sul



Após essa digressão com relação a *Thurn and Taxis*, cabe ressaltar que na França, desde de Luiz XI, em 1464, várias foram as transformações ocorridas no sistema de comunicação à distância (pré-postal e postal). Mas, de fato, o movimento que causou mudanças inigualáveis e inimagináveis foi a Revolução Francesa, de 1789. Os detalhes dessas transformações podem ser encontradas em duas obras fundamentais, aos estudos que tangenciam o que esta Tese defende, a saber: sob uma visão político-econômica (MUSEU

⁹⁴ *Silbergroschen*, *Thaler*, *Kreuzer* e *Gulden* foram as unidades monetárias utilizadas na emissão de selos postais por unidades políticas como Áustria, Prússia, Hungria, Bavária, Wurttemberg e alguns Estados alemães, na segunda metade do século XIX. Exemplo: “30 *Silbergroschen* ou *Groschen* equivalem a 1 *Thaler*”, para enviar cartas com selos no distrito Norte. No distrito Sul, “60 *Kreuzer* equivalia a 1 *Gulden*” Sakal (2010).

POSTAL DE PARIS, 1989), seja sob uma visão humano-tecnológica (MARCHAND, 2006).

Figura 93 – Rei francês Luís XI



Em pleno século XVI, as cartas jesuíticas (ânuas⁹⁵) ou epistolares⁹⁶ eram um artefato de divulgação das atividades da Companhia de Jesus, ordem religiosa que nascera da idéia de conversão de infiéis e restituição à pureza primitiva da igreja, liderada por Inácio de Loyola.

Devido à expansão ultramarina, o aumento dos espaços geopolíticos ocupados e a distribuição de seus integrantes, a Companhia utilizou as cartas como um instrumento fundamental à manutenção de sua unidade e comunicação entre Roma - matriz da Companhia - e os membros dispersos pelo mundo.

Figura 94 – Intertextualidade, selo e moeda: Inácio de Loyola⁹⁷



Figura 95 – Reforma Protestante



Eram distintas das missivas medievais, sem artifícios de retóricas eruditas e mais próximas ao discurso não formal. Tinham a característica de

⁹⁵ Tipo de informe periódico que os Jesuítas Provinciais remetiam aos seus superiores em Roma, com o objetivo de descrever as atividades que eles desenvolviam nos distritos ocupados. Ver, por exemplo, Torres Londoño (2002) e Leite (1954).

⁹⁶ Tipo de correspondência sagrada (epístolas) introduzida, no Ocidente, pelo Cristianismo.

⁹⁷ Fundador e membro da Companhia de Jesus. Ordem religiosa criada, na Europa do século XVI, para combater a Reforma Protestante.

serem escritas buscando uma narrativa de conversação mais do que um discurso elaborado formalmente.

O sistema postal utilizado pela Companhia, de certa forma, imitou o sistema de comunicação utilizado pelo comércio. Com a expansão marítima o volume dos negócios aumentou e, por conseguinte, o das correspondências. Elas partiam e chegavam dos quatro cantos do mundo, utilizando o transporte marítimo. Mas assim, também, elas naufragavam ou eram saqueadas por piratas.

Uma das características marcantes do período dos impérios dos primórdios da Europa moderna, excetuando a Rússia, era a utilização da comunicação postal marítima. Assim, Portugal, Espanha, Grã-Bretanha, Holanda, França e Suécia eram unidades políticas intercontinentais que utilizavam embarcações, nos rios, mares e oceanos para efetuar a comunicação marítima, por vezes, mais rápida do que alguns tipos de comunicação terrestre.

Assim, Briggs e Burke (2006, p. 35) mostram que

cartas da Espanha para o México podiam levar quatro meses. Para Lima, de seis até nove meses e dois anos para atingir as Filipinas. Por sua, as comunicações entre a Inglaterra e Nova Inglaterra eram mais rápidas, com um grande risco de extravio das missivas. Uma carta relatando a execução de Carlos I, escrita em março de 1649, chegou somente em junho de à Nova Inglaterra. Era prática comum fazer cópias de cartas e enviá-las por diferentes navios para minimizar o risco de perda. [...]. O tráfego entre a Inglaterra e a América do Norte dobrou entre as décadas de 1680 e 1730. Em 1702 foi implantando um sistema de navios (conhecido com 'navios de pacotes'), levando cartas de Londres para Barbados ou para Jamaica, com partidas mensais, horários para cem dias e carregamentos de cerca de 8.500 cartas em cada navio.

Além das missivas, a comunicação marítima, particularmente, a transatlântica, a partir do século XVI, pode ser caracterizada pela transferência de conhecimento e de tecnologias, posto que as embarcações também transportavam jornais, panfletos, livros e mapas, além de possibilitarem a expansão e difusão das técnicas de impressão.

No caso do Brasil, as primeiras missivas epistolares foram, conforme Hue (2006, p. 21), "as cartas de 1551 e 1555"⁹⁸ que nos revelam um panorama

⁹⁸ Cabe notar que a primeira correspondência que pode ser relacionada ao Brasil, até onde é possível ser confirmado, data de 22 de abril de 1500, quando Gaspar de Lemos entregou a carta escrita, por Pero Vaz de Caminha, então escrivão-mor da expedição de Pedro Álvares Cabral, ao Rei D. Manuel I, de Portugal. Esse período fora um dos mais prósperos do Império português, considerando sua expansão marítima,

algo absurdo". Relatos emocionantes e comoventes de jesuítas que vieram em nome da Companhia de Jesus e se defrontaram com um enorme choque cultural. Em grande medida, a conjuntura sócio-cultural da exploração e colonização do Brasil pode estar registrada em missivas religiosas, particularmente, dessa ordem religiosa.⁹⁹

Do outro lado do mundo, no continente asiático, na antiga Rússia do século XVII, o Czar Alexis mobilizou um sistema postal internacional para melhorar as comunicações com os territórios do Oeste asiático, incluindo parte

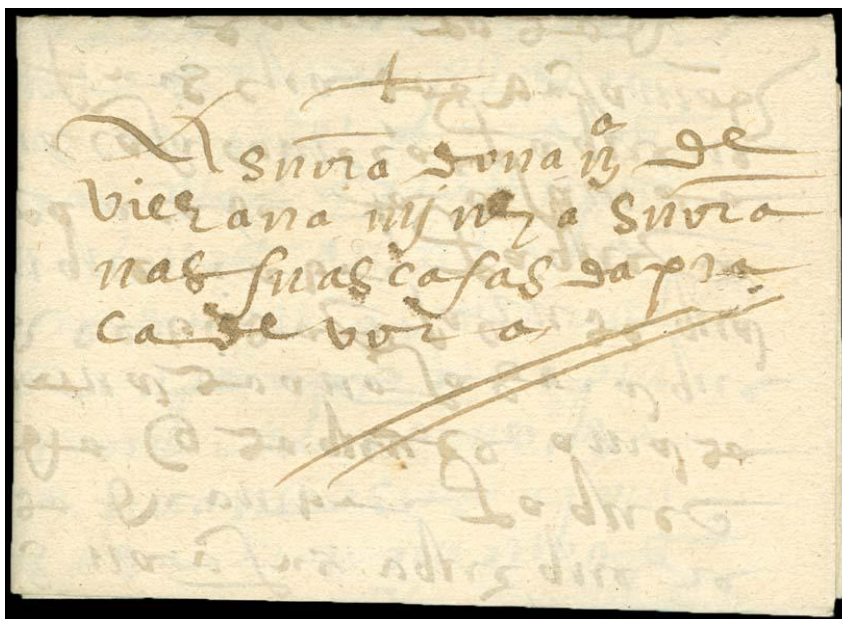
militar e colonial ultramar. Sendo assim, e lembrando que o porto de Lisboa servia como entrada e saída de pessoas, tecnologias, mercadorias e informação urgia a necessidade de comunicações à distância, como já ocorria em outras regiões do continente europeu. Assim, parte da relação entre o sistema postal português e o brasileiro, sob o aspecto institucional, burocrático e normativo tem início com uma carta Régia de 6 de março de 1520, em que D. Manuel I atribuiu o cargo de Correio-Mor do Reino a Luiz Homem, em que fica evidente o caráter público do sistema de comunicação interna de Portugal. Essa importante atribuição social, do cargo de Luiz Homem, pessoa conhecida da família real portuguesa e que já fizera, a título de reembolso, o transporte de missivas para a realeza, pode ser validada com o seguinte trecho da carta: "...e assim a todos moradores e pessoas que quizerem enviar cartas de umas partes as outras" (D. MANUEL I, 1520, f. 98). Nasce, então, a figura oficializada do Correio-Mor que, conforme QUEIROZ (1988, p. 92), foi um "título conferido à pessoa encarregada de superintender os serviços de recebimento e entrega da correspondência". Apesar do título ser hereditário, este serviço foi vendido em 1606, pelo Rei de Portugal, por 70 mil cruzados, a Luiz Soares da Matta. Assim como a família Tasso e os príncipes de Thurn and Taxis, a família da Matta monopolizou e lucrou, com o consentimento da realeza portuguesa, o serviço de correspondências no vasto território imperial, incluindo as colônias. A figura do Correio-Mor português perdurou, então, de 1520 até 1796, configurando a quantidade de onze títulos de Correio-Mor concedidos aos membros da família da Mata. Em 17 de outubro de 1796, aproximadamente um mês após a nomeação de D. Rodrigo de Souza Coutinho para o cargo de Ministro de Estado de Marinha e Ultramar, após negociações com o 11º e último Correio-mor do Reino Correio-mor do Mar, Manuel José da Maternidade de Souza Coutinho da Matta, resultou o Decreto de 18 de janeiro e Alvará de 16 de março de 1797, em ambos revogavam e reincorporavam à Coroa os poderes que perduraram por mais de 200 anos na família Matta. Dessa maneira é possível afirmar que tem início a gestão do sistema de comunicação postal (pré-filatélica) marítimo, entre Portugal e Brasil, por gestores ligados e nomeados, diretamente, pelo regente do momento, e terrestre quando da adoção do Brasil pelos preceitos do referido Alvará. Essa gestão, em terras brasileiras, ocorreu no Rio de Janeiro, no Largo do Paço, local em que foi construído o edifício colonial (atual Praça XV), "Paço Imperial", em que funcionavam o Armazém Real, a Casa da Moeda e à Administração dos Correios, onde eram distribuídas as cartas que chegavam de Portugal. "Tudo com seu charme, tanto que o Largo do Paço lembrava, em escala menor, o terreiro do Paço da Ribéria, plantado na beira do Tejo, em Lisboa, de frente para o porto" (SCHWARCZ, 2022, P. 236). Ainda, no século XVIII, sugere Rosário (1993, p. 37) que "a exemplo dos portos do Rio de Janeiro e da Bahia, em cujos portos os Paquetes faziam escala de dois em dois meses, e que integravam a segunda mala de ligação de Lisboa ao Brasil, as Capitanias do Norte do Brasil (Pernambuco, Paraíba, Parnaíba, Maranhão, Piauí e Pará) possuíam mala postal marítima regular [...] ficando o frete regulado pela Administração do Correio-Geral de Lisboa". No Brasil colonial até meados de 1799, o custo do porte (o mesmo que "franquia" e "taxa"), de uma correspondência, era calculado com base no seu peso, sem levar em conta a trajetória e a distância, havendo que pagar o destinatário da mesma, até que, pelo Decreto de 1 de abril de 1799, essa forma de cálculo foi alterada. Esse sistema, no decorrer de 29 anos foi sofrendo alterações e ajustes, resultantes de conjunturas políticas, econômicas, jurídicas e militares até que, pelo Decreto de 5 de março de 1829, o Imperador D. Pedro unifica toda as linhas postais numa Administração-Geral da Corte e Administrações Provinciais, instituindo, também, o Regulamento da Administração-Geral dos Correios no Brasil. Outro quinze haveriam de passar, até que fossem apresentados os dois Decretos que criaram as condições para a reforma do serviço postal brasileiro, a saber: nº 254 e 255, ambos publicados no dia 29 de novembro de 1842, sendo que o primeiro regulava o porte a ser pelo envio de correspondências e outros papéis, aos Correios e a maneira de como pagá-lo, e o segundo que estabelecia a maneira de pagar, nos Correios do Império os portes das cartas e demais papéis e o modo pelo qual esse deveriam ser distribuídos com maior celeridade. Sendo assim, o Brasil igualaria as condições de comunicação postal, pré-filatélica, aos Ingleses.

⁹⁹ A relação entre o papel social dos jesuítas com o processo colonizador e exploratório, por eles praticados, nas terras brasileiras e, ainda, com o desenvolvimento do sistema de comunicação à distância, no Brasil colonial, até onde foi possível verificar, demanda mais pesquisas e divulgação.

do continente europeu. Nesse sentido, Wallace (1967, p. 133-134, tradução nossa) lembra que

a reclamação do mercador russo Ivan Pososhkov tem que ser respeitada, até esta tentativa de ser um bom vizinho trouxe desvantagens à Rússia. Em 1701, Pososhkov escreveu: '[estrangeiros] abriram um buraco na nossa terra desde a deles, e de longe as pessoas podem, através deste buraco, observar todas as relações comerciais e políticas. Este buraco é o correio. O mal que causa para o Império é incalculável. Tudo que se passa na nossa terra é notícia no resto do mundo'.¹⁰⁰

Figura 96 – Sobrecarta de Lisboa para Évora em 12 de março de 1562¹⁰¹



Desde o século XI, na Polônia, até o século XIX na Sardenha (região autônoma da Itália, localizada no Mar Mediterrâneo), o continente europeu experimentou a expansão dos sistemas de comunicação pré-postal e postal. Esse foi o caso da Polônia, sob o reinado de seu primeiro Rei Boleslau I; da França de Luís XI, considerado o precursor do sistema de comunicação postal de monopólio estatal¹⁰²; na antiga Rússia, que melhorou o sistema entre os

¹⁰⁰ Texto original: "the complaint of the Russian Ivan Pososhkov is to be credited, even that attempt to be neighborly worked to the Russians disadvantage. In 1701, Pososhkov wrote: '[Foreigners] have cut a hole from our land into their own, and from outside people can now, through this hole, observe all our political and commercial relations. This hole is *the post*. The harm it does to the realm is incalculable. Everything that goes on our land is known to the whole world'."

¹⁰¹ Exemplar enviado no dia 12 de março de 1562. Trata de uma Sobrecarta de Lisboa para Évora, no tempo do segundo Correio-Mor nomeado pelo Rei Luis Afonso. Uma das mais antigas cartas escritas em português. Nesse período, o serviço postal cobria uma pequena parte de Portugal, apenas 5 léguas de distância.

¹⁰² Por volta do século XV, Vélayer obteve do Rei Luiz XIV concessão para espalhar por Paris caixas de cartas, para colher cartas que após pagamento pelo remetente de um 'sou', eram enviadas ao

reinados do Czar Ivan e da Czarina Catarina II; na Inglaterra, Escócia e Irlanda de Carlos II, em que fora criado o primeiro sistema de correio urbano etc.

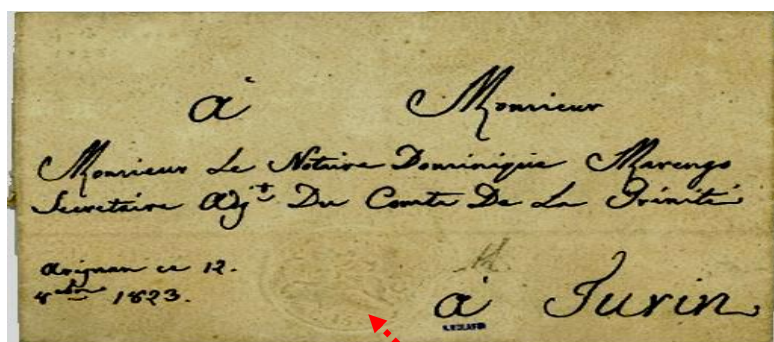
Por sua vez, Silva (1995, p. 24) alude ao que ocorreu, por exemplo, na Sardenha:

Por volta de 1818, no reino da Sardenha¹⁰³, foram criados pelo Estado, sobrecartas com papel filigranado, trazendo ao centro as armas da Casa de Savoia e as inscrições 'direzione general delle regie poste'¹⁰⁴ e circundando a sobrecarta estava escrito: 'corrispondenza autorizzata in corso particolare per pedoni ed altre occasioni'¹⁰⁵. Os três valores destas sobrecartas eram: 15 cent., em formato circular; 25 cent., em formato oval e outro de 50 cent., em formato octogonal, todos esses timbres levavam além dos valores, um anjo sobre um cavalo, tocando a corneta que é o símbolo do /correio. Eram conhecidos como 'Cavallini de Sardena'.

Figura 97 – “Cavallini” da Sardenha



Figura 98 – Carta pré-filatélica com carimbo do cavalo de Sardenha



As missivas da Sardenha, por exemplo, caracterizam um sistema de comunicação postal, no entanto pré-filatélicas, posto que o selo postal, ainda,

destinatário. Eram protegidas por uma cinta de papel impresso constando 'Post Payê' (pós-pago), e a data de postagem.

¹⁰³ O Reino de Sardenha foi um estado que existiu na Ilha de Sardenha, localizada no Mar Mediterrâneo, de 1297 a 1861. O Reino da Sardenha e Córsega foram os precursores do Reino de Itália.

¹⁰⁴ Tradução nossa: 'direção geral do Correio Real'.

¹⁰⁵ Tradução nossa: 'correspondência autorizada em curso particular de pedestres e outras ocasiões'.

não fora criado. Sendo assim, toda e qualquer correspondência de antes de 1840 caracteriza um sistema de comunicação postal, mas pré-filatélico.¹⁰⁶

Destarte, outros propósitos encontraram seus caminhos por meio das correspondências. Perrot (2006, p. 108) conta que "um espírito capitalista se infiltra nas conversas e correspondências familiares e modifica a imagem da família", na França do século XIX.

Assim como, a forma com que Diderot beijava suas cartas afetuosas, pois sabia que a sua amada as manusearia, fato lembrado por Darnton (2001):

Eis Diderot escrevendo para sua amante, Sophie Volland, a 31 de agosto de 1760: 'beijo tuas duas últimas cartas. São elas letras que traçaste, e, à medida que as traçavas, tua mão tocava o espaço que as linhas preenchião, e os intervalos que as separariam. Adeus, minha cara. Beijarás o fim dessa linha, porque eu também a terei beijado aqui, e aqui. Adeus'.

O autor também mostra, (2006, p. 138), como por meio das cartas uma noiva "expressa a perfeição dos novos ideais do casal republicano, inteiramente imbuído de estoicismo romano e livre pensamento, que erige sua própria unidade em religião". Ou, ainda, como essas mesmas cartas poderiam denunciar um *affaire*, segundo nos afirma Balzac (1850, p. 50, *apud*, Benjamin, 2000, p. 45):

pobres mulheres da França! Bem queríeis permanecer desconhecidas por tecer o vosso pequeno romance de amor. Mas como haveis de consegui-lo numa civilização que [...] conta as cartas e as sela uma vez no despacho e outra na entrega?

Martin-Fugier (2006, p. 224) sugere como os grandes deslocamentos eram substituídos, em épocas festivas, como no Natal e na Páscoa, pelo envio de cartões,

um costume parisiense da metade do século XIX, em que 'as pessoas que recebem esses cartões afetam desprezar essa atenção de três francos o cento, mas, se se abrisse mão desse costume, as mesmas pessoas diriam: Fulano não tem cortesia: nem sequer enviou um cartão!'

¹⁰⁶ Existem, no entanto, pessoas que defendem que a pré-filatelização diz respeito a um período muito curto, que vai do lançamento do primeiro selo postal adesivo, na Inglaterra, em 1840, até a formação da primeira coleção, o que parece inadequado.

Ou como soberanos contratavam piratas, por meio de cartas "legais", para realizarem saques em outras embarcações como sugere Sanchez (2008), e o exemplo da figura a seguir:

apesar de sempre terem sido temidos e combatidos por nações, os piratas já lutaram lado a lado com os governos, durante os tempos de guerra, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Eles eram 'contratados' para capturar navios inimigos e geralmente tinham que entregar uma parte da riqueza conseguida ao rei. A acrobacia para tornar as ações 'legais' era legitimada pela Carta do Corso.

Figura 99 - Exemplar de Carta do Corso¹⁰⁷



Fonte: Sanchez (2008)

¹⁰⁷ Esse é um raro exemplar de "Carta de Corso", do Latim *cursus* (corrida), ou "Carta de Marca" ("Lettre de Marque", ou de "Représailles", em Francês), dada pelo capitão Anthony Bollo, em 27.02.1809 ao Sr. Dominique Malfino, de Génova, proprietário de um corsário de 15 toneladas intitulado "Furet". A "Carta de corso", do Latim *cursus* (corrida), ou "Carta de Marca" ("Lettre de Marque", em Francês) era um tipo de documento postal emitido por alguma unidade política, em que o emissor autorizava o recebedor a atacar navios piratas. O conteúdo desse tipo de missiva convertia o seu proprietário em membro da marinha da unidade política emissora da carta, seguindo a "Lei do Mar" (Tratado Internacional da época, quando se criou esse instrumento jurídico internacional). As cartas de corso foram muito utilizadas na Idade Média e na Idade Moderna, pelas nações que se aventuraram nas explorações marítimas, como França, Inglaterra, Holanda, Espanha e Portugal. Foram abolidas pela *Declaração de Paris* de 1856.

Assim, no século XIX, quando a identidade do sujeito encontrava dificuldades de manter seu homônimo inviolável diante do incremento, por exemplo, da urbanização, novas textualidades surgiram e as velhas ganharam novos suportes e funções, como por exemplo, os cartões postais, os inteiros postais e a fotografia. Por meio destes documentos é possível perseguir os rastros humanos inscritos, objetos e lugares de onde o sujeito enunciava, ocupava seu momento histórico, materializando os sentidos e expondo sua identidade.

Figura 100 – Primeiro exemplar de Inteiro Postal¹⁰⁸



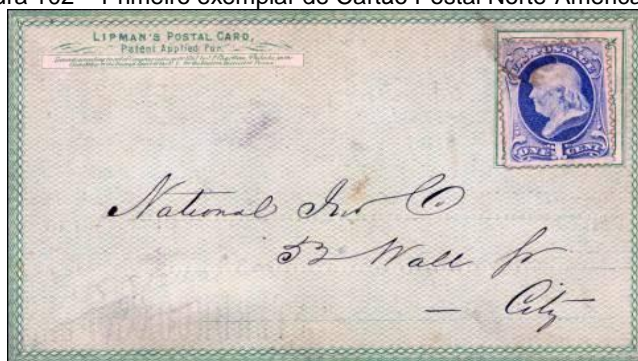
Figura 101 – Primeiro exemplar de Inteiro Postal brasileiro¹⁰⁹



¹⁰⁸ Ao que concerne à Filatelia, **esse documento não é um cartão postal, mas um Inteiro Postal** (em inglês, "Postal Stationery"), emitido pelo Império Austro-Húngaro, em 1 de outubro de 1869. Ver outros esclarecimentos na nota de rodapé 97.

¹⁰⁹ Segundo Macedo (1988), o Bilhete Postal de 20 réis, em cor vermelha (Armas do Império em Moldura Oval) foi criado pelo Decreto nº 7841, de 06 de outubro de 1880. Os Bilhetes Postais (BP), em especial o de 20 réis, tinham por objetivo abreviar a correspondência ao realmente necessário e serem eficazes com relação aos prazos de entrega. É possível observar, através das análises dos textos, a eficiência e a certeza dos serviços, pois comumente as mensagens agendavam: reuniões, visitas e chás para o mesmo dia da postagem. Uma vez que os BP's circulavam com as mensagens sem privacidade (podiam ser lidas por quem manuseasse a correspondência) tiveram, no início, difícil aceitação por parte da população, mesmo gozando de redução significativa no custo do porte, comparativamente aos sistemas convencionais da época: Envelopes e Cartas bilhetes (tipos de Inteiro Postal emitidos no Brasil).

Figura 102 – Primeiro exemplar de Cartão Postal Norte-Americano¹¹⁰



Fonte: Burdick (1964)

Foi por meio desses novos documentos postais¹¹¹ que, conforme Corbin (2006, p. 421), "em torno de 1900, foram expedidos quase um milhão de exemplares, contribuindo para esta acumulação de símbolos do Eu e de

¹¹⁰ Note no anverso (frente) a empresa emissora ("Lipman's Postal Card"), com um espaço onde foi colado um selo postal e as informações do remetente. No anverso (atrás) fica o espaço para que seja escrita alguma mensagem.

¹¹¹ Esclarecendo o que foi afirmado na nota de rodapé 94: três aspectos caracterizam e especificam um Inteiro Postal: 1) a emissão já vem com um tipo de marca postal (*indicia*, termo plural de *indicium*, em Latim, utilizado desde o século XVII, na França, para aludir às marcas ou sinais diferenciados em algum tipo de documento), que pode ser a réplica de um selo postal ou não; 2) a emissão é feita, unicamente, pelas administrações postais, portanto o Inteiro Postal é um tipo de documento postal emitido por alguma unidade política emissora (Estado), e 3) indica uma forma de pré-pagamento do serviço prestado pelo Correio. No entanto, em alguns casos, um selo postal pode ser utilizado para complementar algum valor. Assim, esses três aspectos podem servir para minimizar a confusão que, usualmente, é feita entre um cartão postal, que conforme Miranda (1985), Queiroz, (1988, p. 65-66) e Machado e Queiroz (1994, p. 40) é de interesse da Cartofilia ("Deltiology", em Inglês, conforme Baadke (1999), e um Inteiro Postal (de interesse da Filatelia). Lembrando que existe uma estreita relação entre a Cartofilia (estudo e colecionismo de cartões postais) e a Filatelia, por meio do que é conhecido como Maximafilia (estudo e colecionismo de Máximos Postais, que são documentos filatélicos constituídos de cartão postal, com selo postal e carimbo, todos com os mesmos elementos verbosuais), visto que "sem o selo postal, os cartões postais não podem viajar e parte de sua razão de ser não seria possível" (RIBEIRO JÚNIOR, 2006, p. 168). Colecionadores, comerciantes filatélicos e as próprias administrações postais de diversos países também chamam à atenção para os três aspectos supracitados. Existe o entendimento de que o cartão postal (em Inglês, "postcard") é claramente diferenciado do Inteiro Postal (em inglês, "Postal Stationery – Postal Card"), posto que o cartão postal é um termo que designa documentos preparados por empresas privadas, sem periodização de emissão definida, além de não ter a franquia pré-paga. São, assim, documentos vendidos no comércio, frequentemente ilustrados com fotografias, desenhos manuscritos ou anúncios impressos, e não dispensam a utilização de selos postais para seu envio. Ainda, Inteiros Postais são documentos emitidos pelas administrações postais "nos quais já está impresso o valor do porte sob a forma de selo fixo ou a indicação de pagamento antecipado ou isento" (MEYER, 2013, p. 253). Para Queiroz, (1988, p. 160-161) ou Machado e Queiroz (1994, p. 103), o Inteiro Postal é o "nome dado a todo invólucro postal no qual o selo já vem impresso, ou estampado o valor de franquia. Do ponto de vista histórico-postal é interessante, pois todas as peças, especialmente circuladas, são verdadeiros documentos vivos". No Brasil os Inteires Postais são documentos postais, emitidos pelo Correio, com as seguintes denominações: "envelope, bilhete postal, carta bilhete, cinta, carta pneumática, envelope para valor, mensagem social e aerograma" (MEYER, 2013, p. 253-254). É importante destacar que parte da confusão com relação à destinação entre o Cartão Postal e o Inteiro Postal pode estar relacionada ao fato de que, no Brasil, um dos tipos de Inteires Postais, o Bilhete Postal, criado pelo Decreto nº 7695, de 28.1.1880 (os de 50 e 80 réis) e Decreto nº 7841 de 6.10.1880 (o e 20 réis), tiveram, por razões específicas e pontuais, a nomenclatura "Carte Postale" ou "Cartão Postal" inserida na sua superfície textual (ex.: Bilhete Postal emitido em 1890), ou o Bilhete Postal criado, exclusivamente, para o serviço internacional (25.1.1898), ou os Bilhetes Postais criados, exclusivamente, para celebrar e divulgar a Sexta Feira Internacional de Amostras, ocorrida no Rio de Janeiro (15.11.1933), em que vinte distintas temáticas sobre o Rio de Janeiro foram inseridas na superfície textual, ou os Bilhetes Postais, criados em 1934, utilizados para divulgar 39 distintos temas brasileiros, e, por fim, as emissões dos Bilhetes Postais durante o ano de 1935. A partir de 1970 os Bilhetes Postais brasileiros, suprimem as duas nomenclaturas, mas incluem na sua superfície textual caricaturas e imagens de propaganda de eventos diversos e distintos.

possessão individual", mas, também, porque o “valor de envio custava metade de uma carta simples” (MIRANDA, 1985, p. 12).

Sugere Corbin (2006, p. 421):

bruscamente, no final do século XIX, o cartão-postal difunde-se aos milhões por todo o Ocidente. Facilita a ampliação da rede de correspondência, contribui para estreitar laços entre parentela ou o círculo de amigos, estimula a coleção e a constituição do álbum de lembranças. Suas fórmulas estereotipadas economizam palavras; o postal permite a indivíduos que até então ignoravam a escrita epistolar exprimir a distância seus sentimentos.

De fato, o cartão-postal ilustrado, em que pese outras formas de veiculação imagética, assim como o selo postal, tem como uma de suas características a potencialidade de fazer circular imagens, realidades que estavam lá, “o real no estado passado” (BARTHES, 1998, p. 124). O cartão-postal serviu de suporte à fotografia, assim, sendo considerado um dos principais difusores imagéticos da virada do século XIX para o século XX.

Representou um tipo de revolução na indústria da cultura, visto que funcionou tanto como um meio de expressão e correspondência,¹¹² quanto documento que era utilizado no campo do entretenimento e da propaganda, motivando, assim, a sua produção, circulação, consumo e colecionismo, particularmente, no período entre 1900 e 1930 (ver Quadro 3).

Nesse sentido, o quadro a seguir ilustra, de forma resumida, um tipo de esquematização da existência do Cartão Postal, em que pese os deslocamentos de sentidos sofridos e possibilitados por esse documento postal.

Quadro 3 – Esquematização da existência do Cartão Postal

Sobre o Cartão Postal	
Pré-História	Cartões de congratulações e de votos e 'cartas e visite'
Precusores	Do 'postkarten' até o 'Libonis'
Consolidação	Domínio da iniciativa privada em detrimento do monopólio estatal
Expansão	Popularização e colecionismo – “Época de Ouro”
Retenção	Diminuição da atividade editorial, da qualidade gráfica e de sua comercialização, por causa da Segunda Guerra Mundial
Renovação	Ressurgimento do processo de produção, circulação, consumo e colecionismo

Fonte: adaptado de Miranda (1985, p. 15-16)

Por outro lado, nem todos concordam que as representações ilustrativas são fiéis para demonstrar como as palavras e as coisas se precisavam e as

¹¹² Ver o livro escrito por Pairault (2002), que mostra a Primeira Guerra Mundial por meio de cartões-postais, ilustrando e indicando a utilidade desse documento.

noções se refinavam. Certamente, uma discussão que cabe no âmbito dos estudos historiográficos e de suas fontes. Assim, Perrot (2006, p. 11) sugere que

as correspondências familiares e a 'literatura pessoal' (diários íntimos, autobiografias, memórias), embora sejam testemunhos insubstituíveis, nem por isso constituem os documentos 'verdadeiros' do privado. Elas obedecem a regras de boas maneiras e de representação de uma imagem pessoal que regem a natureza de sua comunicação e o estatuto de sua ficção. Não há nada menos espontâneo do que uma carta; nada menos transparente do que uma autobiografia feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza.

Decerto, o período em que se deu o início da reprodutibilidade técnica, foi um período da Humanidade, principalmente na Europa, em que as novas textualidades, incluindo o cartão postal e o selo postal, mas também as assinaturas, as fotos e tantas outras, serviram como matéria para o entrecruzamento de discursos da sociedade civil, do privado, do público, do íntimo e do individual. Por meio desses textos, ora veículos de comunicação, ora objeto de coleção, os anseios da Modernidade se faziam presentes.

Um período de um sistema de comunicação postal que ganhara expansividade e notoriedade dos Estados e do público em geral. Espaço de práticas sociais em que o selo postal, propriamente dito, utilizado em diversos e distintos documentos, era utilizado como portador de mensagens, em detrimento do conteúdo dos manuscritos que o invólucro carregava.

Nesse sentido, Darnton (2001) sugere:

havia um código prevalecente entre os correspondentes em Paris durante os anos de 1890. Se um amigo ou amante, por exemplo, colasse um selo e cabeça para baixo e na mesma altura que o nome do destinatário da carta, isso era sinal de que o remetente estava bravo.

Esse foi um momento histórico em que as obras de arte perderiam as suas auras, segundo Benjamin (1985, p. 170), atingidas pelas "técnicas de reprodução". Ou, como sugere Virilio (1994, p. 91), foi o segundo *momentum* de uma "trajetória lógica da imagem", a era da "lógica dialética", manifestada no decorrer do século XIX.

Assim, segundo Deleuze (1992, p. 223), toda a produção simbólica pode estar ligada à produção tecnológica. Ou seja, cada grupo social ou sociedade

utiliza certas tecnologias “não porque [...] sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las”.

Tecnologias como cartões-postais, selos postais, fotografia e o cinema foram, naquele século, os meios em que houve o entrecruzamento de mensagens privadas e singulares com mensagens públicas e massivas, meios que possibilitaram o choque entre as obras originais, de “ocorrência única”, com a sua própria reprodução, uma “ocorrência em massa”.

Assim, em que pese a relevância de uma arqueologia da *sigillum* ou do próprio sistema de comunicação postal, sobre o qual foi feita uma breve exploração, o foco, aqui, é prosseguir surfando a onda rainha rumo ao advento selo postal adesivo, propriamente dito, na Inglaterra de 1840, assunto tratado a seguir.

3.2 Correios na Europa de 1840: o advento do selo postal adesivo

Mencionar o selo postal adesivo é situar o olhar, de forma ampla, sobre a Europa do século XIX, momento de emergência dos Estados Nacionais e de transformações radicais nas sociedades capitalistas ocidentais e, em particular, sobre a Inglaterra. Lugar, segundo Hobsbawm e Ranger (2002, p. 9), de “*tradição inventada*”.

Para esses autores, a expressão *tradição inventada* pode ser percebida como um conjunto de práticas sociais, usualmente admitidas por um grupo de pessoas, e “formalmente institucionalizadas”. Além disso, a questão da repetição dessas práticas é essencial no estudo sobre as tradições, visto que, ainda conforme esses autores, a repetição visa “inculcar certos valores e normas de comportamento que implicam uma continuidade em relação ao passado apropriado”.

De um ponto vista mais geral, os europeus, nesse período, tiveram o privilégio de experimentar um momento histórico de grandes e positivas mudanças no âmbito da comunicação. Estradas foram aperfeiçoadas, os cavalos puxavam velozmente transportes, cada vez mais leves, e o serviço postal sobrepujava, em vários aspectos, a comunicação do século anterior.

Em meados de 1830, a Inglaterra tinha um dos mais eficientes serviços postais já conhecidos. Grande parte disso resultou do investimento realizado numa rede infraestrutural muito bem integrada. Combinava estradas de terra, canais de navegação fluvial, ligações marítimas costeiras e as primeiras linhas férreas.

Briggs e Burke (2006, p. 134) citam que “trens e navios transportavam cartas, no século XIX, uma forma indispensável à comunicação tanto nacional quanto internacional”. Nesse sentido, comenta Hobsbawm (2005, p. 26),

o sistema de carruagens postais ou diligências, instituído na segunda metade do século XVIII, expandiu-se consideravelmente entre o final das guerras napoleônicas e o surgimento da ferrovia, proporcionando não só uma relativa velocidade – o serviço postal de Paris a Strasburgo levava 36 horas em 1836 – como também regularidade.

Figura 103 – Troca de cavalos da carroça do correio britânico. Bedford, ao leste de Londres



Fonte: Folasen (2009)

Figura 104 – Travessia por tempestuosos caminhos. Newmarket Heath, Suffolk, ao Norte de Londres



Fonte: Folasen (2009)

Figura 105 – Correio ferroviário¹¹³ e Pony Express¹¹⁴

Figura 106 – Mapa reproduzindo a rota geral do Pony Express nos EUA



Fonte: Maps (NATIONAL PARK SERVICE, 2013)

¹¹³ Uma das características do sistema de comunicação postal ferroviário, denominado 'correio ambulante', diz respeito às agências instaladas dentro dos vagões dos trens, que durante o seu rotineiro percurso realizavam a triagem, recebimento e distribuição das correspondências (QUEIROZ, 1988, p. 91).

¹¹⁴ Sistema de transporte de correspondência, criado nos EUA, por William Hepburn Russell, William B. Waddell e Alexander Majors, no dia 3 de abril de 1860. Funcionou até outubro de 1861, e, mesmo em tão pouco tempo (em 1860 foi promulgado o Decreto do Telégrafo do Pacífico e, por conseguinte, em 1869 foi inaugurada a primeira estrada de ferro, ligando as duas costas norte americanas), permanece um marco histórico e objeto do imaginário popular sobre o selvagem Oeste americano. A rota que contemplava as terras ao longo do rio do Missouri (cidade de Saint Joseph até a cidade de Sacramento, no Estado da Califórnia), até a costa do pacífico era feita com uma incessante troca de cavalos e cavaleiros, mas também com o uso de diligências, enfrentando índios e cruzando pradarias, desertos e montanhas. O mais conhecido dos mensageiros foi o célebre Búfalo Bill, cujo nome verdadeiro era William Frederick Cody. O Pony Express conseguiu ser mais rápido do que a via marítima da época, que partia do Oceano Atlântico até a costa americana do Pacífico, em que pese a crise nacional que resultaria na Guerra Civil (Bradley, 2010).

Cabe aqui uma breve alusão ao contexto em que o desenvolvimento inglês foi gerado. Não é nosso propósito historiar esse contexto, pois nos faria desviar de nossa trajetória. No entanto, é importante observar que a Inglaterra do sistema postal infalível também é um lugar de política imperialista, um poder devastador que dominou uma centena de territórios ultramar. Vale lembrar, que muitos desses territórios dominados estampariam as independências nos selos postais do século XX, após o período em mais existiram revoltas coloniais.

Os próprios colecionadores dos primeiros selos postais registraram esse fato. Segundo Bellido (1897, p. 81), redator de um dos primeiros periódicos sobre colecionismo de selos postais, fundado em meados de junho de 1896, "a Inglaterra é o país do mundo que maior número de colônias possui". Durante o final do século XIX e o início do século XX, a Grã-Bretanha foi o império que tinha o maior número de territórios ultramar dependentes ou anexados que emitiam selos postais (STANDARD Postage Stamp Catalogue, 2002).

Figura 107 – “Nós possuímos um vasto Império, como jamais existiu”¹¹⁵



Pois bem, o contexto que agora perpassamos era o de um amplo desenvolvimento científico e tecnológico e industrial, baseado na mecanização dos sistemas de produção, incluindo as relações econômicas e o desenvolvimento local, e, ainda, de expansão do empreendimento capitalista e da economia liberal, fazendo com que a Inglaterra, mas, também, outros impérios europeus, “minasse a ordem social dos territórios ocupados” (HOBSBAWM, 2005, p. 48).

¹¹⁵ Ver, também, Ferguson (2004, p. 202). Em 1898, uma franquia postal imperial única, no valor facial de 1d (2c no Canadá) foi instituída para todos os domínios do Império Britânico. Assim, o Canadá emitiu um selo postal em que um mapa ilustra, em vermelho, a despeito de algumas inadequações, as possessões britânicas ultramar, além da inscrição "XMAS 1898" (abreviatura de Christmas, época em que a taxa entrou em vigor, e a legenda "we hold a vaster empire than has been", extraído de "A Song of Empire", composto por Sir Lewis Morris em 1887.

Ao mesmo tempo em que crescia internamente, o continente europeu se expandia para fora de seus domínios, conquistando terras, pessoas e novas riquezas tanto na África, quanto no extremo Oriente. Mas como justificar esse movimento que dominou e, por vezes, destruiu populações inteiras com o uso e o abuso da força?

Ferro (2006, p. 29) nos dá uma pista: “civilizar, colonizar, irradiar sua cultura, propagar-se, tais são os primeiros impulsos do imperialismo, sendo a colonização a ‘força de reprodução’ de um povo pelos espaços”. Por sua vez, Hobsbawm (2005, p. 48) explica o que ficou conhecido entre historiadores como

a ‘Era de Vasco da Gama’, ou seja, os quatro séculos da história do mundo em que um punhado de Estados europeus e de forças capitalistas européias estabeleceram um domínio completo, embora temporário – como é hoje evidente – sobre o mundo inteiro.

Além dessa possibilidade, encontramos no conceito *ciência* outra pista. A de que pensadores e intelectuais, educados e criados no continente europeu, utilizaram a cientificidade como um tipo de sabedoria superior e, obviamente, acessível para poucos.

A explicação toma forma: os europeus, donos da ciência e do progresso em C&T ocupavam novos territórios com o objetivo de "salvar" as populações subjugadas, de um estado de barbárie e abandono em que estavam. O Imperialismo foi justificado, em certa medida, por meio de argumentos científicos, baseados numa maneira de ver a realidade. Os dominadores se viam no direito de dominar os Outros, porque eram parte de uma civilização mais avançada, dado o seu desenvolvimento em C&T, o qual mostrava o poder de seu conhecimento.

Por sua vez, a Inglaterra dos séculos XIX e XX passou por profundas transformações, resultantes da Revolução Industrial. A hegemonia inglesa, na Europa e sobre as suas colônias ficou conhecida como o período Vitoriano (1837-1902). Por outro lado, internamente, esse mesmo período também é lembrado pela drástica redução do poder do Estado, limitado para atuar em setores bem específicos, dentre eles, os da comunicação.

Assim, acompanhando uma tendência geral dos demais reinados e impérios europeus, o governo inglês assumiu o poder sobre o serviço postal, substituindo os particulares por uma administração estatal. Lembramos o que

foi explicado na seção anterior: que o serviço pré postal e postal, desde a Idade Média, estava a serviço da realeza, dos nobres, dos militares e do clero. Sendo assim, as transformações do sistema de correios foram ocorrendo pouco a pouco, em pontos isolados da Europa.¹¹⁶

Como no caso francês, quando Luís XI estabeleceu o serviço de correios a cavalo¹¹⁷ nas cercanias da Universidade de Paris em 1464. Ou como no caso da Itália, onde a partir do século XIII, a família Tasso obteve o direito de transportar correspondências em sua região natal Bérgamo, concessão que iria estender-se por toda Europa.

Segundo Soares (2008, p. 2)

Os Tassos se uniram à família Torres e tornaram-se uma organização com regularidade e confiabilidade em seus serviços e isto numa época de muita belicosidade e guerras generalizadas. Este serviço venceu até mesmo a concorrência de correios estatais. Foram eles, sem dúvida, os precursores dos correios em moldes profissionais e a organização durou, assim, por vários séculos, na Europa.

Outro país que teve um papel fundamental na reforma postal européia foi a Espanha, como sugere a União Postal das Américas, Espanha e Portugal – UPAEP¹¹⁸, (2006, p. 6, tradução nossa).

Os agentes dos Correios começaram a agrupar-se em associações, como a de São Marcos de Barcelona. Os "Correios Fixos" ou "Correios de Números" como os supernumerários, se reuniam em pousadas ou hospedagens cujos donos foram os primeiros empresários. Essas hospedagens, reconhecidas pelos Reis em 1445, deram origem aos "Correios Maiores".¹¹⁹

Foi nesse mesmo período histórico que Maximiliano I, de Habsburgo, estabeleceu uma profunda transformação na troca de missivas postais,

¹¹⁶ Uma das mais completas obras escritas sobre o sistema pré-postal e postal britânico, que merece ser traduzido ao Português, foi a de Campbell-Smith (2011). No Brasil, uma História Postal, articulada a elementos econômicos, políticos, tecnológicos, educativos, culturais (prensa e imprensa) e sociais merece e ainda está por ser escrita. De certo, campo de estudo mais tratado por colecionadores filatéticos do que por sociólogos, antropólogos e historiadores.

¹¹⁷ Uma curiosidade do sistema postal trata sobre a utilização de animais para o transporte de massivas postais, como o cavalo, o pombo-correio, os falcões, os camelos e até os cachorros.

¹¹⁸ A União Postal das Américas, Espanha e Portugal - UPAEP - foi fundada a partir de um Tratado assinado e ratificado em Bogotá, Colômbia, em 1838, pela Venezuela, Colômbia e pelo Equador, mediante a criação da Grande União Colombiana. "A sua missão primeira é garantir uma organização integradora dos objetivos comuns de seus membros". Página eletrônica da UPAEP: <<http://www.upaep.com.uy>>.

¹¹⁹ Texto original: Los agentes del Correo habían comenzado a agruparse en cofradías, como la de San Marcos de Barcelona. Los "Correos fijos" o "Correos de número" como lo supernumerarios, se reunían en posadas y hosterías cuyos dueños fueron los primeros empresarios. Estos "hostes" reconocidos por los Reyes en 1445, dieron origen a los "Correos mayores".

baseado em serviços regulares e regulados, entre a cidade de Innsbruck (Áustria) e Malinas (Países Baixos).

Da Idade Média até 1900, a Europa experimentou avanços jamais vividos na comunicação, assim como em outras esferas sociais. O sistema postal, sua regulamentação e os avanços técnico-científicos foram algumas das causas que permitiram essa experiência.

De volta ao contexto britânico, era norma geral que as correspondências fossem pagas pelo destinatário e não pelo remetente, como é feito hoje. Foi nesse aspecto, em particular, que um cidadão britânico, após presenciar uma cena rotineira, desenvolveria algumas idéias que transformariam o sistema postal inglês, em particular e, por conseguinte, o de muitos outros países, colônias e grupos sócio-institucionais.

A referida cena, conforme contam Almeida e Vasquez (2003, p. 16) trata sobre

uma jovem, empregada de estalagem, que estava à porta do estabelecimento, quando se aproximou o carteiro. Cumprindo sua tarefa, o estafeta entregou a carta à jovem, e permaneceu aguardando o dinheiro para o pagamento dos serviços. O porte médio das cartas no Reino Unido no período era de 1 shilling, considerado alto para a maioria da população. Após manusear o exterior da carta por alguns instantes, sem abri-la, a jovem simulou espanto e a devolveu imediatamente ao carteiro, alegando dificuldades financeiras. Diante da negação, o carteiro afastou-se, levando consigo a correspondência, mais uma entre tantas outras destinadas à incineração. Após assistir silenciosamente ao ocorrido, o professor não se conteve e foi ao encontro da jovem para indagar sobre o motivo da recusa:

- Por que a senhorita não pagou pelo recebimento da carta? Por acaso era desconhecido o remetente?
- Não, pelo contrário! Era uma correspondência do meu noivo, que está estudando em Londres.
- Mas, então, qual a razão para recusá-la?
- Tenho códigos previamente combinados com ele, que são marcados em forma de sinais no exterior da carta. Basta manuseá-la para entender a mensagem, sem a necessidade de abri-la, economizando o dinheiro da taxa dos Correios.

Seria salutar para uma arqueologia do selo postal que essa cena fosse explorada minuciosamente do ponto de vista documental. Não existe, no Brasil, documentação que comprove esse fato. Decerto, é provável que existam documentos primários que atestem esse e outros fatos, para além de uma lenda que percorre as gerações de colecionadores de selos postais. No entanto, como será debatido a seguir, outros documentos legitimam alguns fatos.

Sir Rowland Hill (1795-1879), segundo Almeida e Vasquez (2003, p. 17, tradução nossa), após o episódio, "percebeu algumas vulnerabilidades do sistema postal inglês vigente". Nesse período, a classe média e trabalhadora britânica, apenas, sonhava com o aviso da chegada de um carteiro, pois o serviço tinha um caráter de luxuosidade.

Mas, também, foi o momento histórico em que ascendia ao trono do Império Britânico, no dia 20 de junho de 1837, aos dezoito anos de idade, Alexandrina Vitória (1819-1901) iniciando a mais duradoura regência inglesa intitulada de "Era Vitoriana". Logo após assumir o trono, a Rainha Vitória instituiu um Comitê Especial do Serviço Postal,¹²⁰ que teria como objetivo e função explorar as condições de funcionamento do serviço postal britânico com vistas a reduzir as tarifas postais.

Assim, à acurada visão de Rowland Hill aliada a um imbatível argumento contábil e estatístico, em conjunto com a disposição de melhoria do sistema postal britânico, por parte da Rainha Vitória, foi o momento adequado para que ele apresentasse algumas mudanças, que logo seriam copiadas no mundo inteiro, por meio de um relatório intitulado "Post Office Reform: its importance and practicability" (1837).¹²¹

Nesse trabalho, além de sugerir algumas mudanças no sistema postal britânico – cobrança de tarifas em relação ao peso da correspondência; pagamento da tarifa pelo remetente; cobrança da tarifa por meio do selo postal adesivo –, Hill (1837, p. 15) conseguiu comprovar que uma simples carta de Londres para Edimburgo estava custando, aos Correios, o equivalente a 27 vezes mais do que o custo real.

Um elemento de caráter social é defendido no relatório, visto que Hill (1837, p. 73) estaria preocupado, não, apenas, com que toda a população, independentemente de suas condições financeiras, tivesse acesso ao envio de correspondências, mas, também, que essa reforma estimularia a escrita e, por conseguinte, a difusão de conhecimento.

O quadro 3, a seguir, indica algumas características de como era o sistema postal pré-filatélico britânico e europeu, por volta de 1838, e quais foram as principais modificações sugeridas pelo Sir Rowland Hill.

¹²⁰ Em Inglês: "Select Committee on Postage".

¹²¹ Tradução: "Reforma Postal: sua importância e praticabilidade".

Quadro 4 – O sistema postal europeu antes e depois da Reforma Postal

O sistema postal europeu em 1840	A "Reforma Postal" na Inglaterra
A tarifa poderia ser paga pelo remetente ou destinatário da correspondência.	Pagamento prévio da franquia conforme tarifas pré-estabelecidas.
A tarifa compreendia: as medidas, o peso, a classe e a distância a ser percorrida.	Emissão de selos postais adesivos para comprovar o pagamento das correspondências conforme todo o seu projeto e circulação.
A arrecadação era difícil e a falta de pagamento dos envios era alarmante.	Tarifas uniformes dentro do país, considerando o peso, mas sem levar em conta a distância, com o intuito de diminuir custos e tornar o serviço acessível para muitos.
O envio para regiões distantes somava as dificuldades da própria distância e os meios empregados, às cobranças relativas a cada correspondência.	Diminuição efetiva do valor das tarifas (1 penny) a cada 14 gramas de correspondência enviada.

Fonte: o autor

Figura 108 – Desenho, caricatura e fotografia do Sir Rowland Hill



Fonte: Sir Rowland Hill (BRITISH POSTAL MUSEUM AND ARCHIVE, 2011)

Tamãna mudança no modelo do sistema postal britânico não ocorreria tão facilmente, sem as devidas pressões político-econômicas. De fato, estavam em jogo o poder real, a liderança exercida pelo Parlamento e a própria economia britânica, em que pesem os conflitos na Europa e ultramar.

Assim, depois de uma campanha realizada por um parlamentar chamado Robert Wallace, uma Comissão Especial foi nomeada, sob sua presidência, e com autorização da Rainha Vitória, com o objetivo de analisar as despesas postais com vista a reduzi-las sem perda de receita. Ao mesmo

tempo, no início de 1838, um Comitê Postal Mercantil foi criado por comerciantes locais que preconizavam a redução das tarifas postais.

Sir Rowland Hill foi um dos membros desse Comitê e Henry Cole foi feito o seu Secretário. Cole atirou-se na organização de petições e organizou um jornal, 'The Post Circular', a ser publicado como uma folha de propaganda a favor da reforma postal. Na quarta edição do jornal uma carta de James Chalmers, de Dundee, foi reimpressa. Chalmers tinha escrito para Wallace, em Dezembro de 1837, e mais tarde para os Correios, sugerindo um tipo de selo para o porteamento de cartas. Ele também forneceu exemplos que ele tinha projetado e impresso, e que ele carimbou com um registro de data para evitar a reutilização.

Em março de 1839, Wallace publicou o relatório final da Comissão Parlamentar recomendando a maioria das idéias de Hill, mas com algumas restrições. Isso resultou em muita atividade e alguma ação foi exigida do governo. A pressão pública fez com que Lorde Melbourne, o primeiro-ministro liberal, promettesse apoiar, com um voto, o projeto de lei a favor a Reforma Postal, que ficaria conhecida como “Postal Penny Reform”.¹²² Em 15 de agosto de 1839, o projeto foi aprovado no Parlamento e pela Rainha Vitória.

Figura 109 – Propaganda explicando a necessidade da reforma postal¹²³



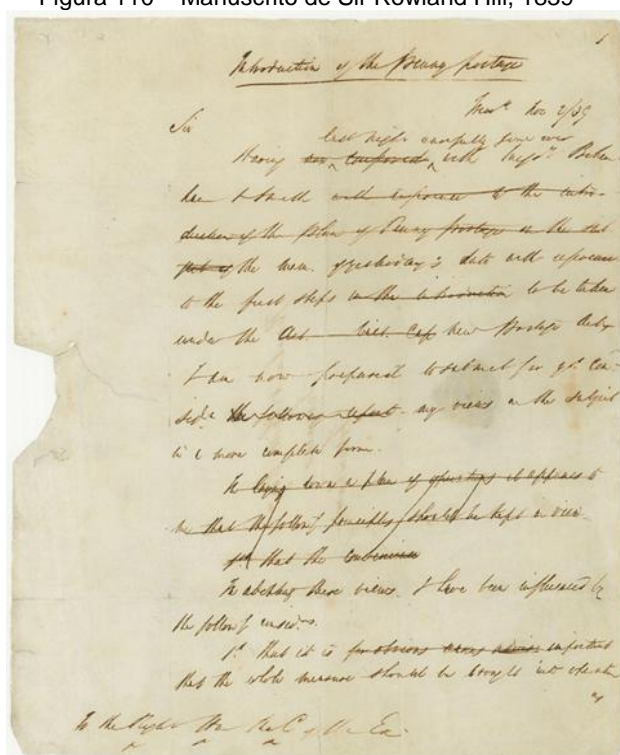
Fonte: Free Post (BRITISH POSTAL MUSEUM AND ARCHIVE, 2011).

¹²² Tradução nossa: Reforma Postal Britânica.

¹²³ Propaganda enviada pelos Correios, por Robert Wallace, explicando a necessidade da reforma postal (1838)

A figura a seguir mostra um manuscrito, datado de novembro de 1839, em que Sir Rowland Hill, encaminha o seu projeto de cobrança por meio do selo postal adesivo, ao Chanceler do Tesouro Nacional Britânico, Sir Francis Baring.

Figura 110 – Manuscrito de Sir Rowland Hill, 1839¹²⁴



Fonte: PENNY Black Store, 2011

Em 17 de agosto de 1839, o Parlamento inglês aprovou as sugestões de Hill alegando, conforme registram Almeida e Vasquez (2003, p. 17), "que serviam ao progresso comercial e ao desenvolvimento das classes mais favorecidas". Além disso, ele foi nomeado supervisor da Reforma Postal como funcionário do Tesouro Nacional.

Segundo os mesmos autores (2003, p. 17), Hill sugeriu a utilização de "um pedaço de papel de tamanho suficiente para receber uma estampa, coberto na parte traseira com goma, que o portador poderia, aplicando um

¹²⁴ Em janeiro de 1837, na Inglaterra, Sir Rowland Hill escreveu esse manuscrito endereçado ao Chanceler do Tesouro com o objetivo de explicar e justificar a proposta de sua "Reforma dos Correios". Um trecho diz o seguinte, em inglês: "...a bit of paper just large enough to bear the stamp, and covered at the back with a glutinous wash." Ainda, o livro de Muir (1990) contribui com importantes detalhes todo o processo de criação e circulação do primeiro selo postal do mundo. Infelizmente, não existe, em língua portuguesa, obra similar. Outras obras produzidas pelo Museu Postal Britânico auxiliam no entendimento do seu sistema de comunicação pré-postal e postal, a saber: Osley (2010); Stray (2006, 2010, 2012, 2012a).

pouco de umidade, prender na parte posterior da carta". Era um modelo que pressupunha uma prática comum, de dobrar a carta sobre si mesma, selando-a. Nascia assim, o selo postal adesivo, um dos artefatos fundamentais às transformações que iriam revolucionar os sistemas postais em todo o mundo.

Logo após a aprovação da Reforma Postal, outro aspecto precisava ser resolvido. Assim, um concurso público foi anunciado pelo Tesouro Britânico, com o objetivo de convidar o público a sugerir o melhor modelo para os selos postais. "Mais de dois mil e seiscentos desenhos foram enviados por artistas nacionais e internacionais" (GOLDEN, 2012, p. 21).

Alguns dos inscritos já eram conhecidos artífices de impressão tipográfica ou desenhistas da mais alta estima, como James Chalmers e Charles Whiting, o impressor do material publicado pela Comissão Mercantil. O concurso foi julgado por Sir Rowland Hill e Henry Cole, o seu secretário. Vários prêmios foram entregues: Francis Coffin, James Bogardus, Benjamin Cheverton, Charles Whiting e o próprio Henry Cole.

Williams e Williams (1965, p. 22) afirmam que o nascimento do primeiro selo postal adesivo não foi fácil.

Muito tempo e trabalho foram passados antes de ele ver a luz do dia. Esses trabalhos referem-se não só ao desenho, mas também à confecção do selo. Houve dificuldades com a matriz, mais dificuldades ainda com a primeira chapa, que teve de acabar-se e ser colocada na prensa com tanta pressa que, não tendo havido tempo para solidificar convenientemente, cedo começou a dar sinais de desgaste, e novas dificuldades quando se tratou de gomar¹²⁵ as folhas. Com efeito, em 22 de abril de 1840, os impressores Perkins, Bacon & Petch escreviam: ' Há cinco dias que nos encontramos ocupados na gomagem dos selos e as dificuldades que se nos depararam são indescritíveis.

Como sucede com as novidades que podem modificar uma estrutura social estabelecida, o selo postal, nos primeiros meses de uso, não foi muito bem aceito por duas razões muito óbvias para a população, como mostram Williams e Williams (1965, p. 22-23) no excerto a seguir:

já experimentaste os selos? Acho-os tremendamente absurdos e incômodos. Não me sinto tentado a transformar a boca em vidro de cola embora, na verdade, se tenha a satisfação de beijar, ou mais propriamente, de lambe o traseiro de Sua Majestade. A goma foi sem dúvida um facto que tornou muita gente relutante em utilizar os selos, tanto mais que se espalhou o rumor de que ao lambe-la uma pessoa se sujeitava a contrair o cancro na língua.

¹²⁵ Conforme William e William (1965, p. 22), em nota de rodapé: "Nos primeiro selos, a goma era aplicada manualmente, com auxílio de um pincel".

Um dos ganhadores do concurso público, Benjamin Cheverton, teve a idéia de mostrar a efígie da Rainha Vitória, baseado na gravura da cabeça da soberana feita por William Wyon, cunhada para uma medalha, em 1837. De fato, como já foi visto anteriormente, o primeiro selo postal adesivo nem era o primeiro selo gomado e nem o primeiro selo propriamente dito. No entanto, foi o primeiro selo adesivo a mostrar uma efígie de uma soberana ainda viva.

Conforme nos mostram William e William (1965, p. 32), a idéia de Cheverton passava, também, pela questão da precaução contra falsificações. Idéia essa que não condiz com as decisões tomadas pelas autoridades imperiais brasileiras, quando da emissão dos seus primeiros selos postais, como veremos mais adiante.

Encontra-se no London Philatelist, v. XIX, p. 285 [...], as palavras de Cheverton: uma vez que a vista está educada para se aperceber de diferenças nos traços do rosto, a descoberta de qualquer discrepância da falsificação torna-se mais fácil – a diferença saltará aos olhos do observador mais rapidamente do que no caso de letras ou de simples desenhos ornamentais.

A Inglaterra, reproduzindo o perfil da cabeça da Rainha Vitória, a partir de uma medalha comemorativa gravada por William Wyon, inaugura o tipo “efígie”, com um selo postal adesivo que, oficialmente, foi chamado de *Penny Postage*, e que depois, já no âmbito da prática Filatélica ou do colecionismo de documentos postais, ficou conhecido como *Penny Black*, posto em circulação no dia 6 de maio de 1840.

Vale ressaltar que a prática cultural de imprimir uma imagem que representasse um soberano advém de tempos pretéritos. Chartier (2004, p. 111) sugere, com uma visão similar de Briggs e Burke (2006), com respeito as “imagens impressas”, que

Henrique IV soube captar a importância da imagem impressa: por um lado, em 1594, ele ordena que todas as peças referentes à Liga sejam queimadas; por outro, manda gravar todo um conjunto de imagens de propaganda, que exaltam as ações reais ou espelham o retrato do soberano.¹²⁶

¹²⁶ Henrique IV de Bourbon foi o primeiro rei de França pertencente à família dos Bourbons e também rei de Navarra com o nome de Henrique III. A ordem de “queimar todas as peças da Liga”, diz respeito a sua disputa contra a Santa Liga ou Liga Católica criada por, seu rival, Henri I de Guise, por volta de 1576, no período de conflitos sangrentos entre católicos e protestantes. Interessante perceber um fio condutor que pode partir do estudo do selo postal e remeter ao tempo pretérito, por exemplo, de um movimento político-religioso contra a veneração de ícones e imagens religiosas, mais conhecido como Iconoclastia ou Iconoclasmo. Autores como Machado (2001), Burke (2004), Gruzinski (2006), para citar alguns, abordam essa temática com maiores detalhes e maestria.

Burke (1995, p. 148) propõe, por exemplo, num estudo que remonta a Europa Moderna, que “a tese da presente seção é que [...], as peças e estampas têm que ser consideradas como combinações entre fórmulas elementares, permutações de elementos mais ou menos prontos”. Por sua vez, a proposição de Burke remete ao conceito de “*schemata*” (esquema), nos estudos de História da Arte realizados por Ernst Gombrich (2007, p. 263), também citado, a partir do mesmo ponto de vista, por Eco (1987), Manguel (2003), Burke (2004), Santaella e Noth (2005), Baitello Junior (2010), Ginzburg, (2011), para citar, apenas, alguns poucos autores que criam as condições para que o selo postal possa ser estudado enquanto objeto imagético-mediático.

Assim, as características verbovisuais do primeiro selo postal adesivo, emitido na Inglaterra, em 1840, são: o valor facial¹²⁷ impresso na margem inferior por extenso, "ONE PENNY"; o termo "POSTAGE" impresso na margem superior, indicando um serviço postal instituído pela administração postal daquela unidade política; a efígie da Rainha Vitória posicionada para mostrar seu perfil esquerdo, como num camafeu, e indicando a unidade política emissora da peça, no caso a Inglaterra; o fundo preto, com ornamentos nas margens direita e esquerda; por fim, as duas iniciais “M”, na margem inferior esquerda, e “H” na margem inferior direita, indicando a posição do selo na folha completa¹²⁸.

Figura 111 – Medalha de Wyon¹²⁹ e o 1º selo postal adesivo: “Penny Black”, Inglaterra, 1840



Fonte: Rosenblum (2003)



Fonte: ARPIN (2008)

¹²⁷ Valor facial, conforme Machado e Queiroz (1994, p. 195) e Queiroz (1988, p. 304) “é o valor impresso em cada selo, fixado por cada administração postal e tendo em vista as necessidades tarifárias do momento.” A partir dessa acepção cabe uma adequação ou atualização: o valor facial é a representação do valor da taxa ou da franquia a ser paga pelo usuário dos serviços de uma administração postal, impressa em todo e qualquer documento filatélico produzido e utilizado por essa instituição postal. Ver outros detalhes na quarta seção deste estudo.

¹²⁸ Ver mais detalhes sobre a folha completa na quarta seção deste escrito.

¹²⁹ Essa medalha foi criada e cunhada, por William Wyon, para celebrar a primeira visita da Rainha Vitória a Londres, em 1837. Assim, todo selo postal utilizado pelo Império Britânico, durante a Era Vitoriana, tinha como indicação da unidade política emissora a efígie da Rainha Vitória.

Sem dúvida o primeiro selo postal com padrões artísticos, responsável por estabelecer os padrões de seus descendentes. O cuidado extremo com os traços, a gravação da efígie beirando a perfeição e um fundo sóbrio que contrasta bem com a imagem, além de elementos verbovisuais sutis foi fundamental para o êxito do artefato.

O “Penny Black”, muito provavelmente, tem sido o mais prolongado e detalhado objeto de estudo em comparação com qualquer outra emissão no mundo. Não, apenas, é um documento atraente e de curtíssimo período de circulação, historicamente investido de sentidos, um objeto de coleção desejado por colecionadores mundo afora. Mas, particularmente, porque foi impresso a partir de 11 placas distintas, acarretando uma reprodução com 2880 documentos distintos para serem colecionados.

O fato é que, o sucesso da Reforma Postal e a utilização pública do selo postal adesivo foram de tamanha dimensão que não, apenas, levou uma multidão de usuários aos correios, fazendo com que a demanda de selos postais tirasse noites de sono dos impressores, mas permite uma comparação, sob a ótica do consumo, com as vendas de novos celulares atualmente.

Almeida e Vasquez (2003, p. 21) afirmam que o selo postal, em verdade, é uma adaptação tipológica de estampilhas anteriores.

Vale ressaltar que o pagamento antecipado da taxa postal não era uma novidade, e são conhecidas experiências nesse sentido desde o século XVII. A legislação brasileira, por exemplo, oferecia ao mandatário da carta a opção pelo pagamento antecipado do valor da taxa quando fosse seu desejo isentar o destinatário da despesa, de acordo com o estabelecido no artigo 61 do Decreto de 5 de março de 1829. Nesse caso, as cartas eram assinaladas pela palavra “franca” escrita manualmente na face principal.

Por sua vez, Ferreira (2003, p. 14) afirma que na época de surgimento do selo postal, até mesmo muito tempo depois, o mundo não estava preparado para nele ver nada além do que um timbre oficial de comprovação de pagamento de franquia, mas, além disso, “não é apenas aos timbres ou marcas que o selo postal vai buscar os seus primitivos figurinos”, algo que não lembrasse, imediatamente, senão uma moeda ou uma nota de banco.

Nessas ferramentas de discurso ideológico estavam impressas, em princípio, efígies de soberanos reinantes (nas monarquias) e figuras alegóricas (nas repúblicas), cifras indicadoras do valor da franquia postal a ser paga,

geralmente buriladas com linhas, florões e arabescos para dificultarem a contrafação do papel-moeda corrente.

Ali também, considerando as estampas que foram adotadas nos primeiros anos de uso do selo postal, tinha início o período em que o Estado teria menores custos com o sistema postal e, ao mesmo tempo, um maior controle sobre os discursos e os segredos, o que era mais um claro fortalecimento da vigilância social que, atualmente, encontra seu equivalente em outras formas de controle (câmeras, celulares etc).

Quadro 5 – Esquemas pictóricos dos selos postais emitidos no século XIX

Estado Emissor	Ano de Emissão	Elementos verbovisuais
Inglaterra	1840	Efígie Rainha Vitória I
Suíça	1843	Cifras 4 e 6 Rappen
Brasil	1843	Cifras 30, 60 e 90 Réis
Estados Unidos	1847	Efígie de Benjamin Franklin
Ilhas Maurício	1847	Efígie Rainha Vitória I
França	1849	Efígie 'Cérès' (Deusa da Agricultura)
Bélgica	1849	Efígie Rei Leopoldo I
Bavária	1849	Cifra 1 Kreuzer
Espanha	1850	Efígie Rainha Isabella II
Austria	1850	Brasão de Armas
Guiana Britânica	1850	Cifra 12 cents
Trinidad	1851	Efígie "Britannia"
Dinamarca	1851	Brasão Real
Canadá	1851	Símbolo do Estado
Holanda	1852	Efígie Rei William III
Luxemburgo	1852	Efígie Grão Duke William III
Chile	1853	Efígie Cristóvão Colombo
Portugal	1853	Efígie Rainha D. Maria II
Filipinas	1854	Efígie Rainha Isabella II
Índia	1854	Efígie Rainha Vitória I
Noruega	1855	Brasão de Armas
Suécia	1855	Brasão de Armas
Nova Zelândia	1855	Efígie Rainha Vitória I
Finlândia	1856	Brasão de Armas
México	1856	Efígie Don Miguel Hidalgo y Costilla
Uruguai	1856	Símbolo do Estado
Argentina	1858	Símbolo do Estado
Peru	1858	Brasão de Armas
Rússia	1858	Brasão de Armas
Venezuela	1859	Brasão de Armas
Bahamas	1859	Efígie Rainha Vitória I
Polônia	1860	Brasão de Armas
Grécia	1861	Efígie Deus Grego 'Hermes'
Itália	1862	Efígie Rei Vittorio Emanuel II

Fonte: o autor

Os primeiros selos postais do mundo tiveram como elementos pictóricos ou visuais, praticamente sem nenhuma exceção, a efígie, o brasão e a cifra, e como elementos verbais o termo *postal*, o nome da soberana ou conquistador e, ainda, o nome da moeda corrente na respectiva língua de origem da unidade

política emissora. Podemos perceber uma práxis dos Estados em constituir uma identidade nacional e ultramar (nas suas colônias), por meio dos elementos verbovisuais.

Quadro 6 - Alguns elementos verbovisuais (esquemas pictóricos) dos primeiros selos postais

Selos postais com efígies de soberanos	Selos postais com armas e brasões	Selos postais com motivos mitológicos
<p><u>Principais características dos países emissores:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Monarquias unificadas, fortes e centralizadas. 2. Mostra elemento pictórico de soberano ou soberana da aristocracia tradicional europeia.. <p>Alguns países emissores: Inglaterra, Espanha, Hungria, Itália, Luxemburgo, Portugal, Áustria, Prússia, Brasil, etc.</p>	<p><u>Principais características dos países emissores:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Países sujeitos a ocupação ou em sistema de união de reinos. 2. Mostra elementos pictóricos heráldicos diversos. <p>Alguns países emissores: Áustria, Bósnia, Bremen, Bulgária, Finlândia, Modena, Prússia, Romênia, Rússia, Sicília, etc.</p>	<p><u>Principais características dos países emissores:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Principalmente àqueles com uma cultural mitológica. 2. Mostra elementos pictóricos mitológicos. <p>Alguns países emissores: França, Grécia e Itália.</p>

Fonte: o autor

Outros elementos verbovisuais foram utilizados *a posteriori*, quando, aos poucos, algumas pessoas foram tomando consciência de que o selo postal servia para algo muito mais nobre do que simplesmente representar um atestado ou um recibo de pagamento prévio de serviço. É nesse momento que surge o colecionismo do selo postal e a prática que viria a ser denominada Filatelia.

Apesar de não fazer parte do escopo deste trabalho é importante considerar que em paralelo ao uso do selo postal existia a utilização do carimbo. Uma área muito peculiar de estudo, “a parte oculta dos selos, o lado noturno eles” (Benjamin, 1995, p. 57), que também pode compor o estudo das estampilhas, denominado *Carimologia*¹³⁰, fundamental para o entendimento das funções administrativas de documentos.

Prática ordinária dos Correios, carimbar um selo postal tinha a finalidade de indicar a origem da missiva postal, a data de envio e o cancelamento do selo postal aderido à correspondência. Além disso, buscava impedir o reaproveitamento do selo, além de ser uma maneira de controlar e legitimar o poder da administração postal.

¹³⁰ Ver nota de rodapé 25.

O surgimento do segundo selo postal tem relação direta com a obliteração (ato de carimbar) do *Penny Black*. O *Penny Red*, com as mesmas características verbovisuais do seu antecessor, a não ser pelo tom avermelhado, foi criado justamente por causa de problemas com relação ao carimbo preto utilizado sobre um selo postal de cor preta.

Figura 112 – Penny Black com um carimbo preto do tipo Cruz de Malta



Fonte: ARPIN (2008)

Essa situação incomodava as autoridades, pois que facilitava a reutilização do mesmo selo para várias missivas postais. Assim, o primeiro selo postal do mundo apenas foi utilizado, segundo Davies e Maile (1990, p. 6, tradução nossa), "durante 10 meses, com 68 milhões de peças impressas".¹³¹

Figura 113– Segundo selo postal. “Penny Red”, Inglaterra



Fonte: ARPIN (2008)

Seguindo uma tradição que perdura desde então, a Inglaterra é o único emissor de selos postais que não especifica seu nome, por extenso, na face do artefato. Apenas apresenta o perfil do soberano ou da soberana. Por outro lado, o restante dos países e entidades emissoras de selos postais, inclusive as antigas e atuais colônias britânicas, devem especificar, por extenso, seus

¹³¹ Texto original: "...lasted just ten months. In that time some 68 million stamps were printed".

respectivos nomes seguindo as normas internacionais estabelecidas nos congressos da União Postal Universal (UPU).¹³²

Figura 114 – Emblema da UPU, ao centro, em selo postal emitido pela Romênia



O advento do selo postal proporcionou uma racionalidade do sistema postal inglês, que, por sua vez, gerou lucros elevados. Nesse sentido, afirma Sampaio (1992, p. 18):

Para se ter uma idéia de quanto o selo postal veio contribuir para o desenvolvimento da comunicação, uniformizando e barateando os portes e facilitando assim o intercâmbio postal, basta analisar a revolução que ocorreu com o volume da correspondência na Inglaterra, logo no seu primeiro ano de existência. Em 1839, os Correios ingleses transportaram 50 milhões de cartas; em 1840, com a emissão do primeiro selo postal e o seu uso na correspondência, as cartas transportadas aumentaram para 170 milhões.

Essa foi a principal razão, mas não única, para que nos primeiros dez anos que se seguiram à circulação dos selos postais ingleses, a maioria dos países europeus (e suas respectivas colônias) adotassem o mesmo sistema. Segundo Cusack (2005, p. 592, tradução nossa), "até 1853, outros 44 países haviam seguido o exemplo britânico e emitiram selos postais adesivos".¹³³

¹³² A ideia da UPU surgiu do problema enfrentado por diversos países que tinham tarifas postais distintas advindas do transporte marítimo, com barcos a vapor, e terrestres, por meio das ferrovias. Assim, em 1863 houve um encontro em Paris, por indicação do Diretor Geral dos Correios dos Estados Unidos da América, Montgomery Blair, a primeira entre quinze unidades políticas independentes com o objetivo de resolver esse problema. Atendida a proposta, do então, Ministro Alemão, Heinrich Von Stephan, outro encontro foi marcado para o dia 15 de setembro de 1874, na cidade de Berna, Suíça, com a participação de vinte e duas unidades políticas. Desta, resultou um acordo transformado no "Tratado de Berna", no dia 9 de outubro do mesmo ano, que, por sua vez, em 1878 foi convertida na UPU. O Tratado foi baseado em três questões fundamentais e de interesse mútuo dos governantes e seus representantes: "a) uniformidade dos pesos; b) uniformidade das taxas e c) simplificação da contabilidade" (COOPERATIVISMO E A FILATELIA..., 1976, p. 10-12). A página eletrônica da UPU: <www.upu.int>.

¹³³ Texto original: "By 1853, forty-four other countries had followed the British example and were issuing stamps".

Após a Inglaterra, a unidade política Zurique (Cantão de Zurique¹³⁴), que tinha status geopolítico de nação ou país, emitiu os seus dois primeiros selos postais (o segundo no mundo), adesivos com os valores faciais de 4 e 6 rappen (centavo em alemão), em 1.03.1843, cinco meses antes da emissão dos Olhos-de-boi brasileiros, em 01.08.1843 (terceira unidade política a emitir um selo postal e a primeira do continente americano).

Figura 115 – Emissões de 4 e 6 rappen do cantão de Zurique em 1.03.1843



Figura 116 – Emissões de 30, 60 e 90 réis brasileiros em 1.08.1843



A quarta emissão no mundo foi o “Double de Geneve”,¹³⁵ do Cantão de Genebra. Este, em particular, inaugurava e promoveria a utilização de brasões e escudos nas emissões de selos postais, principalmente na Europa. Uma peça bipartida, com um valor facial de 10 cêntimos. O “Duplo de Genebra” é um selo postal composto por duas unidades de 5 cêntimos. Assim, ao enviar uma missiva dentro do cantão era preciso recortar o selo e utilizar uma das metades. Se a carta fosse enviada para outro local o era utilizada inteira.

¹³⁴ Cantão é uma divisão geopolítica utilizada por unidades políticas como Suíça e Luxemburgo. Selo, porte ou correio cantonal alude ao sistema correios dos e nos Cantões. Estas informações também podem ser encontradas em QUEIROZ (1988, p. 59), e QUEIROZ e MACHADO (1994, p. 35). A Suíça é uma unidade política constituída por vinte e seis estados autônomos, independentes e soberanos (cantões).

¹³⁵ Duplo de Genebra.

Figura 117 - Cantão de Genebra, 5c meio porte



Figura 118 - Cantão de Genebra, 10c, porte inteiro



No “Duplo de Genebra” foi utilizado, pela primeira vez, elementos verbovisuais, para além da indicação do valor facial ou do serviço prestado pelo correio, a saber: há um brasão e uma expressão dentro da bandeirola ou faixa, acima do escudo, que diz: *Post tenebras lux = depois das trevas, a luz*. A expressão impressa no selo postal, acima, alude alguns aspectos religiosos.

Pode significar a Ressurreição (*a luz*), depois da tragédia (depois das trevas) da Sexta-Feira Santa ou depois do silêncio do Sábado Santo, a explosão da alegria da madrugada do Domingo de Páscoa. Também pode tratar sobre a luz da reforma religiosa na Europa, em que a Bíblia é a luz. A Bíblia latina, que podia ser lida apenas pelo clero e estudiosos do Latim, Lutero traduziu para o alemão corrente, que podia ser lido pelo povo.

Essa articulação escrita foi a primeira a ser impressa num selo postal. A partir disso, mas não unicamente, é possível atestar que os selos postais somar-se-iam, de uma vez por todas, ao acervo documental, patrimonial e memorial da Humanidade. O selo postal passaria a ser um texto em que o apelo ideológico-institucional se faria presente, criando a possibilidade de emergência dos acontecimentos discursivos.

Coube ainda, ao Cantão de Basel, outro pioneirismo suíço, emitir um dos mais caros selos postais conhecidos, o “Colombe de Bâle”, em Francês ou a “Pomba de Basileia, em português. Impressa em 1.6.1845, foi o primeiro selo postal colorido (preto, azul e vermelho = policromático), com um valor facial de 2½ rappen.

Como elementos verbovisuais, no brasão, que alude às armas da cidade de Basel, ou Basileia em português, há um pombo com uma carta no bico, o que permite fazer uma referência ao correio postal aéreo. A inscrição *STADT POST BASEL* significa “cidade postal de Basel”.

Os habitantes do Cantão da Basileia, naquele período, receberam com pouco entusiasmo a reforma postal, ou, de fato, estavam acostumados com as práticas já estabelecidas. Esse fato fez com que a tiragem desse selo postal, de aproximadamente quarenta e um mil exemplares levasse quase nove anos para ser esgotada. Por outro lado, a impressão foi feita em folhas completas de 100 exemplares, com margens estreitas e ligeiras variações nas cores, sendo uma dos selos postais mais procurados por comerciantes e colecionadores filatéticos.

Figura 119 – “Pomba da Basileia”



Seguindo essa orientação colorida, aliado à impressão de escudos ou brasões, o Cantão de Genebra emitiu os selos locais, “*Vaud*”, com valores faciais de 4 e 5 cêntimos, entre 1849 e 1850. Neles, há uma cruz branca sobre um fundo vermelho, repousando sobre a trombeta do postilhão (utilizada tanto para avisar que o Correio chegara ao local, quanto para pedir passagem nas estradas), símbolo daquele Correio.

Figura 120 - “Vauds” da Suíça



Todos esses, a rigor, pelas suas cores, seus elementos verbovisuais e suas funções serviram de base às demais emissões, em que o destaque ficou com duas peças: uma emitida em 1862 em que o nome do país foi impresso

pela primeira vez e outra, emitida em 1882, em que o escudo e uma efígie alegórica foram impressos conjuntamente.

Diversos países e suas colônias emitiram selos postais com as mesmas características das que, até então, foram mostrados. Não causaria surpresa afirmar que os países mais industrializados, naquele tempo, como a Suíça, Bélgica, França e Bavária foram os primeiros a adotarem o novo artefato nos seus sistemas postais. Por volta de 1860, o selo postal seria produzido e circularia em todos os continentes, admitidas e respeitadas as idiossincrasias de cada região, além de suas necessidades político-econômicas.

A partir das imagens mostradas, até agora, é possível pensar que as primeiras emissões de selos postais buscavam os motivos de seus elementos verbosuais não apenas na Heráldica¹³⁶ como, também, nos motivos ilustrados pela Numismática, o que gerou quase 50 anos de emissões com motivos sobre efígies de soberanos reinantes, figuras mitológicas ou até, segundo Ferreira, (2003, p. 14) "conceitos abstractos antropomorfizados pela convenção (a Paz, a Justiça, a República, etc).

A circulação dessa minúscula peça de papel colaborou, em certa medida, para que os impérios e seus sistemas postais mantivessem seus regimes políticos instituídos, sintetizando o valor monárquico e a unidade nacional. Tudo isso representado, simbolicamente, por meio desse novo tipo de documento iconográfico, que se tornaria testemunha figurativa da própria história. Com o Brasil não foi diferente.

De fato, segundo Hobsbawm (2004, p. 101) surgia um novo Estado moderno, "definido como um território dominando a totalidade de seus habitantes [...] por meio de uma administração e políticas exercidas diretamente, [...] impondo leis e arranjos administrativos instituídos por todo o território", incluindo as colônias.

Essas intervenções perduraram por todo o século XIX, ligando o governo e os indivíduos em práticas cotidianas, fomentadas, também, pelas revoluções ocorridas nos meios de transportes e de comunicação, aproximando essas

¹³⁶ Segundo Ribeiro (2003, p. 141) "a primeira disciplina formal dedicada a estruturar o estudo da simbologia". As origens desses estudos remontam aos tempos em que existia uma necessidade de distinguir os participantes nos conflitos armados, especialmente os cavaleiros, assim como descrever os serviços por eles prestados, os quais eram pintados nos seus escudos. Contudo é imperativo perceber um brasão de armas não é definido pelo elemento pictórico ou visual, mas antes pelo elemento verbal ou escrito, a qual é dada numa linguagem própria, a Heráldica.

rotinas. Conforme Hobsbawm (2004, p. 112), os “Estados iriam usar essa maquinaria de comunicação, crescentemente poderosa junto a seus habitantes para difundir a imagem e a herança da ‘nação’ e inculcar adesão a ela, bem como ligá-los ao país e à bandeira”.

Para aquelas pessoas que olhavam os elementos verbovisuais impressos nos selos postais, da segunda metade do século XIX, o conceito de nação e a ideia de pátria ganhavam contornos subjetivados na materialização das efígies, cifras e brasões ou escudos ali estampados.

Arriscamos afirmar que a imagem mental de uma pessoa, conhecedora dos símbolos nacionais de sua pátria, está apoiada em um aspecto básico: a orientação simbólica oferecida pelos símbolos nacionais, que remetem a espaços conhecidos apontam para um elaboração visual/mental do conceito nação como aquilo que orienta a visão e o pensamento. Tudo isso era possível por um conjunto constituído de composição material e técnicas de mecanização, assunto da próxima seção.

4 UM OLHAR NO E SOBRE SELO POSTAL

Figura 121 – Observador do selo postal



Fonte: CÍRCULO DOS SELOS. Lupa, 2011.

“E tudo isso, por sermos nós mesmos apenas uma imagem, imago” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 255).

Nesta seção, o selo postal será explorado a partir daquilo que é uma coalescência de técnicas diversas e distintas, que identifica e situa a tecnicidade que lhe é designada, aplicada, integrada, concretizada, ou seja, aspectos de sua composição material e técnicas de mecanização.

Uma exploração teórica das denominadas “funções” tentará dar conta dos regimes de produção, circulação e consumo do objeto. Por fim, esses regimes situam o objeto de estudo, na contemporaneidade, trazendo à luz o que pode ser chamado de Filatelia Digital, aquilo que caracteriza um tipo de convergência filatélica.

Uma noção importante para o pesquisador das áreas enquadradas nas Ciências Humanas e Sociais é a de que existe uma relação, por vezes direta e por outra indireta, a depender da visão que se tenha sobre a pesquisa, entre os estudos históricos e os estudos que tratam sobre alguma tecnologia. Nos termos de Briggs e Burke (2006, p. 12)

as pessoas que trabalham com comunicação e estudos culturais, em número ainda crescente, devem levar em consideração a história; e os historiadores, de qualquer período ou tendência, cumpre levar em conta seriamente a teoria e a tecnologia da comunicação.

Logo, por um lado, esta seção da pesquisa busca articular algumas áreas de conhecimento em torno da questão tecnológica do selo postal entendido enquanto suporte de informação, documento e meio de comunicação (*media*), aquilo que é o fazimento do objeto, o selo postal condicionado ao fazer.

Por outro, considera a mediação técnica, no sentido de tornar real, visto que o selo postal, a partir de tudo que lhe cabe, determinou e, ainda, determina a produção, circulação e consumo de imagens em conjunto com outros objetos imagético-mediáticos, que, por sua vez, transformaram algumas práticas e comportamento sociais, além de repercutir na estrutura de um ou outro grupo social.

Explorar o fazer do selo postal deve levar em conta que a sua tecnicidade¹³⁷ é constituída por duas facetas: aquela em que o processo de produção é tecnicamente constituído, e aquela em que existe, *a priori*, um processo de percepção desse mesmo fazer, ou seja, uma “experiência tecnestésica” (COUCHOT, 2003, p. 15).

Por assim dizer, não são apenas as tecnologias ou as derivações econômicas que causam mudanças sociais, no sentido de sugerido por Castells (2002), mas, também, algumas práticas sociais, resultantes da produção de novas tecnologias, podem causar mudanças econômicas, políticas e culturais. Este foi e é o caso do selo postal.

¹³⁷ Tecnicidade alude a um debate interminável da relação entre técnica e tecnologia (*techné* e *logos*), desde os gregos, passando por Heidegger ([1953], 2007), Flusser (2002) e Pinto (2005). Por isso, para efeito desta Tese, a tecnicidade do selo postal é, ao mesmo tempo, sua materialidade e sua potencialidade. Arrisco dizer que o selo postal é o resultado de um sistema de aplicações técnicas e, ao mesmo tempo, a expressão material que em sua imanência detém as intenções, motivações conceituais que resultaram na tecnologia-selo postal.

4.1 O que o faz: composição material e técnicas de mecanização

No estrito plano da técnica material, o selo postal tem duas estruturas, uma física e outra química. A física é composta por um papel dividido em duas superfícies, dupla face (anverso – em que há impressão de elementos verbovisuais -, e verso – em que pode ou não haver goma). A química, explanada mais adiante, é formada pela goma e tinta.

O papel “passa a receber cores” (FRUTIGER, 2001, p. 6). “Por mais um certo tempo o papel continuará detendo a sacralidade do poder. Ele tem força de lei, habilita, incorpora, encarna mesmo a alma da lei, sua letra e seu espírito.” (DERRIDA, 2004, p. 237). É o suporte em que serão gravadas, inscritas, impressas as informações verbovisuais, sejam elas apenas pictóricas (pintura, fotografia, mosaico), verbais (um escrito), ou ambas entrelaçadas (cartaz ou panfleto publicitário, cartão postal, selo postal, capas de livros, capas de discos, mapas etc.). É no papel que o passado será revivido, é no papel que o mundo tem linguagem, é o papel-selo, espelho.

Pois bem, ao contrário do que escreveu Frutiger (2001, p. 6), entendendo que, do papel, “a superfície branca é considerada ‘vazia’, como uma área inativa”, Ferreira (1977, p. 15) acredita que “o papel não é elemento inerte e passivo, mas, sim eminentemente ativo, pois constitui, na verdade, uma espécie de contrafôrma”, assim como Lamônica (1972, p. 10), que vê o “papel como espaço com respiração, o papel vivo”, ou como o vêem Macedo, Dias e Vogt (2010, p. 8), um “*papel-quase-mundo*”.

Apesar da diferença de opiniões com respeito ao papel, um aspecto relativo à técnica ou tecnicidade não foi levado em consideração. Nesse sentido, Flusser (2010, p. 31), ao refletir, por exemplo, sobre a escrita e seus sentidos enaltece aquilo que escapa ao debate anterior:

se os sinais gráficos são gravados nos objetos ou aplicados em suas superfícies, isso é simplesmente uma questão de técnica [...], contudo, nunca é apenas uma questão de técnica. Uma consciência em processo de transformação clama por técnicas inovadoras, e uma técnica inovadora transforma a consciência.

Além disso, o papel é um objeto em que sinais gráficos, ainda invisíveis, ainda por vir, serão afixados em sua superfície. O papel branco, vazio, incompleto, único em si mesmo, não é quase nada. É apenas uma coisa, um papel em branco, uma tecnologia transformada pelo homem, um objeto que

receberá incisões. O papel é a condição de possibilidade da relação entre os mundos e as linguagens, um porvir de discursos da técnica.

Destarte, o papel-selo é a possibilidade tanto de “estocagem e de conservação de um conteúdo” (DERRIDA, p. 29), quanto do elo, da articulação entre a intenção de dizer, dos valores, das ideologias do autor ausente e o seu potencial leitor, o devir de um “*fazer nascer enunciativo*” (LANDOWSKI, 2002, p. 180). É uma coisa visível que se desdobrará num objeto visual preenchido de invisibilidades, o papel-selo, espelho.

O papel, superfície material do papel-selo, “portador de imagens, substituto frágil da realidade” (CHEVALIER; GHEERNRANT, 2006, p. 683) é, também, um relevante objeto de pesquisa dos colecionadores de selos postais (filatelistas). Desde os primeiros registros de estudos realizados sobre o papel-selo, no século XIX, a preocupação e o interesse do colecionador recaíam, notadamente, sobre os erros de impressão, a procedência e qualidade do papel, a sua textura e a sua tipologia técnica.

Nesse sentido, lembra Queiroz (1980, p. 39), que eram preferências de “colecção válida para a época”, que, “em absoluto foram abandonadas ou esquecidas, que animam filatelistas de todas as tendências, embora exercitadas sob a égide de novos conceitos”. De fato, prossegue o autor:

do gosto exagerado de muitos colecionadores do passado em verem nos selos, exclusivamente, os aspectos físicos, em detrimento do visual, daí, talvez, tenha-se originado o hábito de os considerarmos mais ‘autênticos’, mais ‘reais, mais ‘filatelistas’ do que aqueles que não lhes seguiram as pegadas e enveredaram por novos caminhos. Assertiva de veracidade duvidosa e facilmente contestável (Queiroz, 1980, p. 40).

Para os colecionadores, o papel utilizado na confecção do selo postal, o papel-selo, não é apenas o substrato que recebe a tinta e a cola, mas é, também, a condição da automação do sistema postal, a diminuição das possibilidades de fraudes postais, a potencialidade do devir do design filatélico.

O papel pode ser considerado uma inovação tecnológica de relevantes repercussões tanto para o registro de informações dos antigos grupos sociais localizados ao leste e oeste do vasto continente asiático, quanto para o desenvolvimento e aprimoramento, no continente europeu, do que pode ser denominado de indústria tipográfico-livresca.

Os catálogos¹³⁸ mundiais (Scott – americano; Yvert – francês; Gibbons¹³⁹ - britânico) utilizam o papel como informação para classificar os selos postais, posto que, um mesmo tipo de desenho pode ser impresso em diferentes tipos de papéis.¹⁴⁰ Além disso, filatelistas e comerciantes filatélicos utilizam o papel como característica para cotar um documento filatélico no cenário nacional e internacional, estabelecendo, assim, a condição de ordinário ou raridade, barato ou caro, válido ou inválido (esta última relação alude às exposições filatélicas).

O aperfeiçoamento do estudo do papel-selo, no decorrer do século XIX e XX, acarretou o desenvolvimento de inúmeras tecnologias específicas para essa atividade. Tecnologias da visão para revelar o visível no papel-selo, máquinas de visão das práticas filatélicas, “um novo inconsciente ótico de uma nova realidade” (PARENTE, 1999, p. 14), a saber: o *micrômetro*, que mede a grossura de um papel; *fluídos químicos* que revelam problemas na trama do papel; *lupas* que facilitam a leitura de detalhes; *microscópios digitais* que facilitam a observação de micro detalhes no papel; *luz ultravioleta* que permite

¹³⁸ Até onde é possível saber, o primeiro catálogo mundial de selos postais foi publicado, na França, em 21.12.1861, pelo oficial Alfred Potiquet, com o título de “Catalogue des timbres postes crees dans les divers Etts du Globe”, em que foram compiladas informações sobre 1080 selos postais e 132 inteiros postais. Um ano depois, em 1862, o zoologista britânico John Edward Gray, publicou o “*A Hand Catalogue of Postage Stamps for the use of the Collector*”, e também é considerado um dos primeiros colecionadores de selos postais do mundo. A Associação Internacional de Editores de Catálogos, Álbuns e Revistas Filatélicas (ASCAT – em inglês “International Association of Publishers of Stamp Catalogues, Albums, and Philatelic Magazines”) é a responsável pelas recomendações sobre esses tipos de publicações, em relação direta com a UPU.

¹³⁹ Stanley Gibbons, além de produzir o Catálogo Mundial é uma empresa considerada equivalente ao Índice Dow Jones, posto que serve como referência financeira mundial no campo filatélico.

¹⁴⁰ No Catálogo Mundial de Selos Scott, por exemplo, algumas informações colocadas em negrito aludem aos diferentes tipos de papéis que foram utilizados na impressão de um determinado selo postal (STANTARD..., 2002, p. 18, tradução nossa). Por sua vez, no Catálogo de Selos Postais do Brasil (MEYER, 2013, p. 79), o tipo de papel é explorado, principalmente, nas cotações dos selos postais emitidos no período imperial. Eis um exemplo: “Em 1844, foram impressos os valores de 30, 60 e 90 réis. Empregou-se no início o papel existente, de espessura média e grossa, ou seja, o papel dos Olhos-de-Boi. Em 1845, chegou ao Brasil a primeira remessa do papel fino amarelado, proveniente da Inglaterra. Os valores de 180, 300 e 600 réis foram impressos primeiramente neste papel. Paralelamente, utilizou-se o mesmo papel para os selos e 30, 60 e 90 réis. Em 1846, veio então o papel com pigmentos azuis, que serviu para complementar as tiragens dos valores já existentes e pra confecção do novo valor de 10 réis.” Com esta afirmação, Meyer indica que existia uma relação, não apenas diplomática entre a Inglaterra e o Brasil, mas, de fato, uma relação comercial que influenciou, diretamente, a produção, circulação e consumo de selos postais brasileiros. Alguns autores corroboram essa assertiva, a saber: Altman (1991, p. 8, tradução nossa) defende que “instado por um cônsul astuto em Londres, Brasil foi o primeiro país a seguir a Inglaterra”; Almeida e Vasquez (2003, p. 23) sugerem que foram “as estreitas relações comerciais e políticas entre o Império brasileiro e o britânico [que] no período favoreceram a absorção quase que imediata da novidade entre nós”; Nagamini (2004, p. 156) relata que “com a derrota de Napoleão, não havia motivos para a permanência de Dom João no Brasil, pois Portugal era governado por uma junta inglesa sob o comando do Marechal Beresford”, por fim, Marson (1989, p. 74) afirma que o Brasil “cedeu a uma parte das exigências britânicas, pois estas beneficiavam, em parte, os negócios de certos empresários brasileiros.”

observar detalhes da cola aplicada no verso do papel; *odontômetro laser* que mede a denteação ou o denteado exato do selo.

Em 2009, foi fundado o Instituto de Filatelia Analítica (Institute for Analytical Philately)¹⁴¹, organização não-governamental dedicada a patrocinar pesquisas de caráter técnico-analítico com o objetivo de melhorar o colecionismo filatélico. Para isso, o IAP oferece bolsas de estudo e suporte técnico para ajudar filatelistas qualificados nas suas pesquisas. Nesse sentido, uma das áreas de expertise trata sobre o que o IAP denomina Ciência do Papel, por meio de áreas como Composição, Produção, Fotomicrografia e Microscopia Eletrônica.

Dada a relevância do papel no estudo do selo postal (do papel-selo), e da característica didática deste estudo, um brevíssimo relato histórico do papel é justificável ao permitir que seja possível entender a interdependência entre pessoas, fatos, eventos e regimes. Além disso, permitirá uma adequada aproximação à seção posterior, qual seja as técnicas de mecanização.

Assim, é lugar comum afirmar que a invenção do papel ocorreu na China, por volta do ano 105 (século I), a partir de um processo que foi descrito, segundo Fischer (2006, p. 97), “pelo eunuco Cai Lun¹⁴², na corte de Wu Di do Imperador Han”. A demanda de leitura e o alto custo da seda¹⁴³ teriam motivado, conforme Queiroz (1980, p. 41), um “alto funcionário, sob a segunda dinastia Han, na regulamentação de seu fabrico, na província de Cantão”.

Figura 122 - T'sai Lun e o processo de fabricação de papel na China do século II



¹⁴¹ Página eletrônica da IPA: <www.analyticalphilately.org>.

¹⁴² Em inglês: T'sai Lun.

¹⁴³ “material que era enrolado em volta de um pau de madeira e que ficou reservado às obras de luxo após a descoberta do papel” (WEIL, 2006, p. 173).

Figura 123 – Do pergaminho chinês até o livro



A padronização da produção consistia em que “fibras de diversas matérias primas vegetais - casca de amoreira branca, bambu ou vime, palhas de chá e trigo, caules de gramíneas, cânhamo, sândalo, hibisco, algas marinhas - fossem batidas e mexidas em água e dispostas sobre alguma superfície para secagem” (TSIEN, 1973, p. 510).

Ela ficou sob o controle e monopólio do império chinês até meados do século VIII, ainda que, já tivesse sido disseminada, conforme sugere o estudo de Bloom (2001, p. 40-43), pelo continente asiático, para as regiões “nordeste (Coréia), leste (Japão), Sul (Tibete, Vietnã e Índia), e oeste (Turquestão)”.¹⁴⁴

Nesta última região, o encontro conflituoso entre dois povos possibilitou a transferência de conhecimento sobre o processo de fabricação do papel e “a ramificação da escrita e da leitura”, sobre essa nova tecnologia, “até a Europa” (MILANESI, 2002, p. 24; FISCHER, 2006, p. 97; BARBIER, 2008, p. 110-111). Sobre essa transferência de conhecimento e os desdobramentos do encontro entre esses dois povos será tratado, de forma resumida, a seguir¹⁴⁵.

Por um lado, o povo chinês, da dinastia dos Tang (618-907) lançou uma política de expansão territorial, por volta do ano 660, intervindo na “Índia,

¹⁴⁴ Atualmente, o Turquestão ou Turquistão é uma região geográfica da Ásia Central dividida em duas áreas geopolíticas: 1. Turquestão Ocidental, que corresponde aos atuais Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Quirguistão e Cazaquistão; 2. Turquestão Oriental, hoje denominada Xinjiang, que pertence à República Popular da China. (disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Turquestão>>).

¹⁴⁵ Não cabe neste estudo aprofundar o debate sobre os conflitos que destruíram ou transformaram culturas. No entanto, é preciso considerar que a invenção, o uso, a produção, a transformação ou a destruição de certas tecnologias deriva, diretamente, de conflitos entre tribos, comunidades e povos. Nesse sentido, Keegan (2001, p. 17-18) afirma que “a guerra está indiscutivelmente ligada à economia, à diplomacia e a política [...]. Todas as civilizações devem suas origens aos guerreiros: suas culturas nutrem os guerreiros que as defendem, e as diferenças entre elas farão os guerreiros, de uma, muito diferentes externamente dos da outra”.

Afeganistão e Ásia Central” (SCHIPPER, 2001, p. 126-127) incluindo as regiões aos sudeste do Turquestão, Fergana e Transoxiana, alcançando “um sucesso maior que qualquer outra dinastia chinesa anterior ou posterior, por intermédio de sua ascendência material e intelectual” (KEEGAN, 2001, p. 220).

Por outro lado, o povo muçulmano, seguidor do profeta Maomé, por volta do ano 632, iniciou sua política de expansão.

O primeiro sucessor do profeta, o califa Abu Bakr (632-634) consolidou a conquista da Arábia e penetrou no sul da Palestina. O califa Omar (634-644) chegou a Damasco e venceu os bizantinos¹⁴⁶ junto ao rio Yarmuk, em 636, e em seguida invadiu o leste da Mesopotâmia e o noroeste da Ásia Menor, para dez anos depois conquistar a Pérsia, invadir a Índia e, em 712, o Sind. Na mesma época, os exércitos do Islã marchavam em direção ao oeste, ocupando Alexandria em 643, e atravessando todo o norte da África até o estreito de Gibraltar, [de onde], um exército independente conquistou a península Ibérica. [Por fim], a progressão do Islã em direção ao norte [europeu] foi detida pelos francos em Poitiers, em 732 (SCHIPPER, 2001, p. 98).

Os muçulmanos “conquistaram o Afeganistão, anexaram parte da Anatólia (a Turquia moderna), [dominaram] as montanhas do Cáucaso e cruzaram o rio Oxus invadindo a região Transoxiana” (KEEGAN, 2001, p. 212). Por fim, no ano 751, entre as regiões de Fergana e Transoxiana, nas cidades de Samarcanda e Bucara, aconteceu a batalha decisiva de Talas entre tropas chinesas, da dinastia Tang, e muçulmanas, do califado Abássida, pelo controle do rio Syr Dayar, das duas importantes cidades e da rota da seda

¹⁴⁶ Conforme Ferrez (2006, p. 19), “para os muçulmanos, Bizâncio encarnava a sobrevivência de um Estado dominado por uma religião ultrapassada, o cristianismo”. Para além do debate que cabe neste estudo essa postura muçulmana tornar-se-ia uma das razões para o discurso de uma guerra cristã entre muçulmanos e cristãos europeus.

Figura 124 – Arte chinesa que ilustra a batalha de Talas



Fonte: Pincelli (2010)

Figura 125 – Animais utilizados pelos chineses e árabes na batalha terrestre de Talas



Como resultado desse conflito, sobre o qual Bloom (2001, p. 43) “afirma que os primeiros historiadores muçulmanos têm ignorado tanto a batalha e sua consequência”, dois aspectos podem ser considerados:

1 - Os chineses não foram apenas derrotados e expulsos pelas tropas muçulmanas. Muitos foram feitos prisioneiros e, entre eles, estariam os “zhishi” (BLOOM, 2001, p. 39) ou “papeleiros” (QUEIROZ, 1980, p. 41), que

transferiram, *por imposição*, o seu conhecimento sobre a fabricação do papel ao povo muçulmano.

2. Isso revela, em certa medida, a inadequação de alguns estudos com relação a minimizar a importância de conflitos humanos na transferência e aquisição de tecnologias. Ainda, traz à tona, para o estudo do selo postal, a maneira superficial com que algumas questões são abordadas. Existe uma relação histórica, cultural e social entre o advento do selo postal, na Europa do século XIX, a fabricação de papel na China do século II e os conflitos entre esses períodos.

Antes, a possibilidade do surgimento do selo postal, na Europa, tem uma relação íntima com o processo de transferência de conhecimento ou com a transmissão cultural de tecnologia (neste caso, o papel), entre pessoas oriundas de culturas tecnológicas distintas, que buscaram expandir seus territórios por diferentes razões, na Ásia Central, por meio do conflito armado.

Mesmo assim, seria, no mínimo interessante, que essas pessoas pudessem olhar para o futuro, este presente, e ver que muito pouco mudou com relação a forma e técnicas aplicadas para fazer o papel, a não ser pela utilização de máquinas contínuas, tecnologias mais avançadas de gestão de sistemas e maior velocidade de produção.

Figura 126 - Muhammad al-Khwārizmī, cientista no Califado Abássida e da Batalha de Talas



A conquista do oeste e centro asiático pelo povo muçulmano, no século VIII, significou o encontro entre esse povo e uma nova tecnologia e, assim, o

papel, o seu processo de fabricação e a sua nomenclatura etimológica¹⁴⁷ foi espalhado rapidamente pelo Iran, Iraq, Síria, Egito, norte da África, Espanha, Portugal e parte da França, no que Febvre e Martin (2000, p. 13) chamaram de “conquista da Europa ocidental pelo papel”.

Assim, Bloom (2001, p. 47) propõe que,

para que os “zhishi” chineses chegassem até a cidade de Samarcanda, na Ásia Central, cinco séculos passaram e muitos conflitos foram travados. Por sua vez, no primeiro encontro dos muçulmanos com os chineses, o papel chegou ao extremo do oeste europeu em apenas dois séculos. Tal como a rápida propagação do islamismo no século VII foi sem precedentes na história da humanidade, também a introdução do papel e de seu processo de fabricação por todo o império muçulmano nos séculos IX e X foi um feito histórico e tecnológico notável que transformou os rumos históricos de algumas sociedades.

“O papel chega à Espanha”, tanto por meio do estreito de Gibraltar, quanto por algumas rotas do leste europeu, muito provavelmente, “pelas mãos de comerciantes” (BLOOM, 2001, p. 87), mas, também pelas mãos de tropas muçulmanas, que constantemente entravam em conflito com povos europeus. Assim, fábricas de papel foram construídas por toda península Ibérica durante o século XI.

Nesse período, a fabricação de papel é estabelecida, principalmente, nas cidades de Toledo, na Espanha, por volta do ano 1085, “nas atas da chancelaria normanda da Sicília e nas minutas dos tabeliões de Genes” (BARBIER, 2008, p. 110), e de Damas e Ambert, na França, no período das Cruzadas, em meados de 1095, por “três cruzados de nomes Flaguerolles¹⁴⁸, Malmeneide e Montgolfier” (QUEIROZ, 1980, p. 41).

É fundamental entender que, sob uma visão técnico-econômica, com o avanço nos processos de produção o papel substituiria o pergaminho, este último sendo, segundo Fischer (2006, p. 192), de “custo proibitivo”. Mesmo que, conforme sugerem Febvre e Martin (2000, p. 13), essa substituição não foi tão abrupta, posto que, durante um longo período, pergaminho e papel seriam revezados “na produção de luxuosa e semi-luxuosa” produção livresca.

¹⁴⁷ Segundo Bloom (2001, p. 48), o povo muçulmano denominava papel de “qirtas”, que significava papiro ou rolos de papiro. Mas, o nome mais comum para papel seria “waraq” que significava folha. Uma derivação do termo, “Warraq” significaria “papeleiro” ou “que trabalha com papel”, e outra seria “wiraqa”, que significaria “fazer papel” ou “copista”.

¹⁴⁸ “Sr. Flaguerolle oferece uma maneira de estender o papel que é mais conveniente do que o normalmente praticado” (LECOQ, 1828, p. 197, tradução nossa).

Sob uma visão de transferência de conhecimento ou intelectual, foram os muçulmanos que trouxeram suas anotações e traduções de textos gregos e romanos, assim como de algumas regiões do continente asiático, para dentro do continente europeu e de sua *práxis* cultural, como lembra Chartier (2001, p. 43):

é um tema fundamental, e não só em nível da leitura, mas também na dos textos. Como se sabe, muitos textos da antiguidade grega ou romana nos chegavam pelas traduções árabes, o que expressa as práticas de intercâmbio cultural, de sedimentação das apropriações, de construção plural de sentido – ocorrendo uma espécie de laboratório na Espanha, que era ao mesmo tempo cristã, judaica e muçulmana.

Ou seja, a escrita e leitura do povo muçulmano tinha surgido muito antes da expansão territorial realizada pelos herdeiros de Maomé. Segundo Gontijo (2004, p. 77), “o uso da escrita árabe foi mais difundido do que a fala” e todos que foram conquistados ou explorados vieram a adotá-lo.

A partir da multiculturalidade que foi estabelecida no continente europeu, o que, por sua vez, acarretava novas demandas de escrita e leitura, além de novas relações mercantis, econômicas e políticas, novas tecnologias iriam ser desenvolvidas.

Assim, durante o século XIV, foram utilizados moinhos de martelos movidos à força hidráulica e a cola animal para colagem na produção de papel em “Bâle, na Alsácia, Nuremberg, Chemitz e baixa Renânia” (BARBIER, 2008, p. 111)¹⁴⁹. Mas, foi na Itália que a indústria papelreira conheceu o seu desenvolvimento, particularmente, favorecida “por dois fatores”, conforme Febvre e Martin (2000, p. 34): um de “ordem técnica” e outro de ordem “cultural”.

Logo, durante os séculos XV e XVI o papel triunfara por toda a Europa, atingindo todas as práticas de escrita e leitura, “desempenhando um papel de primeira importância na circulação de modelos culturais” (CHARTIER, 2004, p. 91) e dos iniciados processos de industrialização do papel e de livros, seja no campo eclesiástico, universitário, nobre ou popular.

¹⁴⁹ Bâle: atual Basileia, na Suíça; Alsácia: região na França; Nuremberg, Chemitz e Renânia: cidades na Alemanha.

Figura 127 – Moinhos de martelo movidos à força hidráulica para fabricação de papel



Fonte: Tajani (2010, p. 7).

O papel, o seu processo de fabricação e comercialização “provocou a firme aceleração da educação e do comércio, popularizando as reproduções e, finalmente, tornando possível a imprensa no século XV” (McLUHAN, 2006, p. 121). O potencial de utilização do papel, diante da prensa tipográfica de Gutenberg, em meados de 1493, causaria uma “busca frenética de matérias-primas” (FOELKEL, 2010, p. 55), em toda a Europa.

Na Holanda, do século XVII, uma máquina refinadora fora utilizada para decompor as fibras dos trapos, diminuindo para cinco horas, um processamento que durava cerca de vinte e quatro horas.

Conforme Navarro (2007, p. 2),

no ano de 1774, o químico alemão Scheele descobriu o efeito branqueador do cloro, conseguindo com isso, não só aumentar a brancura dos papéis, como também empregar, como matéria-prima, trapos mais grossos e coloridos. Em 1780, teve êxito a invenção, segundo a qual foi possível fabricar papel em máquina de folha contínua, seu autor foi o francês Nicolas Louis Robert. Com a demanda do mercado, os papeleiros tiveram que dedicar suas atenções aos estudos de Jakob C. Schaeffer, um naturalista que pretendia fazer papel usando vários tipos de materiais, tais como: musgo, urtigas, pinho, tábuas de ripa, etc. Em 1884, Friedrich G. Keller, utilizando madeira pelo processo de desfibramento, fabrica pasta de fibras, mas ainda junta trapos à mistura. Mais tarde, percebeu que a pasta obtida era formada por fibras de celulose impregnadas por outras substâncias da madeira, como a lignina.

Três outras invenções tecnológicas contribuíram para o setor papelero progredir rumo ao processo industrializado: “1) a máquina contínua para formar e secar folhas, em 1799, por Louis-Nicolas Roubert; 2) a descoberta, em 1879,

do processo do sulfato ou kraft, por Carl F. Dahl, e 3) o branqueamento das fibras mediante utilização de hipocloritos e cloro, por Carl Scheele e Claude-Louis Berthollet” (Foelkel, 2010, p. 55).

Com efeito, o aperfeiçoamento do processamento técnico e a industrialização da fabricação do papel ofereceram as condições para a utilização de diversos e distintos tipos de papéis na confecção dos selos postais, a partir do século XIX, “quando os trapos foram substituídos pela fibra da madeira, abrindo caminho à indústria papelreira atual” (FOELKEL, 2010, p. 55)¹⁵⁰, conforme sugerem Rickman e Ball (2005, p. 103),

os papéis feitos de trapo há muito tempo deixaram de ser usados para as impressões corriqueira, embora ainda sejam o material preferido para aquarelas e outros tipos de obras de arte. Atualmente, as impressões corriqueiras usam, quase sempre, papéis derivados de polpa de madeira, que variam bastante de qualidade, desde variedades totalmente industrializadas, sem qualquer tratamento, adequadas para usos efêmeros, até variedades quimicamente tratadas, elaboradas para durar mais.

O século XIX, sob o ponto de vista dos estudos filatélicos, teve como característica marcante o aumento na produção e uso de informação, ou na necessidade de instrução e de formação, aumentando a produção livresca, documentos de cunho administrativo e burocrático, jornalístico e postal.

Figura 128 - Elementos verbovisuais com relação ao papel e sua fabricação¹⁵¹



¹⁵⁰ Vale salientar que o artigo de Foelkel (2010) aborda o tema sob uma visão ambientalista, entendendo que a sua industrialização causa impactos sócio-ambientais, como qualquer outra atividade de grande escala produtiva, sendo discutida em eventos internacionais como RIO+10, ECO+92 e RIO+20. Essa discussão também é feita por colecionadores de selos postais por meio das exposições filatélicas.

¹⁵¹ Em ambos, o Valor Facial é de 20 centavos de Dólar Canadense (20 cents). Alguns dos selos canadenses imprimem as palavras “postes” e “postage”, em francês e inglês, respectivamente, com o significado de “postal”, por ser um país bilingue. O sobrescrito “G” substituiu o sobrescrito “O.H.M.S.” (On His Majesty’s Service), nos selos postais utilizados por todos os departamentos governamentais canadenses, por ordem de “norma emitida pelo Tesouro Nacional, em 28 de Março de 1939” (SCOTT, 2001, v. 2, p. 88).

A principal causa para o uso de diferentes tipos de papel, na impressão do selo postal, advém da falsificação observada nas cédulas de dinheiro que ocorriam na Suécia, na França e nos Estados Unidos da América. Portanto, na impressão do primeiro selo postal (Inglaterra, 1840), um papel filigranado foi utilizado para tentar evitar possíveis fraudes.

Por outro lado, nem todas as nações emitiram selos postais com papéis filigranados. Na antiga União Soviética, por volta de 1935, o governo decidiu não mais empregar o papel filigranado, acreditando que as severas punições previstas no código penal do país inibiriam as falsificações.

Ao emitir selos próprios, depois de obter a independência da União Soviética czarista, em 1918, a Letônia imprimiu seu primeiro selo no verso de papel de mapas geográficos encontrados nos depósitos do exército.

Figura 129 – Primeiro selo postal da Letônia (Latvia), em 18.12.1918, num papel-mapa



No Brasil, por exemplo, a partir de 1972, assim como em outros países houve a difusão massiva dos tipos de papel fluorescente e fosforescente. Esse tratamento sobre o papel permite que o selo postal, depois de fixado sobre um envelope, seja legível por uma máquina. Nem sempre o papel utilizado era branco, esbranquiçado, marfim ou amarelado. Conforme Civita (1986, p. 110),

muito selos, especialmente os denominados de clássicos, foram impressos sobre papéis coloridos. A coloração pode ser de dois tipos: *em pasta*, quando a cor é visível também no verso do selo; *em superfície*, se o verso for branco. Também existem exemplares nos quais a impressão se recorte sobre um fundo de cor que não faz arte integrante do papel, mas é obtido com impressão anterior à da estampa.

Figura 130 – Selo postal, sem picotes: Estados Romanos ou Pontifícios, em 1867. O Brasão de Armas, em preto, foi impresso após o papel receber a cor vermelha. Esse selo é conhecido como “vermilion”. A inscrição “Francobollo postale”, significa selo postal, em italiano.



O quadro a seguir ilustra as tipologias de papéis e suas definições conforme sugerem Machado e Queiroz (1994, p. 140-141), e que podem interessar ao estudo do selo postal:

Quadro 7 - Papéis utilizados para emissão de selos postais

Tipo e Nomenclatura de papel	Definição
Acetinado	Também chamado de “esmalte” ou “glacê”, é sedosa, lisa e brilhante, lembrando um tecido de cetim, do qual, aliás, recebeu seu nome.
Avergoado	Quando visto contra a luz apresenta um ondulado que se assemelha a linhas desenhadas pela água quando agitada. Elas podem estar nos sentidos horizontal ou vertical.
Bastonado	Fabricada manualmente, também chamado de “betado” ou “litrado”, apresenta algo parecido com marcas d’água, listas paralelas ou bastões deixados pelos fios metálicos durante a sua fabricação.
Cartolina	Tem um tipo de massa uniforme, macia e lisa com espessura nunca inferior a 0,14mm.
Cebola	Extremamente fino e semitransparente é semelhante ao papel utilizado na fabricação do cigarro. Também conhecido como “película” ou “pelure”.
Costelado	É muito semelhante ao papel do tipo betonado. As listas, todavia, neste caso são obtidas por meios mecânicos, posteriores a fabricação do papel.
Couché	Tem superfície lustrosa e lisa, chamada de “porcelana”, caracteriza-se por uma leve camada de pectina, sulfato de bário ou caulino que lhe é aplicada.
Gessado	Tem uma leve camada na sua superfície. O mesmo que papel couché.
Liso	De massa uniforme e não apresenta qualquer tecido quando visto contra a luz.
Pontinhado	Quando visto contra a luz mostra uma rede de pequenos losangos dispostos regularmente.
Laminado	Tem várias camadas ou é feito pela combinação de celofane, metal ou outras substâncias.
Porcelana	Assim como o papel couché, recebe uma camada de gesso.
Sulfite	Obtido a partir da utilização da pasta de sulfito mediante um processo inventado em 1866 por Tilghmann.

Fonte: adaptado e atualizado de Machado e Queiroz (1994, p. 140-141)

Assim, não existe um único tipo de papel para imprimir selos postais. Diversos tipos são utilizados para múltiplas situações. Além dos citados no quadro 5, outros tipos de papéis têm sido utilizados na elaboração de selos postais. Uns em maior escala e outros em menor.

Afora algumas excentricidades, selos produzidos em lâminas de ouro, placas de ebonite e aço ou em bilhetes bancários, em geral e usualmente, são utilizados papéis acrescidos de algumas substâncias, como por exemplo: fios de seda, que caracterizam o fabricante e dificultam a falsificação; papéis fosforescente e fluorescentes, capazes de reagir a elementos eletrônicos e muito difundidos nas administrações postais por conta do processo de automação do fluxo de correspondências.

Diante do que foi exposto, até agora, é salutar esclarecer alguns fatos. Foi possível explicar, brevemente, como o papel e seu processo de fabricação surgiu na China, se ramificou por povos asiáticos e árabes, até chegar aos povos europeus. Sem dúvida, na China, da dinastia Han até a idade de ouro da dinastia Song, foi desenvolvido um conjunto considerável de tecnologias que, paulatinamente, transferir-se-iam ao continente europeu.

É adequado afirmar que os povos europeus ficaram muito tempo sem utilizar o papel ou, ainda, sem ter a noção de como transformar vegetais em folhas limpas e finas capazes de receber à escrita e substituir, assim, o caro e sagrado pergaminho, que, por sua vez, já havia substituído o papiro.

De fato, assegura Milanese (2002, p. 24),

havia uma incompatibilidade entre o papel, feito de trapos e restos de vegetais, um papiro aperfeiçoado, e a importância sagrada ou próxima disso ao texto. Não havia motivo para substituir o pergaminho, material mais nobre, resistente, durável e adequado à caligrafia e iluminuras.

Por último, chama a atenção que, diante da prévia existência do papel e dos sistemas de correios nos povos asiáticos e árabes, passaram quase dois milênios para que o selo postal adesivo fosse criado e numa nação européia. De fato, afirmam Bouchez e Laurent (2006, p. 41), “entre um mundo chinês e outro indo-europeu, aperfeiçoaram-se duas mentalidades distintas enquanto as transferências tecnológicas se estabeleceram ao longo dos milênios”.

Nesse sentido, um paralelo precisa ser feito à luz do que sugere Fischer (2006, p. 105), ao analisar a leitura e a escrita nos países asiáticos: “Na

Europa, houve uma ‘revolução na leitura’ graças a dois fatores impulsionadores: a impressão¹⁵² com os tipos móveis¹⁵³ de metal e a formação da base capitalista para explorá-la”.

No extremo Oriente, essa revolução não aconteceu: a tradição falou mais alto. “A mudança, quando se efetivou, chegou como imposição estrangeira”. De fato, o selo postal adesivo começa a ser utilizado nas unidades políticas asiáticas após o seu surgimento na Inglaterra em 1840 (Índia – 1854; Japão – 1871; China – 1878; Coréia – 1884).

Terminada a parte que diz respeito à estrutura física do selo postal, chega o momento de discorrer sobre os elementos que constituem a sua estrutura química. Para o enfoque dado neste estudo, essa composição dirá respeito, particularmente, à goma e à tinta.

A goma ou cola é uma substância adicionada tanto no verso dos selos, depois de impressos, como antes da impressão, no verso das folhas completas, com o objetivo de possibilitar que o selo postal possa ser fixado à correspondência. As gomas podem ser de origem vegetal, animal ou quimicamente produzidas.

Das gomas vegetais, a mais conhecida e utilizada é a *arábica*, que segundo Machado e Queiroz (1994, p. 94)

resulta da árvore de gênero *Acácia*, subgênero *Minosoideae*, família *Leguminosae*. Muito solúvel em água e incompatível com álcool. De grande poder emoliente não só empregada para a emulsão de substâncias oleaginosas como nos diferentes processos de colagem.

Outra goma de renome internacional e, principalmente, dos comerciantes e colecionadores brasileiros é a *azul*. Esta, conforme Machado e Queiroz (1994, p. 94) acabou sendo o efeito de um

fenômeno observado nos selos ‘Cabeças do Imperador, emissão de 1866, proveniente do tipo de tinta utilizada. Segundo alguns autores, a pretensão da American Bank Note Company [ABN]¹⁵⁴, que a utilizou, era evitar o reaproveitamento dos selos postais depois de lavados. O simples contacto com o ar úmido, porém, deu àqueles selos a coloração que passou a ser considerada como ‘goma azul’.

¹⁵² Esse termo designa, dentre outras acepções, a junção de caracteres móveis, aplicação de tintas, uso de prelos, enfim a mecanização e o processo de industrialização da prensa, de livros e da imprensa, o que Febvre e Martin (2000, p. 32) de “indústria tipográfica”.

¹⁵³ Para Febvre e Martin (2000, p. 31-32), o caractere móvel era o que faltava, enquanto “recurso indispensável à adoção de um processo de reprodução mecânica”.

¹⁵⁴ Página eletrônica da ABN: <<http://www.abncompany.com>>.

Figura 131 – Selo brasileiro “Cabeça do Imperador”, com goma “Azul”



Por fim, um terceiro tipo de cola feito à base de policloreto de polivinila (PVC)¹⁵⁵ foi difundido mundialmente, a partir de sua utilização pelos ingleses, holandeses e italianos por volta de 1970.

Foi, principalmente, por causa do uso da goma, no verso do selo postal, que surgiu a denominação *selo postal adesivo*¹⁵⁶. No entanto, o advento do uso da goma no verso das folhas impressas na Inglaterra passou por dificuldades, como narram Williams e Williams (1965, p. 22):

o nascimento do Penny Black não foi fácil. Muito tempo e trabalho foram passados antes de ele ver a luz do dia. Esses trabalhos referem-se não só ao desenho mas também à confecção do selo. Houve dificuldades com a matriz, mais dificuldades ainda com a primeira chapa, que teve de acabar-se e ser colocada na prensa que, não tendo havido tempo para solidificar convenientemente, cedo começou a dar sinais de desgaste, e novas dificuldades quando se tratou de gomar as folhas. Com efeito, em 22 de abril de 1840, os impressores Perkins, Bacon e Petch escreviam: 'Há cinco dias que nos encontramos ocupados na gomagem dos selos e as dificuldades que se nos deparam são indescritíveis'.

Segundo Williams e Williams (1965, p. 22) “a goma no verso foi sem dúvida um facto que tornou muita gente relutante em utilizar os selos, pois ao lambê-la uma pessoa se sujeitava a contrair o cancro na língua”. Diante desse boato, que fora espalhado pelos quatro cantos da cidade londrina, a resposta do Comitê em Selos Postais, do governo imperial, foi de que “a cola dos selos era constituída por goma de batata, goma de trigo e goma arábica” (WILIAMS e WILIAMS, 1965, p. 22).

Esse embate entre o público, a novidade tecnológica e o governo mereceu um texto satírico intitulado “A grande segredo britânico da cola”,

¹⁵⁵ O acrônimo PVC deriva de sua designação em inglês: Polyvinil Chloride.

¹⁵⁶ Em inglês: *adhesive postal stamp*.

veiculado no Jornal dirigido por Charles Dickens, o 'Household Words'.¹⁵⁷ Esta é, sem dúvida, uma das primeiras articulações que pode ser feita entre o selo postal e a grande imprensa, ou, ainda, considerar esse artigo como integrante de um neófito jornalismo filatélico europeu.

Algumas dificuldades citadas, sobre o processo de gomagem britânico, também foram experimentados no Brasil. Conforme Pinheiro (*apud*, QUEIROZ, 1980, p. 59-60),

a gomagem na Casa da Moeda, diz ele, teve início com as estampilhas do Tesouro, emitidas em 1879, seguindo-se dois anos depois a gomagem dos selos postais, o que bem podemos historiar, porque nenhuma modificação sofrera esse serviço até a época em que ingressamos naquela repartição, em janeiro de 1890, com a circunstância de que um ano antes já frequentávamos a oficina de estamperia onde trabalhava o nosso irmão, a quem íamos diariamente levar o almoço. Nessa primeira fase de gomagem na Casa da Moeda, o todo o trabalho se fazia assim: a goma arábica, sempre de ótima qualidade, porque assim o exigia a tinta que servia para a impressão, era entregue aos aprendizes 'batedores' que a colocavam em potes de barro, onde era fortemente 'batida' por meio de dois bastões e madeira até completa dissolução. Passava-se, então, a goma para a turma dos 'gomadores' que, usando largos pincéis ou 'trinchas' passavam a goma no verso das estampas que os 'estendedores' apanhavam com rapidez para estendê-las em cordas dispostas em cavaletes, em forma de 'A', e onde ficavam a secar até serem entregues à seção de picotagem. O sistema de gomagem por meio das 'trinchas' vigorou até fins de 1890, quando por indicação do Sr. Emílio Lambert, foi adquirida uma máquina de cilindro que fazia a gomagem das estampas por meio de placas de borracha que recebiam a goma que lhes era passada por alguns rolos de cola, e de encontro a essas placas, o cilindro da máquina comprimia a folha de selos que assim era gomada.

Em paralelo ao desenvolvimento tecnológico da gomagem nas instituições, outra realidade causava problemas e prejuízos aos comerciantes e colecionadores, particularmente, os que viviam em países de clima tropical, como explica Queiroz (1980, p. 60):

a umidade contida na atmosfera e o calor excessivo favoreciam o aparecimento de fungos, que encontravam na composição das antigas gomas um excelente meio de cultura de desenvolvimento e faziam com que, nos selos, aparecessem feias manchas de cor marrom, apelidadas de 'ferrugem' [...]. Recentemente, os doutores Kazuo Kato e Alex Paulo Picanço deram a público um excelente trabalho concluindo pela não-existência do elemento Ferro em tais manchas, denominada telemicose.

¹⁵⁷ Para ler o texto, original, em inglês, ver o Anexo A.

Por sua vez, é no verso do selo postal que pode ou não ser aplicada a goma,¹⁵⁸ para que seja possível fixá-lo à correspondência. Não é raro, a partir de “um olhar enciclopédico” (MACIEL, 2004, p. 27), que colecionadores e comerciantes filatélicos façam anotações, geralmente a lápis, no verso de uma peça, finalmente, ordenando aquilo que não estava ordenado, ou melhor, deslocando o objeto da posição provisória de desconhecido e invisível à posição de definitivamente catalogado, nomeado, controlado. Isso serviria como um tipo de guia ou de classificação/catalogação ou, ainda, como forma de aludir a uma variedade não catalogada, instrumento para “conferir ordem ao universo”, diria Manguel (2006, p. 193).

Figura 132 – Detalhe de inscrição em lápis no verso do selo brasileiro republicano “Comércio”



O outro elemento químico é a tinta. De fato, as cores compõem o componente pictórico, presentificam a materialidade do objeto e constituem parte integrante da manifestação histórico-ideológica do Estado. Seu poder de impacto e comunicação visual, além de estético, foi e é almejado pelas administrações postais.

É natural que nos primórdios das emissões de selos postais, associadas aos recursos gráficos escassos, as estampas ou elementos pictóricos tenham sido monocromáticos. O quadro a seguir mostra a relação entre as primeiras emissões de selos postais e as cores utilizadas.

¹⁵⁸ Existem inúmeros selos postais que foram emitidos sem a goma no verso como, por exemplo, nas emissões da República do Suriname, ex-colônia Holandesa, entre 1873 e 1912 ou nas emissões dos Estados Unidos de 1933 e 1934.

Quadro 8 – As cores dos primeiros selos postais emitidos no mundo

Estado Emissor	Ano de Emissão	Cor
Inglaterra	1840	Preto
Suíça	1843	Preto
Brasil	1843	Preto
Estados Unidos	1847	Vermelho
Ilhas Maurício	1847	Vermelho
Bermuda	1848	Vermelho
França	1849	Preto
Bélgica	1849	Preto
Bavária	1849	Preto
Espanha	1850	Preto
New South Wale	1850	Vermelho
Áustria	1850	Amarelo
Lombardi Veneza	1850	Laranja
Guiana Britânica	1850	Azul
Trinidad	1851	Vermelho
Dinamarca	1851	Marrom
Canadá	1851	Vermelho
Holanda	1852	Azul
Barbados	1852	Verde
Distrito de Scinde	1852	Vermelho
Luxemburgo	1852	Preto
Chile	1853	Vermelho
Portugal	1853	Vermelho
Filipinas	1854	Vermelho
Índia	1854	Vermelho
Noruega	1855	Azul
Ceilão	1855	Azul
Suécia	1855	Verde
Nova Zelândia	1855	Vermelho
Santa Helena	1856	Azul
Finlândia	1856	Azul
México	1856	Azul
Uruguai	1856	Azul
Argentina	1858	Vermelho
Peru	1858	Azul
Romênia	1858	Preto
Venezuela	1859	Laranja
Bahamas	1859	Vermelho
Grécia	1861	Marrom
Itália	1862	Bistre

Fonte: Standard Postage Stamp Catalogue (2002, 7 v.).

Figura 133 - Os três primeiros selos do mundo emitidos na cor preta



Fonte: Fonte: ARPIN (2008)

Figura 134 - Os três primeiros selos do mundo emitidos em tons vermelhos



Fonte: Fonte: ARPIN (2008)

Até que em 1845, na Suíça, foi impresso o primeiro selo postal policromático, assim como no Brasil em 1878. No mesmo ano, após o Congresso da União Postal Universal, em Paris, foi estabelecida uma padronização internacional para as cores utilizadas nos selos postais. Tudo isso era possível por causa do desenvolvimento das técnicas de mecanização, assunto tratado a seguir.

Explorar as técnicas de mecanização remete a pistas que, por exemplo, não coadunam com a máxima de que Gutenberg, e sua invenção, tenha provocado uma total ruptura com o pretérito da cultura escrita ou com a forma como se dava a relação humana com os elementos textuais. Além disso, que a sua maior invenção tenha sido, unicamente, a prensa de imprimir.

Por um lado, mesmo diante da avalanche de novas tecnologias e dos avanços nas técnicas de gravação e impressão, a cultura escrita e os elementos de relação entre leitores e textos continuam articuladas com as práticas pretéritas pré-gutenbergianas e sobrevivem, enquanto práticas sociais, até os dias atuais. Pelo outro, as duas maiores contribuições de Gutenberg foram a construção da máquina de fundir e a aplicação de uma técnica metalúrgica de multiplicação dos caracteres tipográficos (os tipos).

Outrossim, relativizar a relevância de Gutenberg e sua invenção da prensa não significa menosprezar dois fatos de que, no chamado Mundo Ocidental, ele possibilitou: 1) a multiplicação de textos num período, particularmente no do continente europeu, em que eram restritos e por vezes proibitivos; e 2) a multiplicação com uma drástica redução de custos.

Figura 135 – De Johann Gutenberg à Internet¹⁵⁹

Assim, estudar o selo postal permite perceber que seu processo de fabricação tem uma relação direta com a transferência de conhecimento, manutenção de tradições e costumes de fabrico de textos escritos ou registros memoriais e avanços tecnológicos que remontam ao século XV, no continente europeu.

Febvre e Martin (2000, p. 53) aludem, em sua pesquisa, aos avanços técnicos que permitiram a "impressão dos primeiros incunábulos", e, depois, nos séculos XV e XVI, "aperfeiçoaram o método" para prover rapidez e maior quantidade de impressões. Então, sugerir como eram feitas as "impressões no antigo prelo", entre o século XVI e XVII, para, enfim, como nos finais do século XVIII e princípio do XIX ocorreu uma "revolução técnica no campo da tipografia para suprir a demanda crescente de livros e jornais".¹⁶⁰

Nesse período, o crescimento de produção textual e de imagens produzidas mecanicamente foi paralelo ao desenvolvimento das atividades de mercado. Estamparias de tecido, imagens religiosas, pinturas em água-forte, meia-tinta e depois óleo foram algumas das atividades que permitiram uma mudança de cultura visual.

Os impressos apresentavam e exportavam uma cultura européia aos povos de outras regiões, de outras culturas influenciando artistas e estudiosos a criarem estilos de representação que chegaram aos confins do planeta. Mas, também, a partir da prensa tipográfica, surgiram "oportunidades de carreira aos letrados" (BURKE, 2003, p. 28-29).

Corroborando, além disso, o fato de que as técnicas, não, apenas, de construir e produzir o visível, mas, também, de como elas interagem com o

¹⁵⁹ Tradução nossa do texto impresso no selo postal da esquerda: "500 aniversário da impressão do primeiro livro. A Bíblia Sagrada, em tipos móveis, por Johann Gutenberg".

¹⁶⁰ Para mais informações sobre as transformações do manuscrito até o livro e as questões relativas aos processos técnicos, ver, também Febvre e Martin (2000, p. 31-99).

observador, no período supracitado, são “historicamente variáveis” (CRARY, 2012, p. 17), ao ponto de que certas rupturas ou deslocamentos de sentidos possam ser identificados.

Posto isso, e para efeito deste estudo, o termo “impressão” é considerado o processo técnico pelo qual uma folha em branco recebe, por meio de máquinas de prensa, os respectivos elementos verbovisuais que, por sua vez, devem respeitar as normatizações e padronizações estabelecidas pelo Decreto que autoriza a sua emissão.

De fato, desde sua gênese britânica, o selo postal passa por um constante e transmutante processo industrial de fabricação e comercialização, pautado no que Pawels (2006, p. 8) sugere como um processo que vai do visual ao visual, ou seja, por meio de “captura de um referente e construção de uma representação” com métodos e aplicações técnicas que são, em sua essência, também visuais.

Os processos utilizados para imprimir selos postais diversos países, e no Brasil, foram o tipográfico, a rotogravura ou heliogravura, o xilográfico, o talho-doce e o mais moderno, Off-Set. Cabe lembrar que a identificação do tipo de impressão é um conceito relevante e desafiador no campo do colecionismo filatélico.

Assim, “geralmente é um tropeço que atinge iniciantes e estudiosos, ainda mais quando um catálogo indica que um selo foi impresso em mais de um sistema”, alerta Merlo (1985, p. 9). A prática de falsificação, esta diretamente relacionada com a sua mecanização, desde o início de sua utilização, incomodou e, ainda, incomoda o Estado.

Sobre essa temática, que cabem estudos acadêmicos mais aprofundados, existe vasta pesquisa e literatura especializada produzida em diversas e distintas línguas, incluindo a portuguesa. Por exemplo, na Inglaterra, foi considerada que a fabricação do primeiro selo postal, em 1840, por meio da técnica de talho-doce “apresentaria mais dificuldades à falsificação que os selos simplesmente tipográficos” (Vaillé, 1962, p. 111).¹⁶¹

Por sua vez, no Brasil, desde antes da impressão dos primeiros selos postais existia uma preocupação do provedor da Casa da Moeda, não, apenas, com a inicial motivação de utilizar uma efígie do monarca, como fez a

¹⁶¹ Ver, também, Golden (2012, p. 21).

Inglaterra, mas, também, com a reutilização dos selos postais e de sua falsificação como bem lembram Almeida e Vasquez (2003, p. 62-65).

Assim, feita essa pequena digressão com relação ao problema da falsificação, “o mais antigo e elegante método de impressão é a gravura a entalhe ou calcografia” (CIVITA, 1986, p. 101-102), também conhecido pelo colecionador de selos postais como “talho-doce”, posto que é possível sentir com as mãos e perceber a olho nu o relevo dos traços da imagem na superfície do anverso do papel-selo.¹⁶²

Passados alguns anos de produção calcográfica, melhoramentos foram feitos tornando a produção mais econômica e acelerada. Uma mudança técnica com relação ao uso de placas resultou no processo calcográfico rotativo. Assim, por meio desta nova técnica foram impressas quase que a totalidade dos selos postais dos Estados Unidos da América e de alguns países europeus.

Um processo técnico que resultou, diretamente da calcografia, foi a rotogravura ou fotocalcografia, que diz respeito ao processo de transferir de uma fotografia a imagem que será impressa no papel-selo. Deve-se ao processo de rotogravura a tendência mundial e o vertiginoso aumento dos selos postais policromáticos.

A impressão dos selos brasileiros foi feita, em distintas épocas, tanto pela Casa da Moeda do Brasil quanto pela Companhia Americana Bank Note, de Nova York. A empresa americana imprimiu selos postais do período Imperial, como os exemplares da série chamada *D. Pedro II*, emitidas em 01.07.1866, e o exemplar chamado *Pan-Americano*, comemorativo, emitido em 23.09.1910.

Assim sugerem Almeida e Vasquez (2003, p. 78):

a precariedade nos serviços de gravação e impressão da Casa da Moeda nos primeiros anos da República, que acabaria levando o governo alguns anos mais tarde a encomendar selo e cédulas de dinheiro em estabelecimentos gráficos no exterior, transformou-se num verdadeiro criadouro de 'variedades' filatélicas, para o deleite dos colecionadores.

¹⁶² Existe, porém, um debate entre filatelistas com relação ao adequado uso desse termo, visto que alguns consideram o talho-doce uma forma de “apresentação da estampa em relevo” e, outros, “na modalidade da gravura” (QUEIROZ, 1988, p. 282). Sobre esse debate vale lembrar uma colocação de um estudioso dos meios de produção de imagens multiplicáveis brasileiros, Ferreira (1977, p. 15), ao sugerir que “gravura é a arte de transformar a superfície plana de um material [qualquer], num condutor de imagem, isto é, na matriz de uma forma criada para ser reproduzida certo número de vezes”.

O processo de impressão do selo postal resulta, em primeira instância, na Folha Completa ou Inteira. Um tipo de documento filatélico formado por um conjunto de exemplares “idênticos”, oriundos de uma única matriz de impressão. A partir dessa folha o selo postal pode ser recortado¹⁶³ ou destacado¹⁶⁴. Os primeiros selos postais adesivos foram impressos em folhas completas não perfuradas e tinham de ser separados com uma tesoura ou algum tipo de lâmina cortante.

Sobre o período em que os selos postais eram cortados das folhas completas com a utilização de tesouras, Williams e Williams (1965, p. 23) comentam que

uma interessante relíquia dos dias em que era necessária essa operação de corte encontra-se no Museu da Real Philatelic Society de Londres e consiste num pequeno par de tesouras que foi entregue à sociedade em 1942 juntamente com uma carta, com os seguintes dizeres: *estas tesouras pertenceram a minha mãe que morreu em 1909 com oitenta anos – disse-me que tais tesouras se encontravam em todas as escrivatinhas para cortar o selo das respectivas folhas antes de estas serem picotadas.*

Por sua vez, a técnica do picote, processo aplicado sobre as folhas inteiras de selos postais a fim de facilitar a separação entre eles deixando, assim, os selos circunscritos por pequenos furos feitos por agulhas (hoje, pequenos pinos) surgiu a partir das observações feitas pelo Irlandês Henry Archer, que patenteou a sua máquina em 1848.

Após o sucesso de sua tecnologia e do valor negociado junto ao governo britânico, em 1853, em contrapartida ao seu concorrente Perkins Bacon, ele vendeu os direitos da patente para os Correios da Grã-Bretanha, como assevera a citação a seguir:

between 1847 and 1850 Henry Archer had been developing a machine that would punch out perforation holes to separate individuals stamps on a sheet. Archer advocated printing the stamps

¹⁶³ Para recortar um selo da folha completa, tesouras ou lâminas eram utilizadas. Essa prática ocorreu, nas unidades políticas que emitiram selos postais, principalmente, entre 1840 e 1854. A partir de 1854, na Inglaterra, foi desenvolvido um sistema de perfuração das folhas durante o processo de impressão. Outras unidades políticas começaram a utilizar a técnica de perfuração a partir de 1860. No Brasil, a sua utilização ocorreu na emissão da série de selos postais imperiais, intitulada “Dom Pedro II”, em 01 de julho de 1866. Lembra Meyer (2013, p. 84): “em decorrência do aumento das tarifas postais e da unificação do porte (sem distinção entre porte terrestre e marítimo), novos selos, agora com a efígie do Imperador Pedro II, foram encomendados no Estados Unidos da América do Norte (ou a “união”). A American Bank Note, conhecida na filatelia como ABN, produziu os selos nos valores requisitados e com denteação 12, uma novidade na época. A partir das fotos de Stahl e Wahnschaffe (Rio de Janeiro, 1865), os selos foram gravados em chapas de 100 selos de cada valor”.

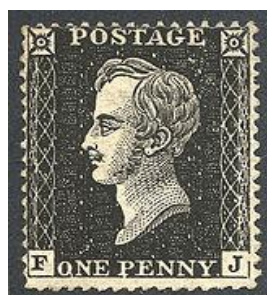
¹⁶⁴ Destacar um selo, de uma folha completa, foi uma prática que surgiu depois da prática do “recorte”. Foi possível por causa da técnica de perfuração, aplicada nas folhas completas durante o processo de impressão.

by letterpress, a dry printing process, avoiding the spacing problems caused by intaglio printing. In April 1851 Archer worked with Robert Branston, a well-known wood-engraver, to produce an essay based on the Penny Black but with the portrait of Albert, the Prince Consort. This stamp was printed letterpress and perforated on Archer's machine. Although Archer and Branston failed to get the Treasury stamp contract they craved, letterpress printing came to be the standard Victorian technique for all stamp printing. The Prince Consort essay shown here can be regarded as the forerunner of later Victorian stamps (STAMP printing and perforations, 2011).¹⁶⁵

Figura 136 – Selo postal adesivo SEM picote

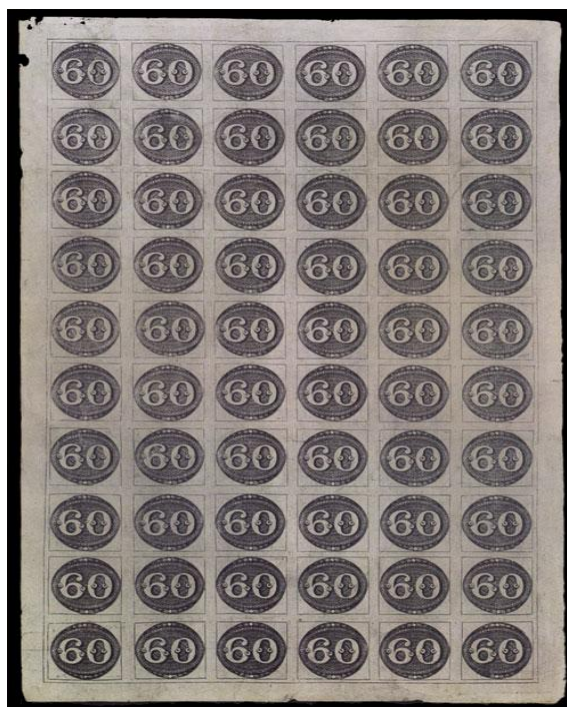


Figura 137 - Selo postal adesivo COM picote



Fonte: Branston and Archer's essay (STAMP printing and perforations, 2011)

Figura 138 - Folha completa SEM PICOTAGEM: *Olho de Boi* brasileiro - Valor Facial: 60 Réis¹⁶⁶



Fonte: COMELLI, Paulo (2004).

¹⁶⁵ Vale a ressalva, para futuros pesquisadores, de que o verbete "Picote" (MACHADO; QUEIROZ, 1994, p. 147), está desatualizado diante das fontes primárias acessadas pela página eletrônica do Museu e Arquivo Postal Britânico e, agora, expostas nesta Tese.

¹⁶⁶ Comelli (2004, informação eletrônica) explica essa peça: "Folha completa contendo 60 exemplares com todas as margens. Impressão intermediária, Chapa 5, Estado B (chapa regravada). Goma original quase completa. Excepcional múltiplo, apesar de alguns "amincis" e várias dobras - duas delas no sentido horizontal - e outras imperfeições, principalmente no canto superior esquerdo. A mais sensacional peça da filatelia brasileira. ÚNICA".

Figura 139 - Folha completa COM PICOTE: *Ícaro Estilizado* brasileiro - Valor Facial: 50 Réis ¹⁶⁷



Do processo de impressão, outro relevante e caro elemento de pesquisa, estudo e controvérsia permeia o campo do colecionismo filatélico, a saber: a filigrana.¹⁶⁸ Esta, consiste numa marca inserida na contextura do

¹⁶⁷ Esse é um tipo de selo aéreo brasileiro que, conforme Queiroz (1988, p. 265) e Machado e Queiroz (1994, p. 165) é “destinado à correspondência transportada por avião”. Foi “na Itália, em maio de 1917”, que ocorreu a primeira emissão de um selo postal do tipo aéreo. Alguns selos aéreos, estrangeiros e brasileiros, têm na sua nomenclatura uma especificidade relacionada à tecnologia de transporte utilizada, por exemplo: os selos postais intitulados “Zeppelin”. Sobre os selos “Zeppelin”, Meyer (2013, p. 211) abrevia: “A Luftschiffbau Zeppelin GmbH foi fundada em 8 de setembro de 1908 para construir e operar os dirigíveis denominados Zeppelin. A construção destas máquinas voadoras ocorreu na pequena cidade de Friedrichshafen, próxima do lago denominado Bodensee. Em 16 de novembro de 1909 a empresa abriu uma subsidiária chamada Deutsche Luftschiffahrts AG (Delag) que se destinava a operar vôos de passageiros. O primeiro vôo comercial foi realizado no dia 28 de junho de 1910 pelo LZ-7 Deutschland. O último dirigível construído antes da Primeira Grande Guerra foi o Sachsen, LZ-17 em 1913. Durante a guerra a empresa construiu 95 dirigíveis com finalidade militar. Digno de nota foi o L59, que abasteceu tropas alemãs na costa leste da África. Logo após o conflito, em 1924, a empresa lançou o LZ-126 entregue aos Estados Unidos como reparação de guerra (chamado Los Angeles) e iniciou a construção do LZ-127, famoso dirigível que serviu na linha para o Brasil e denominado Graf Zeppelin. Para o Brasil vieram dois dirigíveis: o LZ-127 Graf Zeppelin e o LZ-129 Hindenburg, cujo final é amplamente conhecido” (foi consumido pelo fogo no dia 6 de maio de 1937, na cidade de Lakehurst, nos Estados Unidos da América). Sobre a viagem dos Zeppelins ao Recife, Vainsencher (2009) explica: “por apresentar uma posição geográfica privilegiada no Nordeste do Brasil, a cidade do Recife foi escolhida para abrigar a primeira base operacional dos dirigíveis “Zeppelin” e “Hindenburg”. Para tanto, construiu-se em Jiquiá um Parque de Aerostação, com uma torre de atracação de 16 metros de altura. Era a primeira estação aeronáutica para dirigíveis da América do Sul e tinha uma função semelhante a dos faróis. No dia 22 de maio de 1930, quando um desses grandes peixes-voadores chegou em Recife pela primeira vez, o fato teve tamanha relevância que Estácio Coimbra, governador de Pernambuco naquela época, decretou feriado estadual”. Ainda, o selo mostrado na folha completa diz respeito a uma série emitida no Brasil, em 27.6.1933, intitulada VARIG – Ícaro Estilizado (Mesmo Tipo, Novas Cores). Juntamente com os selos aéreos do tipo CONDOR e ETA, os da VARIG são considerados selos de taxa adicional, visto que foram criados como resultado das “Instruções para Execução de Serviço Postal Aéreo”, baixada em 17 de março de 1927, pelo então Ministro de Viação e Obras Públicas, Dr. Victor Konder”, conforme sugere Meyer (2013, p. 204).

¹⁶⁸ A filigrana, nascida na China Antiga juntamente com o papel, surgiu por acaso. Num primeiro momento foi utilizada para identificar o fabricante do papel. Muito depois, em terras ocidentais foi re-utilizada em documentos da nobreza e do clero. Tempos depois, foi adicionada ao papel-moeda, aos bilhetes postais e aos selos postais, sempre com função primeira de dificultar as contrafações. Foi utilizada pela primeira

papel. Conhecida também como *marca d'água* ou *linha d'água*. Inúmeras são as possibilidades tipográficas das filigranas: brasões, coroas, efígies, escudos, traços, linhas, letras, frases, expressões, números etc.

Do mesmo modo que o papel, a filigrana também nasceu na China antiga. Queiroz (1980, p. 52-53) explica:

os artesãos – fabricantes de papel – uma vez preparada a pasta, precisavam retirar toda a água nela contida. Usavam peneiras ou tamises sobre as quais estendiam as polpas. Logo observaram, que ao tirar o papel, ele apresentava ligeiras reproduções das malhas das peneiras, consequência de um adelgaçamento da trama, nos pontos em que este entrava em contato com os fios de palha ou metal. O que foi um caso fortuito passou a ser usado como meio de identificar o artesão.

As filigranas fazem parte, de forma articulada, do secular processo de fabrico do papel. Desde o século XIX, elas constituem o processo de mecanização do selo postal, inseridas no papel-selo, ainda, quando este umedeceu totalmente. Com relação à prática de falsificação, assim como na cédula de dinheiro, funcionam como dispositivo de segurança, mas, também, de controle.

A filigrana tem sido utilizada desde o início da impressão do selo postal. Na Inglaterra, desde o “Penny Black”, até as impressões em 1967, todos têm filigranas e, que, por sua vez, são catalogadas e cotizadas. Os Estados Unidos da América imprimiram selos postais com filigranas de 1894 até 1915. Outros países usaram coroas, estrelas, até mesmo imagens animais, como filigranas.

Como exemplo da diversidade de filigrana encontrada nos selos postais de uma unidade política emissora, ver-se-á, de forma breve, algo a respeito das 28 tipologias de filigranas catalogados no Brasil. Elas são conhecidas pelo nome, apelido ou letras de classificação. As expressões e termos na descrição são aquelas encontradas na tessitura do selo postal.

vez no Brasil em 1894. A identificação de filigranas, no início do século XX, tornou-se uma das atividades de maior prestígio no colecionismo de selos postais.

Quadro 9 - Classificação e descrição das filigranas nos selos postais brasileiros

Classificação da Filigrana Brasileira	Descrição da Filigrana Brasileira
A	Correio Federal
B	Imposto de Consumo
C	Correio
D	Casa da Moeda
E	Estados Unidos do Brasil
F	Estrelas e Casa da Moeda
F1	Estrelas e Casa da Moeda
G	CM (dentro de estrelas)
H	EUBRASIL (normal)
I	EUBRASIL (acróstica)
J	Estados Unidos do Brasil - Estadinho
K	Cruzeiro
L	Armas
M	Cruz de Cristo
N	Correinho
O	Casa Mais
P	Correio * Brasil
Q	Correio * Brasil Letras Menores
R	Linhas Sinuosas
S	Security
T	Feixes de Linha
U	Bloco Roosevelt
V	Cruzetas Condor
X	Rosetas Zeppelin
Y	Vencendor Extra Strong
Z	Westerpost (Varig)
AA	Labirinto (Varig)
AB	Metrópole (Varig)

Fonte: (MEYER, 2013, p. 9-12)¹⁶⁹

Na imagem abaixo é ilustrado um exemplo do anverso e do verso de um selo postal brasileiro, emitido em 1942, em que está a filigrana do tipo "M", que é chamada de "Cruz de Cristo".

Figura 140 - Exemplo de filigrana M, Cruz de Cristo, em selo postal brasileiro



Fonte: Porto Jr. (2007)

É possível ver a filigrana de um selo postal contra a luz ou por meio da utilização do *Filigranoscópio*. Este é um pequeno recipiente de plástico,

¹⁶⁹ Conforme Meyer (2013, p. 6) "a filigrana nos selos brasileiros é distinguida pela posição horizontal e vertical".

retangular de cor preta. Para ver a filigrana com bastante clareza, o selo postal é colocado com o verso virado para cima (ou a estampa virada para baixo) e sobre ele são despejadas algumas gotas de benzina retificada.

Figura 141 – Filigranoscópio e Filigranoscópio Eletrônico (Signoscope T2)



Figura 142 – Filigranoscópio e um frasco de Benzina Retificada



Outros elementos poderiam ser explorados, mas, em certa medida, extrapolariam ao enfoque deste tópico. Por exemplo, questões relacionadas a denteação, ao uso odontômetro, o diâmetro do selos postais etc. Posto isso, e entendendo que as principais questões sobre os aspectos físicos e as técnicas de mecanização foram abordadas, mesmo que muito mais mereça ser estudado, cabe entender como o selo postal e tudo que o constitui encontra seu lugar de produção, circulação e consumo na práxis social, espaço de seu regime. É sobre isso que versará o tópico a seguir.

4.2 Onde é: regimes de produção, circulação e consumo

As regras do regime de informação em que foi e está inserido o selo postal, tanto enquanto um gênero discursivo, quanto uma mídia ou um objeto imagético-mediático é um fato social. Que seja socialmente construído e estabelecido, então, demanda um olhar voltado, também, às instituições e aos sujeitos que o produz, distribui e consome, sejam eles produtores ou consumidores, remetentes ou destinatários, mensageiros ou intermediários.

Nesse sentido o selo postal é o que é, em seu regime de informação, ou seja, naquilo que estabelece a sua produção, circulação e consumo, pelo mesmo fato social que os gêneros são, para Bazerman (2005, p. 84), “reconhecidos pelas pessoas como gênero em qualquer momento no tempo”. Em certa medida, o selo postal adesivo, surgido em 1840, na Inglaterra, criou as condições de possibilidade da emergência da resignificação das práticas de certo regime informacional.

Funcionou, e ainda funciona, como agente mediador entre certa demanda socioeconômica e exigências político-institucionais, entre o privado e o público, entre o intermitente e o recorrente, entre o consciente e inconsciente, o concreto e o simbólico, o visível e o invisível.

Se parte deste estudo pressupõe um aparato teórico que explique e, ao mesmo tempo, constitua o seu estatuto, então são as funções postais que poderão ajudar nessa trajetória. Essas funções são denominações que foram atribuídas ao selo postal, enquanto proposta teórica, com o intuito de caminhar rumo a um estatuto teórico desse objeto.¹⁷⁰ Elas explicam tanto os deslocamentos de sentidos do objeto no seu transcurso, quanto as características de sua produção, circulação e consumo.

Sendo assim, será admitido que no momento do surgimento do selo postal apenas uma função poder-lhe-ia ser outorgada. Essa primeira função, segundo Ferreira (2003, p. 14) “formaliza e evidencia o contrato tácito entre um expedidor de uma missiva postal, e um serviço público que torna expressamente a seu cargo o transporte e a entrega a um destinatário”, o que configura a função que vamos denominar *administrativa*.

Em outros termos, esse contrato ocorre quando um selo postal é disposto sobre uma correspondência em que o mesmo deve ser obliterado

¹⁷⁰ Ver Nota de rodapé 2.

(carimbado), configurando, então, um contrato legal e instituído, em que é realizado um pagamento antecipado por um serviço que irá ser prestado. Ou como defende Habermas (2006, p. 32-33) quando afirma que “a forma institucional da troca é o contrato [...] a ação complementar é mediada por símbolos que fixam expectativas obrigatórias de comportamento”. No caso do Brasil, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT (Correios)¹⁷¹ tem autonomia para explorar esse serviço desde os tempos do Império.

Além disso, cabe explicar uma dúvida manifesta sobre qual é a nomenclatura adequada, do ponto de vista jurídico, ao ato de pagamento da tarifa que incide sobre essa função *administrativa*. A tarifa que é paga no ato do contrato entre um expedidor e o Correio, usualmente, impressa no selo postal, não é um imposto, mas uma taxa. Conforme Plácido e Silva (2009, p. 1264), a taxa difere do imposto porque “ela não é coercitiva ou imposta”.

É uma cobrança legal, caracterizada pela “compensação ou contraprestação do serviço prestado”. Logo, quando pensarmos o selo postal na sua função *administrativa*, admitiremos a tarifa postal como um valor que é cobrado no sentido de taxa pelo serviço prestado pelo Correio.

No entanto, essa função *administrativa* tem uma característica essencial. Ela é, em verdade, apenas possível de ser exercida porque é um documento produzido e comercializado pelo Estado, pelos sistemas postais de cada unidade política.¹⁷² Assim, seria oportuno dizer que antes da função *administrativa* existe uma função que chamaremos de *estatal*. A função *administrativa* do selo postal pressupõe, necessariamente, a função *estatal*.

Destarte, um documento com origem na esfera político-institucional, pertencente a um sistema de símbolos institucionais e culturais, além de estar configurado na circunscrição de práticas sociais determinadas, o que permite afirmar que seja partícipe de uma cultura patrimonial, mas, também constituinte de um patrimônio cultural.

¹⁷¹ No Brasil, a legislação que trata desse assunto é o "Decreto nº 7.483, de 16 de maio de 2011". Vale ressaltar que em obra anterior, publicada em 2010 (ver Nota de rodapé 2), por causa da inexistência do Decreto de 2011, foi apontado como Decreto em vigor, justamente, o que foi revogado pelo Decreto de 2011, a saber: nº 83.726 de 16 de julho de 1979.

¹⁷² Ademais dos Estados, existem algumas instituições que produzem seus próprios selos postais, como por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU). O primeiro selo postal emitido pela ONU foi em 1951. Os selos postais emitidos pela ONU apenas podem ser utilizados nas correspondências internas da instituição.

Isso quer dizer que, antes mesmo do selo postal exercer sua função *administrativa*, lhe atribuiremos uma função *mnemônica*, aquela em que o selo postal constitui um objeto que é tanto constituído da identidade e do discurso do Estado, quanto é produtor de identidades e discursos.

O selo postal permite que o *animal symbolicus* experimente, ao mesmo tempo, como sugere Cassirer (1994, p. 86), "um processo de reconhecimento e identificação" da memória. Essa função *mnemônica* também está presente no selo postal quando este compõe acervos institucionais, como no caso de Museus, Arquivos, Bibliotecas e Centros de Documentação, e quando faz parte do acervo de colecionadores particulares.

Agora que apresentamos as três primeiras funções que podem ser outorgadas a um selo postal, pensamos ser oportuno discorrer sobre como se dá a sua produção, dando um enfoque no sistema brasileiro, com o intuito de que a função *estatal* seja explicada com mais detalhes.

A produção do selo postal é feita em seis etapas. Todas elas estão dispostas na Portaria de nº 500, de 8 de novembro de 2005, como explicaremos a seguir. A primeira etapa é especificada pelo Artigo 4º, em que

as propostas para a emissão de selos serão captadas pela ECT, junto à sociedade civil e aos órgãos governamentais, até o dia 1º de junho de cada ano, devendo estar acompanhadas de histórico com justificativa para a emissão pretendida, bem como de sua importância no contexto nacional ou internacional.

A segunda etapa é tratada pelo Artigo 5º, que diz: "A ECT procederá a prévia análise das propostas recebidas, selecionando aquelas que atendam as disposições constantes do Art. 3º desta Portaria. O Artigo 2º, Inciso V, considera o motivo de emissão de um selo postal como "a especificação de um tema, representada nos selos pelas imagens e informações que o compõe". A partir dessa definição, o Artigo 3º define os motivos que podem compor um selo postal comemorativo, entre eles, no Inciso I: "Eventos ou manifestações [...] científicas".

As quatro etapas seguintes podem ser resumidas da seguinte forma: após a seleção da ECT, as propostas são enviadas à Comissão Filatélica Nacional (CFN) que segundo critérios constantes da Portaria, elegem os

motivos que comporão o Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais. Os membros¹⁷³ que compõe da CFN são convidados pela ECT.

A partir daí, a ECT envia ao Ministério das Comunicações os motivos aprovados, na reunião da CFN, para aguardar a aprovação daquele Ministério em concomitância com a sanção do Presidente da República. Terminados esses trâmites administrativos, a ECT publica um Edital¹⁷⁴ para cada emissão com o objetivo de divulgar ao país o lançamento dos selos postais e quais serão suas características. De fato, com a utilização da Internet a divulgação das emissões postais alcança, também, outros países.

Em paralelo a todo esse processo oficial, uma outra etapa ganha terreno. Trata da publicação de Atos Normativos (Decretos¹⁷⁵), no Diário Oficial da União (D.O.U.)¹⁷⁶, pela Presidência da República. Os Decretos são documentos produzidos pelo Estado em que assentam os pormenores do desenho no selo, a sua diagramação e processo de impressão, as distintas fases de seu lançamento público, as dimensões, os motivos e os valores. Não se trata do mesmo que o Edital publicado pela ECT.

Esses Decretos têm sido publicados no D.O.U., pela Imprensa Oficial, desde antes da emissão do primeiro selo postal brasileiro. No âmbito do colecionismo, o período histórico que antecede a primeira emissão do selo postal é conhecido como Pré-Filatélico¹⁷⁷.

Essa época, chamada *Pré-Filatélica*, é deveras relevante, conforme afirma o pesquisador francês BAUDOT (*apud* MEYER, 2008, p. 13), pois que não publicar nos catálogos de selos postais os emblemas utilizados, nesse

¹⁷³ Membros da CFN: o Chefe do Departamento de Filatelia e Produtos dos Correios (DFIP), o Presidente dos Correios, as Assessorias do Ministério das Comunicações (MC) e da Presidência da República (PR), os Presidentes da Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos (ABRAJOF), da Federação Brasileira de Filatelia (FEBRAF), da Casa da Moeda do Brasil (CMB), Associação Brasileira de Comerciantes Filatélicos (ABCF), entre outros. Página eletrônica do MC: <www.mc.gov.br>; da PR: <www2.planalto.gov.br>; da CMB: <www.casadamoeda.gov.br>; da ABCF: <www.abcf.net.br>.

¹⁷⁴ O Edital emitido por uma administração postal é considerado um documento filatélico.

¹⁷⁵ Os Decretos também são considerados um tipo de documento filatélico.

¹⁷⁶ O D.O.U. é um dos veículos de comunicação da Imprensa Nacional (IN), que deve tornar público todo e qualquer assunto da esfera Federal. A Imprensa Nacional, órgão vinculado à Presidência da República, publica o D.O.U. e Diário da Justiça (DJ). Página eletrônica do DOU: <<http://portal.in.gov.br>>.

¹⁷⁷ Como já foi mostrado anteriormente, antes da criação do selo postal, as administrações postais utilizavam outras marcações sobre as missivas postais, para mostrar o lugar de procedência ou destino das correspondências. Algumas delas continuaram a ser empregadas depois de 1843, principalmente os carimbos, ano em que o primeiro selo postal brasileiro foi posto em circulação. Antes utilizados como marcadores, acabaram sendo utilizados, também, como obliteradores sobre os novos selos postais do Império. O Catálogo de Selo do Brasil, publicado pela Editora RHM, em algumas de suas edições (por exemplo: ed. 49, v. 1, 1993, p. 12-75; ed. 56, 2008, p. 15-41; ed. 58, 2013, p. 20-76) elenca uma lista dos carimbos ou obliteraões utilizadas pelas províncias brasileiras até a emissão do primeiro selo postal em 1843. São, de fato, obras de referência obrigatórias e indispensáveis tanto para o colecionador, quanto para o pesquisador.

período, "seria como um manual de Historia que ignore a Idade Média e comece seus escritos com Luís XIV, por exemplo." Olhar atentamente essas ilustrações é imprescindível ao estudo do selo postal, de suas funções sociais e, como consequência, do seu estatuto.

No Brasil, a partir de 1960 algumas informações contidas nos Decretos foram organizadas e estruturadas de forma que fossem atraentes a um público mais específico, os colecionadores e o comércio filatélico. Assim surgiu outro tipo de documento postal, denominado de *Pré-Edital*, considerado uma "certidão de nascimento" do selo postal.

Pensamos que a verdadeira "certidão de nascimento" do selo postal é o Decreto publicado no D.O.U. Os Pré-Editais, emitidos a partir de 1968 e os Editais, emitidos a partir de 1969, são documentos que cumprem finalidades mercadológica e publicitária, com o intuito de nutrir a prática do colecionismo filatélico e prover recursos financeiros à ECT.

Mello (2004, p. 7) afirma que "o primeiro Pré-Edital catalogado foi o do selo em comemoração ao Centenário de Nascimento de Orlando Rangel, em 29.02.1968". No entanto esse documento não era publicado no D.O.U., e suas informações eram mimeografadas num papel, de pouca tiragem e bastante escasso nos dias atuais. Segundo Mello (2004, p. 7), "a ECT, então recém-constituída, emitiu em caráter experimental o primeiro edital, o do selo em comemoração ao Centenário da Morte de Allan Kardec (31.03.1969)".

Figura 143 – Edital filatélico brasileiro



Sob um prisma político-institucional, a UPAEP (2006, p. 9), debateu sobre os atributos do selo postal no

Figura 144 –
Emblema da UPAEP
em selo brasileiro de
2011



XXIII Congresso da União Postal, celebrado em Bucareste, onde o selo postal, conforme consta na Ata (Art. 8º do Convênio) é considerado um ato de soberania e fonte de recursos das administrações postais, em sua qualidade de artefatos filatélicos. Além disso as seguintes atribuições lhe podem ser dadas: Simboliza em linguagem universal, o Correio, como prestador de serviços à comunidade; Pode ser utilizado para conhecer o pensamento político de uma nação e suas relações com a comunidade internacional; Reflete os fatos relacionados com a cultura, a história, a ciência, o esporte e como integra o desenvolvimento social e econômico do país; Aplicado, por meio de coleções de selos, é um instrumento útil no campo de **difusão do conhecimento e da educação**; ¹⁷⁸ Já, no âmbito da Filatelia organizada, é um fator de vinculação social sem fronteiras; Constitui a base de uma prática reconhecida mundialmente como Filatelia; Tem um papel cada vez mais intenso no mercado de consumo; Em suma, o selo postal é um documento empregado nos conflitos entre nações, mensageiro da paz e convivência, recurso para sinalizar o nascimento de um novo país.

¹⁷⁸ A marcação em negrito, nessa citação, indica que existe uma ação internacional em que o selo postal seja utilizado como instrumento didático.

Quadro 10 – Cronograma de encontros que resultaram na criação da UPAEP

Encontros	Ano	Local	Resultado
Colômbia	1838	Bogotá	União Grande Colombiana
Peru	1848	Lima	Inclusão da outras unidades políticas
Peru	1864	Lima	Inclusão da outras unidades políticas
Venezuela	1911	Caracas	Acordo Postal Bolivariano
Uruguai	1911	Montevideú	União dos Correios Sul-Americanos
Argentina	1921	Buenos Aires	União Postal Pan-Americana
México	1926	-	Oficina Internacional de Transbordo no Panamá
Espanha	1931	Madrid	União Postal das Américas e da Espanha
Argentina	1960	Buenos Aires	Comissão Técnica Consultiva
México	1966	-	Comissão Técnica Consultiva e Executiva; Conselho Consultivo e Executivo; Centros de Tradução no Uruguai e na Suíça
Chile	1971	Santiago	Constituição e Regulamento Geral da União
Cuba	1985	Havana	Declaração Postal de Havana
Argentina	1990	Buenos Aires	Incorpora Portugal e intitula-se União Postal das Américas, Espanha e Portugal (UPAEP)

Depois de entender que o selo postal tem uma função *estatal*, seguida pelas funções *administrativa* e *mnemônica*, podemos expor uma quarta função, a *econômica*. Ela diz respeito ao fato de que o selo postal, depois de produzido pelo Estado e, para além de sua função *mnemônica*, tem um valor de mercado.

Assim, cabe lembrar que na sua condição de papel moeda, de taxa, o selo postal, desde a emissão do seu primeiro exemplar, na Inglaterra de 1840, tem um valor facial impresso em sua superfície textual. Esse valor pode ser impresso tanto por extenso, quanto no formato numérico.¹⁷⁹

Figura 145 – Valor Facial por extenso



Figura 146 – Valor Facial numérico



¹⁷⁹ Segundo Civita (1986, p. 7-8), “exatamente por sua função básica de papel-moeda, o selo dos primeiros tempos mostrava com grande destaque a cifra correspondente ao seu preço de venda e ao custo do serviço. Ainda hoje, a recomendação que se faz aos projetistas de selos é a de que não esqueçam nunca a tarefa essencial do selo e situem e modo bem visível a indicação do valor, que deve prevalecer sobre as demais, mesmo que no selo figure a augusta imagem do soberano reinante.” O padrão “cifra”, indicado no Quadro 3 alude a esse tipo de normatização e controle por parte da unidade política emissora. No Brasil, os selos postais de padrão “cifra” foram explorados em distintas periodizações históricas, desde o período imperial (1843) até a segunda metade do século XX (1986). Diversas e distintas unidades políticas emitiram selos postais em que foram impressas, unicamente, os valores faciais (o que caracteriza o padrão ou esquema “cifra”). Usualmente são emissões do tipo Regular (uma das tipologias documentais filatélicas). Se nenhuma outra informação verbovisual estiver impressa na superfície textual do selo postal, a identificação da unidade política emissora e do ano de sua emissão dependerá da utilização de obras de referências, como catálogos, ou de consultas aos especialistas. Uma obra específica, nesse sentido, foi publicada pela Linn’s Stamp News, empresa do grupo Amos Press, do Ohio, EUA (O’KEFFE, 2001).

O valor facial indica quanto vale o selo postal ou um documento filatélico no que diz respeito ao custo da taxa de envio de uma correspondência pelo correio. Esse valor, de fato, correspondente ao valor monetário da época de sua emissão, é atribuído pela administração postal de cada unidade política emissora, de acordo com a conjuntura econômica nacional e internacional.

Por exemplo, se o envio de uma carta custa R\$0,50 (cinquenta centavos de Real), então a taxa pode ser paga com um único selo postal de valor facial R\$0,50 (cinquenta centavos de Real), ou por qualquer conjunto de selos postais que, a partir do somatório de seus valores faciais, somem R\$0,50 (cinquenta centavos de Real).

Blocos comemorativos e outros tipos de documentos filatélicos também podem ser utilizados para custear a taxa de envio de correspondências, desde que o valor facial em cada documento cubra o valor total da taxa de uso do serviço do correio.

A imagem ou algum elemento pictórico que pode estar impresso no selo postal independe do valor facial da peça, embora o valor facial também seja considerado um elemento verbal de certa importância, pois além de ratificar a função *administrativa*, constitui a representação da unidade monetária da unidade política emissora do selo.

Além disso, a função *econômica* do selo postal perpassa a questão do valor facial, vinculada diretamente à função *administrativa*, quando sai do limite de uma taxa a ser paga pelo remetente de uma correspondência e transgride a o espaço do colecionismo filatélico. Nesse âmbito, o selo postal deve ser considerado, também, um objeto que pode propiciar rentabilidade e possibilidades de investimento, se adequadamente manuseado e conservado.

Nesse sentido, é salutar entender o selo postal tanto como objeto que circula num mercado amplo, o postal (unidades políticas emissoras, administrações postais, normas institucionais e tarifárias, portes ou valores etc), quanto objeto que possibilitou a emergência de um mercado restrito, o filatélico (leilões, comércio, catálogos de cotações, valor de troca e câmbio etc).

Qualquer espaço onde ocorra uma prática econômica tem duas tipologias de mercado, o *mercado de produtos* (em que há negociações de bens e serviços), e o *mercado de fatores* (em que há negociações de trabalho e capital). Neste último, existe uma parte que é constituída pelo *mercado*

financeiro, assim denominado por que, nele, são negociados os *ativos financeiros*.

Num sentido geral, um ativo consiste em um conjunto de bens que, por sua vez, têm valor de câmbio. Os ativos tangíveis dependem de suas propriedades físicas (casas, apartamentos, terras, máquinas, artefatos de arte, selos postais, etc). Os intangíveis são os que representam legalmente possíveis rendimentos futuros e seu valor nada tem a ver com o seu suporte físico.

Por conseguinte, os selos postais são bens¹⁸⁰ tangíveis, são “objetos de valor econômico” (APPADURAI, 2003, p. 3). Ter selos postais bem conservados, manuseá-los adequadamente e garantir sua longevidade são, seguramente, condições *sine qua non* para que esse bem tangível ofereça garantias financeiras no presente ou no futuro (investimento). Assim, conforme Ferreira (2003, p. 31) o "First National Bank, de Nova York, indicou, em recente relatório, que o selo postal ocupa o terceiro lugar entre os bens tangíveis que mais se valorizaram entre 1920 e 1970, no mundo". Para ilustrar essa assertiva, vejamos as tabelas 1 e 2.

Para Ferreira (2008, p. 15)¹⁸¹, os selos postais, enquanto objetos de coleção, como um subgrupo de bens tangíveis são “sugeridos para compor carteiras de investimentos, por apresentarem mercados geográfica e historicamente conhecidos”, posto que já existiam negociantes e comerciantes filatélicos reconhecidos no mercado internacional desde meados do século XIX.

A Tabela 1 indica a variação, em Dólares Americanos, do valor de quatro selos postais emitidos em Portugal. Mostra a valoração de cada uma das quatro emissões, tanto para os tipos novos¹⁸² (sem carimbo), quanto os usados

¹⁸⁰ Segundo Duesenberry 1949 (*apud*, Douglas; Isherwood, 2006, p. 86) "os bens são bens em virtude de serem especializados para certas atividades". Damodaran (1999, p. 593) sugere que esse tipo de ativo, o objeto de coleção, pode “gerar valor”, visto que é “escasso”, ou “percebido como valioso” ou, ainda, porque cria um valor de “utilidade” para seus detentores.

¹⁸¹ Este autor fez uma séria pesquisa de Mestrado, em Economia Aplicada, na Universidade Federal de Juiz de Fora, em que foram aplicados modelos de preços hedônicos na estimação do valor das características implícitas de selos postais imperiais brasileiros emitidos de 1843 a 1889, com base em suas cotações anuais no período 1954 a 1988. Outros dois trabalhos acadêmicos utilizaram o selo postal como objeto de estudo na área de Economia: Coca Pérez (1988) e Villani Jr. (2001).

¹⁸² A distinção entre selos novos e usados diz respeito não, apenas, a questões da esfera do colecionismo filatélico, mas, também, à aspectos econômicos observáveis e influenciáveis no comércio filatélico. Conforme Queiroz (1988, p. 265) e Machado e Queiroz (1994, p. 171), um selo novo é aquele que não foi utilizado e que “não sofreu ação de um carimbo,” e “conserva íntegras, as suas características”. O selo postal novo é um potencial selo usado, mas mantém a sua função administrativa, posto que apenas cumpre a sua função econômica após o recebimento de um carimbo. Neste caso, passa a denominar-se selo postal usado o que comprova, evidencia a utilização do serviço oferecido pela

(com carimbo, obliterados), de 1953 até 1973, vinte anos depois. A sua valoração é indiscutível e, em certa medida, espantosa.

Ano de Emissão	1953		1973	
	Selo Novo	Selo Usado	Selo Novo	Selo Usado
1853	5.000,00	1.250,00	22.000,00	6.000,00
1855	1.600,00	37,00	10.000,00	200,00
1856	6.000,00	1.250,00	33.000,00	10.000,00
1858	30.000,00	4.500,00	120.000,00	18.000,00

Tabela 1 - Variação financeira de selos postais portugueses
Fonte: Ferreira (2003, p. 31).

A Tabela 2, atualizada e adaptada da anterior, mostra a valoração em Reais, entre 1998 e 2013 (quinze anos depois), de quatro selos postais emitidos no Brasil imperial. Para essa correlação, foram utilizadas as cotações indicadas, para cada selo postal, nos Catálogos de Selos do Brasil dos respectivos anos (1998; 2013).

Ano de Emissão	1998		2013	
	Selo Novo	Selo Usado	Selo Novo	Selo Usado
1843 (RHM 1)	4.000,00	600,00	21.000,00	2.500,00
1844 (RHM 9)	8.000,00	2.400,00	30.000,00	8.800,00
1850 (RHM 18)	750,00	135,00	2.400,00	400,00
1866 (RHM 29)	270,00	40,00	960,00	100,00

Tabela 2 - Variação financeira de selos postais brasileiros em quinze anos
Fonte: Meyer (1998, p. 11) e Meyer (2013, p. 77-84).

administração postal e legítima o controle do Estado, pois que o selo postal cumpre com o seu objetivo documental de porteamento. Nos primórdios do colecionismo de selos postais (de 1840 até 1860) havia um interesse, quase que exclusivo, para com aqueles documentos usados (“inúteis”). Ora, um selo utilizado, carimbado, tinha um valor muito menor do que o selo postal novo, ainda não carimbado, pois o preço de um novo era, no mínimo, o valor facial estipulado pela administração postal emissora. Pois bem, entre 1860 e 1870, alguns acontecimentos de ordem geopolítica criaram as condições para que houvesse um deslocamento de foco sobre os selos postais colecionáveis. Explica Civita (1986, p. 13-14): “modificações políticas na Itália e Alemanha determinaram o desaparecimento dos pequenos Estados em que se dividiam os dois países e a substituição de seus selos pelos dos novos Estados unitários. Em muitos casos grandes quantidades de selos novos – mas ‘proscritos’ - foram vendidos a colecionadores e comerciantes filatéticos por preços bem inferiores ao valor nominal. Tornou-se comum, então, conseguir um exemplar novo a preço inferior ao do usado, pelo simples motivo de que havia menos usados do que novos. Tratava-se simplesmente da lei econômica da oferta e da procura”. Assim, na prática do colecionismo filatélico, como pode ser identificado nos catálogos mundiais e nos catálogos especializados (países e temáticas), esse fator econômico, resultante de fatos geopolíticos, permitiu que duas cotações fossem criadas para um selo postal, a saber: um valor praticado para selos novos e outro para selos usados. Algumas curiosidades afetaram e afetam esses valores, por exemplo: Na Argentina, depois da morte de Evita Perón, os funcionários dos correios receberam ordens de não carimbar a sua imagem, pois feria o orgulho do povo argentino. Assim, os selos receberam pequenas marcas obliteradoras nas laterais. No Afeganistão, os primeiros selos postais eram utilizados em cartas, em que pequenos pedaços dos selos eram arrancados, pois não havia carimbo. Em outras unidades políticas, pode ser comum encontrar, no século XIX, oblitterações feitas com tintas e manuscritas. Por fim, isso pode alterar o valor de um selo postal.

Surpreende, por exemplo, o percentual de valorização do selo postal, indicado como RHM 1 (novo), entre 1998 e 2013, de 525%. Ou seja, uma valorização percentual anual de 35%. Qual bem ativo, no Brasil, teve uma valorização percentual similar, no mesmo período de tempo? É fato que o selo postal, assim como tantos outros bens tangíveis, tem um valor de mercado bastante atraente e próspero. Sem dúvida, um bem que circula entre mercados que se retro-alimentam: o postal e o filatélico.

No que pese a função econômica do selo postal e algumas de suas características vale postular que assim como o dinheiro (cédulas e moedas), o selo postal também pode ser considerado produto de uma economia capitalista, essa que, nas últimas décadas foi capaz de subverter as tendências éticas mais essenciais do comportamento social humano em nome da contínua especulação financeiro. O selo postal, assim como o dinheiro, não é um documento desprovido de moralidade, não é um registro humano que serve, apenas, para transações postais e comerciais.

Atribuídas as quatro funções ao selo postal, desde sua produção até seu valor no mercado de coleções, uma quinta função pode ser considerada. Neste caso, não se trata de uma função diretamente relacionada com a trajetória que um selo postal percorre no seio social, mas daquela que, admitindo as quatro funções anteriormente discutidas, pode contribuir com o aparato teórico que explica o estatuto do selo postal.

Logo, vamos considerar o selo postal um texto, o que lhe designa, por conseguinte, uma função *textual*. Seja qual for o momento em que um selo postal seja considerado para análise, ou seja, levadas em conta as funções já mencionadas, ele é um artefato que expressa graficamente um processo linguístico e, por conseguinte, um ato comunicativo. No entanto, a função *textual* do selo postal é restrita, visto que, a natureza própria do objeto determina seus limites.

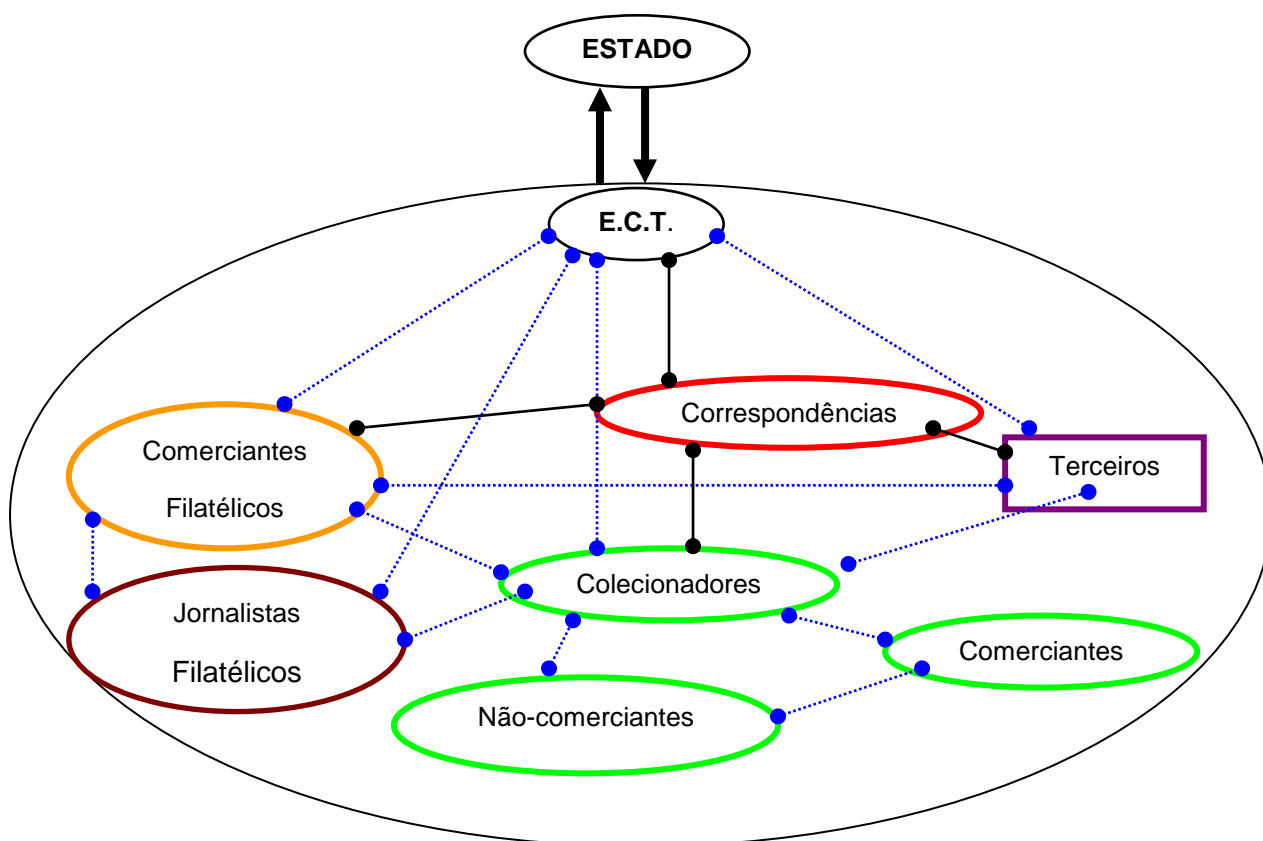
A função *textual* impõe uma observação - um olhar atento - sobre o selo postal enquanto um objeto de significação e objeto de comunicação, em que se manifestam sentidos, mas, também, em que é possível destacar deslocamento de sentidos.

Além disso, o selo postal quando considerada sua função *textual*, permite que ele seja estudado nos lugares em que ocupa suas demais funções,

estatal, administrativa, mnemônica e financeira. A análise desse objeto pressupõe que a função *textual*, articulada com as demais funções produz sentidos diferenciados.

Com o objetivo de ilustrar sobre o que está sendo explorado, um esquema gráfico foi construído para ilustrar o que está sendo entendido como o "Regime de Informação do Selo Postal". A partir dele é possível perceber, com mais clareza, as relações de interação entre os sujeitos, as instituições e o próprio selo postal, a partir das funções postais.

Figura 147 - Regimes de Produção, circulação e Consumo



Essa ilustração permite identificar os atores sociais ou sujeitos enunciativos e os seus lugares de fala, do mesmo modo que possibilita visualizar a articulação da função *textual*, do selo postal, com suas demais funções.

A maneira de ler o esquema deve tomar o sujeito "Estado" como o princípio do processo de produção e circulação do selo postal. O selo postal é

um documento produzido pelo Estado e remetido, via Atos Normativos, à ECT. Uma seta negra, de sentido único caracteriza essa conexão.

O fato de que o Estado seja produtor e a ECT responsável pela circulação dos documentos filatéticos, não elimina a interferência que possam sofrer por parte dos outros atores sociais, mesmo que isso não seja verificável ou divulgado de forma transparente. É relevante destacar que o selo postal, a partir de sua homologação pelo Estado, é enviado apenas à ECT.

A partir da ECT, o selo postal pode seguir por diversos caminhos. Esses caminhos são indicados, no esquema, pelos conectores azuis. Esses conectores determinam que a comunicação se dá em duas vias. Da ECT, o selo postal pode passar pelos colecionadores, que estão subdivididos entre "comerciantes" e "não comerciantes" e, por isso, demarcados em verde.

Pode, também, chegar até os "comerciantes filatéticos", e que, não necessariamente, são colecionadores. Além disso, o selo postal pode passar por "jornalistas filatéticos" e "terceiros", que nem são colecionadores, nem comerciantes filatéticos.

Ao ser estabelecida uma articulação entre uma correspondência e um selo postal, a função *textual* do selo postal passa a ser compartilhada pela função *textual* da correspondência, caracterizando a produção de sentidos baseados numa relação "intertextual" (FAIRCLOUGH, 2008, p. 114).

Essa relação de intertextualidade e sua articulação com os sujeitos está caracterizada, no esquema, pelos conectores negros, indicando, também, duas vias de comunicação. Por outro lado, nem sempre um selo postal estabelece essa relação intertextual com as correspondências, posto que, ele também pode ser adquirido pelos sujeitos enquanto textos isolados, com objetivos de colecionismo, comércio, atividades pedagógicas ou artísticas.

Apesar de estarmos cientes dessa possibilidade, estamos desconsiderando no nosso estudo a via dupla de comunicação que pode ocorrer entre os atores sociais e o Estado, por meio de correspondências. Sendo essa, a única maneira de o selo postal voltar de onde foi homologado.

Atribuídas às funções *estatal*, *mnemônica*, *administrativa*, *econômica* e *textual*, esboçamos uma trajetória teórica, por meio do esquema na figura 10, em que estudar o selo postal envolve, fundamentalmente, considerar essas

funções, além do caráter técnico de sua produção e circulação nessa rede dialógico-social.

Não foi possível aprofundar, neste estudo, questões pertinentes ao debate histórico-sociológico, que, decerto, permitiria explorar com acuidade a dinâmica dessa rede, mesmo assim, foi dada a partida rumo a essa possível onda.

Parece imperativo entender o estatuto do selo postal, como, de fato, ocorre a sua articulação com outras fontes, em quais domínios discursivos participa e qual é o papel ou papéis dos sujeitos (pessoas e instituições). Mesmo que isso tenha sido em boa parte, aqui, muito poderá ser feito. Ainda mais, quando é considerado, por exemplo, o deslocamento sofrido pelo selo postal e os novos comportamentos dos usuários, por conta das práticas de convergência dos últimos anos, tema que não poderia deixar de ser tratado nesta Tese e que será vista, de forma sucinta, no tópico a seguir.

4.3 O que o transforma: da Filatelia Digital

Até o presente momento foi possível explorar alguns sentidos investidos na prática da comunicação humana a distância, nos registros feitos em documentos específicos (as correspondências), na reforma postal britânica e, simultaneamente, no advento do selo postal adesivo.

Em seguida, um recorte consciente foi feito para que o olhar investisse “no” e “sobre” esse documento. Assim, alguns aspectos foram elucidados com relação aquilo que “o faz” (sessão 4.1) e “onde ele é” (sessão 4.2), para que, finalmente, outra dimensão pudesse ganhar voz, outro aspecto da atualidade emergisse, a saber: sua transmutação em documento digital. Logo, esta sessão tratará sobre o que chamarei, em que pese a nomenclatura didática, Filatelia Digital.

É fato que, apesar de não ser o foco do debate nesta Tese, o desenvolvimento das TICS e, especialmente, quando considerada a criação da Internet, teve como consequência um grande número de pesquisas, debates, estudos e escritos promulgando um tipo novo de ordem comunicacional. Afirmações categóricas como: -- *com o correio eletrônico dar-se-á o fim do correio postal, selará o final da prática de escrever cartas*, são corriqueiras. Ingênuo e, ao mesmo tempo, prepotente equívoco.

É necessário expor que uma indústria, surgida no final do século XX, de softwares e hardwares, de gestão e processos, ofereceu novos meios de comunicação à distância. Além disso, criou as condições para que aqueles que têm acesso a essa indústria participassem e colaborassem, com jamais foi feito na história humana, na produção e uso da informação, ainda, de consumo, comércio, transações e sociabilidades.

Nesse sentido, Castells 2002, p. 40) ressalta que

um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global de produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos.¹⁸³

¹⁸³ Vale lembrar que, para muitas pessoas, mais capacidade de produzir e usar informação seria uma evidência irrefutável, ou até, sinônimo de “progresso”. O fato é que, por um lado, o aumento de capacidade de produção e uso de informação foi das máquinas, não da mente humana. Pelo outro, essa assunção de “progresso”, cria mais exclusão, concentração de renda e subdesenvolvimento. Para ver mais sobre as duas faces dessa moeda, consultar Dupas (2006).

Corrobora Vilches (2003, p. 10), ao sugerir que “as novas comunidades comunicativas que surgem com a universalização do correio eletrônico e o acesso à Internet pressupõe a ocupação de novos espaços sociais cada vez mais diversificados”. Isso não poderia ser diferente e não exclui os usuários/clientes dos serviços postais atuais.

De fato, todas as pessoas e instituições envolvidas com o serviço postal, especialmente, nas 192¹⁸⁴ unidades políticas que constituem a UPU, tiveram que adaptar suas rotinas às transformações ocorridas nas últimas décadas, por causa do desenvolvimento de novas tecnologias computacionais. O comportamento das pessoas no trabalho, no lazer, nas relações e interações foi influenciado e reestruturado, incluindo, a prática de escrever cartas, a utilização dos serviços dos correios e o colecionismo filatélico.

Existe, certamente, no seio de toda essa transformação e reconfiguração dos produtores de informação e comunicação, incluindo os Correios, um processo multidimensional, que se dá por conta da implementação das TICS, afetando, assim, áreas de gestão, desenvolvimento, tecnologia, venda e compra das empresas de comunicação.

Manovich (2001, p. 19) sugere ser possível, que

assim como a imprensa no século XIV e a fotografia no século XIX tiveram um impacto revolucionário no desenvolvimento da sociedade e cultura modernas, hoje estamos no meio de uma revolução de novas mídias – a mudança de toda a cultura para formas de produção, distribuição e comunicação, mediadas por computador. Essa revolução é discutivelmente mais profunda que as anteriores, e estamos apenas começando a registrar seus efeitos iniciais. A revolução computacional das mídias afeta todos os estágios da comunicação e, também, todos os tipos de mídia.

Atualmente, além das plataformas de comunicação tradicionais, como a rádio e a TV, é possível identificar um variado elenco de tecnologias midiáticas que proliferam numa velocidade sem precedentes. Muitas são as novas plataformas digitais de comunicação e informação que possibilitam conectabilidade e interatividade, além de permitirem a exploração de desconhecidos processos de inovação, criatividade e experiência. O quadro 11 relaciona algumas dessas tecnologias e plataformas digitais atuais.

¹⁸⁴ Número atualizado em 2013 e disponível na página eletrônica da UPU: <<http://www.upu.int/en/the-upu/member-countries.html>>.

Quadro 10 – Relação de algumas tecnologias e plataformas digitais atuais¹⁸⁵

Páginas Digitais: sítios, portais e blog etc.
Plataformas de Busca e Recuperação: Google, Yahoo etc.
Sistema de Comunicação Digital: emails.
Redes Sociais: Facebook Twitter, Instagram, LinkedIn, Slideshare, YouTube, etc.
Realidades Mistas: realidade e virtualidade aumentadas
Plataformas Mobile: RFId, QRcodes, Datamatrix, Bluetooth, TV, etc.
Tecnologias de Áudio e Voz e tecnologias de Vídeo Imersivo, TV Digital, etc.

Fonte: informações adaptadas de Gabriel (2013).

Esse processo acarreta e possibilita a integração de aparatos, modelos, métodos, linguagens e discursos que, se antes eram tratados separadamente, hoje são conteúdos produzidos, distribuídos e consumidos por meio de múltiplas plataformas, tendo em vista as particulares linguagens de cada uma. Esse panorama, com potenciais possibilidades de inovação, traz consigo novos desafios: talvez, o mais iminente seja a educação.

Assim, por um lado é possível verificar o esforço de curadores em digitalizar selos postais, documentos filatélicos e manuscritos para, ao mesmo tempo, preservar e prover acesso ao documento e seu conteúdo. Isso seria uma das características da Filatelia Digital. Do outro lado, haveria um movimento transmutativo em que os documentos digitalizados passariam a constituir, por meio da utilização das TICS, um ambiente virtual, um campo que pode ser chamado de “Filatelia Virtual” (HIRWADE; NAWLAKHE, 2012).

Uma das ferramentas que caracterizam a Filatelia Digital seria a fundação da “World Association for the Development of Philately (WADP), que articulada a UPU, criaram o “World Numbering System” (WNS)¹⁸⁶, no dia 1 de janeiro de 2002. O objetivo primeiro foi criar uma base de dados com todos os selos postais autênticos, emitidos pelas unidades políticas filiadas a UPU, a partir da data supracitada.

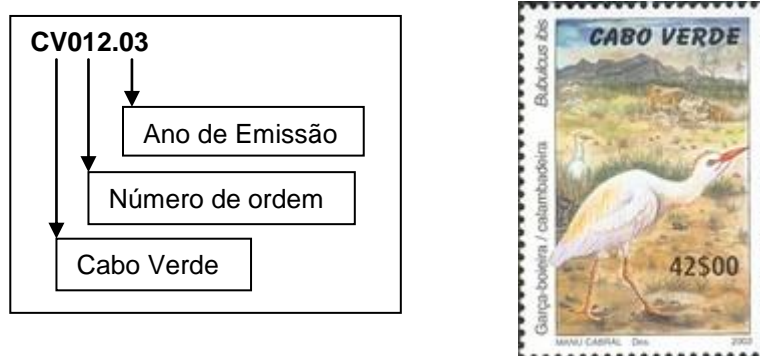
Com isso o projeto tenta ser uma referência para que colecionadores e comerciantes verifiquem a autenticidade das emissões, em todo o mundo, dando suporte aquelas legitimadas pelo WNS, depois dos selos postais serem

¹⁸⁵ A separação das tecnologias e plataformas, por razões didáticas, não significa que elas não possam convergir umas com as outras. De fato, nos dias atuais, isso tem sido uma das tendências principais..

¹⁸⁶ Em certa medida, esse sistema está relacionado ao “Controle Bibliográfico Universal (CBU), idealizado pela IFLA e adotado pela UNESCO” (MACHADO, 2003, p. 50) e que tem como objetivo uma rede global de intercâmbio e controle de informações bibliográficas: o “International Standard Book Number (ISBN, em português: Número Padrão Internacional de Livro) e o International Standard Serial Number (ISSN, em Português: Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas) são dois exemplos desse sistema. Nesse sentido, o mesmo se daria com relação às informações filatélicas.

registrados, verificados e autenticados pelos comitês responsáveis. Enfim, o fato é que o WNS é uma base de dados de referência e de controle, que busca sanar os problemas das emissões de selos postais falsos e ilegítimos (leia-se: unidades políticas que não congregam a ONU e, por sua vez, a UPU).

Figura 148 – World Numbering System ¹⁸⁷



O campo da Filatelia Digital é ampliado e subsidiado com conteúdos informacionais e documentos filatélicos que, por sua vez, circulam de distintas formas, mobilizam diferentes suportes, difundem velozmente a hipertextualidade desses conteúdos por múltiplos sistemas midiáticos. Então, o que antes era de interesse particular dos colecionadores e comerciantes filatélicos passou a ser produto de consumo de qualquer pessoa, a exemplo do “selo personalizado”.¹⁸⁸

Essa nova modalidade de documento filatélico, pela primeira vez emitido na Exposição Filatélica Mundial da Austrália, no dia 15 de março de 1999 (STEPHENS, 1999), caracteriza um fluxo de uso e produção da informação ativa por parte dos consumidores que subvertem o modelo clássico da Filatelia, tanto no que alude ao colecionismo, quanto ao comércio (produção, circulação e consumo).

¹⁸⁷ Um selo postal emitido por uma autoridade postal recebe um número WNS quando quatro critérios são específicos: uma ilustração, um valor facial ou uma indicação tarifária, uma colorimetria e um formato. Para um outro selo postal, quando um dos critérios acima diverge, é atribuído um número WNS diferente. A data de emissão e a apresentação (folha, carteira, bloco, minifolha, etc) não são elementos levados em consideração para a numeração WNS. O número WNS compreende o código país ISO 3166 Alpha-2 (2 letras), um número de ordem (3 algarismos) e o ano de emissão (2 algarismos), sendo no total 8 caracteres e ponto (UNIVERSAL POSTAL UNION, 2002).

¹⁸⁸ Para o Correio brasileiro o selo personalizado “é um conjunto formado por duas imagens distintas: um selo postal”, oficialmente emitido, “e uma imagem do cliente”. Pode ser utilizado para o envio de “cartas, como objeto de decoração, souvenir, mídia, presente e colecionamento” (CORREIOS, 2013).

Figura 149 – Primeiro selo personalizado do mundo¹⁸⁹



O que antes era estritamente considerada informação filatélica sofre um tipo de transmutação na medida em que cria novos conteúdos em mídias híbridas, reconfigurando, então, a relação entre a indústria postal, o mercado filatélico, os gêneros, as TICS e o público. Nesse sentido, é possível afirmar que, desde o surgimento do selo personalizado, o campo da Filatelia, com todas as possíveis ramificações, também constitui um ambiente de convergência midiática (JENKINS, 2008).

Os Correios, ao redor do mundo, assim como diversas e distintas empresas de comunicação criam estratégias e ações planejadas com o objetivo perpetuar o seu posicionamento nos negócios da informação. Logo, no cerne de mudanças rápidas, de circunstâncias conjunturais e estruturais o cenário global de convergência é entendido como uma forma de manter a hegemonia dos grupos de comunicação, por meio da ampliação de consumidores participativos e colaborativos, com o intuito, em grande medida, de reduzir custos e maximizar lucros (SALAVERRÍA, 2010).

Se, também, for considerado que as “redes de comunicação de dados, computadores, radiodifusão e televisão difusora, radiocomunicação, telefonia fixa e celular, sistemas de gravação e reprodução de vídeo e som tenderiam, e tendem, a ser combinados e colocados em um único tipo de equipamento” (ZUFFO, 2005, p. 72), então a Filatelia e o seu regime de produção, distribuição e consumo é diretamente afetado. O colecionismo filatélico é, também, digital.

¹⁸⁹ David Maiden, Diretor dos Correios da Austrália, no seu próprio selo personalizado no evento em 1999.

Figura 150 – Blog dos Correios do Brasil



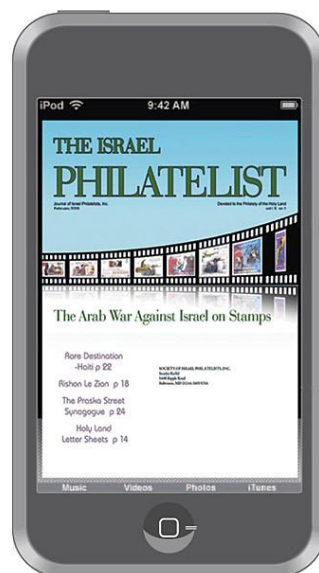
Assembleias da Bahia e do Amazonas prestam homenagem aos 350 anos

Publicado em 7 de junho de 2013 por Correios



Fonte: CORREIOS (2013)

Figura 151 – Filatelia num iPod Touch



Fonte: Chafetz, (2009)

Assim como em outros momentos da História da Filatelia, em que novos produtos filatélicos não foram recebidos de bom grado, como, por exemplo, quando os selos comemorativos eram proibidos de circular fora das fronteiras da unidade política emissora, por conta da Convenção Postal de

Washington,¹⁹⁰ de 1897, ou do tardio reconhecimento da Maximafilia como partícipe nas exposições internacionais, apenas ocorrido em nos anos de 1970, o uso e colecionismo do selo personalizado também foi criticado.

Por definição, no Brasil, na França e em outras unidades políticas emissoras, o selo personalizado é o conjunto de duas partes: um selo base, documento oficial emitido pela unidade política mais a vinheta personalizada, parte produzida e encomendada, aos Correios, pelo usuário/cliente. Por sua vez, em Portugal, o próprio selo postal é personalizado, uma peça única.

O primeiro selo personalizado brasileiro foi emitido no ano 2000 em comemoração aos 500 Anos do Descobrimento do Brasil. Outras emissões foram elaboradas, mas no ano de 2009 uma quantidade considerável de emissões de folhas de selos regionais superou quantitativamente os demais selos postais emitidos no mesmo período.

Figura 152 – Primeiro selo personalizado brasileiro, 2000¹⁹¹



A possibilidade de participar do processo de emissão de um selo postal colaborando com uma ideia de personalização da vinheta, transformou o selo postal personalizado, não, apenas, uma evidência de uma cultura de

¹⁹⁰ Os selos postais comemorativos não poderiam ter circulação internacional por determinação da Convenção Postal Universal realizada em Washington (Estados Unidos da América), em 1897, sendo ratificada no Congresso de Roma, em 1906, e revogada apenas em decorrência do Congresso de Madrid, em 13 de novembro de 1920.

¹⁹¹ Conforme Sakal (2012) “a personalização e a venda deste selo restringiu-se em alguns grandes eventos como na Lubrapex 2000 (Exposição Filatélica ocorrida em Salvador – BA) e na FENASOFT (Feira de Informática que acontece anualmente em São Paulo – SP). Para adquiri-los, o comprador era fotografado na hora e esta foto era impressa na vinheta ao lado do selo. Algumas vinhetas mais conhecidas desta emissão se devem a alguns modelos contratados pelos Correios que estavam vestidos “a caráter” nesses eventos, como os índios, as futuristas, os navegadores, que eram requisitados pelos comerciantes filatélicos e colecionadores a “posarem” para as imagens que iriam às vinhetas”. No catálogo RHM de selos brasileiros (MEYER, 2013, p. 451), os selos personalizados são catalogados a partir do ano 2000 na sequência consecutiva dos números de identificação.

convergência que transgride a práxis da Filatelia Clássica, mas, também num produto de desejo de pessoas e empresas.

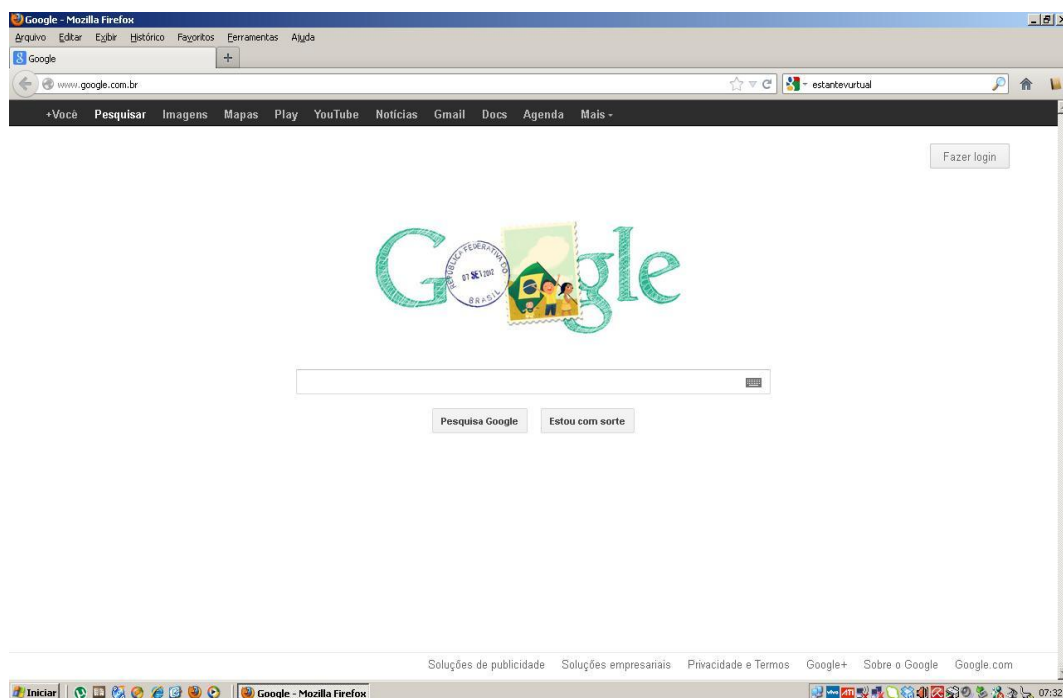
Isso configura um tipo de cultura participativa no regime de informação do selo postal e que, por sua vez, pode servir para fazer um paralelo com o comportamento do usuário/cliente/consumidor midiático na atualidade, que pensa estar numa posição social cada vez mais passiva.

Na verdade, essa transformação na cultura filatélica é uma forma de operacionalizar aparatos que condicionam a inter-relação das pessoas e das organizações com um complexo sistema, controlado por regras, criado para dominar o coletivo partícipe dessa cultura. Ainda, o selo postal e demais documentos filatélicos, quer gostem ou não os colecionadores e comerciantes filatélicos, constituem um novo universo virtual e, também, audiovisual.

Em certa medida explica Sarlo (2005, p. 93-96):

O sentido do tempo mudou. Essa transformação definiu o século XX [...]. O instantâneo, o imediato. [...]. Hoje, nenhum computador parece suficientemente veloz. [...]. O mundo é hiper-semiótico na medida em que há mais signos de coisas, mais signos de signos. [...]. O tempo é a nova qualidade desta sintaxe de objetos. Hoje o tempo é mais *fluido*. [...]. A aceleração que afeta a duração das imagens e das coisas afeta também a memória e a lembrança. Nunca como hoje a memória foi um tema tão espetacularmente social. E não se trata apenas da memória dos crimes cometidos pela ditadura, situação na qual a lembrança social preserva o desejo de justiça. Trata-se, também, da recuperação das memórias culturais, da construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de versões e leituras do passado. O presente, ameaçado pelo desgaste da aceleração, converte-se, enquanto transcorre em matéria da memória [...] O novo milênio começa na contradição entre um tempo acelerado, que impede o transcorrer do presente, e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante que desaparece devorando-se a si próprio [...]. Trata-se de uma cultura da velocidade e da nostalgia, do esquecimento e da comemoração de aniversários.

Assim, o campo da Filatelia Digital, que por um lado parece afastar o olhar sobre o objeto sensível, posto que o selo postal torna-se, em sua essência material um conjunto de pixels, por outro permite questionar quais elementos possibilitaram essas mudanças que estão em trânsito sob um ponto de vista, não apenas dos deslocamentos de sentidos, mas, também, da ontologia relacional entre quem olha e quem é olhado, entre o selo postal e tudo aquilo que permitiu sua emergência, fundando, assim, a cultura filatélica enquanto expressão maior de sua essência, propriamente dita.

Figura 153 – Doodle Filatélico: o selo postal no século XXI¹⁹²

A seguir, e como parte final deste tópico, é explicada a maneira de acessar um conteúdo digital por meio de um QRcode impresso na Capa desta Tese. Direcione seu dispositivo móvel, como se fosse tirar uma fotografia. Automaticamente, o software no seu aparelho móvel, se houver conexão com a Internet, e se o software estiver instalado, lhe encaminhará ao respectivo conteúdo digital. Um software que funciona muito bem é o I-nigma. A ideia é proporcionar duas experiências de leituras complementares: uma que toca e sente o material tangível, esta Tese. A outra, que amplia essa experiência ao prover acesso aos conteúdos digitais, materiais intangíveis.

¹⁹² Ver nota de rodapé 33.

5 REFLEXÃO A PARTIR DO REFLEXO

“Selos são cartões de visitas que os grandes Estados deixam no quarto das crianças” (BENJAMIN, 1995, p. 59).

“Quando eu estava com nove ou dez anos de idade, me apaixonei pelo álbum de colegial de minha mãe. Por algum tempo guardei-o na mesma gaveta em que ficava minha coleção de selos” (ROTH, 2013, p. 33).

De fato, não há “descanso”, mas continuidades e descontinuidades. Enquanto escrevia este selamento, os últimos instantes de um prazeroso e significativo surf, comprei um pequeno e maltratado livro, num sebo virtual, para dar continuidade à biblioteca filatélica que venho formando e colecionando. Uma obra de bolso traduzida do original em Francês ao Português de Portugal, em que, num ensaio de 166 páginas, o autor, Eugène Vaillé, discorre sobre uma “História breve do selo postal”.¹⁹³

Para minha surpresa diz o autor, na página 132: “o selo tornou-se o espelho do mundo”. Não consigo encontrar uma explicação sobre como essa frase, naquele livro, encontrado na Internet, por uma aleatória escolha de termos-chave num sistema de recuperação eletrônico, tem, agora, sua articulação com o título desta Tese.

Sei, apenas, e agora, que uma visão de um autor póstumo, primeiro curador do Museu Postal da França, historiador postal e colecionador de selos postais, registrada num livro (o original em Francês é de 1959) emerge do esquecimento, surge do arquivo, encontra eco, 54 anos depois, no título dado a esta Tese. Em que pese que nem um, nem outro tinham conhecimento sobre a similaridade das visões de ambos, a saber: o selo postal como espelho.

Agora, em que estas considerações finais estão sendo escritas, o significado do título da Tese esteja mais claro, pois que o selo postal como espelho diz respeito a uma dualidade de sentidos ambíguos: imagem que reflete, de maneira simultânea, algo idêntico ao real (talvez, de forma aproximada) e ilusório. Assim, o olho vê o que há para ser visto, mas, ao

¹⁹³ Título original: “Histoire du Timbre-Post (1959).

mesmo tempo, vê uma aparência. Por fim, o reflexo convida à reflexão com o intuito de descobrir a si próprio (*Self*).

Não há descanso ao término do surf, da onda, desta Tese, mas movimento ininterrupto. De fato, e ainda, tudo foi e está em movimento, em transformação. Na medida em que, por singular que seja, este escrito subsidia, em alguma medida, os estudos no campo da Comunicação e em áreas correlatas.

Não porque tenha sido feito um estudo empírico de práticas midiáticas ou definido algum tipo de limite territorial de processos midiáticos ou, ainda, aborde simples e superficiais questões temático-corriqueiras, mas, principalmente, porque convida e sugere uma forma de olhar, pensar e comunicar um objeto que demanda tempo e dedicação.

Mas, também, enfrentamento e engajamento diante de conceitos e pré-conceitos que, por sua vez, não estão circunscritos a um determinado âmbito de problemas, mas que transitam e transgridem diversas e distintas áreas de conhecimento.

Assim, se houve alguma contribuição, talvez seja pelo fato de que o selo postal, assim como qualquer outro *media*, quando posto à prova, enquanto objeto de estudo científico, foi, é e permanecerá sendo partícipe de um regime de informação e comunicação organizado como discursos, assim, articulador de realidades sociais. Enfim, estudar o selo postal traz à luz o próprio campo da Comunicação, posto que os discursos são a condição de campo da Comunicação.

Seja por meio da linguagem pictórica, seja por meio da linguagem verbal, em que pese que cada selo postal seja um documento em que estão articuladas, na sua expressividade e materialidade, ambas as linguagens em forma de imagem (da ordem da visibilidade, do visual), ambas contribuem para construção de realidades sociais, considerando essas realidades enquanto discursivas.

Então, de uma maneira peculiar, o selo postal, em seu regime de informação e comunicação é tanto produto de redes sociais, quanto possibilita que os atores sociais, pessoas e instituições, interajam de maneira que cada qual represente uma voz social distinta: desde a autoridade máxima que produz o documento, a unidade política (Estado), até o cidadão que desloca o

selo postal de suas funções para alocá-lo no campo do consumo e colecionismo.

O selo postal é um documento que desde sua gênese até a imersão nas convergências atuais exprime, representa socialmente a voz da autoridade, e isso não desaparece mesmo quando surgem os selos postais do tipo comemorativo. Por trás de cada peça, ainda que as informações tenham uma aura de didatismo, subjaz o discurso do poder.

Normalmente não damos o devido valor a um selo postal. Simplesmente, no nosso corrido e ocupadíssimo cotidiano, aceitamos esse artefato como um pequeno e insignificante fragmento de papel descartável que indica a taxa a ser cobrada ao remetente de uma correspondência. Esse pequeno pedaço de papel, por vezes, nem chega a ser percebido como um documento, propriamente dito, mas o é.

O seu processo de construção tem um início, meio e fim. Além de um valor ou função social atribuído pelo Estado é ele quem indica a tarifa corrente às comunicações postais. Mas não apenas isso. É um artefato documental que percorre o mesmo sistema de produção capitalista como qualquer outro objeto tecnológico, provenientes dos regimes sócio-político-econômicos trazidos à tona no pretérito europeu.

O Estado, ao produzir selos postais comemorativos, contribui para a possibilidade de que ocorra um processo de assujeitamento. Os sujeitos que constituem o tecido social, particularmente aquele de interação com o regime de informação do selo postal, assumem os discursos institucionais possíveis conforme o seu trânsito. Mas, percebemos esses sujeitos como elementos participativos e atuantes do processo comunicativo. Agentes partícipes do processo discursivo, construtores de realidades sociais.

Penso que, assim, depois deste prazeroso surf, uma resposta pode ser proposta com relação às duas imbricadas questões desta pesquisa. O que explica ou revela o estatuto do selo postal e, por conseguinte, o seu lugar enquanto objeto de pesquisa no campo da Comunicação não é “o que” o define, mas *o olhar que lhe é dirigido, articulado aos sujeitos e suas práticas sociais*.

O que caracteriza o selo postal no campo da Comunicação é a possibilidade de um olhar transdisciplinar, direcionado aos processos

históricos, sociais e simbólicos. É investir o selo postal e demais documentos filatélicos de sentidos transubjetivos. Logo, considerar que o selo postal é um objeto que articula o olhar do observador com o mundo, particularmente, na forma de evidências figurativas do passado.

Esta foi a descoberta, a luz no final do tubo: entender que um olhar permite articular e perpassar toda ordem da vida social, possibilita ver a relação e a interação entre o sujeito observador da realidade, do objeto e o sujeito enquanto construtor de sua realidade, de seu objeto. Eis que, por fim, colecionador e pesquisador são um só.

O selo postal é, ao mesmo tempo, objeto utilitário e minúsculo espelho que revela códigos e processos que regulam e constroem as interações humanas, as identidades daqueles que constituem o regime de produção, circulação e consumo, enfim a própria trama social.

Esse pequeno pedaço de papel tem o poder de servir como uma janela que permite avistar o invisível horizonte e ampliar a visão sobre o conhecimento humano. Em grande medida constitui o universo de imagens produzidas, de forma intencional, para seduzir, por meio das aparências, aos sujeitos partícipes de seu regime informacional.

Assim como a fotografia ou o cartão postal, o selo postal é um bem material e imaterial. A depender do olhar pode dizer pouco enquanto documento, pode até enganar o observador. Por outro lado, enquanto documento pode ser auxiliar de diversos e distintos campos de estudo capaz de demandar desafios teóricos e metodológicos que seu uso e papel social propõem. Muito mais que um documento factual de um passado registrado, o selo postal é um documento que permeia o imaginário social.

Vemos o selo postal como uma manifestação material humana, imbricada no imaginário e permeada pela criatividade. Não nos interessa olhar para esse artefato no sentido de condenar ou absolver os seus atributos discursivos, mas de enaltecer os lugares possíveis de expressão subjetiva, das transmutações históricas, figuras do pensar e sentir humanos.

Não vemos nesse documento postal apenas uma imagem ou uma frase, mas distintas qualidades verbovisuais que, entrelaçadas num processo discursivo, garantem a circulação de significantes. Na congruência entre os

cruzamentos que encontramos na nossa caminhada foi possível ampliar a visão com relação ao selo postal e os mundos com os quais compartilha.

Posto isso, algumas possibilidades de pesquisa emergiram no decorrer das reflexões e dos estudos. Por exemplo, até hoje é desconhecido qualquer tipo de estudo que considere a voz e o posicionamento por parte de colecionadores e comerciantes com relação à eficácia da *themata* emitida, ao longo dos anos, pelos correios das diversas unidades políticas.

Outro ponto de investigação pode abordar questões acerca da ideologia contida na produção, circulação e consumo dos selos postais, em distintas regiões e períodos históricos. Refletir sobre o que são as imagens nos selos postais e as transformações contemporâneas do locus que elas ocupam nas rotinas das instituições e pessoas que delas se ocupam.

Além disso, elencar importantes diferenças que digam respeito aos movimentos político-sócio-culturais que possibilitaram a emergência do selo postal e dos demais documentos filatélicos na França e Inglaterra. Somado a essa abordagem, como a Revolução Francesa fez eclodir a Revolução Postal nos Estados Unidos da América? E no Brasil?

Considerando que o selo postal é de fácil manuseio, custo baixo, provoca o processo criativo e auxilia na leitura das realidades possíveis e, enfim, permite mediar realidades, assim como fazem outros *media* (fotografia, cinema, novela, romances etc), até que ponto o selo postal pode ser considerado um útil e salutar instrumento pedagógico?

Muitas outras possibilidades podem ser empreendidas e são inúmeras para listá-las aqui. Mais do que indicá-las, no sentido de um encargo, de uma demanda, penso que cada um, na medida em que lhe for possível, que lhe surgir a oportunidade, pode invocar essa tarefa. Um resultado satisfatório, deste estudo, tem relação com o fato de que mais uma pequena contribuição foi feita para que tanto os pesquisadores quanto o público não pesquisador tenham a possibilidade de olhar atentamente “no” e “sobre” o selo postal.

O selo postal é um artefato documental de inestimável e permanente valor à memória social de uma entidade, de uma região geográfica, de uma ou várias pessoas, dos mitos e das identidades. A sua leitura crítica resulta na concepção de uma narrativa descritivo-analítica com enfoque num contexto

histórico-social, fato que contribui para a preservação, recuperação, análise, reflexão e disseminação da memória cultural, postal e documental.

Ao emitir um selo postal, a despeito da temática ou do motivo de emissão selecionado pela Comissão Filatélica, o Estado assume uma postura de produtor cultural por meio da apropriação das culturas produzidas pela sociedade. O selo postal, então, é um documento de poder estatal, mascarado por um discurso cultural, em que o autoritarismo e a doutrina do que é cultura para o Estado são registrados, documentados e eternizados, indicando uma cultura oficial da unidade política emissora.

Depois do que foi defendido nesta Tese, talvez seja viável sugerir que o selo postal passe pelo crivo dos olhares de pesquisadores dos mais diversos campos de conhecimento, mas, sobretudo, que a Filatelia seja considerada uma área de conhecimento sólida, o suficiente, para ser incorporada aos estudos das Ciências Sociais e Humanas, a partir de três dimensões: enquanto uma evidência de construção discursiva (selo postal em si), um processo de construção (Regime de Informação e Comunicação do selo postal), e uma construção de evidência discursiva (elementos verbovisuais).

Pois, que tudo isso fez, faz e fará parte das ações, sentimentos e vivências de uma pessoa individual, de um indivíduo, Eu. Eis porque, em síntese, mesmo que ainda existam incertezas, mesmo que mais perguntas possam ser postuladas foi construída uma ponte que permitiu a ligação entre o colecionador e o pesquisador, mais ainda, um sujeito humano com um pensamento filosófico em pleno desenvolvimento.

Quem diria, escolhi surfar uma onda em que me encontrei, me transformei e desse surf descobri, de forma sincera e apaixonada, que a minha coleção sou eu. Ainda, que sou livre, pois assumi a responsabilidade de engajamento diante de vigorosas contradições da minha contextualizada realidade.

Livre, porque arrisquei expor a relação entre as coisas e suas significações, entre os dados e o conjunto de interpretações que fazem sentido. Libertei a consciência da individualidade, da passiva e fatigada mesmice, e, como consequência, dei voz a disposições criativas e afirmativas do selo postal, do sê-lo e do selo.

REFERÊNCIAS

- ADMINISTRAÇÃO POSTAL DAS NAÇÕES UNIDAS: uma história de 25 anos. *Correio Filatélico ECT*, Rio de Janeiro. Ano 2, n. 25, p. 14-16. out. 1976.
- AGUIAR, João Valente. A imagem na cultura do pós-modernismo. *Tempo Social*, São Paulo. v. 22, n 1, p. 179-198, 2010.
- ALMEIDA, Cícero Antônio de; VASQUEZ, Pedro Karp. *Selos postais do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2003.
- ALSOP, Joseph. *The rare art traditions: the history of collecting and its linked phenomena*. New York: Princeton, 1982.
- ALTMAN, Dennis. *Paper ambassadors: the politics on stamps*. London: Angus and Robertson: 1991.
- APPADURAI, Arjun. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. London: Cambridge Press, 2003.
- APFELBAUM, Earl P. L. *Letter postage 250 B.C.* 2005. Disponível em: <<http://www.apfelbauminc.com/library/letterpostage250bc.html>>.
- ARAÚJO, Fransisco Firmino de. Os primeiros comemorativos do Brasil. *FILACAP*, São Paulo. n. 130, jun. 2001, p. 1.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.
- ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002. (IPRI, 4).
- ARPIN, Daniel. *The Penny Black, how to determine its value*. 2008. Disponível em: <<http://www.arpinphilately.com/blog/the-penny-black-how-to-determine-its-value/>>.
- ARTUNDO, Patricia M. Nuevos abordajes em la historia del coleccionismo em Rosario. In: a autora. *El coleccionismo de arte em Rosario: colecciones, mercado y exhibiciones, 1880-1970*. Buenos Aires: fund. Espigas, 2008.
- _____; FRID, Carina. *El coleccionismo de arte em Rosario: colecciones, mercado y exhibiciones, 1880-1970*. Buenos Aires: Fund. Espigas, 2008.
- BAADKE, Michael. *Postal cards are another stamped collectible*. 1999. Refresher Course. Disponível em: <http://www.linns.com/howto/refresher/postalstationery_19991206/refreshercourse.aspx>.
- BACCEGA, Maria Aparecida. O campo da Comunicação. In: BARROS FILHO, Clóvis de; CASTRO, Gisela (Orgs.). *Comunicação: práticas de consumo*. São Paulo: Saraiva, 2007. p. 79-86.
- BACHELARD, Gastón. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker, 2005.
- _____. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 2012.

_____. *As bases para uma teoria da imagem mediática*. Projeto de Pesquisa: 2010-2014. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br>>.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALDASARRE, María Isabel. *Los dueños del arte: coleccionismo y consumo cultural em Buenos Aires*. Buenos Aires [ARG]: Edhasa, 2006.

BARBEDO, Alfredo M. Do tropeiro ao carteiro. *Correio Filatélico da ECT*. Ano 1, n. 3, p. 15-19, dez. 1974.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBIER, Frédéric. *História do Livro*. São Paulo: Paulistana, 2008.

BARRIO, Angel-B Espina. *Manual de Antropologia Cultural*. Recife: Massangana, 2005.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa [Portugal]: Edições 70, 1987.

_____. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998

_____. *O império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social de gêneros diferenciados. IN: DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). *Charles Bazerman: gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-99.

BEALE, Philp. *England's Mail: two millennia of letter writing*. London: Tempus, 2005.

BEHRINGER, Wolfgang. *Thurn und Taxis: Die Geschichte ihrer Post und ihrer Unternehmen*. Munchen: Piper Verlag GmbH, 1990.

BELK, Russel. Acquiring, possessing and collecting: fundamental processes in consumer behavior. IN: BUSH, Ronald F.; HUNT, Shelby D. (Eds.). *Marketing theory: Philosophy of Science perspectives*. Chicago [EUA]: American Marketing Association, 1982. p. 185-190.

_____. Possessions and extended self. *Journal of Consumer Research*, Chicago. v. 15, n. 2, p. 139-168, sep. 1988.

_____; et al. Collectors and collecting. *Advances in Consumer Research*, Chicago. v. 15, p. 548-553, 1988a.

_____. *Collecting in a consumer society*. London: Routledge, 1995.

BELLIDO, Raul Paul Remijio de. *O colleccionador de sellos*. ed. fac-similar. São Paulo: Gril, 2004. 4 v.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo e educação*. São Paulo: Summus, 1984.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: o autor. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196. (Obras escolhidas, v. 1).

_____. Comércio de selos. In: o autor. *Rua de mão única*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 57-60. (Obras escolhidas, v. 2).

_____. Armários. In: o autor. *Rua de mão única*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 122-125. (Obras escolhidas, v. 2).

_____. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: o autor. *Rua de mão única*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 227-235. (Obras escolhidas, v. 2).

_____. O Flâneur. In: o autor. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Obras escolhidas, v. 3).

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. Impressos e liberdade: nota para uma história da tipografia em Pernambuco (1817-1850). IN: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 191-204.

BERNHARDT, Stephen. Seeing the text. IN: HANDA, Carolyn. (Orga.). *Visual rhetoric in a digital world: a critical sourcebook*. Bedford: Boston; Saint Martin: New York, 2004. p. 94-106.

BERNSTEIN, Sam. *Private passions: connoisseurship in collecting chinese art*. San Fransisco [EUA]: S. Bernstein, 1998.

BETHELL, Leslie (Orga.). *História da América Latina: América latina colonial*. 2. ed. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008. v. 1.

BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BLOOM, Jonathan M. *Paper before print: the history and impact of paper in the islamic world*. New Haven; London: Yale University Press, 2001.

BLOY, Marjie. The Congress of Vienna. IN: LANDOW, George P. *The Victorian Web*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/history/forpol/vienna.html>>.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. 3. ed. Belo Horizonte [MG]: Autêntica, 2011. (História e Reflexões, 4).

BOUCHEZ, Robert; LAURENT, Claire. O homem e a invenção. In: POIRIER, Jean. *História dos costumes*. Lisboa: Estampa, 2006. p. 17-58. v. 10.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: EDISP/Zouk, 2003.

BOYER, Christian. Article "Baptême", 2007. Disponível em: <<http://www.christianboyer.com/philatelie/Bapteme.htm>>.

BOYM, Svetlana. *The future os nostalgia*. New York: Basic Books, 2001.

BRADLEY, Glenn D. *The Story of the Pony Express: an account of the most remarkable mail service ever in existence, and its place in history.* [S.l.: s.n.]. 2010. (Projeto Gutenberg, 4671). Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/dirs/4/6/7/4671/4671.txt>>.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.* Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. (Orga.). *Bakhtin: conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Orga.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. Ministério das Comunicações. Portaria nº 500, de 08 de novembro de 2005. *Lex:* altera a Portaria MC nº 818, de 17 de julho de 1996, e a Norma nº 10/96. Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais. Disponível em: <www.correios.com.br>.

_____. Ministério das Comunicações. Decreto nº 7.483, de 16 de maio de 2011. *Lex:* aprova o Estatuto Social da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7483.htm>.

BRIGGS, Ana; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet.* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRITISH POSTAL MUSEUM AND ARCHIVE. Stamp Printing and Perforations, 2011. Disponível em: <<http://postalheritage.org.uk/page/victorian-printing>>.

_____. *Sir Rowland Hill.* 2011. Disponível em: <<http://postalheritage.org.uk>>.

_____. *Free Post.* 2011. Disponível em: <<http://postalheritage.wordpress.com/2011/12/09/free-post/>>.

BROWN, Jonathan. *Kings and connoisseurs: collecting art in seventeenth-century Europe.* Princeton: Princeton University Press, 1995.

BUCKLAND, Michael, K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS).* v. 42, n. 5, p. 351-360, jun., 1991. Disponível em : <<http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND%281991%29-informationasthing.pdf>>.

BURDICK, Jefferson. *Pioneer Post Cards: The Story of Mailing Cards to 1898.* New York [EUA]: Nostalgia Press, 1964.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800.* 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *Uma História Social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *Testemunha ocular: história e imagem.* São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. *A República da Letras Européia: 1500-2000. Estudos Avançados,* São Paulo. v. 25, n. 72, 2011.

CABANNE, Pierre. *Collectors.* New York [EUA]: Farrar Straus, 1963.

CAMPBELL-SMITH, Duncan. *Masters of the post.* The authorized history of the Royal Mail. London: Penguin Books, 2011.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede.* 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico: a criação humana I.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHAFEZT, Don. *iPod touch*. 2009. Disponível em: <<http://dpsworkshop.wordpress.com/2009/03/10/ipod-touch/>>.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: LARA, Gláucia Muniz Proença, et al (Orga.). *Análises do Discurso Hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 11-30.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CHILD, Jack. *Miniature messages: the semiotics and politics of Latina American postage stamps*. London: Duke, 2008.

CÍRCULO dos selos. *Lupa*. 2011. Disponível em: <http://circulo-dos-selos.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html>.

CIVITA, Richard. *Manual do filatelista mirim*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1.

_____. *Manual do filatelista mirim*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 2.

CIVITA, Victor (Ed.). *Selos de Todo Mundo - Manual do Filatelista*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

COCA PÉREZ, José Luiz. *Análisis el mercado financiero de bienes tangibles: el caso particular de la filatelia financiera*. Madrid: Univ. Complutense, 1998. Teses de Doutorado.

CODET, Henri. *Essai sur le collectionisme*. Paris: Jouve Éiteurs, 1921.

COMELLI, Paulo. *A folha completa do 60 Réis Olho De Boi*. 2004. Disponível em: <<http://www.comelliphilatelista.com/gemas2.asp?id=61>>.

COOPER, Douglas. *Les grandes collections privées*. Paris: Plon, 1963.

COOPERATIVISMO E A FILATELIA: UPU. *Correio Filatélico ECT*, Rio de Janeiro. Ano 2, n. 16, p. 10-12. jan. 1976.

CORREIOS. *Nono Encontro Paulistano de Filatelia*, 2010. Disponível em: <<http://blog.correios.com.br/correiosonline/wp-content/uploads/2010/08/exposicao2.jpg>>.

_____. *Selo Personalizado*, 2013. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/produtosaz/>>.

COSTA, Cláudio. *Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005. (Aprender e ensinar com textos, 12).

COSTA, Paulo de Freitas. *Sinfonia de objetos: a coleção de Ema Gordon Kablin*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

COUCHOT, Edmond. *A tecnologia da arte: da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; ROCHBERG-HALTON, Eugene. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge Press, 1981.

CUNHA FILHO, Paulo C. A representação visual da memória: imagens e melancolia na cidade periférica. In: PRYSTHON, Ângela. (Orga.). *Imagens da cidade*. Porto Alegre: Sulinas, 2006. p. 219-234.

D. MANUEL I. *Carta Régia de 6 de novembro de 1520*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Livro 37, f. 98. (Chancelaria de D. Manuel I).

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

DAMODARAN, Aswath. *Avaliação de investimentos*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

DARNTON, Robert. O poder das bibliotecas. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Caderno Mais, 15 abr., 2001. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1504200105.htm>.

DeFLEUR, Melvin Lawrence; Ball-Rokeach, Sandra. *Teorias de comunicação de massa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. RJ: Ed. 34, 1992.

_____; GUATTARI, Felix. *O que é a Filosofia?* RJ: Ed. 34, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DICKENS, Charles. The great british gum secret. *Household Words*, London. 20 mar. - 8 set., 1852. v. 5, n. 104-129. p. 202. Disponível em:<<http://www.archive.org/>>.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sóciocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

DITTMAR, Helga. *The social psychology of material possessions: to have is to be*. New York: St. Martin's Press, 1992.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2006.

DUBOIS, Philippe. *El acto fotográfico*. Barcelona: Paidós. 1986.

_____. *Cinema, vídeo, Godard*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso: ou progresso como ideologia?* São Paulo: Ed. da UNESP, 2006.

ECO, Humberto. *O conceito de texto*. São Paulo: EDUSP, 1984.

_____. *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELKINS, James. *The object stares back: on the nature of seeing*. New York: Simon e Schuster, 1997.

ELLIOTT, John Huxtable. A conquista espanhola e a colonização da América. IN: BETHELL, Leslie (Orga.). *História da América Latina: América latina colonial*. 2. ed. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008. p. 135-194. v. 1.

ELSNER, John; CARDINAL, Roger (Orgs.). *The cultures of collecting*. London: Reaktion Books, 1994.

ENCICLOPÉDIA Conhecer. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ESQUIROL, Josep Maria. *O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia*. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. UNB, 2008.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3. ed. 8. reimpr. São Paulo: Globo, 2008. p. 82-83.

FEVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Lisboa [Portugal]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. *Symposium*, Recife. Ano 5, n. 1, p. 14-26, jan./jun. 2001.

FERGUSON, Niall. *Empire: the rise and demise of the British world order and the lessons for global power*. New York: Basic books, 2004.

FERREIRA, Luis Eugênio. *Um certo olhar pela Filatelia*. Lisboa: Clube Nacional de Filatelia, 2003.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Melhoramento; EDUSP; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FERREIRA, Sandro de Freitas. Avaliação de bens tangíveis: uma aplicação do método de preços hedônicos para avaliar atributos raros de peças filatélicas na construção de carteiras eficientes. 2008. 87 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Faculdade de Economia e Administração, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

FERREZ, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

FISCHER, Steven Roger. *História da Leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

FIORNI, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FLUSSER, Vilém. *Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica*. Relógio D'Água: Lisboa, 1998.

_____. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

FOLASEN, Freya. *James Pollard and The Age of the Coach*. 2009. The British Postal Museum and Archive. Disponível em: <<http://postalheritage.wordpress.com/2009/07/10/james-pollard-and-the-age-of-the-coach>>.

FOELKEL, Celso. Aspectos da evolução tecnológica da fabricação da celulose e do papel. *Ciência e Ambiente*, Santa Maria. n. 40, p. 49-59, jan./jun. 2010.

FONTANILLE, Jacques. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Porto Alegre [RS]: Sulina, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FROHMANN, Bernd. Documentation Redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. *Library Trends*, Illinois. v. 52, n. 3, p. 387-407, 2004. Disponível em: <<https://www.i-deals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1683/Frohmann387407.pdf?sequence=2>>.

FRUTIGER, Adrian. *Sinais e Símbolos: desenho, projeto e significado*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GABRIEL, Martha. *Educar: a revolução digital na educação*. São Paulo: Saraiva, 2013.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Um impresso se populariza: o caso dos folhetos de cordel. IN: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 567-584.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GLEICK, James. *The Information: a history, a theory, a flood*. New York: Pantheon books, 2011.

GOLBERG, Vicki. *The power of photography*. New York: Abbeville, 1991.

GOLDEN, Catherine J. You need to get your head examined: the unchanging portrait of Queen Victoria on nineteenth-Century British Postage Stamps. IN: LERA, Thomas (ed.). *The Winton M. Blount Postal History Symposia: selected papers, 2010-2011*. Washington [DC]: Smithsonian Institute Scholarly Press, 2012. p. 19-26.

GOMBRICH, Ernst Hans. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GOMES, Maria Carmen Aires. *A prática sócio-institucional do licenciamento ambiental: a tensão entre os gêneros discursivos, discursos e vozes*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo. v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GUATTARI, Felix. Da produção da subjetividade. In: PARENTE, André. (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 177-191.

GUSDORF, Georges. *A fala*. Porto: Despertar, 1970.

HABERMAS, Junger. *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Lisboa: Edições 70, 2006.

HARLEY, John. Brian. Maps, knowledge, and power. IN: COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen. (Eds.). *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. New York [EUA]: University Cambridge Press, 1988. p. 277-312.

HEADRICK, Daniel R. *When information came of age: technologies of knowledge in the age of reason and revolution, 1700-1850*. New York: Oxford, 2000.

_____. *Technology: a world history*. New York: Oxford, 2009.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *Scientiæ Studia*, São Paulo. v. 5, n. 3, p. 375-98, [1953], 2007.

HERNANDÉZ, Fernando. *Catadores de cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERRMANN, Frank. *The english as collectors: a documentary sourcebook*. London: John Murray, 1999.

HILL, Rowland. *Post Office Reform: its importance and practicability*. London: W. Clowes and sons, 1837. Mimeo.

HIRWADE, Mangala Anil; NAWLAKHE, Ujwala Anil. Postage stamps and digital philately: worldwide and Indian scenario. *The International Information and Library Review*. n. 44, p. 28-39, 2012.

JAGUARIBE, Hélio. *Um estudo crítico da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 1.

JAY, Martin. What is an image? *New Literarly History*. v. 15, n. 3, p. 503-537, 1984.

_____. Vision in context : reflections and refractions. IN : BRENNAN, Teresa; JAY, Martin. (Orgs.). *Vision in context: historical and contemporary perspectives on sight*. London: Routledge, 1996, p. 1-14.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 9. ed. Campinas [SP]: Papyrus, 2005.

KEEGAN, John. *Uma história de guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

KENT, Emerson. *Historical Map of Marco Polo Travels Between 1271 and 1295*. 2013. Disponível em: <http://www.emersonkent.com/map_archive/marco_polo_travels.htm>.

KLEIN, Naomi. O que é o capitalismo do desastre? *Revista Cult*, São Paulo. Ano 11, n. 125, p. 8-14, jun. 2008.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia. v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

_____. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90*, Porto Alegre. v. 15, n. 28, p. 151-168, dez., 2008.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e Historia*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê, 2009.

LAMONICA, Roberto de. De Lamonica, ou a arte de se dar ao pobre. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 nov. 1972. Caderno B, p. 10. Disponível em: <news.google.com/newspapers>.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LECOQ, Henri. *Annales scientifiques, industrielles et statistiques de l'Auvergne*. France: Clermont-Ferrand, 1828. v. 1. <Disponível em: <http://books.google.com.br/>>.

LEE, Stan; GIRAUD, Jean. *Surfista Prateado - Parábola*. Nova York [EUA]: Marvel Comics, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas [SP]: Ed. da UNICAMP, 2006.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Princípios de Filosofia ou Monadologia*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/Universidade Nova de Lisboa, 1987.

LEITE, Serafim. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

LIDMAN, David; APFELBAUM, John. *The World of Stamps & Stamp Collecting*. Chapter 1. 2011. Disponível em: <http://www.apfelbauminc.com/JohnsBook/JohnsBook_chapter1.htm>.

LIPMAN, Jean. *The collector in America*. New York [EUA]: Viking, 1970.

LISSOVSKY, Maurício. *A fotografia e a pequena história de Walter Benjamin*. 1995. 127 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <<http://www.dobrasvisuais.com.br/wp-content/uploads/2012/02/A-fotografia-e-a-pequena-hist%C3%B3ria-de-Walter-Benjamin.pdf>>.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

MACEDO, Reinaldo Estevão de. *Bilhete Postal – Brasão do Império de 20 réis*. 1988. Disponível em: <<http://www.ctc-campinas.org.br/site/artigos/filatelia/110-bilhete-postal-brasao-do-imperio-20-reis>>.

MACEDO, Sheyla Smanioto; DIAS, Susana; VOGT, Carlos. Papel do futuro, futuro de papel. *Ciência e Meio Ambiente*, Santa Maria [RS]. v. 1, n. 40, p. 7-20, 2010.

MACHADO, Arlindo. *O quarto Iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

MACHADO, Irene. Entrevista. *Rastros*, Joinville [SC]. v. 7, n. 7, p. 70-75, 2006.

MACHADO, Paulo Sá; QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Dicionário de Filatelia*. Lisboa: ASA, 1994.

MACIEL, Maria Esther. Exercícios de classificação, jogos de ficção: Peter Greenaway à luz de Jorge Luis Borges. In: a autora. *A memória das coisas*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2004. p. 27-35.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2007.

_____. Os discursos constituintes. IN: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. (Orgs.). *Cenas de enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

_____. *A cidade das palavras*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT, 2001.

MARCHAND, Patrick. *Le maître de poste et le messenger: une histoire du transport public en Franca au temps du cheval: 1700-1850*. Paris: Belin, 2006.

MARGARY, Ivan Donald. *Roman Roads in Britain*. 3. ed. London [UK]: John Baker, 1973. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Roman_roads_in_Britain>.

MARGULIES, Marcos. *O Brasil através dos Selos: os construtores da pátria*. Rio de Janeiro, Bloch, 1971. v. 1.

MARSON, Izabel Andrade. *Selos comemorativos: fragmentos da história do Brasil*. São Paulo: Empresa das Artes. 1989.

MARTINO, Luiz C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata V. de. (Orga.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

MASIP, Vicente. *História da Filosofia ocidental: vida, obras, pensamento e terminologia específica dos filósofos*. São Paulo: EPU, 2001.

MASPERÓ, Gaston. *History of Egypt, Chaldea, Syria, Babylonia and Assyria*. London: Grolier, 2009. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/28876/28876-h/28876-h.htm>>.

MAUAD, Ana Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica: Rio de Janeiro (1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

McINTOSH, William; SCHMEICHEL, Brandon. Collectors and collecting: a social psychological perspective. *Leisure Sciences*, v. 26, n. 1, p. 85-97, jan./mar. 2004.

MEIRA, Sílvio. *Quem é o consumidor digital?* 2012. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/silviomeira/blog/2012/10/23/quem-o-consumidor-digital-111/>>.

MELLO, Eduardo Cavalcanti de. *Guia dos Editais, Envelopes de Primeiro Dia de Circulação e Máximos Postais emitidos pelos Correios do Brasil: 1965-2003*. João Pessoa: Novo Mundo. 2004.

MELLO E SOUZA, J. B. de. *Ésquilo: Prometeu acorrentado*. [s.l]: E-Book Brasil, 2005. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/prometeu.pdf>>.

MENEGAT, Rualdo. (Ed.). *Episteme*, Porto Alegre. n. 20, jan./jun. 2005.

_____. O mundo nas coleções de nossos encantos. *Episteme*, Porto Alegre. n. 21, jan./jun. 2005a. Suplemento Especial.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

_____. Rumo a uma História Visual. IN: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby. (Orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru [SC]: EDUSC, 2005. Cap. 2.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Debates, 40).

MERLO, José M. *Sistemas de impresión en los sellos postales argentinos*. Buenos Aires: Integración Gráfica, 1985.

MEYER, Peter. *Catálogo de Selos do Brasil*. 49. ed. São Paulo: RHM, 1993. v. 1.

_____. *Catálogo de Selos do Brasil*. 56. ed. São Paulo: RHM, 2008.

_____. *Catálogo de Selos do Brasil*. 58. ed. São Paulo: RHM, 2013.

- MILANESI, Luís. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MILLER, Tom O. Memória Patrimonial: estudo arqueológico dos carimbos postais do Brasil. *Mneme - Revista de Humanidades*, Natal [RN]. v. 9, n. 23, p. 133-178. 2008.
- MIRANDA, Antônio. *O que é Cartofilia?* Brasília [DF]: Thesaurus; Sociedade Brasileira de Cartofilia, 1985.
- MITCHELL, W. J. Thomas. *Iconology: image, text and ideology*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MONTAIGNE, Michel de. Sobre Demócrito e Heráclito. IN: o autor. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. v. 1, cap. 50, p. 266-267. (Os Pensadores).
- MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio. *Concepto introductorios al estudio de la información documental*. Lima [Peru]: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.
- MOTTHA-ROTH, Désirré. A visão de editores sobre o gênero resenha acadêmica. *Intercâmbio*, São Paulo. v. 7, p. 127-135, 1998.
- MUENSTERBERGER, Werner. *Collecting: an unruly passion*. New Jersey: Princeton, 1994.
- MUIR, Douglas N. *Postal reform and the Penny Black: a new appreciation*. London: National Postal Museum, 1990.
- MUSEU POSTAL DA FRANÇA. *Une poste européenne avec les grandes maîtres des postes de la famille de la Tour et Tassis*. Paris: Musée Postal, 1978.
- _____. *La poste durant la Révolution: 1789-1799*. Paris: Musée Postal, 1989.
- NAGAMINI, Marilda. 1808 - 1889: ciência e técnica na trilha da liberdade. In: MOTOYAMA, Shozo. *Prelúdio para uma História: ciência e tecnologia no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 135-183.
- NATIONAL PARK SERVICE. *Maps*, 2013. Disponível em: < <http://www.nps.gov/poex/planyourvisit/maps.htm>>.
- NAVARRO, Roberta Maria Salvador. Estudo de diferentes processos de obtenção da pasta celulósica para fabricação de papel. *Revista Ciências e Tecnologias*, Recife. Ano 1, n. 1, jul.-dez. 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/revista_e/artigo.pdf>.
- OLSON, David. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997.
- O'KEFFE, Donna (Ed.). *Stamp identifier*. 7. ed. Ohio [EUA]: Linn's Stamp News, 2001.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas [SP]: Pontes, 2001.
- _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas [SP]: UNICAMP, 2007.
- OSLEY, Julian. *Built for service: post office architecture*. London: The British Postal Museum and Archive, 2010.
- PAIRAULT, François. *Images de poilus: la grande guerre em cartes postales*. Paris: Tallandier, 2002.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. 2. ed. Belo Horizonte [MG]: Autêntica, 2004. (História e Reflexões, 1).

PANDYA, Prashant H. *Social Philately*. 2009. Disponível em: <<http://www.vadophil.org/stampmania2009/Social%20Philately.pdf>>.

PARENTE, André. Os paradoxos da imagem-máquina. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 7-33.

PARRY, Roger. *A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PAUWELS, Luc (Ed.). *Visual Cultures of Science: rethinking representational practices in knowledge building and science communication*. New Hampshire: University of New England Press, 2006.

PEARCE, Susan M. *Museums, objects and collections: a cultural study*. Washington: Smithsonian, 1993.

_____. *Interpreting objects and collections*. (Org.). London; New York: Routledge, 1994.

_____. *On collecting: an investigation into collecting in the European tradition*. London; New York: Routledge, 1995.

_____. *Collecting in contemporary practice*. London: Sage, 1998.

PENNY Black Store. *The Postal Reforms*. 2011. Disponível em: <<http://www.pennyblackstore.blogspot.com.br/2011/06/sir-roland-hills-postal-reforms.html>>.

PÉREZ TAPIAS, José Antonio. *Internautas e naufragos: a busca do sentido na cultura digital*. São Paulo: Loyola, 2006.

PESSANHA, José Américo Motta. Vida e obra. IN: DESCARTES, René. *Descartes*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 21. (Os Pensadores).

PHILAFRENZY. *Stampex*. London, 2011. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:spring_Stampex_2011.jpg>.

PINCELLI, Renato. *A Batalha de Talas*. Hypercubic: uma dimensão a mais, 2010. Disponível em: <<http://hypercubic.blogspot.com.br/2010/10/conflitos-esquecidos-6-batalha-de-talas.html>>.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. IN: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirré. (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru [SP]: EDUSC, 2002. p. 259-290.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v.

PLÁCIDO e SILVA, Oscar Joseph. *Vocabulário Jurídico*. 28. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

POIRIER, Jean (Org.). *História dos costumes: o reino humano*. Lisboa: Estampa, 2006.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: GIL, Fernando. *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. v. 1.

_____. *Collectors and curiosities: Paris and Venice, 1500-1900*. London: Polity Press, 1990.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTO JUNIOR, Rubem. *Você sabe o que são filigranas?* 2007. Disponível em: <<http://marin selos.blogspot.com.br/2007/11/voc-sabe-o-que-so-filigranas.html>>.

- QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Introdução ao estudo da filatelia*. Brasília: o autor, 1980.
_____. *Dicionário do Filatelista*. Brasília [DF]: Thesaurus, 1988.
- RAENTO, Paullina; BRUNN, Stanley. Visualizing Finland: postage stamps as political messengers. *Geografiska Annaler*, n. 87, p. 145-164, 2005.
- RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RENCIÉRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- REDE, Marcelo. Documentos cuneiformes inéditos do Museu do Louvre: os arquivos da Família Sanum. *Classica*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 126-154, 2006.
- REID, Donald. M. the symbolism of postage stamps: a source for the historian. *Journal of Contemporary History*. London. v. 19, p. 223-249, 1984.
- RHEIMS, Maurice. *The strange life of objects: 35 centuries of art collecting and collectors*. New York: Atheneum, 1961.
- RIBEIRO JÚNIOR, Geraldo de Andrade. Filatelia e Cartofilia. IN: DALTOZO, José Carlos. *Cartão Postal, arte e magia*. Presidente Prudente [SP]: Gráfica Cipola, 2006
- RICKMAN, Catherine; BALL, Stephen. Conservação de obras de arte em papel: gravuras, desenhos e aquarelas. In: MUSEUMS, Libraries and Archives Council (MLA). *Conservação de coleções*. São Paulo: EDUSP; VITAE, 2005. p. 103-110. (Coleção: Museologia, Roteiros Práticos, 9).
- RICOEUR, Paul. *A memória, a História, o esquecimento*. Campinas [SP]: Ed. da UNICAMP, 2007.
_____. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2008.
- ROCHA, Elisa. *Fragmentos de Museus: pensando a experiência museal no Recife*. 2013, 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- ROSÁRIO, Arthur Bispo do; BORGES, Jorge Luís; GREENAWAY, Peter. A memória das coisas. IN: MACIEL, Maria Esther. (Orga.). *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2004. P. 13-26.
- ROSÁRIO, Irari de Oliveira. *Três séculos e meio da história postal brasileira: 1500-1843*. Rio de Janeiro: ECT, 1933.
- ROSENBLUM, Larry. *The Wyon medal and the Penny Black*. GBStamps.com, 2003. Disponível em: <http://www.gbstamps.com/machins/album/story/story_01a.html>.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- ROSSITER, Stuart; FLOWER, John. *World History Stamp Atlas*. London: Macdonald and Company, 1986.
- ROTH, Philip. *O complexo de Portnoy*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- SABBATINI, Marcelo. *Publicações eletrônicas na Internet*. São Caetano do Sul: Yendis, 2005.

SAKAL, Sérgio Eduardo. *Estado de Berlim*. 2010, Disponível em: <http://www.girafamania.com.br/introducao/zoos_alemanhestado_berlim.html#thurn>.

_____. *Selos personalizados e selos despersonalizados*. 2012. Disponível em: <<http://www.girafamania.com.br/introducao/acontece.html>>.

SALAVERRÍA, Ramón. Estructura de la convergência. IN: LÓPEZ GARCÍA, Xosé; PEREIRA FARIÑA, Xosé. (Orgs.). *Convergencia Digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela [Espanha]: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

SALCEDO, Diego Andres. *A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000*. Recife: EDUFPE, 2010.

_____. *Pernambuco nos selos postais*. Recife: FacForm, 2011.

_____; SANTANA, Adriana Maria Andrade de. Memory and representation of Brazilian journalism: the case of postage stamp. *Brazilian Journalism Research*. v. 6, p. 41-57, 2010.

SALGADO, Damian R. *Numismática: concepto y metodología*. Buenos Aires: Letra Viva, 2009.

SAMPAIO, Ana Lúcia Loureiro. *Filatelia*. São Paulo: João Scortecci, 1992.

SÁNCHEZ, Yvette. *Coleccionismo y literatura*. Madrid: Cátedra, 1999.

SANCHEZ, Giovana. Piratas já foram 'funcionários' de reis em ações nos mares. *Globo.com*, 29 nov. 2008, G1. Disponível em: <<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/foto>>.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 2. reimpr. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SARFARI, Georges-Élia. *Princípios de análise do discurso*. São Paulo: Ática, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SARMENTO, Lourdes. *Early stages in communication*. Rio de Janeiro: TEJEBRASIL, 1981.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. São Paulo: Planeta, 2005.

SCHIPPER, Liana Pérola. *Atlas de história mundial*. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 2001.

SCOTT, David. National icons: the semiotics of the French stamp. *French Cultural Studies*, n. 3, p. 215-234, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. *European stamp design: a semiotic approach to designing messages*. London: Academy Editions, 1995.

_____. The semiotics of the lieu de mémoire: the postage stamp as a site of cultural memory. *Semiotica*, v. 142, n. 1-4, p. 107-124, 2002.

SELDIS, Henry. *Hollywood collects*. Los Angeles [EUA]: Otis Art Institute, 1970.

SELOS: uma coleção de selos originais de 104 países. Rio de Janeiro: Globo, 1992.

SILVA, Sérgio Marques da. *Selos Postais no Mundo*. São Paulo: João Scortecci, 1995.

SILVA, Armando Malheiros da. *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto [Portugal]: Afrontamento, 2006.

STANDARD Postage Stamp Catalogue: United States, United Nations and Countries of The World: A - B. 158. ed. Ohio: AMOS, 2002. v. 1.

_____. 158. ed. Ohio: AMOS, 2002. 7 v.

STRAY, Julian. *Moving the mail: by road*. London: The British Postal Museum and Archive, 2006.

_____. *Post offices*. London: Shire; The British Postal Museum and Archive, 2011.

_____. *Mail trains*. London: Shire; The British Postal Museum and Archive, 2012.

_____. *Map of mail steamship routes*. London: The British Postal Museum and Archive, 2012a.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. A utilização da imagem para discutir questões complexas de Filosofia: representação, crise da representação e desconstrução. *Ensaio filosófico*, Rio de Janeiro. v. 2, p. 64-86, out. 2010.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOTILO, Caroline Paschoal. Fragmentos de memória: o cartão-postal: a febre e o fascínio no início do Século XX. ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO (ALCAR), 6, 2008, Niterói. *Anais...* Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1>>.

SOUZA, Leonilia Gabriela Bandeira de SOUZA. O correio é a alternativa. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO (ALCAR), 7, 2009, Fortaleza. *Anais...* Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1>>.

STEPHENS, Glen. *Australia to personalize new stamps with photographs of show visitors*. 1999. Disponível em: <<https://www.glenstephens.com/linnsMarch22-99.html>>.

STEWART, Susan. *On logging: narratives of the miniatures, the gigantic, the souvenir, the collection*: Durham; London: Duke university Press, 1993.

TACCA, Fernando de. Fotografia e olhar totalitário: uma análise da imagem nazista. *Imagens*. Campinas. n. 5, p. 99-105, 1995.

_____. *A imagética da Comissão Rondon*. Campinas: Papirus, 2001.

TAJANI, Angelo. Important plan for the recovery of several papermills on the Amalfi Coast. *Journal of the International Association of Paper Historians*, v. 14, n. 1, p. 4-7, 2010. Disponível em: <www.paperhistory.org>.

TAYLOR, Francis Henry. *Artistas, príncipes y mercaderes: historia del coleccionismo desde Ramsés a Napoleón*. Barcelona: Luis de Caralt, 1960.

THE POSTAL MUSEUM. 2011. Disponível em: <http://www.touregypt.net/egypt-info/museums-postal-postal_museum.htm>.

THE PRINTING OF UNITED NATIONS STAMPS. *Philatelic Database*, 2010. Disponível em: <<http://www.philatelicdatabase.com/united-states/the-printing-of-united-nations-stamps-1956/>>.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011,

TIBURI, Márcia. Medialidade: império e religião dos meios. *Revista Cult*, São Paulo. Ano 15, n. 171, p. 24, ago. 2012.

_____. Imagem como capital. *Revista Cult*, São Paulo. Ano 15, n. 172, p. 45, set. 2012.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América: leis e costumes*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TORRES LONDOÑO, Fernando. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 43, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100002&lng=en&nrm=iso>.

TSIEN, Tsuen-Hsui. Raw Materials for Old Papermaking in China. *Journal of the American Oriental Society*, v. 93, n. 4, p. 510-519, out./dez. 1973.

TURKLE, Sherry. (Orgs.). *Evocative objects: things we think with*. Cambridge: MIT, 2011.

UNIÃO POSTAL DAS AMÉRICAS, ESPANHA E PORTUGAL (UPAEP). *Bases para la organización de servicios filatélicos*. Montevideu: 2006. Disponível em: <<http://www.upaep.com.uy>>.

UNIVERSAL POSTAL UNION. *O que é um número WNS?* 2002. Disponível em: <<http://www.wnsstamps.ch/en/wnsnumber/po>>.

VAINSENER, Semira Adler. *Zepelim*. 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=120&Itemid=1>.

VAILLÉ, Eugéne. *História breve do selo postal*. Lisboa: Verbo, 1962.

VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. São Paulo: Loyola, 2003.

VILLANI JUNIOR, Adhemar. *Evidências empíricas de leilões na Internet: selos na e-Bay*. São Paulo: [s. n.], 2001. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/tese/disponiveis/12/12138/tde-18012002-194111/>>.

VIRILIO, P. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

VIZER, Eduardo Andrés. *A trama (in)visível da vida social: comunicação, sentido e realidade*. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

WEIL, Françoise. O Homem e o livro. In: POIRIER, Jean. *História dos costumes*. Lisboa: Estampa, 2006. p. 169-196. v. 10.

WHEELOCK JR., Arthur. *A collector's cabinet*. Washington [DC]: National Gallery of Art, 1998.

WILLIAMS, Leon Norman; WILLIAMS, Maurice. *A filatelia: história e iniciação*. Lisboa: Ulisseia, 1965.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas: segunda parte*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Loyola, 2007.

ZUFFO, João Antônio A. A convergência digital e a interpenetração de mercados nas tecnologias da informação. *Revista Fonte*, Belo Horizonte [MG]. v. 2, n. 3, jul.-dez., 2005. p. 72.

ANEXO A - Texto satírico intitulado "O grande segredo britânico da cola", escrito e veiculado no Jornal dirigido por Charles Dickens, o 'Household Words'.

"THE GREAT BRITISH GUM SECRET

In the course of inquiries, by which we were enabled to draw up the article on Queen's Heads (vol. iv., p. 510), we were shown, in the "adhesive" department of Messrs. Perkins and Company's establishment, several large barrels filled with a fine powder, of a dark straw colour. This powder is, we were told, the basis of the adhesive paste with which the backs of postage labels are coated. "It is composed of 1" we asked, helping the tip of the tongue with a taste of it.

"That," said our cicerone, "was a secret." We have since learnt the mighty secret. In journeying from Dublin westward, by the banks of the Liffey, we pass the village of Chapelizod, and hamlet of Palmerstown. The water power of the Liffey has attracted manufacturers at different times, who, with less or greater success, but, unfortunately, with a general ill- success, have established works there. Paper-making, starch-making, cotton-spinning and weaving, bleaching and printing of calicoes, have been attempted. But all have been in turn abandoned, though occasionally renewed by some new firm or private adventurer. Into the supposed causes of failure it is not here necessary to inquire. The manufacture of starch has survived several disasters. The article British gum, which is now so extensively used by calico-printers, by makers up of stationery, by the Government in postage stamp making, and in various industrial arts, was first made at Chapelizod. Its origin and history are somewhat curious. The use of potatoes in the starch factories excited the vehement opposition of the people, whose chief article of food was thus consumed and enhanced in price. These factories were several times assailed by angry multitudes, and on more than one occasion set on fire by means never discovered. The fires were not believed to have been always accidental. On the fifth of September, 1821, George the Fourth, on his return to England from visiting Ireland, embarked at Dunleary harbour, near Dublin. On that occasion the ancient Irish name of Dunleary was blotted out, and in honour of the royal visit that of Kingston was substituted. In the evening the citizens of Dublin sat late in taverns and at supper parties. Loyalty and punch abounded. In the midst of their revelry a cry of "fire" was heard. They ran to the streets, and some, following the glare and the cries, found the fire at a starch manufactory near Chapelizod. The stores not being of a nature to burn rapidly, were in great part saved from the fire, but they were so freely

deluged with water, that the starch was washed away in streams ankle-deep over the roadways and lanes into the Liffey. Next morning, one of the journeymen block-printers whose employment was at the Palmerstown print-works, but who lodged at Chapelizod woke with a parched throat and headache. He asked himself where he had been. He had been seeing the King away; drinking, with thousands more, Dunleary out of, and Kingston into, the map of Ireland. Presently, his confused memory brought him a vision of a fire: he had a thirsty sense of

having been carrying buckets of water; of hearing the hissing of water on hot iron floors; of the clanking of engines, and shouts of people working the pumps; and of himself tumbling about with the rest of the mob, and rolling over one another in streams of liquefied wreck, running from the burning starch stores. He would rise, dress, go out, inquire about the fire, find his shopmates, and see if it was to be a working day, or once again a drinking day. He tried to dress; but a hoo! His clothes were gummed together. His coat had no entrance for his arms until the sleeves were picked open, bit by bit; what money he had left was glued into his pockets; his waistcoat was tightly buttoned up with what 1 Had he been bathing with his clothes on, in a sea of gum-arabic that costly article used in the print-works 1. This man was not the only one whose clothes were saturated with gum. He and four of his shopmates held a consultation, and visited the wreck of the starch factory. In the roadway, the starch, which, in a hot, calcined state, had been watered by the fire-engines the night before, was now found by them lying in soft, gummy lumps. They took some of it home; they tested it in their trade; they bought starch at a chandler's shop, put it in a frying-pan, burned it to a lighter or darker brown, added water, and at last discovered themselves masters of an article, which, if not gum itself, seemed as suitable for their trade as gum-arabic, and at a fraction of the cost. It was their own secret; and, could they have conducted their future proceedings as discreetly as they made their experiments, they might have realised fortunes, and had the merit of practically introducing an article of great utility one which has assisted in the fortune-making of some of the wealthiest firms in Lancashire (so long as they held it as a secret), and which now the Government of the British empire manufacture for themselves. Its subsequent history is not less curious than that just related. Unfortunately for the operative block-printers, who discovered it, their share in its history is soon told. It is said that six of them subscribed money to send one of their number to Manchester".

ANEXO B - Ministério das Comunicações, Portaria nº 500, 8.11.2005

O MINISTRO DE ESTADO DAS COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, parágrafo único, inciso II, da Constituição, resolve:

Art. 1º Estabelecer os critérios e procedimentos para a elaboração do Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Art. 2º Para os fins desta Portaria são adotadas as seguintes definições:

I - Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais -programação que contém informações sobre os selos comemorativos e especiais a serem emitidos no decorrer do ano;

II - Selo Comemorativo - selo postal de tiragem limitada, alusivo à comemoração de data de destaque no segmento sócio-cultural, com repercussão nacional ou internacional;

III - Selo Especial - selo postal temático não-comemorativo, de tiragem limitada; IV - Tema - assunto ou argumento de onde são extraídos e definidos os motivos focalizados nos selos postais, conforme especificado no art. 3º desta Portaria;

V - Motivo - é a especificação de um tema, representada no selo pelas imagens e informações que o compõem;

VI - Emissão - é o ato de colocar em circulação, por meio do respectivo lançamento, o selo postal produzido; e

VII - Edital - impresso destinado a divulgar o lançamento dos selos postais, contendo informações sobre motivo, detalhes técnicos e descrição de elementos que compõem as respectivas imagens.

Art. 3º As emissões de selos comemorativos ou especiais deverão ser alusivas aos seguintes temas:

I - **eventos ou manifestações** culturais, artísticas, **científicas** e esportivas **de repercussão nacional ou internacional, que apresentem interesse temático;**

II - acontecimentos históricos;

III - ação governamental;

IV - **personalidades;**

V - Chefes de Estado;

VI - atletas que obtiverem a primeira colocação nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, promovidos por inspiração do Barão Pierre de Coubertin;

VII - **ganhadores de Prêmio Nobel;**

VIII - preservação do meio ambiente;

IX - aspectos do turismo nacional; e

X - valores da cidadania, direitos humanos e outros assuntos relacionados ao bem-estar da humanidade.

Art. 4º As propostas para a emissão de selos serão captadas pela ECT, junto à sociedade civil e aos órgãos governamentais, até o dia 1º de junho de cada ano, devendo estar acompanhadas de histórico com justificativa para a emissão pretendida, bem como de sua importância no contexto nacional ou internacional.

Art. 5º A ECT procederá a prévia análise das propostas recebidas, selecionando aquelas que atendam as disposições constantes do art. 3º desta Portaria e às seguintes condições:

I - acontecimento histórico somente poderá ser assinalado pela emissão de selo, a partir do advento de seu centenário;

II - selo homenageando personalidade deverá ser emitido, preferencialmente, no aniversário de nascimento do homenageado, evitando-se referência à data fúnebre;

III - **poderão ser homenageados em selo postal, em vida**, somente os Chefes de Estado, **os ganhadores de Prêmio Nobel** e os atletas citados no inciso VI do art. 3º desta Portaria, observado ainda:

a) o Chefe de Estado será homenageado somente após o término do seu mandato ou conjunto de mandatos consecutivos; e

b) os atletas e os ganhadores de Prêmio Nobel poderão ser homenageados **em até um ano após a ocorrência da premiação;**

IV - aniversário de cidade somente poderá ser focalizado em selo a partir do tricentenário, levando-se em consideração a importância da cidade no contexto econômico, histórico e sócio-cultural do País;

V - emissões homenageando acontecimento histórico, personalidade e aniversário de cidade, já contemplados com selos comemorativos ou especiais, somente poderão ser realizadas com um intervalo mínimo de cem anos; e

VI - instituições privadas, de caráter político ou religioso, e pessoas jurídicas de direito privado não poderão ser homenageadas com a emissão de selo comemorativo ou especial.

Art. 6º As propostas selecionadas serão submetidas, pela ECT, à Comissão Filatélica Nacional - CFN para a eleição dos motivos que comporão o Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais do exercício posterior ao ano em curso.

Art. 7º A eleição dos motivos que comporão o Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais será realizada pela CFN, a cada ano, no mês de julho, mediante o exame das propostas selecionadas pela ECT, considerados os seguintes critérios:

I - originalidade;

II - exploração de inovações estéticas e filatélicas;

III - utilização de inovações técnicas, como recurso tecnológico avançado de impressão de selo, a exemplo das emissões com aroma ou com a aplicação de efeitos holográficos;

IV - aceitação do mercado; e

V - ineditismo nos contextos nacional e internacional.

Art. 8º Serão convidados pela ECT a compor a CFN, representantes de órgãos do Poder Executivo, da Casa da Moeda do Brasil - CMB, da Federação Brasileira de Filatelia - FEBRAF, da Associação Brasileira de Comerciantes Filatélicos - ABCF e da Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos - ABRAJOF.

§ 1º A ECT poderá convidar representantes de outras entidades.

§ 2º A ECT designará dois membros da Empresa para compor a CFN, com as atribuições de Presidente e de Secretário.

§ 3º Compete ao Ministério das Comunicações aprovar a composição da CFN, considerando os membros escolhidos pela ECT.

§ 4º A reunião da CFN com vistas à eleição dos motivos poderá ser realizada pessoalmente ou com o auxílio de mecanismos eletrônicos, por meio de teleconferência ou de videoconferência.

§ 5º Caberá à ECT prestar assessoria técnica à reunião da CFN, mediante a designação de empregados da área de filatelia ou de técnicos da Empresa, de notório saber em assuntos filatélicos, bem como gerenciar a sistemática de eleição dos motivos.

§ 6º A eleição dos motivos deverá ser referendada pela ECT.

Art. 9º O Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais será elaborado pela ECT, com base nos motivos eleitos pela CFN, e submetido, até 31 de julho de cada ano, à aprovação do Ministério das Comunicações.

Parágrafo único. A decisão quanto à aprovação do Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais deverá ocorrer até 31 de agosto de cada ano.

Art. 10. O Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais deverá conter o máximo de quinze motivos, ressalvadas as disposições do parágrafo único deste artigo.

Parágrafo único. O Ministério das Comunicações poderá promover a inclusão de motivos, até o limite de vinte por cento do total eleito pela CFN, ou a exclusão destes, em casos excepcionais de relevância nacional e que venham a ocorrer após a aprovação do Programa Anual de Selos Comemorativos e Especiais.

Art. 11. Caberá à ECT definir as características técnicas, os valores faciais, as tiragens e os critérios de criação, produção e comercialização dos selos comemorativos e especiais, bem como o local e a data dos lançamentos desses produtos.

Art. 12. A ECT publicará edital para cada emissão, como forma de divulgar o lançamento dos selos postais comemorativos e especiais.

Art. 13. A propriedade e o direito de reprodução das imagens, bem como de obra-de-arte e da artefinal, especialmente elaboradas para ilustrar selos, pertencem à ECT.

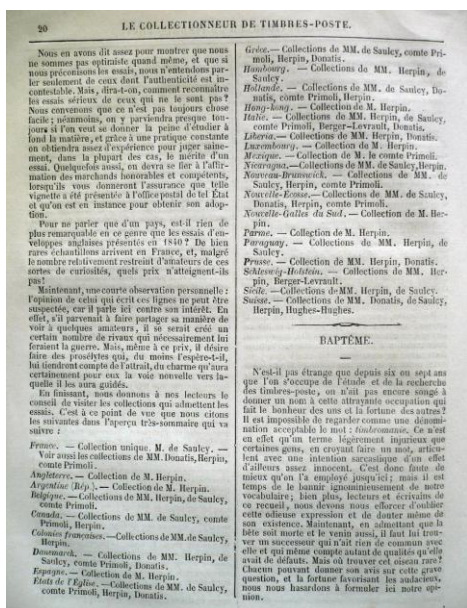
Parágrafo único. A utilização de imagem dos selos postais comemorativos e especiais somente poderá ocorrer com a autorização da ECT, observadas as restrições de qualidade e segurança, além dos dispositivos do Código de Ética de Impressores de Selos filiados à União Postal Universal - UPU.

Art. 14. Caberá à ECT estabelecer os procedimentos operacionais necessários à aplicação desta Portaria.

Art. 15. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se a Portaria MC nº 818, de 17 de julho de 1996, e a Norma no 10/96, por ela aprovada.

HÉLIO COSTA - MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES

ANEXO C – Surgimento do termo “Filatelia”, no texto original, em francês, 1864



BAPTÊME

N'est-il pas étrange que depuis six ou sept ans que l'on s'occupe de l'étude et de la recherche des timbres-poste, on n'ait pas encore songé à donner un nom à cette attrayante occupation qui fait le bonheur des uns et la fortune des autres ? Il est impossible de regarder comme une dénomination acceptable le mot : *timbromanie*. Ce n'est en effet qu'un terme légèrement injurieux que certains gens, en croyant faire un mot, articulent avec une intention sarcastique d'un effet d'ailleurs assez innocent. C'est donc faute de mieux qu'on l'a employé jusqu'ici ; mais il est temps de le bannir ignominieusement de notre vocabulaire ; bien plus, lecteurs et écrivains de ce recueil, nous devons nous efforcer d'oublier cette odieuse expression et de douter même de son existence. Maintenant, en admettant que la bête soit morte et le venin aussi, il faut lui trouver un successeur qui n'ait rien de commun avec elle et qui même compte autant de qualités qu'elle avait de défauts. Mais où trouver cet oiseau rare ? Chacun pouvant donner son avis sur cette grave question, et la fortune favorisant les audacieux, nous nous hasarderons à formuler ici notre opinion.

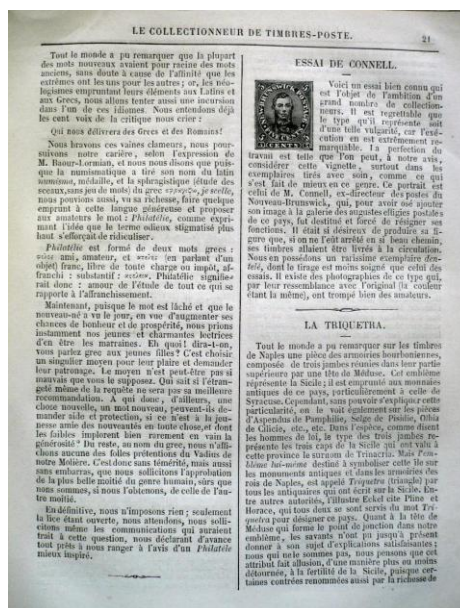
Tout le monde a pu remarquer que la plupart des mots nouveaux avaient pour racine des mots anciens, sans doute à cause de l'affinité que les extrêmes ont les uns pour les autres ; or, les néologismes empruntant leurs éléments aux Latins et aux Grecs, nous allons tenter aussi une incursion dans l'un de ces idiomes. Nous entendons déjà les cent voix de la critique nous crier :

Qui nous délivrera des Grecs et des Romains !

Nous bravons ces vaines clameurs, nous poursuivons notre carrière, selon l'expression de M. Baour-Lormian, et nous disons que puisque la numismatique a tiré son nom du latin *numisma*, médaille, et sphragistique (étude des sceaux, sans jeu de mots) du grec *σφραγιζω*, je scelle, nous pouvions aussi, vu sa richesse, faire quelque emprunt à cette langue généreuse et proposer aux amateurs le mot *Philatélie*, comme exprimant l'idée que le terme odieux stigmatisé plus haut s'efforçait de ridiculiser.

Philatélie est formé de deux mots grecs : *φίλος* ami, amateur, et *ατελης* (en parlant d'un objet) franc, libre de toute charge ou impôt, affranchi : substantif : *ατελεια*. *Philatélie* signifierait donc : amour de l'étude de tout ce qui se rapporte à l'affranchissement.

Maintenant, puisque le mot est lâché et que le nouveau-né a vu le jour, en vue d'augmenter ses chances de bonheur et de prospérité, nous prions instamment nos jeunes et charmantes lectrices d'en être les marraines. Eh quoi ! dira-t-on, vous parlez grec aux jeunes filles ? C'est choisir un singulier moyen pour leur plaire et demander leur patronage. Le moyen n'est peut-être pas si mauvais que vous le supposez. Qui sait si l'étrangeté même de la requête ne sera pas sa meilleure recommandation. A qui donc, d'ailleurs, une chose nouvelle, un mot nouveau, peuvent-ils demander aide et protection, si ce n'est à la jeunesse amie des nouveautés en toute chose, et dont les faibles implorent bien rarement en vain la générosité ? Du reste, au nom du grec, nous n'affichons aucune des folles prétentions du Vadius de notre Molière. C'est donc sans témérité, mais aussi sans embarras, que nous sollicitons l'approbation de la plus belle moitié du genre humain, sûrs que nous sommes, si nous l'obtenons, de celle de l'autre moitié. En définitive, nous n'imposons rien ; seulement la lice étant ouverte, nous attendons, nous sollicitons même les communications qui auraient trait à cette question, nous déclarant d'avance tout prêts à nous ranger à l'avis d'un *Philatèle* mieux inspiré (BOYER, 2007).



APÊNDICE A – Subáreas de estudo na Filatelia e suas definições aproximadas

Aerofilatelia	Estuda documentos filatélicos utilizados como correspondência transportada via aérea.
Astrofilatelia	Estuda documentos filatélicos que tem relação com o desenvolvimento aeroespacial.
Analítica	Aplicação de técnicas oriundas de outras áreas de conhecimento com o intuito de aprimorar o conhecimento filatélico.
Digital	Estuda os documentos filatélicos emitidos pelas administrações postais em formato de código binário.
Financeira	História, tendência e comportamento dos documentos filatélicos enquanto bens tangíveis de investimentos.
História postal	Estudo feito pelos 'filatologistas', diz respeito ao sistema postal e como ele opera. Inclui aspectos geopolíticos, geográficos, tecnologias de comunicação e de transporte, tipologias documentais diversas e distintas, marcas postais, materiais etc.
Inteiros postais	Estudo de todo invólucro postal no qual o selo já vem impresso, ou que tenha o valor de franquia estampado pela administração postal.
Infanto-Juvenil	Estuda o colecionismo filatélico praticado por pessoas com menos de 25 anos de idade.
Literatura filatélica	Estuda todo tipo de publicação, impressa e eletrônica, oficial ou particular, dirigida ao campo da Filatelia,
Marítima	Estuda documentos filatélicos utilizados como correspondência transportada via marítima.
Maximafilia	Estuda o máximo postal, documento em que o invólucro (cartão postal), o selo postal e o carimbo tendem a apresentar o máximo de concordância possível de: tempo, lugar e assunto.
Mecanofilia	Estuda as franquias mecânicas e selos postais de máquinas.
Pré-filatélica	Estudo de documentos e suas marcas postais anteriores a 1840.
Selos fiscais	Estuda selos postais emitidos com o objetivo de arrecadar impostos por parte do Estado.
“Social”	“Estudo da História Social por meio” de documentos filatélicos, mas, também, documentos “efêmeros” e produtos derivados ou correlatos aos sistemas postais (PANDYA, 2009).
Tradicional	Também denominada ‘Clássica’, estuda as emissões de selos postais entre 1840 e 1875.
Temafilia	Antiga ‘filatelia construtiva’ ou ‘temática’, estudo a <i>themata</i> , e a composição de Tese filatélicas, incluindo a sua exposição e publicação.

Fonte: adaptação e atualização de alguns termos apropriados de Machado e Queiroz (1994)

APÊNDICE B - “Minha coleção sou eu”.

Entrevista concedida pelo autor desta Tese à estudante de Jornalismo, Elisa Rocha, em Recife, 2013, como material para defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso

A regra era clara: não mexer no que não lhe pertence. A antiga caixa retangular, originalmente projetada para sapatos, era mantida no guarda-roupa dos pais com tal zelo que seria impossível para qualquer criança controlar a curiosidade irreprimível e tão inerente à pouca idade. Não sabia se ia; quase foi, mas voltou. O risco era grande, e o sermão haveria de ser ainda maior. Rasteiro, todo cuidadoso, não queria ser pego. Eis então que o pequeno Diego, com apenas oito anos à época, desobedeceu às ordens e finalmente abriu o que não era seu (o que viria a se tornar quem ele seria). A explosão de cores impressas em papel que saltou aos seus olhos lhe disse pouco a respeito de seu conteúdo. Examinou os pequenos recortes quadriculares ainda sem entender que, na verdade, já tocava parte de seu próprio futuro. Todas as cartas, podia perceber, ganhavam em seu verso um desenho adesivado. E as examinou. Depois de algumas inevitáveis repreensões pela intromissão, Diego pôde ficar com a caixa. Agora era sua. Hoje, o antigo recipiente que guardava a coleção de seu avô se foi, mas os selos ficaram. Diego Andreas Salcedo é argentino de nascença. Morou nos Estados Unidos, mas é no Recife, Pernambuco, que fincou suas raízes. O português fluente apaga qualquer traço da influência de solos estrangeiros, e é no marcante sotaque nordestino que fala de si, da vida, dos selos. Formado em Biblioteconomia, atualmente Diego já segue na fase final de seu doutorado em Comunicação. Mas não se deixem enganar pela capa acadêmica que hoje lhe rende o posto de professor da Universidade Federal de Pernambuco. Nas horas vagas, ele é mesmo baterista, surfista e, acima de tudo, um colecionador. O apartamento 501 de um alto prédio escondido na avenida 17 de agosto ganhou novo inquilino há dois anos atrás. As paredes brancas e a sala também vazia de cores pintam a pouca experiência em morar só. Para beber, café; para comer, livros. Páginas e páginas de estudos eternos que parecem fomentar os anseios de Diego por uma vida mais repleta de sentido. Filosofia pensamentos e sentimentos, e é com uma singela humildade que conta, à mesa da sala, a história da sua coleção; ou melhor, a sua história. Os primeiros meses de contato com as centenas de selos herdadas foram de pura descoberta, e os símbolos, nomes e dados impressos iniciaram uma busca incessante pelo aprendizado. “O que é o Reino Unido?”, se perguntava, ao ver o lugar de origem de um dos selos. Foi quando seu pai, na falta do que conhecemos hoje por internet, lhe comprou uma enciclopédia britânica. E assim se deu o descobrir dos significados. Após revirar todas as informações acerca dos seus novos objetos, eis que surge o primeiro impulso: separá-los por cor. Vermelhos para um lado, azuis para o outro. Essa primeira classificação, dotada de infância e não mais adotada por ele hoje em dia, caracterizou-se como o primeiro passo para o nascimento do Diego filatelista, ou seja, o Diego colecionador de selos postais. Na última contagem, realizada em 2008, Salcedo tinha cerca de 120 mil selos. Mais de uma centena de milhar de formas de “lembrar do que já está esquecido”, como se refere à experiência de colecionar. Enquanto os selos esperam por seu espaço numa futura estante que será reservada somente à coleção, Salcedo tem que se virar com o que pode para organizar a quantidade exuberante e invejável de pedacinhos de papel. E onde mais ele haveria de guardá-los? No guarda-roupa do escritório, em caixas que indubitavelmente seu inconsciente tratou de fazer à imagem e semelhança daquela encontrada há 32 anos. Guardados com um *modus operandi* metódico, os selos obedecem, como não deixaria de ser, a alguns critérios de classificação. Aos rodeios, Diego não parece querer contar assim tão facilmente como organiza as 120 mil partes dele mesmo. Sabe-se que os selos são separados primeiramente pelo país que o emitiu e, dentro dessa categoria, por temas. Os temáticos são dos mais variados e imagináveis, e vão desde campeonatos de surf a bombeiros, por exemplo. Este último, ele acredita, por se relacionar com a primeira memória da qual se recorda: um incêndio nos EUA. Saudade, melancolia, nostalgia. As aparentemente tristes palavras são, na verdade, o resumo dos sentimentos retomados a cada vez que Diego mexe em seus selos. Para falar deles, o olhar é perdido, quase transcendental. As mãos palpam o passado que se resgata a cada novo elemento que se desprende de uma carta para ganhar os álbuns pretos que serão agora sua morada. Parece abrir a alma e o coração para falar de uma intimidade nunca antes discutida. Quando eu ponho uma música clássica, encho minha taça de vinho e converso com a minha coleção, eu acabo criando associações com momentos da minha vida, o que invariavelmente me remete à minha infância”, observa. A melodia convida os selos a puxarem a cadeira e ficarem... para sempre. Na opinião de Salcedo, o afeto aos objetos pode ser tanto quanto ou mais profundo que as próprias relações humanas, pois se revela enquanto um carinho tão íntimo e ao mesmo tempo de fuga. “Colecionar não me cansa. Relacionar-me com a minha coleção é o meu momento de meditação, de prazer”. Ele arrisca dizer que colecionadores podem ter ainda mais cuidado com os objetos do que os próprios museus: “Às vezes fazemos um trabalho de cuidar e de preservar que o museu não faz, embora ele seja o lugar para onde vão peças tão importantes, que em tese não podem perder o seu valor”. À medida que vai escancarando a memória, abre também envelopes e saquinhos repletos de selos. Espalha-os na mesa como se fossem grãos de feijão a serem catados, tocando alguns, separando outros e enxergando, através das lentes que emolduram seu olhar, a sinfonia de cores agora espalhada por todo o vidro. Muitos ainda não foram classificados, aguardam o momento certo: “Nem sempre eu quero olhar a minha coleção. Às vezes eu simplesmente digo: ‘olha, hoje a gente não vai se ver’. Sinto saudade, mas simplesmente não é o dia”. E com isso retoma, então, a máxima de que não é através da obrigação que sua coleção se mantém, mas através da simples vontade de organizá-la, ou melhor, de senti-la. Se a

vontade não vem, os selos ficam. Na desordem que se estende aos seus olhos, várias duplicatas, selos grudados uns aos outros e outros ainda para serem desprendidos de envelopes. Todos dados por admiradores que ficaram sabendo de alguma forma de seu hábito de colecionar. O que é necessário, portanto, para que um selo entre na coleção de Salcedo? “Acima de tudo, o primeiro critério para a minha coleção é o afetivo. Se não houver uma certa magia quando eu toco em um selo, pra mim aquilo é seco, sem sentido. Eu desloco o objeto da sua função primeira, que é aquela dos Correios, para uma que funcione para mim”. Tanto cuidado, tanta afeição. Difícil é tentar entender que sentimentos mantêm tão vivos os laços de amabilidade com os papéis. Seria amor? Silêncio. “Nunca havia pensado se é amor”. Mais uma olhada para o nada, mais silêncio. “Eu amava. Sentia até ciúmes dela. Hoje eu me relaciono”. Foge da resposta. Mas é amor? Por fim, conclui: “Não amo a minha coleção, mas ela é minha”. No fundo, Salcedo define que talvez seu apego seja ao ato de colecionar, embora não possua outras coleções. Segundo ele, na prática o colecionismo é uma forma de consumir objetos, de se encontrar em algo que está fora de si, de revelar um amor projetado; é o “medo da eterna perda, um profundo desejo de não ser esquecido”. E finaliza: “Não é o objeto em si, mas ao que ele me remete. É o sentir. O cheiro dos selos lembra a minha infância, e é essa memória que me mantém colecionando”. Com o tempo, os selos foram se tornando muito mais que um hobby. Fincaram-se de tal maneira que permearam quase todos os setores da vida de Diego. Tornaram-se objeto de estudo e foi sobre eles que escreveu seu primeiro livro, *A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000*. Nele, conta como importantes eventos ou assuntos científicos ganharam emissões especiais comemorativas ao longo da história. Selos como estes podem valer muito mais do que se imagina. Entre colecionadores, embora muitas vezes exista a doação para os iniciantes, os selos podem chegar a valer milhares de reais. Segundo Salcedo, selos como os emitidos no período clássico brasileiro e os primeiros selos emitidos pela Inglaterra são os mais valiosos, chegando a atingir até 70% a mais do que o valor representado em catálogo. Questionado sobre quanto sua coleção valeria, Diego prontamente rebate: “A minha coleção só tem valor como um todo”. Se essa reportagem estivesse acontecendo há cinco anos, provavelmente seria outro personagem a compor este perfil. Isso porque, desde que iniciou seu doutorado, cujo objeto de pesquisa são os próprios selos, algumas coisas mudaram. Embora ele ainda não tenha decidido se isso é algo bom ou não, a coleção de Salcedo está parada há dois anos, quando iniciou seu desejo de se tornar doutor em Comunicação. Desde 2011 que não a organiza, não cataloga novos selos nem seleciona quais entrarão na coleção. Nas poucas vezes em que a tocou, deixou de lado a música clássica, e a taça de vinho foi embalada pelas fortes notas do rock e do metal. Enquanto discute o selo enquanto uma mídia e de que forma selos podem construir um discurso (a exemplo de selos sobre guerras), a ciência tem falado mais alto que o apego. “Mudei a minha relação com a minha coleção. Escanteei pra que ela não me influenciasse, e no fim isso fez com que eu acabasse considerando a possibilidade de largar o ato de colecionar. Ela não perdeu o brilho ou a mágica, mas acho que hoje não é mais a mesma coisa”. A nova perspectiva que se forma é a do selo enquanto um documento histórico, distanciando o colecionador da coleção e gerando um pesquisador e seu objeto. Talvez até um pouco assustado com as próprias palavras, Salcedo considera, quem sabe um dia, vender a sua coleção, “mas só se for dentro de um leilão especializado”, ressalta. “Acho que sentiria remorso e saudades, mas talvez eu vendesse, e isso é algo que eu jamais cogitaria há alguns anos. O Diego colecionador talvez esteja se tornando o Diego pesquisador”. Com o sol caindo e a iluminação já um pouco precária para as fotos, a conversa foi se findando. A sala agora amarelada deixava passar por si um vento leve que quase levava ao chão alguns dos selos. Os álbuns foram sendo guardados e os selos voltaram aos saquinhos plásticos, de onde não se sabe se um dia sairão. Nas conversas com desconhecidos, os selos conectam. Nos corredores do Centro de Artes e Comunicação (CAC - UFPE) e da vida, ele é conhecido como “o professor que coleciona selos”. Mas, afinal, quem é Diego e quem são os selos? “O selo reflete quem eu sou, são meus espelhos de papel”. E conclui: “a minha coleção sou eu”.

Sabedoria que reside no coração
Envolvimento que transgride gerações
Ledo engano os que não valorizam
O cunho e a efígie no papel
 (Dirce, Recife, 11.08.2012)